



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
MESTRADO EM EDUCAÇÃO

TAMARA QUEIROZ BEZERRA LARRIPA

**ATELIÊ DO IPREDE: CONTRIBUIÇÕES DA ARTE E DA FORMAÇÃO ESTÉTICA
PARA CRIANÇAS EM SITUAÇÃO DE VULNERABILIDADE SOCIAL**

FORTALEZA

2020

TAMARA QUEIROZ BEZERRA LARRIPA

**ATELIÊ DO IPREDE: CONTRIBUIÇÕES DA ARTE E DA FORMAÇÃO ESTÉTICA
PARA CRIANÇAS EM SITUAÇÃO DE VULNERABILIDADE SOCIAL**

Dissertação apresentada como requisito para obtenção do título de Mestre em Educação, pelo Programa de Pós-Graduação em Educação, da Faculdade de Educação, da Universidade Federal do Ceará. Área de concentração: Educação.

Orientadora: Profa. Dra. Ercília Maria Braga de Olinda

Coorientadora: Profa. Dra. Luciane Germano Goldberg

FORTALEZA

2020

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Ceará
Biblioteca Universitária
Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

- L342a Larripa, Tamara Queiroz Bezerra.
Ateliê do IPREDE : contribuições da arte e da formação estética para crianças em situação de vulnerabilidade social / Tamara Queiroz Bezerra Larripa. – 2020.
203 f. : il. color.
- Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Ceará, Faculdade de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Fortaleza, 2020.
Orientação: Profa. Dra. Ercília Maria Braga de Olinda.
Coorientação: Profa. Dra. Luciane Germano Goldberg.
1. Arte. 2. Experiência estética. 3. Primeira infância. 4. Ateliê do IPREDE. 5. IPREDE. I. Título.
CDD 370
-

TAMARA QUEIROZ BEZERRA LARRIPA

**ATELIÊ DO IPREDE: CONTRIBUIÇÕES DA ARTE E DA FORMAÇÃO ESTÉTICA
PARA CRIANÇAS EM SITUAÇÃO DE VULNERABILIDADE SOCIAL**

Dissertação apresentada como requisito para obtenção do título de Mestre em Educação, pelo Programa de Pós-Graduação em Educação, da Faculdade de Educação, da Universidade Federal do Ceará. Área de concentração: Educação.

Aprovada em: 30/10/2020.

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Ercília Maria Braga de Olinda (Orientadora)
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Profa. Dra. Luciane Germano Goldberg (Coorientadora)
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Profa. Dra. Edite Colares Oliveira Marques
Universidade Estadual do Ceará (UECE)

A Deus e a todos os seres e reinos encantados criados por Ele.

A minha grande família, meus pais Oscar e Antônio, minhas mães Fátima, Márcia e Cacá, minhas irmãs Táta, Tatasha e Tami, minhas sobrinhas Tay e Nanda e aos que vieram antes de nós. A Marcelo, amor-presente. Minha gratidão, por me cuidarem para realizar esse trabalho.

AGRADECIMENTOS

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES)
- Código de Financiamento 001, pelo apoio financeiro com a manutenção da bolsa de auxílio.

Um agradecimento especial para as crianças, que me ensinaram tanto, que me abraçaram tanto, que me inspiraram tanto e que me fizeram lembrar de qual reino encantado eu saí... as crianças me ajudaram a encontrar um tesouro esquecido no final do arco-íris... elas trouxeram minhas asas de fada de volta e me encantaram com uma chuva colorida. Agora eu posso criar mais reinos encantados, inventar novas mágicas e cumprir minha missão.

À minha querida orientadora, sensível e espiritualizada Profa. Dra. Ercília Maria Braga de Olinda pelas orientações de vida e pelos abraços de cada encontro.

À minha querida professora, coorientadora, Luciane Goldberg, minha amiga querida, toda a gratidão por ter reencontrado você nesse reino encantado, gratidão pelas orientações iluminadas com reiki e cristais, pelas escutas, presentes e palavras.

À Profa. Dra. Edite Colares, participante da banca examinadora, por suas palavras sensíveis e colaboração desde a qualificação.

À minha amiga Larissa por ter plantado essa semente de pesquisa quando me convidou para participar da sua pesquisa de mestrado contando a nossa história com arte espírita, contando quem nos tornamos por começarmos a artistar quando adolescentes no nosso amado grupo Arte em Cena. Deu nisso, né!

À Cia Plural de Artes Cênicas e Tônico Lacerda, ao grupo Arte em Cena, ao grupo Impressões Teatrais, por fazerem parte da minha história, muita gratidão por todas as experiências e aprendizagens pessoais e profissionais.

Aos meus professores, padrinhos, amigos e anjos da guarda, Carol Vieira e Pedro Henriques, por sempre acenderem as luzes dos meus palcos e dos meus caminhos de vida. Gratidão por terem me trazido para a família IPREDE. Minha gratidão por nossos laços e abraços, ao longo desses oito anos de aventuras profissionais e pessoais, que não cabem em palavras.

Uma gratidão imensa a Família IPREDE INTEIRA, Prof. Sullivan, Prof. Álvaro, Glória, Joana, João Victor, João Vicente por terem nos abraçado com tanto amor e por terem nos transformado em parte desta Colcha de Retalhos que é o IPREDE. Ao Lucas Ribeiro, que foi coordenador do Acolhimento, por todo o apoio logístico, musical e afetivo ao nosso projeto. Gratidão aos amigos de todos os setores, da recepção, da administração, da cozinha, do bazar, de todos os serviços, salas e paredes dessa casa colorida.

Minha gratidão a todos os amigos envolvidos nesse trabalho, essa lista é imensa... À equipe Ateliê que se iniciou com Paixão, Mariana, Ádila, Jucilene, Paulinha e preciso incluir aqui nossa querida tia Maurícia. Nossa equipe foi crescendo, crescendo, vieram Mônica, Alexandre, Paulo Ricardo, Christian, Renata, Fernanda, os bolsistas, os estagiários e os voluntários que também estavam com a gente. À minha amiga Paixão, encantadora princesa de um reino cor-de-rosa, que abriu uma porta linda e colorida das poéticas contações de histórias que, junto com as crianças, fizeram-me lembrar de qual reino encantado eu tinha vindo. Ao meu amigo Gilvamberto, pela parceria dos estudos, desde a prova da seleção do mestrado aos desafios das disciplinas.

Aos amigos do grupo de pesquisa Ateliar: Mônica, Leandro, Hill, Lili, Carlos e Andréa, que trilharam esse caminho das ações e intervenções da pesquisa junto comigo. Às crianças, aos acompanhantes e aos profissionais entrevistados, pelo carinho de todos os dias, por terem participado das entrevistas e por suas palavras encantadas.

Aos meus amigos terapeutas Harley do Tapete Colorido, Hamido dos Raios Coloridos, César das Constelações Coloridas, Catarina das Flores Coloridas, Miúche das Mãos Coloridas, Equipe CDC, Equipe ETEC e a todos os meus amigos e amigas de todos os reinos de todas as cores, minha gratidão por iluminarem o caminho da floresta quando ela ficou escura.

“Coração não é tão simples quanto pensa, nele cabe o que não cabe na dispensa, cabe o meu amor... cabe três vidas inteiras, cabe uma penteadeira...” (Oração - A Banda mais bonita da cidade).

RESUMO

Esta dissertação é fruto de uma Pesquisa Qualitativa em Educação realizada a partir de um Estudo de Caso (BOGDAN & BIKLEN, 1994) sobre o Projeto de extensão “Ateliê do IPREDE: experiência estética no 3º setor”, desenvolvido pela Universidade Federal do Ceará (UFC) em parceria com o Instituto da Primeira Infância (IPREDE) em Fortaleza - CE. Tem como objetivo geral investigar como a arte e a formação estética podem influenciar no desenvolvimento da criança, fortalecer o vínculo familiar e promover os direitos dessas crianças, que em sua maioria, se encontram em situação de extrema vulnerabilidade social e de violação dos seus direitos. Tem como sujeitos da pesquisa, 20 mães cujos filhos são atendidos na instituição, um grupo piloto de 10 crianças com seus/suas respectivos (as) responsáveis e 10 profissionais da instituição (pediatra, assistentes sociais, psicólogas, fonoaudióloga, fisioterapeutas, recepcionistas). Utiliza os procedimentos de pesquisa: Análise Documental, Diário de Itinerância (Barbier, 2002), Grupo Focal e Entrevistas Semiestruturadas com a finalidade de identificar e analisar quais as contribuições das experiências artísticas e estéticas promovidas por meio da contação de histórias, desenho infantil, espetáculos teatrais, exibição de vídeos entre outras abordagens artísticas para as crianças participantes do projeto no período de setembro de 2017 a agosto de 2018. Traz como principais aportes teóricos, as abordagens sobre formação estética e educação do sensível a partir de Duarte Jr (2001), experiência a partir de Larrosa (2002), direitos das crianças a partir de Dallari e Korczak (1986), primeira infância por Maturana & Verden-Zöllner (2004), contações de histórias por Machado (2015) e desenho infantil por Goldberg (2016) e Stern (1978). Como resultados, foram identificadas mudanças positivas no desenvolvimento das crianças em relação à aprendizagem, concentração, criatividade, melhoria no contexto escolar, na socialização, na afetividade e no fortalecimento do vínculo familiar, revelando a importância do trabalho desenvolvido pelo “Ateliê do IPREDE” e as significativas contribuições da arte e da formação estética para as crianças em situação de vulnerabilidade social atendidas pelo IPREDE.

Palavras-chave: Arte. Experiência estética. Primeira infância. Ateliê do IPREDE. IPREDE.

ABSTRACT

This dissertation is the result of a Qualitative Research in Education carried out from a Case Study (BOGDAN & BIKLEN, 1994) on the extension project “Atelier do IPREDE: aesthetic experience in the 3rd sector”, developed by the Federal University of Ceará (UFC) in partnership with the Instituto da Primeira Infância (IPREDE) in Fortaleza - CE. Its general objective is to investigate how art and aesthetic formation can influence the development of the child, strengthen family ties and promote the rights of these children, who are mostly in a situation of extreme social vulnerability and violation of their rights. It has as subjects participating in the research, 20 mothers whose children attended at the institution, a pilot group of 10 children with their respective guardians and 10 professionals from the institution (pediatrician, social workers, psychologists, speech therapist, physiotherapists, receptionists). Uses the research procedures: Documental Analysis, Itinerary Journal (Barbier, 2002), Focus Group and Semi-Structured Interviews in order to identify and analyze the contributions of artistic and aesthetic experiences promoted through storytelling, children's drawing, theatrical shows, videos and other artistic approaches for the children participating in the project from September 2017 to August 2018. It brings as main theoretical contributions, the approaches on aesthetic formation and education of the sensitive from Duarte Jr (2001), experience from Larrosa (2002), children's rights from Dallari and Korczak (1986), early childhood by Maturana & Verden-Zöller (2004), storytelling by Machado (2015) and children's drawing by Goldberg (2016) and Stern (1978). As a result, positive changes in children's development were identified in relation to learning, concentration, creativity, improvement in the school context, in socialization, in affection and in strengthening the family bond, revealing the importance of the work developed by “Ateliê do Iprede” and the significant contributions of art and aesthetic formation for children in socially vulnerable situations served by IPREDE.

Keywords: Art. Aesthetic experience. Early childhood. Atelier do IPREDE. IPREDE.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Desenho: Tia Tamtam e o IPREDE. Desenho feito na intervenção do grupo focal com as crianças	16
Figura 2 – Fotografias dos espaços do IPREDE	27
Figura 3 – Fotos da Mostra Teatro de Primeira (2018)	66
Figura 4 – Fotografias dos módulos do Curso de Extensão Arte, Cultura e Primeira Infância (2018)	67
Figura 5 – Foto: Tia Ádila reformando a casa, Tia Juju encenando a Vovó, Tia Paulinha tocando teclado na história “Pingo de Chuva”	68
Figura 6 – Fotografia: Exposição Ateliando no IPREDE	71
Figura 7 – Fotografia da Sala de Leitura com <i>puffs</i>	74
Figura 8 – Fotografia do Palquinho do Acolhimento	77
Figura 9 – Fotografia: Sala de Leitura com cadeiras	79
Figura 10 – Fotografia: Brinquedoteca	79
Figura 11 – Fotografia: Sala de Leitura com espaço para atividade de desenho	80
Figura 12 – Fotografia: Chamada com a música	82
Figura 13 – Fotografia: Plateia	83
Figura 14 – Fotografia: Dia de Alta no Ateliê	85
Figura 15 – Desenhos de uma menina de 5 anos e dois meninos de 5 anos com o tema “Medo”	92
Figura 16 – Desenhos de mães com o tema “Medo”	92
Figura 17 – Fotografia da interação com a plateia na história “Adivinha o quanto eu te amo”	94
Figura 18 – Fotografia da contação da história “Colcha de retalhos”, desenho elaborado por uma menina de 5 anos e desenho de uma mãe	95
Figura 19 – Fotografias da contação de história “A Margarida friorenta” e desenho elaborado por uma menina de 6 anos depois da história	96
Figura 20 – Fotografia Contação da história “A loja das Palavras Encantadas” e desenhos elaborados por uma menina de 7 anos e por um menino de 7 anos depois da história	98
Figura 21 – Fotografia Contação da história “As cartas de D. Sofia” e Meninas de 5 anos elaborando suas cartas	99

Figura 22 – Fotografia Trenzinho entregando cartas	99
Figura 23 – Fotografia da contação da história “Bom dia, todas as cores!”, fotografia de um garoto de seis anos desenhando um camaleão e o desenho do camaleão de uma menina de 5 anos.....	101
Figura 24 – Fotografia da contação da história “A máquina de histórias” com projeção no teto da sala de leitura.....	102
Figura 25 – Fotografia da contação da história O Príncipe e a Raposa	103
Figura 26 – Fotografia da contação da história A fada Clara-Luz e a chuva colorida	104
Figura 27 – Fotografia da contação da história O vestido de sonhos	105
Figura 28 – Equipe Ateliar - Desenho feito por Moana no dia da intervenção do grupo focal	106
Figura 29 – Fotos de atividades diversas do Ateliê utilizadas na intervenção dos grupos focais	112
Figura 30 – Fotografia da atividade de desenho do grupo focal com mães	113
Figura 31 – Fotografia da atividade do grupo focal com as crianças - Observação das fotos	114
Figura 32 – Fotografia da atividade do grupo focal com as crianças – Desenho e escuta sensível	115
Figura 33 – Fotografia escolhida por Dulcis	134
Figura 34 – Fotografia escolhida por Hortência	134
Figura 35 – Fotografia escolhida por Rosa	134
Figura 36 – Desenho de Dulcis	137
Figura 37 – Desenho “Peça do Príncipe”, Lótus.....	138
Figura 38 – Desenho de Violeta.....	138
Figura 39 – Desenho de Melissa.....	139
Figura 40 – Desenho de Rosa.....	139
Figura 41 – Fotografia apontada por Ruby	141
Figura 42 – Fotografia escolhida por Nemo e Peter	142
Figura 43 – Fotografia apontada por Ruby (2)	142
Figura 44 – Fotografia apontada por Sininho (1)	142
Figura 45 – Fotografia apontada por Alice.....	142
Figura 46 – Fotografia apontada por Sininho (2)	143
Figura 47 – Fotografias apontadas por Sininho em sequência	143

Figura 48 – Desenho “O IPREDE”, (Sininho, 6)	145
Figura 49 – Desenho “O IPREDE”, (Bela, 6)	145
Figura 50 – Desenho de Ruby (6)	145
Figura 51 – Desenho o IPREDE e o ladrão na casa de Alice.....	146
Figura 52 – Desenho Tia Tamtam e o IPREDE, Moana (8)	147
Figura 53 – Desenho “Tios”, Moana (8)	147
Figura 54 – Desenho “O vestido dos sonhos”, Peter (8)	148
Figura 55 – Desenho “O barco”, Nemo (5)	148

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Grupos de crianças atendidas	42
Quadro 2 – Cronograma de Ações (setembro/2017 a agosto/2018)	73

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ACO	Academia Cearense de Odontologia
BNCC	Base Nacional Comum Curricular
CAAE	Certificado de Apresentação para Apreciação Ética
CEP	Comitê de Ética em Pesquisa
CEDCA	Conselho Estadual dos Direitos da Criança e do Adolescente
DCNEI	Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil
ECA	Estatuto da Criança e do Adolescente
FACED	Faculdade de Educação
G1	Grupo 1
G2	Grupo 2
ICA	Instituto de Cultura e Arte
ICDP	Programa Internacional de Desenvolvimento da Criança
IPREDE	Instituto da Primeira Infância
MEC	Ministério da Educação
MEC/SEB	Ministério da Educação / Secretaria de Educação Básica
PIBIC	Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica
PNSN	Pesquisa Nacional de Saúde e Nutrição
PRAE	Pró-Reitoria de Assuntos Estudantis
PREX	Pró-Reitoria de Extensão
SECULTARTE	Secretaria de Cultura Artística
STDS-CE	Secretaria do Trabalho e Desenvolvimento Social – Ceará
SUS	Sistema Único de Saúde
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
UFC	Universidade Federal do Ceará
UNEVE	Unidade de Eventos

SUMÁRIO

1	ERA UMA VEZ – INTRODUÇÃO	16
1.1	O cenário, “por trás das cortinas” e os ensaios	17
1.2	As experiências e os abraços que formam e transformam	19
1.3	Do medo do Pluft aos Sonhos desenhados no vestido	21
2	A COLCHA DE RETALHOS CHAMADA IPREDE – O LÓCUS DA PESQUISA	27
2.1	O Trenzinho DiPrimeira – janelas da primeira infância	43
2.2	O abraço da Margarida – o IPREDE abraça o Ateliê	63
2.3	Quando o desenho abraça a história – O modus operandi entre fruir e elaborar	85
2.4	As Palavras Encantadas e os elementos da pesquisa	106
2.4.1	<i>Entrevistas com as crianças e mães</i>	110
2.4.2	<i>Grupos focais</i>	111
2.4.3	<i>Entrevistas com profissionais</i>	116
3	TU TE TORNAS RESPONSÁVEL POR QUEM CATIVAS: DOS RESULTADOS DA PESQUISA	119
3.1	Das falas dos príncipes e das rosas - o que dizem as crianças e as mães	120
3.2	Adivinha o quanto eu te amo: resultados dos grupos focais	133
3.3	O Ateliê é a Chuva Colorida – o que dizem os profissionais	149
3.3.1	<i>Categoria Bom dia, todas as Cores!</i>	152
3.3.2	<i>Categoria Desenvolvimento da Criança</i>	157
3.3.3	<i>Categoria Fortalecimento do Vínculo</i>	163
3.3.4	<i>Categoria O Ateliê choveu colorido</i>	165
4	SONHOS DESENHADOS NO VESTIDO – CONSIDERAÇÕES FINAIS .	170
	REFERÊNCIAS	173
	APÊNDICE A – OS LIVROS DAS HISTÓRIAS	179
	APÊNDICE B – ROTEIRO DE ENTREVISTA COM AS MÃES	182
	APÊNDICE C – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE) PARA AS MÃES	183
	APÊNDICE D – ROTEIRO DE ENTREVISTA COM PROFISSIONAIS..	186

APÊNDICE E - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE) PARA OS PROFISSIONAIS	187
ANEXO – PROJETO DE EXTENSÃO	189

1 ERA UMA VEZ... – INTRODUÇÃO

Eu vou te contar uma história, agora, atenção! Que começa aqui no meio da palma da tua mão Bem no meio tem uma linha ligada ao coração. Quem sabia dessa história antes mesmo da canção? Dá tua mão, dá tua mão, dá tua mão, dá tua mão... (Palavra Cantada).

Era uma vez.... por que a maioria das histórias começa com “era uma vez...? “Era uma vez” parece algo de um reino tão tão tão distante... parece longe... longe... Mas, essa história que vou contar para vocês não é uma história de longe não... é uma história de pertinho... bem de pertinho... “tum-tum... tum-tum”... de pertinho daqui... de dentro do coração... “tum-tum... tum-tum”. Para identificar as crianças, mães e profissionais que participam desta história, utilizarei nomes de personagens de outras histórias, que serão apresentados mais detalhadamente a seguir. Mas antes, preciso me apresentar: sou atriz, professora de teatro e contadora de histórias. Por esta razão, peço licença para apresentar esse texto em um formato diferente. Sendo assim, durante esta leitura, convido você a abrir os olhos do seu coração. Para me conhecerem um pouco, escolhi esse desenho feito por Moana, que representa nosso cenário inicial:

Figura 1 – Tia Tamtam e o IPREDE. Desenho feito na intervenção do grupo focal com as crianças



Fonte: Acervo da pesquisa.

Esta sou eu! Com cabelo vermelho, olhos azuis, vestido amarelo e de braços abertos prontos para um abraço. As crianças me conhecem por Tia Tamtam e a casa ao lado é o Instituto da Primeira Infância (IPREDE), e logo vocês irão conhecer todos os personagens desta história, porque ninguém faz nada sozinho. Para que eu esteja contando esta história para vocês, existem muitas pessoas nos bastidores, que me ensinaram, me possibilitaram, me ajudaram, me inspiraram e que também contam esta história comigo. Por isso, às vezes escrevo como “eu”.

Mas às vezes, escrevo como nós, porque em nenhum momento estive sozinha durante essa linda história. Portanto, sejam todos muito bem-vindos! Nós somos o Ateliê do IPREDE e vamos apresentar para vocês as **contribuições da arte e da formação estética para crianças em situação de vulnerabilidade social**.

1.1 O cenário, “por trás das cortinas” e os ensaios

O Ateliê do IPREDE surgiu como um projeto de extensão (Anexo 1) que desenvolve atividades artísticas, estéticas e pedagógicas para as crianças atendidas pelo Instituto da Primeira Infância (IPREDE). Este é o nosso cenário: o IPREDE! Desde a sua fundação até os dias de hoje, a instituição passou por várias modificações. Seu foco de atendimento são crianças com taxas nutricionais baixas, mas além disso, conta com uma equipe multidisciplinar e desenvolve vários programas de referência no desenvolvimento da primeira infância.

Por trás das cortinas, onde muitos de nós não conseguimos ver, existe uma realidade muito triste, pois é no contexto de vulnerabilidade social, violação de direitos e precariedade nas necessidades básicas, que a maior parte das crianças e suas famílias se encontram: “vivendo em condições de pobreza, baixa escolaridade dos pais, má-nutrição, dificuldade de acesso aos serviços de saúde, educação e proteção social, que são alguns dos tantos fatores que comprometem de forma considerável o crescimento e desenvolvimento dessas crianças” (ARAÚJO; BRASIL, 2016, p. 10). Diante disso, a instituição age em prol da promoção e defesa dos direitos das crianças e de suas famílias, oferecendo as orientações necessárias a partir dos atendimentos multidisciplinares, para promover o desenvolvimento da criança integralmente, inclusive em relação ao acesso à arte e à cultura.

Quando as crianças chegam na instituição, ficam no setor Acolhimento, enquanto aguardam os atendimentos. Este setor que traz um nome muito propício, também é o espaço de atuação do Projeto Ateliê, que abre as cortinas e instala um momento lúdico, feliz, de sorrisos e abraços mostrando que uma outra realidade pode ser construída, em paralelo. Não se trata de ignorar o que essas famílias passam lá fora, pelo contrário, se trata de abrir uma outra porta, com outras possibilidades de vivências e aprendizagens.

No ambiente acadêmico, foi criado o Projeto Ateliê do IPREDE como Projeto de Extensão da Universidade Federal do Ceará (UFC), com a coordenação e colaboração de professores do Instituto de Cultura e Arte (ICA) e da Faculdade de Educação (FACED). As primeiras ações foram elaboradas por duas professoras pesquisadoras, Profa. Carolina Vieira, do curso de Teatro e Profa. Luciane Goldberg, das Artes Visuais. Elas pensaram em um formato

de atividade que consistia em as crianças assistirem a uma contação de histórias conduzida pela professora Carolina, e em seguida, a professora Luciane as convidava para uma atividade de desenho, de forma espontânea.

Acontecia também uma escuta sensível, por parte das professoras, para quem quisesse contar sobre o seu desenho. Este foi o início da “elaboração de um *modus operandi* que privilegia a experiência estética e singular (DEWEY, 2010) no campo pedagógico (LARROSA, 2014) na primeira infância” (SILVA, 2017, p. 4), pois a contação de história interligada à atividade de desenho inspirou as atividades que foram elaboradas ao longo do projeto.

Posteriormente, foi criada uma equipe, da qual fui coordenadora, composta por uma pedagoga contadora de história e três assistentes, para atuar com as crianças diariamente, no período de um ano, entre setembro de 2017 e agosto de 2018. Durante esse período, desenvolvemos várias atividades com as crianças como: contações de histórias, desenho infantil, pintura livre, projetos de leitura, exibição de filmes, apresentações de teatro e oficinas. Mas, neste trabalho, vamos destacar apenas as contações de história e a atividade de desenho, pois consideramos que esse formato “história+desenho” cumpriu um dos objetivos do projeto de criar esse *modus operandi*, e além disso, foram as atividades com as quais as crianças mais se identificaram. Assim, vamos contar a nossa história que se construiu nesse período de um ano, de muitas aventuras e descobertas deste reino encantado.

Neste período de um ano, no decorrer das atividades realizadas no Ateliê, ouvimos muitos relatos de mães, pais, avós, irmãos, sobre a criança que se mostrava mais interativa, que teve algum destaque na escola, que contava as histórias que ouvia para as pessoas da família ao chegar em casa, que pedia para desenhar em casa. Percebemos as crianças cada vez mais interessadas em participar das atividades propostas e sua participação se fez de forma cada vez mais ativa e concentrada. Os profissionais da instituição também começaram a observar mudanças em alguns aspectos do desenvolvimento das crianças em relação às atividades do Ateliê, partilhando conosco algumas dessas observações e passando a incentivar mais a participação da mãe e da criança no projeto.

Desta forma, estes fatos nos levaram a questionar: quais transformações ocorreram no comportamento das crianças a partir das atividades propostas? Existe contribuição no aspecto cognitivo da criança? Houve promoção de vínculo entre a criança e a família a partir dessas atividades? Houve mudança na criança no contexto escolar? Qual a visão das mães em relação às atividades do Ateliê? Qual a visão dos profissionais em relação às atividades do Ateliê?

Diante dessas questões e apoiada pelo Grupo de Pesquisa Ateliar, grupo criado para estudar e acompanhar as atividades do Ateliê, do qual também faço parte, fui inspirada a iniciar

essa pesquisa em nível de mestrado, sobre as contribuições da arte e da formação estética para as crianças que passaram por essas atividades.

1.2 Das experiências e dos abraços que formam e transformam

Se eu precisasse definir este trabalho em uma palavra, seria: abraço. Se eu usasse duas palavras seriam: abraço e encontro, pois, a instituição compreende os benefícios que o contato com a arte é capaz de promover para o público atendido, em um espaço de acolher, como o nome do setor Acolhimento demonstra em si: um espaço de conforto, de alegria, que permite uma nova experiência antes de as crianças serem direcionadas aos atendimentos de rotina, um espaço de abraços e de encontros.

Por estarmos no denominado terceiro setor e primarmos pelo valor da experiência estética, mesmo com o cuidado e atenção aos objetivos das propostas, não temos a pretensão de cumprir o papel pedagógico de um programa formal, como a escola se propõe. Como aponta Larrosa (2002), passar por uma experiência estética ao ter contato com uma manifestação artística é ser tocado de alguma forma, é ser sensível àquela fruição. A experiência se dá quando damos sentido ao que nos acontece, quando analisamos e refletimos sobre o que nos acontece. Acreditamos que o aprendizado se dá exatamente na própria formação estética.

O termo *formação estética* se depara com uma grande abrangência e muitas variáveis entre os autores que escrevem sobre o tema. Duarte Jr. (2002, p.16) aponta a “arte como forma de conhecimento humano. Isto é: através da arte o homem encontra sentidos que não podem se dar de outra maneira senão por ela própria”. Em concordância com o autor, nós propomos o contato com a arte em nossas atividades através de vivências e experiências que se enlaçam em uma formação estética através do sensível, do ser, do viver, do experimentar.

Portanto, utilizo como principais aportes teóricos acerca da formação estética as abordagens de Duarte Jr. (2001, 2002) e Perissé (2009) que compreendem a importância de uma educação a partir da sensibilidade, da liberdade de sentir e elaborar suas percepções, e compreendem a arte como fundamental elemento formativo e propositor de experiências significativas e transformadoras.

No Ateliê, no período entre setembro de 2017 e agosto de 2018, a atividade principal consistia em um convite para assistir a uma contação de histórias, depois da história, os participantes eram convidados a desenhar sobre as impressões que tiveram a partir da história. O público era composto por crianças a partir de três anos de idade, com suas famílias. Os temas foram escolhidos para que o momento de fruição e reflexão fosse leve e lúdico. E o desenho se

configurava, espontaneamente, como o momento de colocar no papel o que passou pelos olhos, pelos ouvidos, pelos sentidos e que poderia sair pelas mãos ou pelo coração.

Escolhemos trabalhar com a contação de histórias, porque aproxima a criança da sensibilidade, do lúdico, da criação artística, de uma experiência plena, pois, “enquanto estamos dentro do conto, experimentamos a certeza de que valores humanos fundamentais como a dignidade, a beleza, o amor e a possibilidade simbólica de nos tornarmos reis permanecem vivos em algum lugar dentro de nós” (MACHADO, 2015, p. 35).

Para a atividade de desenho, não eram indicadas técnicas para as crianças elaborarem seus desenhos, uma vez que a proposta era que o desenho fosse criado de forma espontânea, a partir do que a história inspirasse e despertasse de reflexões e sensações. Durante o momento do desenho, a equipe fazia a escuta das crianças e dos acompanhantes que quisessem desenhar e contar sobre os desenhos feitos. Como propõe o projeto de pesquisa, é um “momento extremamente rico e interativo, as crianças e seus familiares contam fatos, mostram coisas nos desenhos, pedem auxílio nas representações de figuras que têm dificuldade” (GOLDBERG, 2018, p. 3). E a equipe estava ali para mediar, para ouvir, para dialogar com as crianças e seus acompanhantes.

As atividades propostas pelo Ateliê foram construídas de forma tão afetiva, que certo dia fomos presenteados por um dos estagiários de Psicologia, Alexandre Hewerton, com o verbo “ateliar-se”. Mesmo depois de cumprir seu estágio, Alexandre atuou mais um período como voluntário no Ateliê, e quando precisou ir, se despediu dizendo que queria continuar “ateliando-se” conosco. Adotamos o verbo porque nos descreve claramente, seu significado se aproxima de “tecer fios”, “enlaçar”, “se misturar com o outro para criar”, “afetar e ser afetado ao mesmo tempo”, “poetizar”, “encantar”, “alumbrar”, “abraçar”. Nós vamos ao encontro desse abraço, pois também é um propósito do IPREDE, que se constitui como um espaço afetivo, promovendo em cada atendimento o fortalecimento do vínculo entre a criança, a família e a instituição.

Neste cenário, ao promover essa formação estética às crianças através das variadas expressões artísticas e observarmos, empiricamente, os resultados expressos nos gestos, olhares, expressões e palavras, encontramos um grande potencial de pesquisa. A formação estética promove uma sensibilização, um outro olhar para essa realidade tão difícil, uma perspectiva de novas ações, que podem contribuir com a visão de mundo dessas crianças e familiares, propõe uma educação através do sensível, através do afeto.

Para essa reflexão, dentre as atividades propostas pelo Ateliê, foram escolhidas as contações de histórias e as atividades de desenho, por terem sido as atividades que mais

envolviam e encantavam as crianças e com as quais demonstraram maior identificação. Era a experimentação de um *modus operandi* que estava funcionando. É neste espaço que me sinto provocada a compreender quais os efeitos dessas atividades de contações de histórias e elaboração de desenhos, para as crianças atendidas nessa instituição.

1.3 Do medo do *Pluft* aos sonhos desenhados no vestido

Quando começamos a encontrar as crianças diariamente, a encantadora pedagoga e contadora de histórias Tia Paixão¹, integrante da nossa equipe, escolhia cuidadosamente cada uma das histórias, elaborava as cenas, a forma que seria contada, os elementos utilizados e nós ajudávamos com algumas ideias, na confecção dos cenários e adereços. Em algumas histórias, eu também entrei em cena junto com a Tia Paixão, e nós inserimos personagens e elementos teatrais na narrativa da história.

Alguns dos temas trabalhados foram: medo, o que te faz feliz, família, amizade, demonstração de carinho, palavras encantadas, quem sou eu, e sonhos. E ao pensar sobre esses temas, um certo dia em que eu estava angustiada porque a escrita não estava fluindo, porque esse exercício de escrever, às vezes, tira a gente do eixo e às vezes é difícil voltar para o eixo... mas quando eu me deparei mais uma vez com esses temas... vi o quanto eles também falavam deste trabalho... até na mesma sequência... Por isso escolhi referências das histórias que foram contadas (Apêndice A²) para conduzir a linha das seções deste trabalho.

Desde o medo inicial da escrita, que coincide com o medo inicial do trabalho (sim, aquele mesmo medo que parece com o *medo do Pluft*... O *Pluft* é aquele fantasma da primeira história e o medo que o *Pluft* tinha era de gente... E me desculpem por essa confissão... mas eu também tinha medo de gente... eu tinha medo de gente pequena, assim tão pequenininha, tinha medo de não conseguir entendê-las... mas elas são tão lindas, sim, são tão delicadas, tão pequeninas... mas eu tinha medo de assustá-las, tinha medo que elas não me entendessem... tinha medo de não dar certo...).

Para mim, crianças da primeira infância eram um público novo de trabalho. Mas enquanto o *Pluft* era um fantasma que tinha medo de gente, ele conquistou uma amiga que era gente e tinha medo de fantasma. O medo que eles tinham era o medo do desconhecido... Na história seguinte, a menina que tinha medo do escuro descobre que poderia fechar os olhos, e

¹ Erinelda da Costa Paixão, Mestre em Educação (UFC), Pedagoga (UFC) e contadora de histórias, foi integrante do Projeto Ateliê do IPREDE de setembro de 2017 a agosto de 2018.

² No Apêndice A consta o resumo de cada livro que inspirou as histórias contadas.

no escuro dos olhos fechados ela imaginaria as estrelas e elas seriam suas amigas. Ah! Que alegria imensa ter todas aquelas estrelinhas ali na plateia sendo minhas amigas. Da mesma forma, diante do medo da escrita desse trabalho, apareceram algumas estrelinhas que brilharam quando eu estava no escuro.

Depois de entender que apesar dos medos, eu poderia pensar no que me faz feliz, como fizemos na sequência dos nossos temas, me senti como Felipe na casa da Vovó, da história *Colcha de Retalhos*, e entendi que o IPREDE, além do aconchego da casa da vovó, assim como esse trabalho, representa cada pedacinho, cada ação, cada retalho que constrói essa história que estou contando para vocês.

Para conhecer melhor nosso público, vamos pegar na próxima parada o *Trenzinho Diprimeira*, igual aquele que certo dia saiu do Acolhimento e foi distribuir cartas e desenhos pelo IPREDE. Agora, nesse trenzinho, eu olhava pela janela com novos olhares para a primeira infância. Às vezes, eu olhava de fora do trem, vendo que ele passa muito rápido, guardando dentro dele todas as paisagens do caminho. Às vezes, eu olhava de dentro, como quem fica meio tonta quando viaja olhando pela janela e vê tudo passando muito rápido, ao mesmo tempo me sentindo molhada pela chuva e aquecida pelo sol que entravam pela janela do trem, que percorria os caminhos mais belos e coloridos que eu poderia conhecer.

A seção *Abraço da Margarida* conta sobre as atividades iniciais, tudo era ainda muito novo, eu ainda estava conhecendo a casa, me senti como a Margarida Friorenta, apesar de estar tremendo sem saber o porquê, testava as possibilidades, experimentando formas de atuação que davam certo, outras que precisavam de ajustes. Nesta seção são apresentados os **objetivos centrais** deste trabalho: historicizar as ações do projeto Ateliê e identificar as contribuições da arte e da formação estética promovidas pelas atividades do Ateliê para as crianças atendidas.

Passando esse momento de chegada, que parecia com o tremor da Margarida, começamos a receber aquele abraço todos os dias das crianças, das mães, dos profissionais, de toda a instituição, e assim, começamos a sentir o vínculo se fortalecendo entre nós, as crianças, as famílias e a instituição, todos dentro de um abraço. E assim como a Margarida, dentro desse abraço, parei de tremer.

O item *Quando o desenho abraça a história* aborda o referencial teórico sobre as contações de histórias, da atividade do desenho e é explicado como elaboramos esse *modus operandi* a cada atividade, com o tema trabalhado, com a história contada, com o convite para o desenho, com os elementos utilizados. Desta forma, abrimos o diálogo sobre o que se pensa com essas histórias e o que o desenho pode falar a partir do olhar de cada um.

No item *Palavras Encantadas*, eu conto que com o apoio daquele abraço, comecei a procurar as palavras certas, e assim como Anita, eu precisava encontrar a loja das *Palavras Encantadas* que me ajudassem a construir um texto importante, um texto decisivo, o texto desse trabalho. Depois de tanto procurar as palavras certas, e já triste e cansada por não estar conseguindo juntar as palavras... Eu achei! Achei!! Achei as palavras encantadas!!!

As Palavras que eu precisava estavam nas entrevistas feitas com as crianças, com as mães e com os profissionais da instituição! Ah... que lindas palavras que eu encontrei. Palavras que desenhavam os efeitos do Ateliê para as crianças, para as mães e para os profissionais da instituição. Essa era a verdadeira Loja das Palavras Encantadas... o coração! As palavras estavam guardadas no coração de cada um, onde não se compra e não se vende... onde se pede e se dá de presente. A construção com as palavras encantadas vai ser conduzida ao longo do trabalho. E com a bolsa cheia das palavras encantadas, vamos para os resultados da pesquisa.

Para os resultados da pesquisa, o tema *Tu te tornas responsável por quem cativas* se encaixa bem. Para começar a análise dos dados, mais do que “dados”, podemos dizer que foram “conquistados” ou “construídos”, apresentamos os elementos que embasam a pesquisa. E assim como trabalhamos com as crianças a amizade, o vínculo, o cuidar do outro e o cativar, a partir da conhecida relação entre uma Rosa, um Pequeno Príncipe e uma Raposa, podemos identificar na pesquisa que os vínculos se tornaram mais fortes ao longo do trabalho, por isso relacionei esses personagens para mostrar as falas das mães e das crianças que foram entrevistadas.

Ainda sobre os resultados da pesquisa, compreendemos que *O Ateliê é a chuva colorida*. Assim como a fada Clara-Luz criou uma chuva colorida na história, de acordo com as falas dos profissionais entrevistados, o Ateliê choveu colorido no IPREDE, pois nós criamos um formato de ações, um *modus operandi* de atuação, com Bom dia(s) e Boa tarde(s), com contações de histórias abraçadas com desenhos, com tantas outras ações que se fossem descritas aqui, aproximar-se-iam das histórias de Sherazade por terem uma história dentro da outra e a caixinha deste trabalho não permite. E aqui, este trabalho já estaria chegando ao final.

Concluimos com este trabalho, na seção *Sonhos desenhados no vestido*, que os primeiros sonhos do projeto Ateliê foram desenhados e realizados, assim como brindamos nossa despedida nesta primeira temporada do Ateliê no IPREDE, com a história de uma menina que colecionava sonhos em um vestido. Assim como as crianças no Ateliê deixaram seus sonhos desenhados no vestido da menina ao final da história, nós deixamos ali e aqui nossos sonhos registrados, nossos resultados desenhados, nossas conclusões e nossos desejos de continuidades.

Na minha experiência pessoal, tive muitas transformações devido a uma formação estética que se construiu em diversos espaços de tempo, durante meu percurso pessoal e profissional. Desde a minha adolescência vivenciando a arte no grupo de jovens que influenciou diretamente minha formação profissional, tanto na escolha de ser professora, como na escolha de ser artista.

Tal experiência está registrada em pesquisa de mestrado da qual fui participante³. Essa pesquisa, de caráter autobiográfico, foi de tal forma metalinguística, que me inspirou a seguir este caminho, de buscar uma pesquisa que investigasse o quanto a arte é formativa e transformadora em seus mais diversos espaços.

Tive outra experiência, também autobiográfica, através da atividade “Linha do Tempo”, conduzida pela professora Luciane Goldberg na minha graduação do curso de Teatro-Licenciatura. Essa atividade consiste em elaborar uma narrativa sobre nossas experiências formativas em arte ao longo da nossa vida e que influências elas trazem. Essas experiências sempre me fazem retornar ao ponto de origem do quanto a arte nos forma em vida, em história, em escolhas, em sonhos e em realização de caminhos.

Eu escolhi ser professora de teatro para poder compartilhar e proporcionar experiências sensíveis e encantadoras para outras pessoas. Eu entrei na Companhia Plural de Artes Cênicas, onde fui professora e atriz por dez anos. Eu aprendi tanto!!! Entre enlances pessoais e profissionais, eu fui Alice, eu fui Elsa, eu fui bruxa, eu fui fada, eu aprendi técnicas de circo, malabarismo, andar na perna-de-pau, me equilibrar na corda bamba, eu também subia no tecido e fazia aquelas poses bem bonitas, com cara de que é super fácil, enquanto o corpo todo treme! Eu fazia malabarismo com fogo!

Eu também aprendi a desenhar e a construir figurinos de todo jeito. Já fiz figurinos de príncipes e princesas, bichos de espuma, bruxas, dragões, bailarinas, bonecas de pano, palhaços, sombras, *performers neon* e tantos outros figurinos mirabolantes. Entre os meus melhores amigos estão os alfinetes de segurança, com eles a gente pode construir qualquer coisa. Aprendi a construir cenários, com espuma, madeira, isopor, papelão, tecidos e pistolas de cola-quente. Durante um tempo, eu morei numa casa de caixas, caixas de verdade, tinha tanta caixa, tanta caixa, tinha caixa do chão até o teto, caixas de chapéus, caixas de meias, caixas de luvas, caixas de fitas, caixas de bolsas, caixas, caixas, muitas caixas e no salão tinha muitas araras e cabides com milhões, bilhões, trilhões de figurinos, de milhões, bilhões, trilhões de personagens. Essa casa é a Cia. Plural e seu diretor Tônico Lacerda são fortes parceiros do projeto Ateliê.

³“Arte em cena”: narrativas de uma experiência formativa com arte espírita (Dissertação de Mestrado. Autora: Larissa Rogério Bezerra - 2013).

Desde que comecei o trabalho no IPREDE, por várias vezes, tive a impressão de que todo meu aprendizado pessoal e profissional, como integrante de grupo de jovens, como monitora do grupo de teatro Arte em Cena situado no grupo de jovens, como atriz e professora da Cia. Plural de Artes Cênicas por 10 anos, como estudante de graduação em Teatro e em Artes Cênicas, parecia que todo meu percurso vindo de diversas fontes, tinha sido construído para que eu estivesse colocando em prática exatamente ali: naquele cenário, sendo parte daquele elenco, criando para aquela plateia. Eu estava ali inteira, meus olhos estavam ali, meus abraços estavam ali, meu coração estava ali, na construção daquele Ateliê, naquele espaço de artesanaria. Eu acredito em missão, missão de vida, missão artística, missão espiritual, missão de transformação social. Eu acredito em encontros. Eu acredito em abraços. Eu não acredito que alguém está em algum lugar por acaso. Eu acredito em propósito.

Diante desses aspectos apresentados, pretendo através desta pesquisa, a partir das atividades do Ateliê, que propõem uma relação entre a fruição e a elaboração de vivências artísticas, compreender as contribuições da arte e da formação estética para as crianças assistidas pela instituição, porque, concordando com Raul Seixas, “sonho que se sonha junto é realidade”.

Cada uma dessas histórias também me ensinou muito... *Pluft* era um fantasma-menino que tinha medo de gente. *Maribel* era uma menina-gente, que tinha medo de fantasma. Mas *Pluft* conheceu *Maribel* e eles ficaram amigos. Não precisavam ter medo um do outro porque eram diferentes. Lembra daquele medo de gente pequenina que eu falei a pouco? Lembra do medo de não entender e de não ser entendida que falei? Uma das vantagens de ter medo é que o medo faz a gente observar mais, prestar mais atenção com os olhos bem abertos... e quando a gente tem medo, faz as coisas com calma, com cautela, assim... bem devagarinho, porque tem medo do que pode acontecer... E foi assim, conhecendo esse mundo novo bem devagarinho, que eu descobri novos olhares sobre essa gente pequenina... eu descobri até um jeito de olhar com os olhos fechados, igual àquela princesa que tinha medo do escuro, da outra história.

A princesa que tinha medo do escuro descobriu que no escuro dos olhos fechados as estrelas podem brilhar, assim, as estrelas ficaram suas amigas e cantavam para ela quando a noite chegava. No filme de animação, que exibimos para as crianças, *Daniel Tigre* descobriu com sua mãe que quando tivesse medo, também poderia fechar os olhos e pensar no que o deixava feliz. Durante esse processo de escrever, eu estava numa sala secreta com um tapete colorido e *Harley*, o dono do tapete, me mostrou um livro e eu li que:

[...] na guerra, *Phobos*, seu filho, ia antes de Marte, ia na frente. Marte ia depois dele. Isso é uma lição também. Vá com medo e tudo! Vá por causa do medo, levado por

ele. A lição talvez seja: não há como amar, ou estar na vida e suas lutas sem medo. Então é delírio não querer sentir medo, vencer o medo. Não é o medo que você deve vencer. Você tem de enfrentar o desafio que está ali, não vencer o medo. Precisamos do medo. Precisamos da coragem para ter medo – uma contradição em termos – e ter medo para reconhecer a coragem. As pessoas não querem ter medo, porque não tem coragem para senti-lo. O medo faz parte da batalha. (BARCELOS, 2019, p. 55-56).

Quando eu comecei a escrever esse trabalho, também tive muito medo desse escuro. Por muitas vezes achei que não ia conseguir e achei que as estrelas não iam aparecer... Acho que elas demoraram um pouquinho para brilhar... Mas... tive que ir com medo e tudo... e hoje posso dizer que apareceram estrelinhas de vários lugares... estrelas de cada criança que estive ali, de cada mãe, as estrelas que cada professor (a), a estrela que cada amigo, a estrela que cada profissional da instituição representou... todas essas estrelas começaram a cantar comigo para este trabalho ser construído. Também posso ver você que está lendo este trabalho como uma dessas estrelinhas que também vai ser minha amiga. Assim, eu compreendi que eu não precisava ter medo de trabalhar com a primeira infância, eu só precisava conhecer essa nova linguagem. Também não precisava ter medo de escrever, porque estou contando uma história tão bonita. A partir daí eu consegui fechar os olhos e pensar quantas coisas felizes esse trabalho guarda em si. Momentos tão felizes quanto as lembranças de Felipe na casa da vovó, quando ele ajudou a costurar aquela linda colcha de retalhos. Cada retalho tinha uma história, uma lembrança, uma memória. Com esse aconchego da casa da Vovó, convido você a conhecer nossa casa colorida chamada IPREDE.

2 A COLCHA DE RETALHOS CHAMADA IPREDE: O LÓCUS DA PESQUISA

E Felipe chegou na casa da vovó quando ela estava costurando uma linda e grande colcha de retalhos. Ela conta que cada retalho foi um pedacinho de pano de uma blusa, de um vestido, de um short, de uma roupa de um tempo, de um lugar, de uma lembrança, de uma memória. Em cada retalho tem uma história. (Lali).

Eu vejo o IPREDE como uma linda, colorida e enorme colcha de retalhos. É um lugar muito bonito com muitas obras de arte, quadros e fotografias nas paredes, jardins bem cuidados com flores coloridas, por onde as crianças passam correndo e sorrindo. É um ambiente agradável e acolhedor como tentei capturar na figura 2:

Figura 2 - Fotografias dos espaços do IPREDE



Fonte: Acervo da autora.

O Instituto da Primeira Infância (IPREDE) foi fundado em 1986 com o nome de Instituto de Prevenção da Desnutrição e da Excepcionalidade, atendia crianças com quadros de

desnutrição grave. Na época, as taxas de desnutrição crônica, obtidas a partir de estudos populacionais na Pesquisa Nacional de Saúde e Nutrição (PNSN), estavam em torno de 30% (IPREDE, 2020). A instituição teve uma trajetória dinâmica, sempre buscando atender as demandas que surgiam:

[...] em 2008, o IPREDE passou a ser chamado de Instituto da Promoção da Nutrição e do Desenvolvimento Humano, focando na prevenção e tratamento de distúrbios nutricionais da infância (desnutrição, sobrepeso e obesidade) e na promoção do desenvolvimento e inclusão social de suas famílias. O trabalho com o desenvolvimento infantil ampliou o olhar institucional para o contexto sociofamiliar: a vulnerabilidade socioeconômica e o papel da mulher. A causa da primeira infância impulsionou novos desafios institucionais no apoio ao desenvolvimento integral das crianças, particularmente, em cenários cujas suas necessidades essenciais podem não estar sendo adequadamente satisfeitas. Trabalhar a primeira infância levou o IPREDE, em 2012, a oficializar a mudança do nome para Instituto da Primeira Infância. (MENESCAL *et al.*, 2016, p.71).

Hoje, a desnutrição caiu para 7% e a taxa de mortalidade para menos de 20 crianças a cada 1000 nascidas, o que possibilita uma importante evolução na missão do Instituto. O IPREDE se tornou um centro de referência sobre a primeira infância, além de um espaço de produção, ensino e divulgação da temática para a comunidade através da articulação de ações com diversos setores da sociedade na disseminação de conhecimentos técnico-científicos, produção e promoção da cultura e da arte como instrumento de conscientização e valorização do cidadão sempre com foco no empoderamento das mães e a inclusão social das famílias assistidas (IPREDE, 2020).

A instituição atua com o terceiro setor há mais de trinta anos, atendendo, atualmente, uma média de mil crianças com comprometimento nutricional que vivem em situação de vulnerabilidade social. O período que se estende de 0 a 6 anos é conhecido como primeira infância, e constitui o momento na vida em que desenvolvemos capacidades e habilidades essenciais para nosso desenvolvimento como um todo. Essa é a faixa etária das crianças atendidas no IPREDE (IPREDE, 2020).

Além disso, o IPREDE se norteia por quatro pilares: assistencial, científico (estudo e pesquisa), estético e sustentável. Sua ação assistencial é sistematizada em três programas: Programa de Crescimento e Nutrição na Primeira Infância, Programa de Desenvolvimento na Primeira Infância e o Programa de Atenção à Mulher Cuidadora⁴:

Programa de crescimento e nutrição na Primeira Infância tem como objetivo avaliar o estado nutricional das crianças, promover atividades de educação e aconselhamento nutricional e oferecer orientações em consultas individuais ou em grupo. É realizado

⁴ Para maiores informações sobre os programas e atividades desenvolvidos pela instituição, acesse o site: <https://www.iprede.org.br/>.

por médicos, enfermeiras e nutricionistas baseados nos conceitos da segurança alimentar, do aconselhamento e educação nutricional. -Programa de desenvolvimento na Primeira Infância é destinado a assistir crianças através de ações de promoção do desenvolvimento, considerando as necessidades e potencialidades individuais em parceria com as famílias, tendo em vista o contexto social, econômico e cultural em que vivem. Este programa conta com uma equipe multiprofissional: pediatra do desenvolvimento, terapeuta ocupacional, fisioterapeuta, fonoaudióloga, psicóloga e psicomotricista. (IPREDE, 2020).

Para compreendermos melhor o funcionamento e a filosofia da instituição, utilizamos como uma das técnicas de pesquisa a análise documental, pois “os documentos constituem uma fonte estável e rica (...) e fornecem informações sobre esse mesmo contexto” (LÜDKE; ANDRÉ, 1986, p.39). Por enquanto, vamos dialogar com o Estatuto do IPREDE e a cartilha da Política Nacional de Humanização (Humaniza SUS).

De acordo com o Estatuto do IPREDE, a instituição é “pessoa jurídica de direito privado, sem fins econômicos, constituído sob forma de associação” (IPREDE, 2017, p. 1). Consta no Art.29 que “o público alvo do IPREDE será prioritariamente os usuários do Sistema Único de Saúde, crianças, adolescentes, adultos e suas famílias” (IPREDE, 2017, p. 14). E no Capítulo I, Art. 2º, vemos que o IPREDE tem como finalidade:

Promoção da saúde e de assistência social de crianças, adolescentes e suas famílias, visando o fortalecimento das competências familiares, os laços afetivos e a autoestima; - Promoção do estudo, da pesquisa, da extensão para a produção e difusão do conhecimento técnico-científico, do desenvolvimento de tecnologias alternativas, da produção e divulgação de informações e conhecimentos em suas áreas de atuação; -Produção e promoção da cultura, da arte, da defesa e conservação do patrimônio histórico e artístico como instrumentos de conscientização e valorização do cidadão; -Experimentação, não lucrativa, de novos modelos socioprodutivos e de sistemas alternativos de produção, comércio, emprego e crédito. (IPREDE, 2017, p.1).

Sendo assim, aqui aparece nosso primeiro encontro: o projeto Ateliê se enquadra na proposta da instituição no que se refere ao fortalecimento dos laços afetivos; na promoção de estudo, pesquisa e extensão em sua área, como também na produção e promoção da cultura e da arte. Isso se deve ao pilar estético da instituição que acredita que o contato com arte também faz parte da promoção de saúde. Desta forma, no Artigo 3º do Capítulo II do Estatuto do IPREDE, podemos destacar alguns itens que dizem respeito às atividades desenvolvidas pela instituição:

VII- manter unidade educacional para realização de cursos de extensão e pós-graduação na formação de profissionais; XV- promover, incentivar e apoiar o desenvolvimento de projetos de pesquisa e extensão, seminários, palestras, congressos, publicações de trabalhos científicos e outras atividades afins, na área da nutrição e do desenvolvimento humano; XVI- promover e/ou administrar feira, bazar de produtos doados; XIX- oferecer estágios aos estudantes do ensino médio e superior nas áreas de atuação do IPREDE, como complemento à sua formação; XXIX- ensinar, criar, produzir, e manter atividades culturais e artísticas, como o teatro, a dança, música, pintura, cinema, vídeo, editoração, entre outras formas de expressão, como instrumento de conscientização e valorização do cidadão. (IPREDE, 2017, p.2-4).

A partir desses itens, podemos observar como as atividades do Projeto Ateliê vêm ao encontro da proposta da instituição, com ações que são interdisciplinares e multidisciplinares, promovendo a atenção aos assistidos de forma integrada, pois além do desenvolvimento das atividades diárias, nas diversas linguagens artísticas para as crianças e famílias atendidas no setor Acolhimento, trazemos por exemplo a elaboração do Curso de Extensão “Arte, Cultura e Primeira Infância”, o Simpósio “Arte, Cultura e Primeira Infância”, a criação do grupo de pesquisa Ateliar e suas publicações, as palestras, os cursos livres promovidos pelo projeto, além do acompanhamento dos estagiários e bolsistas dos cursos de Teatro, Psicologia, Pedagogia e Dança, oriundos de diferentes programas de bolsa como PIBIC, PREX, SECULT-ARTE e PRAE⁵. Conversaremos mais detalhadamente sobre essas atividades a seguir.

As famílias assistidas pela instituição vivem em um contexto de vulnerabilidade social com as mais diversas dificuldades: passam por situações de desemprego, de não conseguir prover seu próprio sustento, de lidar com situações de abandono, de violência doméstica, de conviver com drogadição na família, entre outras tantas situações de fragilidade e abandono social. Diante dessa realidade, a instituição procura meios de integrar essas famílias, de abrir novas portas e mostrar novas possibilidades, pois:

A Política Nacional de Assistência Social compreende que a proteção social básica tem como objetivo prevenir situações de risco por meio do desenvolvimento de potencialidades; e o fortalecimento de vínculos familiares e comunitários é uma proteção destinada à população que vive em situação de vulnerabilidade social, decorrente da pobreza e privação e da fragilização dos vínculos afetivos. (ARAÚJO; BRASIL, 2016, p.10-11).

Ao mesmo tempo em que a instituição assiste essas famílias com os atendimentos diversos como assistência social, nutrição, pediatria, enfermagem, existe todo um acompanhamento, uma escuta, uma orientação para que essas famílias tenham alguma condição de mudança de vida. Compreender as singularidades da situação de cada família, compreender que eles vivem em um grau de estresse tóxico e, dentro desse caos, conseguir acender uma luz é um dos maiores desafios. De acordo com Menescal (2018, p. 18), “estresse é uma reação do organismo para uma situação de perigo, ele provoca uma resposta tóxica quando a adversidade é intensa, frequente e/ou prolongada e sem nenhuma intervenção positiva por parte da mãe ou de familiares”, sendo assim:

No dizer de Shonkoff, um ambiente de relacionamentos estáveis, estimulantes e protetores constrói uma base sólida para uma vida de aprendizagem eficaz. Por outro lado, quando crianças pequenas são sobrecarregadas por grandes adversidades, os

⁵ Programa Institucional de Bolsa de Iniciação Científica (PIBIC), Pró-Reitoria de Extensão (PREX), Secretaria de Cultura Artística (SECULTARTE), Pró-Reitoria de Assuntos Estudantis (PRAE).

sistemas de resposta ao estresse ficam com excesso de atividade, os circuitos cerebrais em maturação podem ser prejudicados, os sistemas reguladores do metabolismo e os órgãos em desenvolvimento podem ser afetados, e aumentam as probabilidades de problemas em longo prazo na aprendizagem, no comportamento e na saúde física e mental. (SHONCOFF, 2011 *apud* MENESCAL, 2018, p.19).

Muitas dessas famílias vivem nesse contexto de “estresse tóxico”, por isso, a busca de desenvolver potencialidades dessas famílias e fortalecer o vínculo afetivo é o que está mais presente na instituição. Como explicam as autoras sobre o trabalho da assistente social:

Nosso trabalho inicia com o acolhimento de uma mãe e de seu filho com desnutrição ou risco nutricional, que chegam à instituição referenciada pela unidade básica de saúde ou por demanda espontânea. Nosso primeiro passo é promover uma escuta atenta e respeitosa para alcançar uma compreensão da realidade física, psíquica e social a partir de referenciais sistêmicos e atitude interdisciplinar, pois cada saber específico dialoga com os outros saberes, possibilitando um amplo olhar sobre a criança, sua mãe e sua família. (ARAÚJO; BRASIL, 2016, p.12).

Além disso, a instituição, através de seus programas, incentiva e possibilita a profissionalização das mães, nas áreas de corte e costura, culinária e outros cursos profissionalizantes. Tais projetos oportunizam a essas mulheres possibilidades de formação, de emprego e renda, ampliando sua autonomia e autoestima. E principalmente, oportunizam mudanças na realidade dessas famílias. O desenvolvimento da criança está diretamente ligado à situação da família, se não há uma mínima condição de cuidar das necessidades básicas como alimentação, saúde, educação, não há condições de cuidado. Nesse sentido, o Programa de Atenção à Mulher Cuidadora atua dessa forma:

A iniciativa se pauta no reconhecimento da influência que os pais, em especial as mães, têm sobre o desenvolvimento dos filhos, aliado à constatação de que as mulheres exercem um papel de grande liderança na família e consequentemente na comunidade. A atenção à mulher é composta por uma equipe multiprofissional formada por especialistas em Serviço Social, Psicologia e Psicomotricidade. Além do Programa Florescer, uma das principais ações institucionais de trabalho com as mulheres, há ações como o grupo de escuta e apoio e cursos profissionalizantes, como os projetos Vai Maria, Transformaria e Realimenta. (IPREDE, 2020).

Para o encaminhamento desses programas, a instituição conta com doações, financiamentos de projetos, acordos com empresas e agências, convênios com o Sistema Único de Saúde (SUS), resultados das vendas de produtos e serviços oriundos das doações, oficinas e unidades de apoio (IPREDE, 2017), além da Unidade de Eventos (UNEVE), espaço da instituição que aluga salas para eventos, com o propósito autossustentável, para continuar apoiando e transformando as vidas dessas famílias.

Uma característica muito forte da instituição é a constante pesquisa e capacitação dos profissionais para atenderem de acordo com as demandas que vão surgindo. Esses estudos permanentes promovem o crescimento e a ampliação dos serviços que a instituição oferece e

demonstra o caminho percorrido desde a sua fundação até os dias atuais, para que hoje o IPREDE seja considerado um centro de referência sobre a primeira infância. É uma instituição que tem coração, que tem espírito, que tem essência, que está sempre buscando conhecer a realidade dos seus assistidos, para que possa atendê-los da forma mais integrada possível, sendo assim:

Um estudo foi realizado em julho de 2007 junto ao Núcleo de Ensino, Assistência e Pesquisa da Infância da Faculdade de Medicina da Universidade Federal do Ceará, sobre condições de vida e saúde das crianças assistidas na Instituição. Naquela ocasião, o estudo revelou a vulnerabilidade social em que vivem essas famílias que, além das deficiências financeiras, estão submetidas a uma convivência social pautada em práticas de agressão e violência das mais diversas formas. A consequência prática dessas informações foi organizar um conjunto de intervenções destinadas à ampliação de oportunidades para o desenvolvimento sadio e harmonioso dessas famílias. Entre elas, foi incluída a implantação do Setor de Acolhimento, não só relacionada à ação de receber, mas, também, como um espaço acolhedor. (ARAÚJO; BRASIL, 2016, p.12).

A instituição atende prioritariamente os usuários do Sistema Único de Saúde (SUS) e é “exatamente nesse sentido de ‘estar com’ ou ‘estar perto’ que o Ministério da Saúde tem reafirmado o acolhimento como umas das diretrizes de maior relevância ética/estética/política da Política Nacional de Humanização do Sistema Único de Saúde (SUS)” (ARAÚJO; BRASIL, 2016, p. 08). Essas diretrizes do Humaniza SUS propõem práticas de escuta, de respeito às subjetividades, de modo que, além de um espaço de recepção e ambiente confortáveis, torne-se um espaço de encontro, pois parte do seguinte princípio:

Os processos de “anestesia” de nossa escuta e de produção de indiferença diante do outro, em relação às suas necessidades e diferenças, têm-nos produzido a enganosa sensação de salvaguarda, de proteção do sofrimento. Entretanto, esses processos nos mergulham no isolamento, entorpecem nossa sensibilidade e enfraquecem os laços coletivos mediante os quais se nutrem as forças de invenção e de resistência que constroem nossa própria humanidade. (BRASIL, 2010, p.8).

Neste documento do Ministério da Saúde, encontramos muitas medidas que apontam ações relacionadas à sensibilidade, à promoção de vínculo, ao cuidado e respeito com quem está sendo atendido nas unidades de saúde, associando a produção de subjetividades à produção de saúde. Por exemplo, o documento afirma que:

Um dos nossos desafios é reativar nos encontros nossa capacidade de cuidar ou estar atento para acolher, tendo como princípios norteadores: o coletivo como plano de produção da vida; o cotidiano como plano ao mesmo tempo de reprodução, de experimentação e invenção de modos de vida; e a indissociabilidade entre o modo de nos produzirmos como sujeitos e os modos de se estar nos verbos da vida (trabalhar, viver, amar, sentir, produzir saúde...). (BRASIL, 2010, p.9).

Atitudes essas que são inerentes ao cotidiano do IPREDE, considerando que “a vida não é o que se passa apenas em cada um dos sujeitos, mas principalmente o que se passa entre

os sujeitos, nos vínculos que constroem e que os constroem como potência de afetar e ser afetado” (BRASIL, 2010, p. 8). Apesar de estar mostrando nessas palavras que a instituição está em consonância com este documento do Ministério da Saúde, confesso que me causa um estranhamento a necessidade de ações como estas estarem como “regras” em um “documento”, quando essas ações sensíveis de escuta e de respeito ao outro deveriam ser “normais” e “comuns” em todos os lugares, não apenas nos centros de saúde ou nos centros educacionais. Como o próprio documento aponta que existem ainda tantos lugares com:

[...] “filas ‘madrugadoras’ na porta, disputando sem critério algum, exceto à hora de chegada, algumas vagas na manhã; oferecem serviços totalmente incongruentes com a demanda e acreditam que o seu objeto de trabalho é esta ou aquela doença ou procedimento, atribuindo menor importância à existência dos sujeitos em sua complexidade e sofrimento; atendem pessoas com sérios problemas de saúde sem, por exemplo, acolhê-las durante um momento de agravação do problema, rompendo o vínculo que é alicerce constitutivo dos processos de produção de saúde; profissionais até mesmo exaustos de tanto realizar atividades, mas não conseguem avaliar e interferir nessas atividades de modo a melhor qualificá-las; convivem com os serviços de urgências, com casos graves em filas de espera porque não conseguem distinguir riscos. (BRASIL, 2010, p. 14-15).

Essas são as incoerências da sociedade que se acostuma com esse padrão onde “tais funcionamentos demonstram uma lógica produtora de mais adoecimento” (BRASIL, 2010, p.14.). Por isso, essas diretrizes promovem uma reorganização de um sistema inteiro, que vai desde a formação dos profissionais, passa pela organização dos espaços físicos das células de saúde e orientação permanente dos profissionais que lidam com essas demandas todos os dias, pois:

Avaliar os riscos e a vulnerabilidade implica estar atento tanto ao grau de sofrimento físico quanto psíquico, pois muitas vezes o usuário que chega andando, sem sinais visíveis de problemas físicos, mas muito angustiado, pode estar mais necessitado de atendimento e com maior grau de risco e vulnerabilidade do que outros pacientes aparentemente mais necessitados. (BRASIL, 2010, p. 25).

Infelizmente, ainda são raros os lugares que conseguem aplicar essas medidas que foram propostas em 2010. Dez anos depois, a ausência dessas diretrizes ainda é uma realidade presente nas células de saúde da nossa sociedade. Por isso, nas palavras de uma pediatra da instituição, “o IPREDE é como uma ilha, assim no meio, em volta da realidade da criança”. Por ser um espaço de apoio integral, mais que humanizado, é um espaço de promoção de saúde e desenvolvimento que alcança a criança no âmbito da saúde física, emocional, cognitiva, afetiva e social que alcança além da criança, sua família, e promove vínculos ofertando novas oportunidades, entendendo que:

[...] o acolhimento não é um espaço ou um local, mas uma postura ética: não pressupõe hora ou profissional específico para fazê-lo, implica compartilhamento de saberes,

angústias e invenções, tomando para si a responsabilidade de “abrigar e agasalhar” outrem em suas demandas, com responsabilidade e resolutividade sinalizada pelo caso em questão. (BRASIL, 2010, p. 19).

A porta de entrada da instituição para o atendimento das crianças é o Setor de Acolhimento, espaço composto por uma equipe multiprofissional formada por pediatras, nutricionistas, assistentes sociais, psicólogos, terapeutas ocupacionais, psicomotricista e enfermeiros, que têm como objetivo, além de realizar a primeira aproximação da família com a instituição para orientá-las quanto aos serviços prestados, encaminhar para os atendimentos especializados.

Sendo assim, “a transformação na forma de acolher na instituição se deu mediante estudos, tomando por base o conceito de que o ato de acolher é uma ação prioritária de uma política de favorecimento à cidadania e de acesso a direitos” (ARAÚJO; BRASIL, 2016, p. 12). Em todos os aspectos da instituição, nos seus serviços, nos seus atendimentos, na sua filosofia, todos os seus procedimentos visam a promoção dos direitos das crianças e de suas famílias. Por dialogarmos com estes fatores, no que diz respeito à nossa área de atuação, de acordo com o que a instituição propõe:

[...] é certo afirmar que o aspecto lúdico das atividades proporcionadas pelo Acolhimento do IPREDE contribui para o desenvolvimento das crianças e de suas famílias, traz, potencialmente, uma riqueza a mais à humanidade, além de favorecer a garantia de direitos e o fortalecimento dos vínculos familiares. (ARAÚJO; BRASIL, 2016, p.14).

Devido à situação de vulnerabilidade social, a maioria dessas crianças não participa de um contexto cultural diversificado e o IPREDE reconhece a importância de proporcionar experiências de forma lúdica, promovendo esses direitos que tantas vezes são violados. Em relação ao direito à liberdade, ao respeito e à dignidade, o Art. 16 do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA – Lei 8.069/90) prevê o direito à “opinião e expressão” e a “brincar, praticar esportes e se divertir”. Expressar sua opinião, brincar e se divertir é o que acontece quando a criança está interagindo durante uma contação de história, expressando-se através dos desenhos e quando ela tem o espaço de escuta. Desta forma, ações do Ateliê convergem com a intenção da instituição.

De acordo com o inciso V do Art. 54 do ECA, é um direito da criança o “acesso aos níveis mais elevados do ensino, da pesquisa e da criação artística, segundo a capacidade de cada um” (BRASIL, 2018), no que diz respeito ao direito à educação, à cultura, ao esporte e ao lazer. Mais uma vez, contribuímos com a promoção de direitos nesse aspecto, ao incentivar não só as crianças como também seus familiares a compartilharem essas criações no mesmo espaço.

Todas as nossas atividades, as contações de histórias, as atividades de desenho, as exibições de filmes, as leituras, as apresentações teatrais e musicais, estão pautadas em práticas pedagógicas e formativas, e desta forma, dialogamos com o Art.58 que diz “no processo educacional respeitar-se-ão os valores culturais, artísticos e históricos próprios do contexto social da criança e do adolescente, garantindo-se a estes a liberdade da criação e o acesso às fontes de cultura” (BRASIL, 2018). Destarte, apesar de não seguirmos um protocolo escolar, contribuímos com processos formativos para as crianças e sua família, que em sua maioria, não interagem com um universo cultural artístico em seu cotidiano.

As políticas públicas não atendem a essa demanda de forma satisfatória e muitas vezes são espaços de instituições, projetos sociais e Organizações da Sociedade Civil (OSC)⁶ que ainda conseguem promover um mínimo de experiências artísticas e culturais para esse público. De acordo com Pinheiro (2006, p. 81) “trata-se de uma perspectiva de inclusão, que se opõe à segmentação e à exclusão”, pois a sociedade precisa de uma transformação, de uma reforma de valores, concepções e ideias para compreender a representação social da criança e do adolescente como portadores de direitos. É no intuito de preencher essa lacuna que tantas OSCs, assim como o IPREDE, buscam promover ações diferenciadas relacionadas à arte e à cultura.

Muitas dessas crianças não têm em seu cotidiano a possibilidade de experiências sensíveis como essas e por estarem em situações de precariedade e vulnerabilidade social, não têm acesso a bens culturais. E a ausência de experiências limita seu campo de criação e imaginação. Em relação à importância desse campo imaginativo e ao universo da fabulação, Cândido (2004) defende que o contato com a arte e com a literatura, além de uma necessidade, é um direito, por isso, afirma:

[...] não há povo e não há homem que possa viver sem ela [a literatura], isto é, sem a possibilidade de entrar em contato com alguma espécie de fabulação [...] parece corresponder a uma necessidade universal, que precisa ser satisfeita e cuja satisfação constitui um direito [...] por isso é que nas nossas sociedades a literatura tem sido um instrumento poderoso de instrução e educação, entrando nos currículos, sendo proposta a cada um como equipamento intelectual e afetivo. (CÂNDIDO, 2004, p. 174-175).

Quando falamos dos direitos das crianças e dos direitos humanos, sabemos que é um tema extremamente delicado, principalmente por estarmos em uma sociedade de desigualdades e por sabermos que muitos aspectos fundamentais que estão nos documentos formais não funcionam como deveriam funcionar.

⁶ As instituições que se denominavam ONG (Organização Não-Governamental) recebem atualmente a nomenclatura OSC (Organização Social Civil).

Por um lado, novos conceitos acerca da infância vêm sendo difundidos e alguns nem são tão novos assim, por outro lado, ainda existem muitas rotulações, principalmente em relação às crianças das famílias que sofrem com a desigualdade social, que recebem adjetivos de forma pejorativa, como “mirim”, “pivete”, “e outras expressões semelhantes para designar a criança pobre e marginalizada, cuja marginalização já é reconhecida e formalizada pelo simples designativo de “menor” (DALLARI; KORCZAK, 1986).

Ainda com essa discussão, Pinheiro (2006, p. 73) aponta que “como conceito discriminatório, “menor” parece trazer, para aqueles que são incluídos na categoria, uma condição: estão sob permanente suspeita, ao mesmo tempo em que parecem se despersonalizar”, pois estas crianças e adolescentes são percebidos ainda como desiguais e inferiores em relação às outras crianças.

Muitas vezes, não se conhece a realidade das crianças, nem as violências pelas quais elas podem passar, a criança é um ser em formação, merece ser reconhecida em seu tempo e em seu espaço, portanto, ter respeito é “dar-lhe a possibilidade de ser o que realmente é, sem necessidade de esconder, fingir, de representar para evitar a agressão de um adulto. Se, para ser respeitada como pessoa, a criança for obrigada a dissimular, então não existe verdadeiro respeito” (DALLARI; KORCZAK, 1986, p. 26). Por isso, buscando formas de ressignificar esse contexto, precisamos ampliar os olhares sobre essas crianças e suas famílias, para que identidades sejam repensadas e novos caminhos sejam encontrados.

Portanto, para além dos direitos contidos nos documentos formais, os autores Dallari e Korczak (1986), de uma forma consciente e poética, propõem uma reflexão sobre os direitos da criança “a ser, pensar, sentir, querer, viver e sonhar”. Quando se trata de defender os “direitos à liberdade, ao respeito, à educação e ao lazer” precisamos de uma visão mais ampliada, precisamos compreender a criança de forma integrada.

Ao falar sobre o “direito de ser”, considera-se que “a criança tem o direito de ser pessoa e de ser tratada como pessoa. Isso quer dizer que ela é matéria e espírito e só poderá realizar-se integralmente se forem atendidas suas necessidades materiais e espirituais” (DALLARI; KORCZAK, 1986, p. 22). Para que existam adultos conscientes, é necessário ser coerente com o cuidado das crianças para que alcancem um desenvolvimento integral. Para os autores, “é erro muito grave, que ofende o direito de ser, conceber a criança como apenas um projeto de pessoa, como alguma coisa que no futuro poderá adquirir a dignidade de um ser humano” (*Ibid*, p. 21).

Infelizmente, ainda existe esse comportamento dos adultos em relação às crianças e precisamos urgentemente multiplicar as práticas e metodologias que compreendem a criança em sua totalidade, com seus sentimentos e suas impressões. Hoje as crianças são muito expostas

às mídias, afetadas em sua espontaneidade, estimuladas a um consumismo e a um exibicionismo altamente prejudiciais à sua formação de personalidade, por isso precisamos apresentar-lhes novos estímulos, para exercerem sua expressão e criatividade.

Nesse sentido, os referidos autores apresentam o “direito de pensar” com a ideia de que os adultos não devem impor sua autoridade para as crianças seguirem suas ideias como únicas e absolutas, pois “a criança deve ter a possibilidade de conhecer e de raciocinar, para que possa formar livremente sua convicção (...) estimular a criança a repensar e a estar sempre disposta a considerar novas ideias” (DALLARI; KORCZAK, 1986, p. 28), para que faça suas escolhas e passe por diferentes experiências para que, com sua inteligência, perceba o que é mais favorável. O papel do adulto é orientar o melhor caminho, mas ao mesmo tempo acolher o que a criança traz.

As crianças precisam ser ouvidas, na verdade, não apenas as crianças. Todos nós precisamos ser ouvidos, como naquele “ditado da vovó” que diz que “nós temos dois ouvidos e uma boca para ouvir mais do que falamos”. Mas, parece que nos calaram tanto quando éramos crianças que, quando adultos, “desatamos a falar” e pouco fazemos o exercício de ouvir. Parafraseando Saint-Exupéry, na obra “O Pequeno Príncipe”, todos os adultos já foram crianças, mas poucos se lembram disso. Precisamos dar importância aos pensamentos e questionamentos das crianças, pois:

Quantas dessas vezes um pedido inteligente de explicações daria oportunidade a uma resposta inteligente, reveladora da vida interior da criança e de sua visão do mundo! Outras vezes terá sido perdida a oportunidade de corrigir um equívoco ou de completar uma informação, transmitindo um conhecimento útil. Procurar compreender a criança é respeitar sua inteligência. (DALLARI; KORCZAK, 1986, p. 33).

Ainda existe uma predominância do pensamento racional da sociedade. Ainda se valoriza questões intelectuais e mentais em detrimento dos sentimentos. Ainda lidamos com separações entre sentimento e razão. Ainda somos uma sociedade adoecida por somatizar uma infinidade de doenças pelo fato de ignorarmos os sentimentos e sua importância. Ainda ouvimos adultos falarem para crianças “engole o choro” pensando que isso é educação.

Quanto comportamentos desviados ganharam força em todas as gerações porque os sentimentos e as emoções foram desrespeitados e ignorados? Diante desses aspectos, os autores abordam o “direito de sentir” apontando que “na criança os sentimentos ainda estão praticamente desvinculados da razão. [...] e se forem sufocados ou violentados isso acarretará dificuldades [...] e poderá criar problemas muito graves para o desenvolvimento de sua personalidade”. (DALLARI; KORCZAK, 1986, p. 35).

O afeto é fundamental na vida do ser humano, principalmente no período da infância, que é um período de formação. São as primeiras comunicações da criança com o mundo que vão definir sua forma de agir e reagir, por isso “impedir uma criança de expandir seus sentimentos, por uma ideia absurda de disciplina ou por pretender que ela encare a vida com seriedade, querendo com isso dizer “racionalmente”, é agredir a natureza da criança” (DALLARI; KORCZAK, 1986, p. 37). Dar e receber afeto é fundamental para o desenvolvimento da criança, além de ser inerente a ela, a criança é por essência afetuosa. A criança tem o direito de gostar do que ela gosta, de ter amigas, e precisa ser respeitada, pois assim ela se torna autêntica e honesta para ser quem ela é plenamente.

É muito comum associar que todas as crianças têm que gostar de movimento, de estar no meio de outras crianças, de fazer barulho e quando alguma criança se apresenta mais quieta, gostando de brincar sozinha, sugere-se que existe algo de errado. E não é bem assim, algumas crianças podem preferir em alguns momentos ficar mais contemplativas, com algum brinquedo ou livro ou desenhando e está tudo bem. O importante é perceber o que deixa a criança feliz e permitir-lhe o espaço de se mostrar, de se expressar.

Outra questão delicada sobre o sentir é o medo. O medo é um sentimento que todo mundo tem, mas todo mundo quer esconder. Culturalmente, os meninos ainda sofrem porque muitos adultos ainda dizem que ter medo “não é coisa de homem”. O medo precisa ser acolhido e compreendido. Precisa de coragem para ter medo. Às vezes, precisa ser compreendido de onde ele veio, se tem relação com um perigo real. Outras vezes o medo apenas existe e pronto, está ali, muitas vezes causa sofrimento que precisa ser enxergado e reconhecido. Existem medos de todas as formas, tem medo que paralisa, tem medo que limita, tem medo disfarçado, tem medo escondido, tem medo do que é novo, tem medo de não conseguir, “por isso o medo sentido pela criança deve ser enfrentado com paciência, compreensão e inteligência” (DALLARI; KORCZAK, 1986, p. 37).

O medo precisa ser aceito, ser olhado e ser ressignificado, não só pelas crianças, mas principalmente pelas pessoas grandes. As crianças sentem raiva, medo, tristeza, alegria, amor e se elas não puderem demonstrar o que sentem com naturalidade, esses sentimentos reprimidos podem causar sérios problemas. É necessário aceitar os sentimentos que surgem, compreendê-los e deixá-los fluir, com a orientação que cabe a cada situação, com o respeito a quem está sentindo e com o respeito a quem está sendo o alvo do sentimento, que pode ser outra pessoa ou situação. É importante acolher o que se sente.

Sendo a criança quem ela realmente é, em sua espontaneidade, também deve exercer seu “direito de querer”. Nesse ponto, ainda encontramos muitas contradições dos adultos, pois,

respeitar o direito de querer, não significa satisfazer todas as vontades da criança. Dizer não também faz parte da educação, desde que seja com respeito e em diálogo com a criança, para que ela possa compreender o porquê daquele não, pois “é preferível que a criança fique sabendo dos motivos da negativa [...] a criança aprenderá que o sim e o não fazem parte do vocabulário usual entre pessoas que se estimam e respeitam” (DALLARI; KORCZAK, 1986, p. 50-51). Vale também ressaltar o apelo midiático pelo qual as crianças são constantemente bombardeadas, com propagandas de produtos da moda que revertem os valores do que realmente importa, como “dar afeto em lugar de presentes, preservando assim o querer livre e autêntico (DALLARI; KORCZAK, 1986, p.48)”.

Algumas vezes, em um contexto de aprendizagem, a criança prefere algo mais fácil de fazer, mas outras vezes ela prefere o desafio, porque gosta de perceber que é capaz, daí a necessidade de estimular a criança com novas experimentações, para que ela queira descobrir novos horizontes, ampliando seu desenvolvimento intelectual. Também é importante que sua dedicação e seus êxitos sejam reconhecidos, pois assim ela vai ficar feliz com sua capacidade. Ela vai querer novas conquistas.

O “direito de querer” também representa um impulso criativo para a criança, sendo um desrespeito o excesso de negativas. Dallari e Korczak (1986) apontam que tem adulto que acha que a criança sempre deve aceitar o não por disciplina, tem adulto que nega para se mostrar superior e tem adulto que anula a criança para que ela seja passiva, mas esses comportamentos destroem a personalidade da criança, pois causarão revolta, dureza ou apatia, tornando um adulto infeliz, com extrema dificuldade em suas relações sociais e que se sente incapaz de realizações.

Como educadora, um dos maiores desafios que enxergo não está em construir uma educação com as crianças, o desafio está em lidar com muitos pais que ainda têm posturas como essas e se sentem detentores da verdade. No espaço escolar, muitas vezes não conseguimos estabelecer um contato direto com os pais, porém, um forte diferencial, que me deixa muito feliz, é que no IPREDE temos essa possibilidade, de interagir com as mães/responsáveis e ao mesmo tempo com as crianças.

Os adultos que reagem negativamente com as crianças, provavelmente passaram por isso em suas histórias ou não tiveram outras referências. Sendo assim, quando temos a oportunidade de compartilhar experiências educativas em conjunto, a mãe com a criança, as mães conseguem ver por outros ângulos de vista, outras formas de abordagem, outras formas de comunicação e percebem por elas mesmas a diferença da situação.

Essas experiências acontecem de forma fluida, durante as atividades de desenhar o que se quer desenhar, ou de ler juntos o livro que a criança quer ler, não se trata de dar uma explicação do que é certo ou errado nem de criticar o comportamento de ninguém, mas se trata de construir juntos novas perspectivas de diálogos e de interações.

Os autores supracitados também trazem uma reflexão sobre o “direito de viver”, o que pode parecer meio óbvio ou redundante, mas eles apontam uma ligação entre “necessidades materiais, psicológicas e espirituais da criança e o desenvolvimento de sua personalidade e de suas potencialidades [...] de suas possibilidades e a liberdade para a criação de seu próprio mundo” (DALLARI; KORCZAK, 1986, p. 53).

A criança pode experimentar, pode cometer erros, alguns dos quais nem são erros, são apenas comportamentos diferentes dos esperados pelos adultos, alguns desses erros, inclusive, podem trazer senso crítico, uma dimensão de responsabilidade e isso pode virar aprendizagem para a criança. Ela pode ampliar suas experiências, pode se expressar, dialogar com quem está a sua volta, tendo disciplina e sendo livre. De acordo com os autores:

Cada ser humano é, por sua natureza, criatura e criador, só realizando plenamente sua humanidade aquele que pode utilizar e utiliza sua força criadora (...) assim também aquele que trabalha com outros elementos, procurando novas formas, novas cores, novas ideias ou novas formas de convivência está, igualmente, trabalhando na criação do mundo. (DALLARI; KORCZAK, 1986, p. 53-54).

Viver consiste em poder falar, pensar e agir livremente, “imprimir sua marca no mundo criado (...) a expressão do pensamento, a comunicação com o outro, o intercâmbio da inteligência e do afeto” (DALLARI; KORCZAK, 1986, p. 57), viver é poder falar o que se pensa, ser honesto e poder confiar nas pessoas, é não precisar fingir para agradar. Na sociedade, ainda existe muita hipocrisia, as crianças presenciam mentiras dos adultos que as repreendem quando contam uma mentira, assim a criança não desenvolve o sentimento de confiança nem de autenticidade. Viver é ser respeitado por ser quem se é.

Concluindo essa reflexão sobre os direitos da criança, os referidos autores apresentam o “direito de sonhar”! Ahhh, este direito de sonhar deveria ser lembrado todo tempo, por todas as pessoas, por toda sua vida, que todos tivessem “o direito de viajar de vez em quando pelo mundo do sobrenatural e de acreditar no impossível. (...) conviver com as criaturas produzidas por sua mente criadora” (DALLARI; KORCZAK, 1986, p.61) e construir seus castelos e seus reinos encantados, sem medos, com suas lógicas, suas cores e suas flores. Você que está lendo essa história: quais são seus sonhos? Você tinha sonhos quando era criança? Quais deles você realizou? Você mudou de ideia sobre algum deles? Você lembrou de algum sonho que tinha esquecido? E hoje, quais são seus sonhos? Para Dallari e Korczak (1986, p.61) “o sobrenatural

da criança é uma região de liberdade, capaz de constante renovação e por isso mesmo é fonte de esperança”.

Quando eu era criança eu gostava muito de brincar de imaginar. Eu imaginava lugares que eu gostava de ir, pessoas que eu queria ver, imaginava situações... eu tinha uma amiga que brincava comigo de imaginar também e a gente ia construindo juntas a ideia daquele sonho construído. Toda criança passa pelo faz-de-conta. Imaginar desenvolve a inteligência e sonhar alimenta o coração, sonhar é preparar a massa para fazer o bolo, pois “o poder de fantasiar corresponde ao desenvolvimento de uma faculdade criadora que será sempre útil à criança” (DALLARI; KORCZAK, 1986, p.62).

O que hoje se reconhece como grandes invenções, um dia foram sonhos, um dia foram chamadas de “impossíveis”. A criança sonha para tornar possível o impossível. A criança sonha para fazer chover colorido. Os adultos também podem e devem cultivar o direito de sonhar, mas muitos acham que “não dá mais tempo”, ou que “sonho é besteira”, ou ainda “sonho é coisa de criança” e o mais triste de todos é o que diz “é impossível”.

Sonhos são projetos. Projetos se realizam. Se nós acreditássemos realmente na nossa capacidade criadora, daríamos muito mais importância aos sonhos e seríamos muito mais felizes com as realizações deles. Quem disse que a gente não pode? A gente pode! Quem disse que a gente não consegue? Às vezes, nós dizemos para nós mesmos que não vamos conseguir... Diga! Diga para você mesmo que você é capaz de realizar o que você quiser! Diga! Diga para as crianças que elas podem sonhar sim! E mais do que sonhar, elas podem realizar! Elas podem realizar sim, porque:

O direito de sonhar, que é a possibilidade de criar sua própria realidade [...] a criança criadora de mundos pode superar as limitações impostas por sua pobreza, pela falta de atenções, pelas deficiências de sua educação escolar e mesmo pelo excesso de inutilidades despejadas sobre sua cabeça com o pretexto de educar. Nos mundos de seus sonhos a criança descobre e cria novas harmonias, inventa seus próprios caminhos, e assim apura a sensibilidade e desenvolve a inteligência. E desse modo ela caminha como pessoa, ao mesmo tempo em que se vai preparando para dar contribuições à humanidade. (DALLARI; KORCZAK, 1986, p. 63).

Este reino encantado chamado IPREDE, um dia foi um sonho, que foi sendo construído por várias mentes, mãos e corações, que hoje cuida de crianças e suas famílias e as convida a construir seus sonhos também. Um reino encantado onde cada um dos profissionais que atende cada uma das crianças e famílias cuida não apenas da sua saúde física, mas toca também seus corações e abre portas para novos caminhos. Posso dizer que o nosso Ateliê é um pedacinho desse sonho que o IPREDE sonhou dali, nós sonhamos daqui e nos encontramos nesse mundo real para mostrar que todos têm o direito de sonhar e de realizar.

Desde os primeiros dias em que cheguei na instituição, senti-me abraçada. Eu já falei aqui que se eu precisasse resumir todo esse trabalho em uma palavra seria: abraço. Abraço é uma palavra muito presente nesse trabalho, pois acredito que o abraço é o nosso “pó de pirlimpimpim”. Diante disso convido você a se preparar para também receber esse abraço e apresento mais uma parte da instituição.

A porta de entrada para as crianças fica numa pracinha, com alguns brinquedos entre as árvores. Passando por aquela porta está o Setor Acolhimento, onde encontramos as recepções e os amigos encantados que cuidam de lá com sorrisos de bom dia e boa tarde, onde estão os telefones, as pranchetas e os prontuários, onde as crianças são chamadas para os atendimentos da pediatria, nutrição, enfermagem, assistência social, mediação, psicomotricidade e atividades do Ateliê.

O IPREDE atende diariamente nos turnos manhã e tarde. Para o atendimento, as crianças são divididas em semana grupo 1 (G1) e semana grupo 2 (G2), sendo atendidas quinzenalmente, sempre no mesmo dia/turno da semana, constituindo 20 grupos de atendimento, cada grupo com uma média de 50 crianças entre 0 e 6 anos, por turno, desta forma cada criança é atendida duas vezes por mês na instituição, conforme quadro 1:

Quadro 1 - Grupos de crianças atendidas

SEMANA 1	G1	G1 segunda-feira manhã (1)	G1 terça-feira Manhã (2)	G1 quarta-feira Manhã (3)	G1 quinta-feira Manhã (4)	G1 sexta-feira Manhã (5)
	G1	G1 segunda-feira Tarde (6)	G1 terça-feira Tarde (7)	G1 quarta-feira Tarde (8)	G1 quinta-feira Tarde (9)	G1 sexta-feira Tarde (10)
SEMANA 2	G2	G2 segunda-feira Manhã (11)	G2 terça-feira Manhã (12)	G2 quarta-feira Manhã (13)	G2 quinta-feira Manhã (14)	G2 sexta-feira Manhã (15)
	G2	G2 segunda-feira Tarde (16)	G2 terça-feira Tarde (17)	G2 quarta-feira Tarde (18)	G2 quinta-feira Tarde (19)	G2 sexta-feira Tarde (20)

Fonte: Elaborada pela autora.

Existe toda uma logística de percurso dos atendimentos, de acordo com o protocolo de atendimento de cada criança. É nesse momento entre a chegada das crianças e a chamada para os atendimentos que as atividades do Ateliê acontecem. Certo dia, ainda nos primeiros dias de trabalho, enquanto eu passava nos corredores do IPREDE com meu figurino colorido e *glitter*

nos olhos, com muito carinho, ouvi a D. Delicadeza dizendo para mim: “Ô menina, você já descobriu? Você já descobriu de que livro de contos-de-fadas você saiu? Essa menina parece que saiu de um livro de contos-de-fadas!”. E na hora, eu pensei... “ahnn... será que eu saí mesmo?... isso parece fazer todo sentido!...”. Sim! Eu acho que saí sim, de um livro de contos-de-fadas! E não... eu ainda não descobri de qual livro eu saí..., mas já me procurei em um monte deles...

Então, eu deduzi que se eu realmente sou uma fada e eu tive a permissão de ir parar no IPREDE, é porque lá, não é apenas uma colcha de retalhos. Essa colcha é na verdade um portal encantado, que tem ligação com os outros reinos. Eu aposto que naquelas plantinhas lá do IPREDE, deve ter uma plantação de feijões mágicos, daqueles feijões que a gente joga no chão e eles abrem um portal, levando a gente de um reino para o outro. O que permite que as fadas como eu, as princesas como a Paixão, as fadas-madrinhas como as professoras Lu e Carol, e todas as pessoas encantadas que trabalham lá, possam coexistir dentro de uma instituição... Claro! O verdadeiro Sr. Gentil, comandante deste castelo, deve ser um mensageiro da luz que veio direcionar esse portal encantado junto com todas aquelas pessoas encantadas e encantadoras que cuidam dessa colcha de retalhos.

Para entender melhor o público envolvido e aquecido por essa colcha de retalhos, vamos pegar uma carona com o *Trenzinho DiPrimeira* e conhecer um pouco mais desse campo colorido chamado primeira infância.

2.1 O Trenzinho DiPrimeira: janelas da primeira infância

Professora Sofia escrevia cartas e mandava entregar por toda a cidade. Agora, depois de ouvir essa história, vamos fazer cartas? Pode ser cartas com palavras ou cartas com desenhos. Vamos fazer o trenzinho do Ateliê e entregar as cartas para os nossos amigos em todos os setores do IPREDE? (Tia Tamtam).

Depois de conhecer um pouco do IPREDE, do Ateliê do IPREDE e entender como pensamos essa pesquisa, não podemos deixar de subir nesse trenzinho e olhar pelas janelas da primeira infância. O Instituto da Primeira Infância tem esse nome por ter se tornado uma referência de estudos e pesquisas em tudo o que se refere a esse período tão especial, denominado Primeira Infância, que apesar de contar com muitos avanços acerca do tema, ainda necessita de uma forte difusão dos assuntos associados aos primeiros anos de vida, por isso, considera-se que:

A Primeira Infância é o período dos primeiros anos de vida da criança, em particular os seis primeiros. É uma fase fundamental para o desenvolvimento emocional, mental e de socialização do ser humano. Diversos estudos demonstram que é durante a primeira infância que se processa a maturação do cérebro e se organizam as funções biológicas, psicológicas e sociais. Segundo especialistas, as crianças nessa fase precisam de estímulos e oportunidades, oriundos do meio em que vivem para que possam desenvolver suas aptidões de acordo com suas capacidades genéticas. Sabe-se que quanto melhores as condições de vida experimentadas nessa fase, maiores serão as probabilidades de que a criança alcance o melhor de seu potencial, tornando-se um adulto produtivo e socialmente equilibrado. (ARAÚJO; BRASIL, 2016. p.9).

Considerando que as crianças do Ateliê do IPREDE estão inseridas em um contexto de vulnerabilidade social, muitas vezes desprovidas do acesso à arte, encontramos nesse projeto um espaço possível de contribuição da arte e da formação estética para essas crianças, pois, além de espaços de fruição com a contação de histórias, elas têm seu espaço de elaboração e criação através dos desenhos, que podem contribuir com o seu desenvolvimento. Diante da especificidade do público, nós precisamos ampliar nossos estudos acerca da primeira infância e talvez alguns de vocês podem estar pensando: mas o que tem de diferente nessa tal de primeira infância? Para ampliarmos nossos olhares, nosso trenzinho da primeira infância vai parar em cinco estações.

Assim, teremos a **primeira estação** mostrando como a infância foi vista por muito tempo e o que não devemos fazer em relação às crianças. A **segunda estação** desse trem traz um paralelo entre uma sociedade ancestral que cuidava da criança com respeito e a sociedade atual que ainda precisa se ajustar para cuidar da criança de forma ideal. Na **terceira estação**, vamos mostrar a importância do vínculo da mãe com a criança em relação a corporeidade, movimentos, ritmo e espaço, para um desenvolvimento saudável. A **quarta estação** mostra a relevância da imaginação e dos processos criativos para criança. A **quinta estação** apresenta o trinômio infância-arte-ciência em diálogos com práticas possíveis que contribuem para o desenvolvimento da criança na primeira infância.

Vamos começar abrindo as janelas na **primeira estação**, considerando que os estudos, as teorias e as práticas acerca do tema “infância” têm se modificado nas diversas áreas de conhecimento. As concepções que partem das áreas da educação, da arte, da sociologia, da psicologia, da saúde já conseguem perceber a criança como sujeito, com sua linguagem, com seu olhar, com suas experiências e com outras necessidades específicas. Porém, nem sempre foi assim e Leal (2004) discute sobre algumas concepções de infância em contexto histórico, sobre como se pensava a infância: existia a ideia de que a criança é um ser incompleto, sem experiência, incapaz de compreender, a criança como ser puro e ingênuo e que se macula com o passar do tempo, a utilização do termo “infantil” como algo de menor valor.

Durante muito tempo, a criança foi percebida como um adulto em miniatura, ou como um projeto de algo que viria a se desenvolver no futuro como ser humano. Como um ser que precisasse ser comportado em um modelo pelos adultos portadores da razão. Esse tipo de pensamento implica a negação da criança em seus sentimentos, em uma experiência que não é considerada, em um processo de ensino mais próximo de condicionamentos e regras de obediência que quando não são alcançados, viram motivo de punição, que por sua vez, gera um problema maior para o desenvolvimento da criança.

Muitos adultos ainda possuem certos vícios de comportamentos em relação às crianças por não verem problema, mas que são altamente prejudiciais, como por exemplo, exibir a criança como se fosse um bonequinho animado que faz gracinha, faz careta, dá beijo, e por outro lado, quando a criança quer mostrar algo ou pede atenção, o adulto ocupado que não quer ser importunado, manda a criança ficar quieta e não atrapalhar, porque não é hora de fazer isso ou aquilo. Esse tipo de atitude fere a criança em sua sensibilidade e impede sua espontaneidade. A primeira infância é o período mais decisivo no desenvolvimento da criança, são os primeiros contatos com o mundo que vão organizando a criança enquanto ser.

Não podemos deixar de considerar que dessa sociedade estimulada para produção, consumo e resultados, surge uma forma de educação distorcida do que seria natural e saudável, criada em um contexto de controle, onde muitas vezes:

[...] o medo, a ilusão, a imposição de hábitos de pensar, são instrumentos usados para impedir a liberdade de pensamento. Esse aprisionamento do espírito às vezes se dá de maneira ostensiva e violenta, mas com frequência é suave e sutil e neste caso talvez seja mais perigoso, porque não é percebido e não desperta reação, adormecendo as resistências (...) a violência contra a liberdade de pensar, a imposição de bloqueios ao pensamento livre mistura-se muitas vezes com a intenção ou pretexto de educar. (DALLARI; KORCZAK, 1986, p.55).

Desta forma, não há um desenvolvimento da criança em suas potencialidades, a criança vai ter dificuldade de pensar por ela mesma, vai se tornar um adulto sem iniciativa, que está sempre esperando alguém mandar fazer algo ou dizer que direção deve seguir. Uma criança sem autonomia será um adulto sem autonomia, sem atitude. Depois esse adulto é cobrado por não saber fazer as coisas, por ser chamado de incompetente, por ter dificuldade de se comunicar, por não conseguir se expressar, daí se torna alguém que se sente incapaz, que não tem conquistas, deprime-se com isso e se torna alguém infeliz.

Muitos de nós crescemos com comandos como “se comporte”, “obedeça, porque se não...”, “não se mexa”, “fica quieto”, “pare com isso”, “pare de rir”, “pare de chorar”, “não tenha raiva”, “não fique triste”, até com “brincadeiras” que fazem a criança ter medo e alguns

adultos ainda continuam reproduzindo essas atitudes porque não conhecem outra forma de agir. A criança precisa de diálogo, de espontaneidade, de interação, pois não é saudável que ela tenha a impressão de que as relações humanas oferecem riscos.

Dallari e Korczak (1986, p. 56) afirmam que “o ambiente de competição material constante eliminou, em grande parte, a capacidade de agir com afeto, a preocupação com a felicidade do outro e o respeito a regras morais”. Da mesma forma, Maturana e Verden-Zoller (2004, p.129) apontam que

[...] na orientação para a produção e a apropriação, vivemos uma vida que desvaloriza a aceitação mútua. De modo inconsciente, ensinamos nossas crianças a não amar, embora o amor seja a convivência nas ações que constituem o outro como um legítimo outro em convivência conosco.

Além de concordarem sobre o aspecto no qual a sociedade com o foco na produção e nos resultados desvirtua as relações, os referidos autores defendem a importância do afeto para o desenvolvimento da criança. Para Dallari e Korczak (1986), a conquista da paz interior e social vem a partir da prática de amar e ser amado, aperfeiçoando a convivência humana, onde a criança desenvolve relações afetivas, com simpatia, lealdade, confiança, expandindo seus sentimentos em um meio de solidariedade. A criança precisa de apoio para descobrir e explorar seu mundo. Ela ri, chora, brinca, pergunta, alegre-se, tem suas lembranças, consegue confiar e duvidar.

Suas lágrimas podem representar inúmeras sensações: de dor, de contrariedade, de queixas, mas significa que algo não está bem e precisa ser validado. Todos os sentimentos são reais e importantes. As crianças crescem rápido, os sentimentos são variáveis, existem desejos e desânimos, não são caprichos nem desculpas, crescer dá trabalho. Crescer incomoda e sentir tantas coisas ao mesmo tempo é confuso. Por tudo isso, os autores recomendam:

Respeito para o tempo que passa, para o dia de hoje! Que soluções a criança saberá inventar amanhã, se hoje não a deixarmos viver uma vida consciente e responsável? Não a tornar escrava do dia seguinte, não apagar seus entusiasmos, não a apressar, não pressionar. (DALLARI; KORCZAK, 1986, p.89).

Diante de tudo isso que acontece com a criança, compreendemos também que muitas vezes é delicado para a mãe administrar tantas coisas. Não podemos falar da primeira infância sem colocar a figura da mãe como personagem fundamental desse cenário, compreendendo que o papel de mãe muitas vezes é realizado por uma tia, uma avó, uma irmã mais velha e isso não importa, o fato é que a criança tem uma ligação direta com quem está no papel de cuidador (a).

Vale também ressaltar a importância da figura paterna, que ainda se apresenta bastante ausente em muitos casos, mas é preciso reconhecer que a imagem de pai vem se reconfigurando

atualmente. Ainda são poucos, mas já conseguimos encontrar pais participativos, atentos que também cuidam da criança em parceria com a mãe, dividindo as tarefas igualmente.

É um desafio se é o primeiro filho, pois tudo é novo e não faltam pessoas para opinar, sugerir, dar dicas, com a melhor das intenções de ajudar, mas que algumas vezes criam situações constrangedoras e contraditórias para a mãe. É um desafio se é o segundo filho, pois além do bebê, ainda precisa dar conta das demandas do mais velho e assim por diante. Se a mãe trabalha fora, o período de licença maternidade entre quatro e seis meses é muito pouco para contemplar a necessidade da criança, a mãe vai recorrer a creches, ou babás, ou alguém para cuidar da criança.

As mães que são atendidas na instituição estão inseridas em um contexto de vulnerabilidade social, de falta das necessidades básicas. As situações e os contextos de maternidade são os mais diversos possíveis, muitas vezes não existem as condições ideais de vida, de segurança, de equilíbrio emocional ou financeiro, mas em qualquer situação, vai existir aquele ser pequenino, em formação, que precisa de um olhar atento e cuidadoso para se desenvolver.

Passando para a **segunda estação**, o nosso trenzinho abre a janela para uma reflexão a partir de Maturana e Verden-Zoller (2004), que abordam o conceito de uma “vida matrística” na qual se recupera a igualdade colaborativa da relação homem-mulher, o contato com a natureza e a convivência em sociedade de forma harmônica.

Para compreender como os aspectos da sociedade interferem na inserção da criança em sua cultura, os autores traçam um panorama apontando as diferenças entre esses povos de “vida matrística” em contraponto à sociedade patriarcal, pois consideram que vivemos em uma cultura patriarcal, baseada em relações de controle, apropriação, domínio e poder, que valoriza a guerra, a competição e a luta, onde se vive na desconfiança, onde querem controlar o mundo natural e as emoções, onde existe hierarquia, obediência, autoridade e submissão, justificando a competição como se a guerra fosse fundamental para a humanidade.

Em contraste a essa realidade, apresentam, a partir de estudos históricos, povos que se caracterizavam por uma cultura matrística, “na qual homens e mulheres podem participar de um modo de vida centrado em uma cooperação não hierárquica” (MATURANA; VERDEN-ZOLLER, 2004, p.25). O conceito de “matrístico” traz a ideia de equilíbrio, em contraponto ao patriarcal que tem o gênero masculino como dominante, como também não é matriarcal, que significa o feminino dominante. A vida matrística é a harmonia e cooperação entre os gêneros, inclusive em relação ao termo maternidade, que pode ser vivenciada pelo homem e pela mulher,

pois ambos têm a plena capacidade de cumprir esse papel de cuidadores que a maternidade sugere.

Há indícios de que eram agricultores e coletores, as vestimentas de homens ou mulheres eram parecidas, não há indícios de posses, pois nos campos não havia divisões, faziam cultos místicos para a figura de uma deusa, mantinham a harmonia entre as fases da lua, as plantas e os animais, vivendo em equilíbrio com o mundo natural, considerando sagradas as atividades diárias, sendo assim, “é crível que as conversações de tal rede fossem de participação, inclusão, colaboração, compreensão, acordo, respeito e co-inspiração” (MATURANA; VERDEN-ZOLLER, 2004, p.42). Nesse equilíbrio da comunidade, as crianças interagiam, cresciam em contato e com respeito à natureza, faziam parte das atividades, eram consideradas em sua essência.

Os autores ainda relacionam aspectos como o emocionar e o conversar, mantendo as relações interpessoais baseadas no acordo, na cooperação e na conspiração, pois apontam que a convivência humana, desde os nossos mais antigos ancestrais, constituiu-se a partir da linguagem, formando o que chamam de redes de conversação. Ao mesmo tempo em que as ações humanas são definidas a partir das emoções sentidas, as relações humanas se construíram do entrelaçamento do languagear com o emocionar.

Sendo assim, o languagear se codifica nas conversas, daí são geradas redes de conversação que, interligadas com as emoções, conduzem todas as atividades humanas. O cuidado com as crianças, a caça, a pesca e a construção de casas são exemplos de classes de conversação. E o emocionar nesse contexto tem uma liberdade natural, as emoções predominantes estavam na esfera da compreensão, do respeito, da gratidão, do ser parte da natureza. Portanto, é uma via de mão dupla, o emocionar implica nas ações do conversar, por sua vez, o conversar implica na dinâmica do emocionar e assim se constroem as ações da vida humana, na qual a criança está inserida.

No contexto histórico, os autores concluem que o surgimento da nossa atual cultura ocidental patriarcal se deu com invasões de povos pastores patriarcais que invadiram, dominaram e destruíram os povos matrísticos, e isso resultou em “uma alteração na configuração do emocionar que constituía o fundamento relacional de uma cultura matrística pré-existente [...] por meio de uma modificação no espaço psíquico em que viviam e se desenvolviam as crianças” (MATURANA; VERDEN-ZOLLER, 2004, p.12-13).

Sendo assim, o emocionar de equilíbrio e harmonia matrístico foi substituído por um emocionar de revolta, autoridade e submissão, decorrente de uma dominação, que gerou novas coordenações de ações, misturadas entre os resquícios matrísticos de sobrevivência e adaptação

ao novo contexto de controle. As novas culturas se formam a partir de um novo emocional que gera novas ações, entrelaçado com as redes de conversação que se constituem a partir dessas ações e tudo isso se conserva na aprendizagem das crianças, que por estarem imersas nessa cultura, irão repassar esses hábitos, criando novos modos de convivência, em uma dinâmica sistêmica.

Ou seja, tanto no campo biológico, psíquico ou emocional, o que se faz com as crianças fica registrado nelas, multiplica-se, reproduz-se e passa a compor as relações sociais, as regras de convívio, formando sua cultura, pois ao mesmo tempo em que a criança se situa em um contexto cultural, ela também é produtora dessa cultura que vai passar de geração em geração.

Vamos contextualizar aqui o que os referidos autores apontam como aspecto cultural do ocidente, que separa corpo e mente, corpo e alma, corpo e espírito e que dessa fragmentação resultam muitos dos nossos comportamentos, inclusive a desvalorização da nossa corporeidade, a ilusão de que o homem deve controlar a natureza, o que nos trouxe muitos prejuízos ecológicos, incluindo a ameaça da nossa existência como seres humanos. Nós existimos na transição entre razão e emoção e essa visão fragmentada resulta no afastamento de nossa essência, em adoecimentos físicos e sociais.

O foco na produção, na apropriação e nos resultados tão presentes na sociedade atual, nos desviam do momento presente, pois nos mantemos concentrados no que virá depois. Isso nos desconecta de nós mesmos, conseqüentemente, desvirtua as relações humanas, pois surge o propósito de controlar o outro, trazendo insensibilidade e negação em relação a esse outro, acarretando uma falta de confiança nos processos naturais da existência humana.

Nesse contexto de competições, o emocional fica desvirtuado, e são geradas emoções de medo, de insegurança, de rivalidade que nos adoecem. Desta forma, “não vemos que não é o controle e sim a compreensão que proporciona harmonia ao viver, encanto à coexistência e liberdade criativa às nossas relações com a natureza” (MATURANA; VERDE-ZÖLLER, 2004, p.128).

Em consequência dessa fragmentação entre corpo e espírito, aliada à insensibilidade e à falta de confiança, desvaloriza-se a importância dos processos naturais para o desenvolvimento da criança, como o ritmo e equilíbrio corporal, a percepção dos signos elementares e espaços a partir da relação materno-infantil, que apesar de serem fundamentais, são deixados de lado na sociedade de hoje. Sendo assim, “não percebemos a participação natural das interações corporais da criança em crescimento na constituição de sua consciência individual e social” (MATURANA; VERDE-ZÖLLER, 2004, p.129).

Por isso se torna tão prejudicial essa ideia de separar corpo e espírito, porque cada um de nós é uma unidade. Se eu não me reconheço corporalmente, eu não reconheço o outro, mas a vida em sociedade necessita da aceitação mútua como algo natural. Contraditoriamente, as relações atuais pedem sempre uma justificativa de interesses e segundo os autores,

Nos limitam em relação às nossas emoções e não permitem que aceitemos a nós mesmos e aos outros, na simples legitimidade do mero ser. Em geral, não vivemos a vida no presente e sim no futuro, em relação ao que queremos, ou no passado em relação ao que perdemos. Somos somente desejos e expectativas insatisfeitos ou queixas e frustrações eternas. (MATURANA; VERDE-ZÖLLER, 2004, p.130).

E as crianças e suas ações serão reflexo do que elas vivem, do que elas experimentam, do que elas presenciam, da cultura na qual elas estão inseridas, sendo agentes e reagindo ao que lhe é proposto. Do ponto de vista sistêmico, a nossa cultura ocidental atual foi construída em um pilar de dicotomia com traços matrísticos, que de uma forma sutil conseguem escapar em algumas relações mãe-filho, mas que foram escondidos por traços de uma dominação que invertem os valores de equilíbrio e harmonia por relações de autoridade e de submissão, permeando a construção da imagem das figuras maternas e paternas.

Essa dicotomia subjetiva interfere no desenvolvimento fisiológico e psíquico da criança, por isso é extremamente importante o resgate dos comportamentos matrísticos para que a criança possa desfrutar de um convívio e de um contato com a mãe (ou pai, ou avó, ou cuidador) onde ela possa se reconhecer em um espaço de confiança e de respeito por si mesma e pelo outro, para que seja construída sua identidade individual e social.

Não é saudável viver dentro dessas “conversações de luta entre o bem e o mal, o homem e a mulher, a razão e a emoção, desejos contraditórios, matéria e espírito, valores, humanidade e natureza...entre ambição e responsabilidade, aparência e essência” (MATURANA; VERDE-ZÖLLER, 2004, p.84), porque esse “mundo real” nos distancia da nossa essência, por isso existem tantas pessoas com a sensação de falta de pertencimento, por isso as pessoas adoecem “sem motivo”, por isso aparecem tantas doenças emocionais, por isso existem tantas coisas que a ciência não explica, porque são sintomas subjetivos. E as nossas crianças estão crescendo nesse “mundo real cinza e nublado”.

Na busca por outros caminhos, seguimos para a **terceira estação** do nosso trem da infância. Essa janela é grande! Precisamos pensar o tempo todo no que realmente importa. Ser essência importa! Mudar a realidade importa! Reconstruir a cultura importa! Resgatar o amor importa! Nossa fisiologia de ser humano depende do amor, a coexistência “surge em nós somente na epigênese humana na biologia do amor (...) na validação operacional da auto-aceitação e na aceitação do outro (...) temos a capacidade de viver no amor se nele crescemos;

e nele precisamos viver para ter saúde espiritual e fisiológica” (MATURANA; VERDE-ZÖLLER, 2004, p.134). E a primeira sensação da criança, quando ela começa a se constituir ainda dentro da barriga, e depois, na hora que ela nasce, no primeiro contato que ela tem com o mundo, é de amor e de acolhida. Infelizmente, sabemos que não é assim em algumas situações... Muitas vezes nos tornamos contraditórios porque:

Crescemos imersos nessas conversações contraditórias, vivemos desgarrados pelo desejo de conservar nossa infância matrística e satisfazer os deveres de nossa vida adulta patriarcal. E por isso precisamos de terapias para recuperar nossa saúde psíquica e espiritual, mediante o resgate do respeito por nosso corpo e emoções na harmonização, como se diz, de nossos lados masculino e feminino. (MATURANA; VERDE-ZÖLLER, 2004, p.84).

Estamos aqui conversando sobre a primeira infância, mas como pensar nas crianças sem pensar no contexto no qual elas estão inseridas? O grande desafio de uma mudança é primeiramente a percepção de que algo precisa mudar. Em seguida, é necessária a disposição e o impulso para mudar. Também aparecem impedimentos no meio do caminho que dificultam o processo de mudança, existem resistências devido a alguns hábitos que já estão postos.

Como proporcionar essa mudança em um contexto de ausências, de carências, de necessidades materiais, em que a pobreza e a vulnerabilidade social sufocam a realidade dessas famílias? Daí a importância de proporcionar novas experiências de afeto, de escuta, considerando a família aliada à criança, pois a criança precisa de interação, precisa de troca, dentro daquele possível, daquela realidade desafiadora.

Se a criança compartilha uma experiência nova para uma família que não está em sintonia com ela, a resposta da família vem com um impacto negativo, é aquela “banheira de água fria” para a criança. Vai gerar um desconforto, uma falta de confiança, e a criança se retrai. Na medida em que resgatamos essa relação matrística do contato corporal entre a mãe e a criança, do contato de respeito com a natureza, da relação com a criança de respeito e espontaneidade, damos início a uma mudança.

O contato corporal da criança com a mãe contribui diretamente para o desenvolvimento da criança em aspectos fisiológicos, emocionais, cognitivos e sociais. Mais uma vez, leia “mãe” como a pessoa que está diretamente em contato com a criança, que pode ser o pai, a tia, a avó, quem estiver cuidando da criança. O mais importante nesse contato é o sentimento e a intenção de presença da mãe em relação à criança, a mãe precisa estar atenta ao ato de estar junto, é esse momento que importa, o que acontece dentro desse encontro é o que importa. É nesse contato corporal que a criança identifica e reconhece seu corpo, reconhece no corpo da mãe o outro Eu, e assim, constrói a consciência de si mesma e a aceitação mútua mãe-

criança, e desta forma, a criança vai percebendo a dinâmica social da sua identidade cultural em convivência com outros seres humanos.

Nessa perspectiva, os estudos de Montagner (2010) afirmam que o estímulo sensorial da criança vai desenvolver capacidades fundamentais para o aprendizado: fixar o olhar, a interação a partir do contato, a vontade de tocar nos objetos e a capacidade de imitação. Quando a mãe olha o bebê nos olhos, contribui para compreender melhor a fala e as emoções. Se um bebê chora, é preciso tocá-lo, reconhecer seus sinais.

Por outro lado, se a criança não for tocada, não for ouvida, torna-se sem curiosidade, se a criança passa por repressões ou controles, ou por “interações que negam ou rechaçam sua corporeidade, interfere-se tanto no desenvolvimento de sua consciência corporal quanto no desenvolvimento de sua autoconsciência e auto-aceitação” (MATURANA; VERDE-ZÖLLER, 2004, p.138), e desse modo, ela cresce com um “ser sem corpo”, a criança não se percebe como um Eu integral, nem como ser social em respeito ao outro, vira um ser automatizado, “torna-se agressiva, destrutiva, que se assusta à toa (...) sem essa formação, a criança pode perder a coordenação, o ritmo” (MONTAGNER, 2010).

Ela precisa desse estímulo de querer pegar nos objetos, para ter o desejo de conhecer tudo sem medo. Nós somos o nosso corpo, tudo que passa por ele interfere, deixa marcas, influencia no que fazemos, por isso é fundamental o respeito à dinâmica corporal que nos constitui. Esse é um processo sensorial natural.

Assim como o brincar é inerente ao desenvolvimento da criança, o brincar em si mesmo é o momento presente no qual a criança está inteiramente envolvida. Muitas vezes perdemos a espontaneidade de simplesmente estar ali, contemplando um momento, em contato com o outro, percebendo um encontro, porque nossas mentes estão sempre ocupadas pensando no que precisa ser feito depois, ou em um lamento pelo que já passou. E o momento passa. “O bebê encontra sua mãe na brincadeira antes de começar a viver na linguagem. Todavia, a mãe humana pode encontrar o bebê na linguagem e no brincar” (MATURANA; VERDE-ZÖLLER, 2004, p.146), mas se esses encontros não acontecem, se a criança não tem esses estímulos, podem aparecer alterações fisiológicas ou psíquicas na criança, “uma criança com medo de aproximação é incapaz de desenvolver a autoestima, não confia em si mesma” (MONTAGNER, 2010).

Nosso corpo tem um ritmo próprio e o bebê durante a gestação está com o seu ritmo em contato com o ritmo da mãe, com a respiração, batimentos cardíacos e muitos outros movimentos. Os ritmos contidos em cantar, em ninar, em contar histórias, são parte da nossa essência, são experiências que as mães também trazem de suas infâncias, desta forma:

[...] o processo epigenético inicial mais importante para o desenvolvimento da consciência humana ocorre na musicalidade elementar dos ritmos corporais vibratórios e sonoros da relação materno-infantil, enquanto a mãe dá de mamar, acaricia, embala, fala, acalanta e balança o berço do recém-nascido. (MATURANA; VERDE-ZÖLLER, 2004, p.151).

Mais um ponto importante para o desenvolvimento da criança se dá na descoberta do seu equilíbrio corporal, em movimentos de balanço, na simetria de movimentos, principalmente em brincadeiras nas quais as crianças estejam buscando esse equilíbrio a partir de interações em contato direto com o corpo da mãe, pois “estão completamente concentradas e em total aceitação mental e corporal. E o fazem sem se distrair com nada, e sem prestar atenção a outra coisa que não seja o seu ‘ato’” (MATURANA; VERDE-ZÖLLER, 2004, p.155).

Esse momento de encontro para a criança é a plenitude da descoberta porque ela se sente segura e capaz, da mesma forma que para a mãe é um momento de ser e estar presente, ali se reafirma um vínculo com sensibilidade e amorosidade. A criança também vai aprender pela capacidade de imitação e esse movimento em conjunto com a mãe vai favorecer, pois a criança vai ter a “condição de incorporar o repertório de outras pessoas, de entender e repetir o que se aprende” (MONTAGNER, 2010).

Quando temos a consciência da nossa corporeidade, conquistamos outros pontos de vista. A maioria das pessoas não conhece o próprio corpo porque é uma das dimensões omitidas por nossa sociedade. Poucas pessoas praticam esporte ou atividades físicas, que entram nas prescrições médicas como requisitos para uma vida saudável, poucas pessoas fazem yoga ou teatro ou dança ou outra prática que lhe permita um contato maior com seu próprio corpo. Poucas pessoas sabem o que seu corpo é capaz de fazer, poucas pessoas se permitem experimentar.

Quer ver? Vamos fazer um simples teste: procure um balanço, pode ser uma rede na sua casa. Procure armá-la mais alta, de modo que quando você sentar na rede mantendo-a apenas no seu quadril, consiga deitar de costas ficando de cabeça para baixo, segurando a rede com as mãos ao lado de seu corpo. Se você estiver de cabeça para baixo e eu disser “levante o pé esquerdo”, provavelmente você vai pensar por cinco segundos antes de levantar o pé, correndo o risco de levantar o pé direito. Isso acontece porque a maioria das pessoas não percebe o próprio corpo, e qualquer movimento um pouco diferente dos habituais, altera a percepção. Quando a mãe se permite estar em movimento com seu filho, revisitando movimentos de caminhar, de subir, de saltar, de abaixar, de ficar de pé, ou de cabeça para baixo, ela se dá conta que isso expande a consciência da criança, pois:

[...] a criança tece o seu mundo como domínio de existência, à medida que liga uma forma de movimento a outra [...] só quando uma criança conhece de modo operacional sua cabeça, pés, braços, ventre e costas, como seu próprio corpo em movimento, é que ela pode conhecer o acima, o abaixo, os lados, o em frente e o atrás como características do mundo em que vive. (MATURANA; VERDE-ZÖLLER, 2004, p.158-159).

Existem alguns movimentos espontâneos que a criança faz quando está começando a se perceber em sua coordenação sensório-motora: ela começa a caminhar em direções como se desenhasse no espaço linhas retas, círculos, espirais, quadrados, saltos. Da mesma forma que se movimenta no espaço, a criança também começa a desenhar no papel os mesmos traços, que os autores chamam de signos elementares.

Em relação ao reconhecimento do espaço, as crianças se movimentam traçando caminhos, cantando, percebendo seus ritmos, e “por meio do ritmo, constroem o tempo. A extensão temporal do caminho seguido por elas é uma ideia, uma abstração de seus movimentos corporais no domínio dos seus ritmos” (MATURANA; VERDE-ZÖLLER, 2004, p.163).

Sendo assim, é nesse período da primeira infância, antes de viver na linguagem, que ao tocar, ao se equilibrar, ao se movimentar, a criança vai construindo o seu desenvolvimento, vai se compreendendo no espaço, vai ampliando seu olhar e sua imaginação de forma espacial e temporal, ao mesmo tempo em que vai compreendendo o movimento das relações sociais, vai começando a fazer perguntas, questionamentos e reflexões.

E quanto mais contato corporal, contato com a natureza, presença e acolhida por parte da mãe a criança tiver durante essas experiências, quanto mais a mãe dançar, cantar, movimentar e imaginar com a criança, melhor fluirá o seu desenvolvimento. São encontros como esses que vêm da história evolutiva da espécie humana, em relação ao meio em que vivem, que resgatam os antigos e naturais hábitos de nossa ancestralidade matrística que ficou omitida nos tempos atuais.

As mães que participam dessas experiências também despertam memórias, ampliam sua consciência, compreendem seu papel no crescimento dos filhos e crescem junto com eles com respeito, autonomia, confiança e liberdade mútuos. De forma amorosa, constroem-se responsabilidade pessoal e social naturalmente. Quando essas vivências são compartilhadas em atividades que a instituição promove pelo Ateliê ou por outros setores da instituição, para algumas mães é completamente novo, e algumas ficam um pouco tímidas, soltam aquele sorriso nervoso, mas quando se permitem participar, há uma conquista, uma entrega, elas são atravessadas afetivamente, sensorialmente e elas levam a experiência para casa, elas passam a brincar com os filhos em casa. É muito gratificante ouvir seus relatos embalados em um sorriso.

Um dos atendimentos do IPREDE, a Sala de Mediação, iniciado em 2007 neste formato, está baseado em princípios muito próximos a esses apresentados anteriormente, a partir do Programa Internacional de Desenvolvimento da Criança (ICDP), fundado pelo professor Karsten Hundeide (da Universidade de Oslo) em 1992, junto os pesquisadores e profissionais Nicoletta Armstrong e Markus Hoff Berge. Sobre este programa:

[...] desde 2011, Nicoletta Armstrong é a atual presidente, quando estabeleceu uma cooperação com a UNICEF e foi pioneira do ICDP em projetos de grande escala na América Latina, principalmente na Colômbia. No Brasil, temos a experiência em Santo Ângelo, no Rio Grande do Sul; no Instituto da Primeira Infância – IPREDE, Ceará, intervenção institucional de enriquecimento do vínculo entre mãe e filho e Pernambuco. (MENESCAL *Et al.*, 2016, p.68).

A Sala de Mediação tem esse nome devido à referência aos autores Jean Piaget, Lev Semionovitch Vygostky, Reuven Feuerstein e Karsten Hundeide, grandes estudiosos do tema e assuntos relacionados à infância. Os profissionais atuantes nesse setor no IPREDE são: psicólogo, terapeuta ocupacional, fisioterapeuta e fonoaudiólogo. Passaram por treinamentos para aplicar o método do programa e aqui são chamados de mediadores do desenvolvimento infantil e “após esse treinamento, a intervenção de enriquecimento do vínculo mãe/filho mudou seu foco do desenvolvimento neuropsicomotor para o vínculo entre a mãe/cuidadora e a criança” (MENESCAL *et al.*, 2016, p.72).

A intervenção acontece com uma acolhida em roda de conversa, em seguida uma atividade lúdica proposta pelo mediador para as mães com as crianças, finalizando com uma despedida e algumas orientações. Em sua maioria são famílias em vulnerabilidade social, com aspectos cotidianos que tendem a enfraquecer o vínculo, como situações de violência, pobreza, fragilidade emocional dos cuidadores e o desafio está em possibilitar a essas famílias espaços de interação, de novas experiências, orientações, para que eles possam construir novos sentidos em suas vidas. Apesar dessas famílias terem um cotidiano desafiador, o acolhimento da instituição promove um espaço de escuta e de prática a partir das intervenções que possibilitam a essas famílias um respirar com novas atitudes. As atividades têm princípios norteadores a partir de diálogos:

No Diálogo Expressivo emocional temos quatro princípios: 1) Demonstra sentimentos positivos, amorosidade pelo filho; 2) Segue a iniciativa da criança; 3) Estabelece um diálogo com as pessoas; 4) Elogia e confirma aquilo que a criança faz bem. No Diálogo Expansivo Compreensivo temos: 5) Ajudar a criança a focar sua atenção; 6) Dá significado às experiências vividas pela criança; 7) Expandir e enriquecer as experiências da criança. E o Diálogo Regulador: 8) Regular e guiar as ações e projetos da criança. Definir limites para o permitido, de forma positiva. Dá alternativa para as ações da criança. (MENESCAL *et al.*, 2016, p.70).

Inspirados por essas atitudes, os cuidadores vão restabelecendo e fortalecendo o vínculo com a criança de forma leve e natural. Cada díade se encontra na sua experiência, não existe o jeito certo de agir, existem possibilidades de encontros e partilhas. Os mediadores apenas facilitam esses encontros, mas são experiências que eles podem vivenciar em casa. Continuando nosso caminho, seguimos para a próxima estação.

Chegamos à **quarta estação** com nosso trezinho para conversar sobre a importância dos processos de criação e imaginação durante a primeira infância. Já falamos algumas vezes por aqui que a criança é um ser ativo, agente e precisa ser considerada como tal. A partir da antropologia da criança, Cohn explica que “começou-se a perceber na criança um *sujeito social*” (COHN, 2005. p. 11), de modo que se compreende a criança como produtora de cultura. A autora afirma:

Os significados elaborados pelas crianças são qualitativamente diferentes dos adultos, sem por isso serem menos elaborados ou errôneos e parciais. Elas não entendem menos, mas como afirma, explicitam o que os adultos também sabem, mas não expressam. [...] Crianças não são apenas produzidas pelas culturas, mas também produtoras de cultura. Elas elaboram sentidos para o mundo e suas experiências. (COHN, 2005, p. 34-35).

Refletindo sobre criança e infância, precisamos compreender os fatores que são implicados em cada contexto sociocultural. As pesquisas com crianças mostram que essas podem ter autonomia para apresentar sua leitura de mundo a partir das suas vivências e das suas experiências, até mesmo nesse contexto de vulnerabilidade social é possível promover espaços diferenciados para criar outras realidades.

Esses espaços precisam despertar o interesse na criança, pois, para Vygotsky (2001, p. 111), o interesse da criança é a mola propulsora para o aprendizado, “é a indicação de que a atividade de uma criança coincide com as suas necessidades orgânicas”. Além disso, o processo de mediação do adulto em relação à criança é de um facilitador, a criança vai agindo por ela mesma e assim vai se apropriando da cultura na qual se encontra.

Smolka (2009) reforça o conceito do potencial transformador da atividade criadora que permite ao homem criar condições de existência, daí a importância de estimular o interesse das crianças em relação ao seu potencial criador, pois é nesse período da primeira infância em que a base do desenvolvimento se forma, “na verdade, a imaginação, base de toda atividade criadora, manifesta-se, sem dúvida, em todos os campos da vida cultural, tornando-se também possível a criação artística, a científica e a técnica” (VYGOTSKY, 2009, p. 14).

É no brincar que a imaginação e a criação para a criança se interligam à sua formação, o faz-de-conta tem um papel fundamental de construção e elaboração de sentidos para que ela possa constituir sua visão de mundo, pois:

A brincadeira da criança não é uma simples recordação do que vivenciou, mas uma reelaboração criativa de impressões vivenciadas. É uma combinação dessas impressões e, baseada nelas, a construção de uma realidade nova que responde às aspirações e aos anseios da criança. Assim como na brincadeira, o ímpeto da criança para criar é a imaginação em atividade. (VYGOTSKY, 2009, p. 17).

Para Vygotsky (2009), a imaginação é uma função vital necessária que pode surgir de quatro formas: a partir de elementos da realidade e de experiências pelas quais a pessoa já passou, com a experiência entre fantasia e realidade, a partir da linguagem, como efeito de uma narrativa contada por alguém, pode ser criada a partir de emoções, ou pode ser algo totalmente novo. Considerando qualquer das situações citadas acima, confirmamos a importância de promover experiências para as crianças construírem um repertório de possibilidades.

Experiência, imaginação, emoções e linguagem se misturam o tempo todo, não há uma linearidade onde uma é causa e a outra é consequência. A experiência pode gerar a imaginação, pode gerar a emoção e transbordar na linguagem. A imaginação pode gerar uma emoção e a emoção pode gerar uma imaginação e essa mistura se transforma em experiência ou em linguagem, é o “círculo completo descrito pela imaginação que os dois fatores – intelectual e emocional – revelam-se igualmente necessários para o ato de criação. Tanto o sentimento quanto o pensamento movem a criação humana” (VYGOTSKY, 2009, p.30).

Nós somos um todo. Somos o que sentimos, somos o que falamos, somos o que pensamos. E a criança sente tudo isso ao mesmo tempo, percebe e constrói seus sentidos, desde que lhe seja permitido ser espontânea e expressar o que está vivenciando. O que provoca a criação é a não adaptação a algo. Se não existem desafios, existe um certo equilíbrio e o que está equilibrado pode não fazer movimentos. O estímulo da criação vem quando aparecem anseios, desejos ou necessidades, “o homem cria suas próprias condições de existência, podemos pensar na criação de novas condições de possibilidades que se abrem constantemente, num movimento contraditório e infindável de transformações” (SMOLKA, 2009, p.40). Muitas vezes, as crianças enxergam o que os outros não viram.

Assim, chegamos na **quinta estação** do nosso trenzinho para dialogar sobre infância, arte e ciência. Apesar de nos situarmos em uma instituição não escolar, somos norteados por princípios pedagógicos e consideramos a formação da criança de maneira integrada. Sendo assim, consideramos importante elencar alguns pontos no âmbito da educação que estão

direcionados à primeira infância, como uma maneira de refletir sobre as atividades propostas para as crianças aqui apresentadas em relação à possibilidade de contemplar o que é proposto pelos documentos educacionais, apesar de estarmos em um espaço de educação não formal, onde “se aprende ‘no mundo da vida’, via processos de compartilhamento de experiências, principalmente em espaços e ações coletivos cotidianas” (GOHN, 2016, p.60).

As autoras Gobbi e Pinazza (2014) apresentam um estudo no qual apontam trechos de diversos documentos elaborados pelo Ministério da Educação (MEC) com diretrizes pedagógicas relacionadas à educação infantil, desde a década de 90 e início dos anos 2000, ou seja, entre 20 e 30 anos de leis formalizadas e na prática ainda encontramos uma realidade tão diferente. Neste sentido, observamos que apesar dos documentos trazerem propostas pedagógicas que visam a autonomia da criança, ampliação de experiências culturais, princípios estéticos, linguagens artísticas como fundamentais para o desenvolvimento integral da criança, o contexto escolar atual ainda não consegue realizar essas propostas de forma satisfatória.

Por outro lado, nós estamos em uma instituição não escolar, que não é regida pelas diretrizes desses documentos, mas que de alguma forma, consegue contemplar as propostas dos mesmos com as atividades que promove, pois com o Ateliê “possibilitamos de forma direta, ou indiretamente, a promoção da educação não formal, viabilizando o acesso das crianças atendidas à arte, à cultura e ao lúdico, por meio de saberes, experiências e vivências pensadas e planejadas” (GOLDBERG; PEREIRA JR.; LARRIPA, 2020, p. 215).

De acordo com a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), a organização da Educação Infantil se estrutura em cinco campos de experiência, dentre eles, apresentamos o que dialoga com as expressões artísticas:

Traços, sons, cores e formas – Conviver com diferentes manifestações artísticas, culturais e científicas, locais e universais, no cotidiano da instituição escolar, possibilita às crianças, por meio de experiências diversificadas, vivenciar diversas formas de expressão e linguagens, como as artes visuais (pintura, modelagem, colagem, fotografia etc.), a música, o teatro, a dança e o audiovisual, entre outras. Com base nessas experiências, elas se expressam por várias linguagens, criando suas próprias produções artísticas ou culturais, exercitando a autoria (coletiva e individual) com sons, traços, gestos, danças, mímicas, encenações, canções, desenhos, modelagens, manipulação de diversos materiais e de recursos tecnológicos. (BRASIL, 2018, p. 41).

Desta forma, compreende-se que “essas experiências contribuem para que, desde muito pequenas, as crianças desenvolvam senso estético e crítico, o conhecimento de si mesmas, dos outros e da realidade que as cerca” (BRASIL, 2018, p. 41). Nas Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (DCNEI), a educação infantil é a “primeira etapa da

educação básica, oferecida em creches e pré-escolas [...] que constituem estabelecimentos educacionais públicos ou privados que educam e cuidam de crianças de 0 a 5 anos de idade” (BRASIL, MEC/SEB, 2010, p.12) e apresenta a concepção de criança como:

Sujeito histórico e de direitos que, nas interações, relações e práticas cotidianas que vivencia, constrói sua identidade pessoal e coletiva, brinca, imagina, fantasia, deseja, aprende, observa, experimenta, narra, questiona e constrói sentidos sobre a natureza e a sociedade, produzindo cultura. (BRASIL, MEC/SEB, 2010, p.12).

Neste sentido, o referido documento também aponta que as propostas pedagógicas para a educação infantil devem seguir “os princípios estéticos: da sensibilidade, da criatividade, da ludicidade da qualidade e da diversidade de manifestações artísticas e culturais” (BRASIL, MEC/SEB, 2010, p.16). E orienta que as práticas pedagógicas:

Favoreçam a imersão das crianças nas diferentes linguagens e o progressivo domínio por elas de vários gêneros e formas de expressão gestual, verbal, plástica, dramática e musical; promovam o relacionamento e a interação das crianças com diversificadas manifestações de música, artes plásticas e gráficas, cinema, fotografia, dança, teatro, poesia e literatura. (BRASIL, MEC/SEB, 2010, p.12).

Desta forma, compreendemos como essas vivências com música, modelagem, desenho, histórias, danças são estímulos sensoriais, corporais, espaciais que estão provocando ações e reações formativas na criança. O contato que as crianças têm com vivências dessa natureza acontecem de forma mais sistemática na instituição do que nas próprias escolas. O espaço de educação não formal é:

[...] um espaço concreto de formação com a aprendizagem de saberes para a vida em coletivos [...] de ordem subjetiva, relativa ao plano emocional e cognitivo das pessoas, como aprendizagem de habilidades corporais, técnicas, manuais etc., que os capacitam para o desenvolvimento de uma atividade de criação. (GOHN, 2009, p. 32-33).

Sendo assim, para além do contexto educacional, podemos encontrar alguns pontos de convergência entre fontes diversas que discutem sobre o desenvolvimento da criança durante a primeira infância. Dentre os autores citados nós temos pediatras, psiquiatra infantil, biólogo, psicólogos, pedagogos, socióloga, antropóloga, artistas e educadores que abordam as mesmas questões e enfatizam os mesmos aspectos como fundamentais para o desenvolvimento integral da criança, principalmente no período da primeira infância.

Dentre os aspectos estão: a criança ser considerada com respeito, como sujeito ativo e agente, com suas experiências e produtora de cultura; a importância do reconhecimento, aceitação e expressão das emoções da criança; a importância dos estímulos sensoriais, a valorização de sua corporeidade, o contato corporal com a mãe e o vínculo afetivo; o contato

com a natureza, o contato com as linguagens artísticas e a necessidade de experiências estéticas e culturais, para que a criança se reconheça como ser individual e social e que seja considerado um desenvolvimento integral da criança.

Desta forma, as autoras propõem o trinômio infância-arte-ciência e discutem sobre a busca das linguagens infantis que permitam uma educação integral, privilegiando as experiências das crianças, que sejam práticas mais sensíveis, contrárias à transmissão de conteúdos e explicam:

A tríade infância-arte-ciência constitui-se como grande desafio à compreensão, resultando do desejo por conhecer crianças e seus processos criadores para além de resultados escolarizados daquilo que projetam, inventam e nos mostram em tantas e diferentes formas, e que permitem e instigam a enfrentar estados caóticos ou ordenados da vida e extrair desta muitos sentidos. (PINAZZA; GOBBI, 2014. p.22).

Mais um ponto de convergência com o que já foi visto na segunda estação do nosso trenzinho, sobre os aspectos da vida matrística, as autoras trazem a pedagogia da infância de Friedrich Fröbel que compreende “a criança como ser criativo e a educação pela autoatividade, pautada na espontaneidade (...) e o conhecimento é um processo de conexão que engloba sentimentos, percepção e pensamento”, conforme indicado por Pinazza e Gobbi (2014, p. 23). As autoras explicam que Fröbel também defende a valorização do momento presente e não um estado de preparação para o futuro, ressalta a importância de usar as mãos de forma plástica, alia a música, o poema, os movimentos e as brincadeiras para uma real integração da aprendizagem.

Com a percepção de que a criança pode criar e recriar, compreendemos a tríade infância-arte-ciência como “possibilidade de elaboração de modos de ver e compreender o que as crianças fazem e expressam (...) evidenciam lógicas próprias e coexistentes das crianças, rompendo até mesmo com uma concepção linear do tempo” (PINAZZA; GOBBI, 2014, p. 32). Eu ampliaria essa frase dizendo que se rompe também com uma concepção linear do espaço, porque quando criamos outros espaços possíveis de experiências, como as atividades do Ateliê no espaço do IPREDE, as crianças saltam em aprendizagem. Não apenas as crianças, mas nós também aprendemos muito com elas, sem esquecer dos pais que também aprendem com elas.

Durante muito tempo, foi construída uma falsa ideia de que só se aprende na escola, ou de que só o que se aprende na escola é realmente importante. Isso é questionável, principalmente quando vemos uma distorção do espaço escolar que joga conteúdo nas crianças como quem atira pedras, quando vemos na educação infantil uma necessidade de inserir a alfabetização a qualquer preço.

Muitas vezes, a criança ainda não se experimentou em outras esferas, talvez até facilitadoras para adquirir a linguagem escrita, mas é imposto que ela aprenda a ler naquele momento, e às vezes isso é tão forçado e ao mesmo tempo maquiado, que mesmo antes da criança ter se apropriado das letras, ela é empurrada para o próximo “estágio de aprendizado”, quando são desconsiderados outros aspectos importantes. Por isso, atividades como “desenhar, pintar, dançar são para as crianças, como para os artistas, possibilidades de descobrir, conhecer e aproximar-se, são exercícios de vida nos quais estão contidas a arte e a ciência, podendo ser compreendidas quase numa única palavra: arteciência” (PINAZZA; GOBBI, 2014. p.35).

A educação do sensível, as experiências sensoriais, as linguagens artísticas, as experiências estéticas são transformadoras porque elas podem educar o corpo, elas podem atingir as emoções, elas transformam o olhar, os desejos e a imaginação.

Hoje não podemos ter a dimensão das criações que surgirão amanhã. Nem sabemos como vai ser amanhã...o presente é o único momento que temos realmente. O passado já passou e o futuro só vai acontecer quando ele se tornar presente. Por isso, para a criança, o agora importa muito. Para nós adultos, também. A arte é uma das formas que nos conecta com esse agora. No agora, o pensamento ganha mais força, o raciocínio flui melhor, a consciência está ativa, facilitando o processo de criação, por isso:

O físico e crítico de arte Mário Schenberg (1987) observa que o conhecimento científico deve ser proporcionado pelo desimpedimento da imaginação artística e/ou pela fantasia (...) o pensar criativo rompe fronteiras, a imaginação fantástica pode tornar-se guia para a ação, sendo tão ou mais eficaz que o simples raciocínio lógico. (PINAZZA; GOBBI, 2014. p.35).

Nós somos seres multidimensionais. Nós somos o que pensamos, o que fazemos, o que criamos. Não cabemos no simples raciocínio lógico. Ele é uma das dimensões que nós temos, que precisa ser estimulado, organizado, reconhecido. Mas não é a única forma de saber. Nós somos emoções, somos relacionais, somos raciocínio, somos espírito e se uma dessas dimensões estiver desorganizada, as outras também se afetam, ou se compensam ou se desajustam. Nosso corpo tem vários órgãos vitais, se um deles falha, o corpo todo desequilibra.

A criança, principalmente na primeira infância, está formando suas dimensões, nos âmbitos físico, intelectual, afetivo, social, cultural. Se uma delas for menos cuidada, certamente aparecerá algum desequilíbrio. O problema da nossa sociedade é ter se acostumado aos desequilíbrios. Encaram dores, doenças e desconfortos pessoais e sociais como “normais”, porque “todo mundo tem”. Mais um benefício que a arte promove, a arte também faz

desadoecer. Se cuidarmos das nossas crianças em todas as suas dimensões e proporcionarmos seu contato com a arte, elas terão um desenvolvimento saudável, pois:

Criar, inventar, transcriar como base de sustentação da arte e da ciência estão compreendidos também nas complexas elaborações infantis, nas teorias que inventam como formas únicas de encontrar respostas às experiências que a vida proporciona ou impõe (...) criam e transcriam em seus cotidianos, revelando-se em objetos que representam elementos materiais e imateriais da cultura vivida e construída também pelas crianças. (PINAZZA; GOBBI, 2014, p. 34-35).

Considerando as diversas dimensões da criança, Gobbi e Pinazza (2014) também enfatizam a importância do trabalho desenvolvido por Loris Malaguzzi que aborda as cem linguagens da criança, na região de Emília-Romanha, na Itália. Apontam como uma “perspectiva inovadora da arte, em seu sentido mais ampliado, como fundamento da Pedagogia da infância e numa concepção particular de formação docente dos profissionais envolvidos com a primeira infância” (GOBBI; PINAZZA, 2014, p.14) e comentam:

A arte que se traduz nas diversas manifestações: nas narrativas, nas histórias, nos desenhos, nas dramatizações, nas pinturas, nos movimentos, enfim, em todas as expressões possíveis do pensamento e que, uma vez apreendidas pelo adulto atento e própria criança, num esforço documental, podem servir de suporte a experiências cada vez mais elaboradas, enriquecidas. (GOBBI; PINAZZA, 2014, p.14-15).

Nesse contexto, reforçamos a importância da formação de profissionais, não apenas docentes, mas nas áreas que se relacionam com a infância e reconhecemos a forte referência de trabalhos com arte na primeira infância, dessa inspiração dos educadores de Reggio Emilia, apresentados também a partir de Gandini *et al.* (2012), explicando o conceito de ateliê utilizado por eles, contextualizando os espaços adequados, adaptações possíveis de espaços, materiais que podem ser utilizados, experiências a serem promovidas, a partir de ideias inovadoras que envolvem as crianças, suas famílias e o ambiente em que se encontram. Sobre o ambiente, os autores afirmam que:

É uma sinfonia de partes individuais equilibradas para criar um todo que seja diverso e estimulante, mas também amigável e harmonioso; um local multissensorial que convida a interações, envolvendo a mente, as mãos, a imaginação e os sentidos. É um ambiente que oferece às crianças materiais, instrumentos e técnicas de qualidade que se traduzem em numerosas possibilidades para experiências. (GANDINI, *et al.*, 2012, p. 35).

É com essa perspectiva de novos olhares sobre a infância, buscando um resgate de valores primordiais para o desenvolvimento da criança aliados com ideias inovadoras para experiências com arte, que compreendemos ser necessário considerar o desenvolvimento integral da criança considerando também sua formação estética, que vai contribuir para esses

aspectos físico, psicológico, intelectual e social tão repetidos ao longo desse texto. Nos despedimos do nosso trezinho e agora vou contar para vocês como o Ateliê se tornou um colorido retalho dessa colcha que é o IPREDE e como o IPREDE abraçou o Ateliê.

2.2 O abraço da Margarida – O IPREDE abraça o Ateliê

E de repente, Ana Maria escuta um barulho, foi ver lá fora e era a Margarida, tremendo tanto, que se ouvia o barulho dela batendo na cerca. Ana Maria trouxe Margarida para dentro do quarto. Mas Margarida continuava tremendo. Ana Maria enrolou Margarida num cobertor, Ana Maria tentou guardar Margarida no armário, mas Margarida ainda tremia. Sem saber o que fazer, Ana Maria abraçou Margarida... e lentamente... percebeu que Margarida parou de tremer. Margarida só precisava de um abraço. (Lali).

Segundo relatos de alguns profissionais, que serão contextualizados ao longo do trabalho, a chegada do Ateliê no IPREDE foi o “casamento perfeito”. A instituição considera o contato com a arte de fundamental importância para o desenvolvimento da criança, isto se nota na própria estética da instituição, um espaço colorido, com pinturas nas paredes, obras de arte, quadros e fotografias.

No espaço acadêmico, um dos coordenadores da instituição, Prof. Álvaro Madeiro, convidou os professores doutores dos reinos das Artes Pedro Henriques e Carolina Vieira, do curso Licenciatura em Teatro (ICA/UFC), para conhecerem a instituição. Por sua vez, os professores convidaram a Prof.^a Dr.^a Luciane Germano Goldberg, da área de Arte e Educação da FACED/UFC, para uma grande aventura. Desta forma, as primeiras ações se iniciaram, voluntariamente, num formato piloto, em maio de 2017, conduzidas por estas duas professoras-pesquisadoras, provavelmente inspiradas por Fada Azul, que sempre aponta os caminhos, e Fada Mary, professora-artesã do Reino das Fadas.

Dos primeiros ensaios, vieram as primeiras ações do projeto Ateliê do IPREDE. Para contribuir com o pilar estético da instituição dentro do Setor Acolhimento, foi criado, em 2017, o Projeto de Extensão “Ateliê do IPREDE: educação e experiência estética no terceiro setor”, cadastrado na Pró-reitora de Extensão/UFC (Ver Anexo 1), sob o código CP.2017.PJ.337, via Instituto de Cultura e Arte (ICA) da Universidade Federal do Ceará (UFC).

Com o objetivo de facilitar uma aproximação com a arte, as professoras desenvolveram vivências em contação de história e em desenho infantil para promover um espaço de fruição, de elaboração e de integração dessas atividades, pois “um ateliê é por excelência um espaço de artesanato. Local de experimentação, manipulação e produção das mais diversas linguagens artísticas. Podemos considerá-lo como um local propício para a experiência

na medida estética” (SILVA, 2017, p. 4). Por isso, esse projeto se configurou em uma ação extensionista necessária e relevante, considerando seu espaço de atuação no Setor de Acolhimento, que foi criado para "proporcionar às crianças e suas mães/cuidadores espaços temáticos de experiências estéticas e paz de espírito" (ARAÚJO; BRASIL, 2016, p. 7).

No período entre maio e agosto de 2017, as ações aconteciam de forma voluntária, quinzenalmente, contemplando um grupo de 27 crianças, entre 3 e 6 anos de idade. A partir de setembro de 2017, com a aprovação no edital N° 13/2017 da Secretaria do Trabalho e Desenvolvimento Social – Ceará / Conselho Estadual dos Direitos da Criança e do Adolescente (STDS-CE/CEDCA), o projeto passou a contemplar os 20 grupos atendidos, funcionando diariamente nos dois turnos, totalizando mais de 600 crianças atendidas.

Foi neste momento que eu entrei em cena, pois fui convidada para atuar como coordenadora artístico-pedagógica do projeto Ateliê do IPREDE, no período de setembro de 2017 a agosto de 2018. Com muita alegria, apresento brevemente nossa equipe encantada que inicialmente foi composta por: uma encantadora pedagoga contadora de histórias conhecida pelas crianças como *Tia Paixão*, que escolhia, elaborava e contava as histórias, uma fotógrafa publicitária chamada *Tia Mari* e três assistentes oriundas do projeto “Mães colaboradoras” do IPREDE, *Tia Ádila*, *Tia Juju* e *Tia Paulinha*.

Nossa equipe estava vinculada ao coordenador do Setor Acolhimento, Lucas Ribeiro, um talentoso músico que também entrava em cena, e quando podia, cantava e tocava nas contações de história, ou ensaiava conosco as partes musicais, sempre nos dando total suporte e apoio para todas as atividades.

Diante desse contexto, para também contemplar o pilar científico da instituição, foi elaborado o projeto de pesquisa “Ateliê do IPREDE: experiência estética na primeira infância”, que foi aprovado no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC/2018), sob coordenação da Professora Dra. Luciane Germano Goldberg (FACED/UFC).

Inspirada pelas ações do Grupo de Pesquisa, posteriormente intitulado “Grupo de Pesquisa Ateliar”, do qual também sou colaboradora, em diálogo com as ações diárias do Ateliê, percebi o potencial dessas atividades em relação às crianças, às mães e à instituição como um todo. Desta forma, eu quis investigar as contribuições dessas atividades para as crianças, realizando esta pesquisa em nível de mestrado. Por se tratar de uma pesquisa envolvendo crianças, suas famílias e profissionais da instituição, o projeto está inserido na Plataforma Brasil, com o Certificado de Apresentação para Apreciação Ética (CAAE) de número

08369319.8.0000.5034, aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Academia Cearense de Odontologia (ACO/Centro de Educação⁷), com o parecer de número 3.172.470.

Diante desses aspectos, o Projeto Ateliê do IPREDE, que se iniciou como Projeto de Extensão e passou a contemplar os 20 grupos de crianças atendidas, alia-se à perspectiva da instituição de criar o espaço de alumbramento e “paz de espírito” (MONTAGNER, 2010), através das atividades de contato com a arte, que proporcionam experiências estéticas para as crianças e famílias assistidas.

Hubert Montagner, psiquiatra infantil, referência para o IPREDE, explica que, fisiologicamente, a criança precisa de um momento de tranquilidade, que ele chama de “paz de espírito”, antes de um momento de aprendizagem. Ou seja, a criança deve dispor de um espaço/tempo que permita que seus batimentos cardíacos e sua pressão arterial estejam em equilíbrio, para que, então, ela fique pré-disposta para aprender. Ele aponta que as escolas deveriam ter esses espaços:

[...] mas a criança escolhe o que fazer. Ela pode ir para uma sala de pintura ou para uma área onde simplesmente ouça música, ou leia, ou fique quieta, ou escreva. Enfim, o aluno deve ser recebido num ambiente de ensino como alguém importante, cujas vontades são ouvidas. O respeito à opção do aluno permite a aproximação e a confiança para desenvolver o interesse pelo conhecimento. (MONTAGNER, 2010).

Desta forma, apesar de não estarmos em um espaço escolar, nossas ações estão de acordo com esse princípio, pois o Ateliê cumpre esse papel de acolhida das crianças com espaços de músicas, com a preparação antes de começar a história, com o espaço de desenhar de forma espontânea, para depois, seguirem para seus atendimentos.

O projeto de extensão não se manteve apenas no atendimento com as crianças. Em paralelo a essa ação do setor Acolhimento, foram desenvolvidas diversas atividades distribuídas nos seguintes setores: pesquisa, ensino, formação e extensão. Apesar de ter apenas três anos, desenvolveu atividades de forma muito intensa, e atualmente se configura como Programa de Extensão e conta com professores colaboradores nos seguintes projetos (2020) a serem desenvolvidos em parceria com o IPREDE: Profa. Carolina Vieira (ICA/UFC) – Cena PI – criação de espetáculos cênicos e contações de histórias; Luciane Goldberg (FACED/UFC) – criação de um Ateliê de Pintura Livre e Grupo de Pesquisa Ateliar; Prof. Dr. Pedro Henriques (ICA/UFC) – Teatro de Primeira – criação de um espaço cultural que possibilite a oferta de programação; Profa. Cristina Façanha (FACED/UFC) – Abordagem Pikler para bebês; Prof.

⁷ O Centro de Educação é a área responsável pelos projetos sobre Educação e o referido Comitê foi bastante ágil no processo de aprovação.

Régis Torquato – Ateliê Comunica – criação de estratégias de comunicação; Prof. Gilvamberto Felix (colaborador voluntário) – DiPrimeira – elaboração de um Projeto Pedagógico para as atividades do Ateliê; Profa. Tamara Larripa – Formação Continuada.

Nas próximas seções deste trabalho, serão apresentadas mais detalhadamente as ações de contações de história e as atividades de desenho que desencadeiam a presente pesquisa. Porém, se faz necessário citar essas ações de extensão que aconteceram nesse mesmo período de setembro de 2017 a agosto de 2018, mesmo que de forma breve, pois elas estavam também relacionadas aos atendimentos das crianças que fizeram parte da pesquisa. Neste trabalho, fizemos um recorte enfocando a nossa atividade, carinhosamente chamada de “dobradinha”, que consiste na atividade de contação de histórias aliada à atividade de desenho, mas todas as ações estavam entrelaçadas, ou se me permitem, “ateliadas”.

No setor da Pesquisa, o Grupo de Pesquisa Ateliar, do qual também faço parte, fez estudos de textos e autores que também embasam este trabalho. Foram publicados artigos⁸, foram elaborados trabalhos de conclusão de curso e várias outras ações foram desenvolvidas pelo grupo, as quais serão explicadas no decorrer do trabalho.

No setor de ensino, disciplinas dos cursos de Teatro e Pedagogia da UFC são ministradas pelos professores, trazendo as turmas para interagirem com as crianças atendidas. Um exemplo é a disciplina “Práticas de encenação” do curso de Teatro, ministrada pela professora Carolina Vieira, que consiste em os alunos elaborarem peças teatrais ou contações de histórias para o público da primeira infância. Ao final do semestre, são apresentados os resultados da disciplina, na Mostra Teatro de Primeira, a qual acontece no período de duas semanas de apresentações teatrais, com duas apresentações por dia, na instituição, para as crianças e familiares atendidos, conforme vemos na Figura 3:

Figura 3 – Apresentações da Mostra Teatro de Primeira (2018)



Fonte: Acervo da Pesquisa.

⁸ Silva, Goldberg, Pinto, Larripa (2019); Goldberg, Pereira Jr., Larripa (2020); Goldberg, Pereira Jr., Nogueira (2020); Larripa e Olinda (2020).

A disciplina “Leitura dramática”, do curso de Teatro, ministrada pelo professor Pedro Henriques, também consiste em elaborações dos alunos para apresentarem cenas teatrais para as crianças atendidas no setor Acolhimento. Na disciplina de “Estágio em Arte e Educação”, do curso de Pedagogia, ministrada pela professora Luciane Goldberg, os alunos fazem observações e elaboram vivências e oficinas em arte para as crianças com seus acompanhantes.

No setor de Formação, durante o ano de 2018, ocorreu o curso de extensão “Arte, Cultura e Primeira Infância”, com um módulo por mês, abordando as diversas linguagens artísticas, uma em cada módulo, voltadas para a primeira infância. O diferencial desse curso de extensão é a forma prático-teórica dos seus encontros. Participaram desse curso os profissionais dos diversos setores da instituição, nossa equipe do Ateliê, pediatras, professores, pedagogos, coordenadores de escolas, artistas, psicólogos, estudantes dos cursos de Pedagogia, Psicologia, Teatro, Dança, bolsistas da UFC, estagiários e voluntários da instituição, ou seja, contamos com um público de diversas áreas associadas à primeira infância. (Ver Figura 4).

Figura 4 – Fotografias dos módulos do Curso de Extensão “Arte, Cultura e Primeira Infância” (2018)



Fonte: Acervo da Pesquisa.

Os participantes vivenciaram as técnicas e linguagens em “aulas práticas”, seguidas dos diálogos a partir de cada linguagem. Nesta primeira edição, as linguagens artísticas e suas abordagens na primeira infância foram: vivência em teatro e contação de história, desenho infantil e autobiografismo, pedagogia do audiovisual, ensino da dança, pedagogias do teatro – jogos, mediação e cultura popular circo e desenvolvimento infantil, música na primeira infância ludicidade e desenvolvimento da criança.

Com essas ações também nos colocamos de acordo com a proposta do IPREDE de “realizar cursos de capacitação, qualificação e ocupação de mão-de-obra das pessoas assistidas pela entidade” (IPREDE, 2017, p.2). Também foi ministrada uma vivência em desenho direcionada para a equipe do projeto “Mães Colaboradoras”, que ficavam com as crianças no Acolhimento. Essa vivência ocorreu no período inicial das ações, com o intuito de possibilitar uma formação relacionada à atividade de desenho, que envolvia: um estudo do desenvolvimento gráfico da criança, identificação do processo gráfico de cada uma, a importância do desenho para a criança, uma escuta sensível em relação à produção da criança e uma orientação de como conversar com a criança sobre o desenho. Desta forma, foi possibilitado às cuidadoras um olhar diferenciado em relação ao desenho, para que elas pudessem mediar a atividade de desenho com as crianças de uma forma mais sensível.

Esse projeto, que naquele período se chamava “Mães colaboradoras”, hoje se denomina “Projeto Florescer” e oportuniza espaços de trabalho remunerado nos setores da instituição, para as mães das crianças atendidas. Dele vieram três integrantes para nossa equipe, que também eram mães atendidas pela instituição. Tia Ádila, Tia Juju e Tia Paulinha se revelaram artistas talentosas, tendo a oportunidade de se capacitarem e de se experimentarem nos trabalhos manuais de confecção de adereços, fazendo as maquiagens de cena e maquiagens artísticas nas crianças, entrando em cena nas contações de histórias, tocando instrumentos nas acolhidas e nas cenas fotografando, surpreendendo os amigos e a si mesmas com as reverberações daquele contato com a arte, como ilustra a figura 5:

Figura 5 – Fotografia Tia Ádila reformando a casa, Tia Juju encenando a Vovó, Tia Paulinha tocando teclado na história “Pingo de Chuva”



Fonte: Acervo da Pesquisa.

Desta forma, compreende-se a importância do ensino, da pesquisa, da extensão e da formação estarem “ateliados”, ou seja, integrados em todas as ações. A nossa equipe estava presente em todos esses encontros. Nós acompanhamos os estudantes das disciplinas nas aulas que também eram espaços formativos para nós. Discutimos sobre cenas, sobre interpretações, sobre direção teatral, sobre a recepção do que estava sendo proposto para as crianças. Foram realizados ensaios abertos como espaço experimental para ser analisado e discutido em relação à receptividade das crianças. Nós acompanhamos as crianças para assistir as apresentações cênicas resultantes das disciplinas, nas vivências e oficinas, quando tivemos momentos de sermos plateia junto com as crianças.

Participamos do curso de extensão que nos permitia experimentar as linguagens, e ali fomos os sujeitos da experiência. Nós vivenciamos a história, desenhamos espontaneamente, desenhamos nosso autorretrato, nós jogamos, dançamos, brincamos durante o curso. No grupo de pesquisa, lemos e discutimos textos de autores que falam sobre a experiência, a educação estética, a educação pelo sensível, estudamos textos sobre desenho infantil, fizemos intervenções com as crianças, observamos, fizemos diários, participamos, lemos textos difíceis sobre estruturas de pesquisa, fizemos entrevistas, transcrições e analisamos os dados. Mas toda essa pesquisa se faz mais sólida porque a experiência foi real e ao vivo. Nossos corpos estavam lá, nossos olhos, nossos ouvidos, nossas mãos, nossos perfumes, nossos corações. Por tudo isso, eu precisava apresentar esses bastidores.

Nós experimentamos as vivências pelos dois lados: enquanto sujeitos das experiências estéticas, e do outro lado, enquanto propositores de experiências estéticas para as crianças atendidas. Nossas ações e atividades sempre foram pensadas, planejadas, elaboradas e vivenciadas de forma “ateliada”, integrada, como uma dança de passos que se encaixam, pois como diz a Professora Carolina, “aqui está o ponto fundamental de ligação entre a educação e a experiência: o sujeito, que já passou pela experiência ajuda o outro a elaborar a sua” (SILVA, 2014, p.27).

Durante minha graduação no curso de Licenciatura em Teatro (UFC), existia uma discussão muito presente sobre o profissional que estava se formando, sobre ser um artista-pesquisador-docente e como cada um desses perfis alimenta o outro. Para me constituir enquanto artista e enquanto professora, precisei pesquisar bastante. Apesar de não estarmos em um contexto escolar, o papel de propor experiências estéticas para essas crianças tem um aspecto de formação.

Ser artista no contexto de uma contação de história, na sua mediação, em propor uma atividade de desenho ou mesmo nos bastidores, requer cuidado, atenção e estudo sobre o que

vai ser dito, a forma como vai ser feito, para quem está sendo elaborado e durante toda essa reflexão os papéis de artista-docente estão atrelados, pois "para a palavra artista-docente, a pesquisa se torna condição para atribuir um sentido à união do artista com o docente" (SILVA, 2014, p. 152).

Além da pesquisa que antecede à prática, estamos o tempo todo pensando em como dimensionar, sistematizar e registrar nossa prática artista-docente a partir de métodos de pesquisa. Isto acontece porque "a prática pedagógica envolve o ato de pensar no outro, na experiência do sujeito. Ou seja, enquanto o artista é o sujeito da experiência estética, a prática pedagógica do artista-pesquisador-docente pensa na experiência do sujeito" (SILVA, 2014, p.154). Por isso, nossas ações estão interligadas. Nossa prática alimenta nossa pesquisa que requer outras pesquisas para alimentar novas práticas.

Sendo assim, para concluir esse recorte das ações ligadas à referida pesquisa com suas contribuições ao trabalho, apresento a última ação da primeira temporada do Ateliê. Ao final do primeiro ano de trabalho, tentamos buscar uma ação que sintetizasse, que marcasse aquele primeiro ciclo de ações. Sendo assim, surgiu a exposição *Ateliando no IPREDE*, cuja elaboração se deu como culminância em comemoração ao primeiro ano de atividades do Projeto Ateliê do IPREDE.

Foram escolhidos doze espaços da instituição, desde a recepção, passando por corredores, entradas de salas até chegar ao Acolhimento, para cada espaço acolher um tema trabalhado com as crianças ao longo do primeiro ano. Em cada espaço delimitado, havia o tema do espaço com fotografias das ações e desenhos das crianças e dos acompanhantes referentes à ação, além da ficha técnica do projeto. Tal exposição ficou em cartaz por duas semanas. Dos vinte grupos de crianças atendidas, foram divididos os desenhos de cada ação, de forma que cada grupo tivesse os seus desenhos em algum setor da exposição para que todos fossem contemplados com suas obras de arte e as fotografias e os desenhos estavam na altura dos olhos das crianças, como ilustra a figura 6:

Figura 6 – Fotografia Exposição Ateliando no IPREDE



Fonte: Acervo da Pesquisa.

Sobre a exposição, preciso contar um fato: quando começamos a montar a exposição, alertaram-nos para algo que poderia acontecer. Alguns disseram “que legal, os desenhos e fotografias nessa altura, as crianças conseguem ver...”, enquanto outros disseram “isso não vai dar certo, os desenhos e fotografias nessa altura, as crianças vão tirar, porque as crianças são muito pequenas, elas não entendem, já fizemos isso uma vez e não deu certo...”. Diante dessas falas, nós refletimos e deixamos as fotografias e os desenhos exatamente onde eles estavam. Na altura dos olhos das crianças.

Nós levamos os grupos de crianças e responsáveis para ver a exposição. Eles gostaram muito, encontraram-se nas fotos, localizaram seus desenhos e pinturas, alguns se mostravam para os outros, outros ficavam com vergonha. Mas estavam ali, vendo-se, lembrando-se daqueles dias, rindo e se mostrando. Mostrando-se para si mesmos, como quem olha para dentro, mostrando-se para o outro como quem permite chegar mais perto, como quem quebra um limite.

A propósito, ao final dos quinze dias, depois dos vinte grupos de crianças e familiares atendidos passarem pela exposição, ela continuava lá. Com suas fotos e desenhos na altura dos

olhos das crianças. O respeito ao espaço de fruição foi construído através dos diálogos, das mediações, depois de um ano de atividades, essas famílias construíram também um novo olhar.

Todas essas ações alimentavam nossa prática para os encontros diários com as crianças. Dessa forma, organizávamos as atividades para que esse espaço lúdico não fosse um mero “passatempo”. As atividades tinham objetivos, intencionalidade, eram avaliadas em seu funcionamento e receptividade por parte das crianças e de seus acompanhantes. As propostas eram pensadas de forma lúdica para as crianças, com o cuidado de serem atraentes também para os adultos acompanhantes, desmistificando a ideia de que as atividades artísticas para as crianças são desprovidas de valor para os adultos.

Nossa equipe teve reuniões iniciais para elaborar o planejamento semestral, para escolher e discutir os temas que seriam abordados, os objetivos das ações, as ações que seriam propostas e como seriam propostas. Pensamos em temas que perpassassem pela realidade das crianças de forma a contribuir com a formação delas, procuramos temas que trouxessem reflexões e diálogos a partir das experiências estéticas, com intuito dessas experiências serem sensíveis e significantes, concordando com Duarte Jr. (2002, p. 17) que considera o “*processo formativo* do humano, como um processo pelo qual se auxilia o homem a desenvolver sentidos e significados que orientem sua ação no mundo”.

Quando as ações iniciaram ainda de forma quinzenal, surgiu o tema “medo”. Decidimos começar por ele, já que apenas um grupo tinha participado da atividade. E pensamos em quais ações poderiam contemplar esse tema. Desta forma, cada tema tinha determinadas ações, mas poderiam variar no período de tempo, a depender da receptividade das crianças diante das ações propostas.

Neste trabalho, vamos delimitar o estudo das ações de contações de história abraçadas à atividade de desenho, mas como as ações se “ateliavam”, vou apresentar de forma breve nosso quadro de temas e ações. Como as crianças são atendidas a cada quinze dias, as ações eram pensadas e elaboradas por quinzena.

Nesse período de um ano, dentro de cada mês fazíamos: uma quinzena de contação de história seguida de atividade de desenho, e na outra quinzena, fazíamos outras ações que variavam entre exposições de filmes seguido da atividade de desenho, atividade de pintura livre, projetos de leitura dentro da temática escolhida, de forma que todos os grupos fossem contemplados com a mesma atividade.

No Quadro 2 estão apresentados os temas, as histórias contadas, a pergunta feita ao final da história que conduzia para a atividade de desenho e as ações da quinzena seguinte:

Quadro 2 - Cronograma de Ações (Setembro/2017 a Agosto/2018)

Mês/Ano	Tema	História	Desenho	Outras Ações
Set/17	Medo	Pluft, o fantasminha	Você tem medo de quê?	
Out/17	Medo	Quinzena da Criança (apresentações variadas)	Você tem medo de quê?	Vídeo – Piper
Nov/17	Medo	A Princesa medrosa	Você tem medo de quê?	Cinema – Daniel tem medo de injeção
Dez/17	O que faz você feliz?	A colcha de retalhos	O que faz você feliz?	Quinzena do Natal (apresentações variadas)
Jan/18	O que faz você feliz?	A Margarida friorenta	O que faz você feliz?	Cinema – Backyardigans (episódio “As Irmãs Vulcão”)
Fev/18	Palavras Encantadas	Anita Bocadura	O que você faz com seus amigos?	-Pintura livre -Mãe, lê pra mim.
Mar/18	Palavras Encantadas	As cartas de D. Sofia	Vamos fazer cartas para quem? -Trenzinho do Ateliê entrega cartas no IPREDE	-Me conta que eu te conto
Abr/18	Bom dia, todas as cores	Bom dia, todas as cores	Como é o seu camaleão?	Vídeo – Exposição de arte na casa do Mickey -Escultura de massinha -Pintura livre
Mai/18	Quem sou eu?	A máquina de histórias	Qual história você vai criar?	-Clips musicais em projeção no teto -Vídeos de contação de história (Carol Levy) em projeção no teto)
Jun/18	Quem sou eu?	O príncipe e a raposa	O que você quer desenhar hoje?	-Autorretrato - Mostra Teatro de Primeira
Jul/18	Sonhos	A fada Clara-Luz e a chuva colorida	Qual mágica você quer inventar?	- Mostra Teatro de Primeira -Cinema –Filme Divertidamente
Ago/18	Sonhos	A menina e o vestido de sonhos	Você quer desenhar seus sonhos no vestido da menina?	Exposição Ateliando no IPREDE

Fonte: elaborada pela autora.

Tia Paixão, com toda sua delicadeza e encanto, escolhia as histórias que seriam contadas, a partir de adaptações de livros infantis (Ver Apêndice A). Cuidadosamente, pensava em todos os detalhes, elaborava a cena, pensava nas músicas, construía os objetos que seriam utilizados e contava com as contribuições da equipe na confecção dos cenários, dos adereços, com as músicas que seriam cantadas ou tocadas. As outras ações eram sugeridas, elaboradas e

construídas pela equipe. Todas as ações contavam com o acompanhamento das professoras orientadoras. Semanalmente, fazíamos uma avaliação das atividades e ajustávamos os detalhes da atividade seguinte.

Essa era uma das muitas qualidades da nossa equipe: a construção coletiva. Somavam-se à equipe os voluntários que passavam pelo projeto, alguns estagiários de outros setores que se “ateliavam” conosco e alguns voluntários de livre demanda. Mas nesse período de um ano, em especial dois estagiários de Psicologia, Mônica e Alexandre e uma voluntária, Quésia, que participavam do Ateliê um turno por semana, ficaram tão “ateliados”, ou seja, interligados conosco que também participavam e contribuía nas nossas reuniões de planejamento e avaliação. Ter o olhar e a contribuição dos estudantes de Psicologia nesse momento das ações iniciais enriquecia nossa prática e tornava nossa equipe Ateliê interdisciplinar.

Também não posso deixar de apresentar a nossa amada voluntária-mestra Tia Maurícia. Um exemplo de coração angelical com seus cachinhos dourados, Tia Maurícia é voluntária na instituição há 9 anos. Todas as terças-feiras e quintas-feiras no período da tarde, temos o seu brilho no Acolhimento. Ela prepara atividades para as crianças com todo amor e cuidado, entre jogos, brincadeiras, comemorações, desfiles temáticos, massinha de modelar caseira, pintura em gesso com muito amor e alegria.

Não podemos deixar de observar que, curiosamente, as turmas das terças e das quintas a tarde, desde o início das nossas atividades, mostraram-se mais receptivas... Seria coincidência? Talvez não... Vou contar para vocês como foram nossos primeiros dias, nossas primeiras histórias...

Lembram que falei sobre o medo do *Pluft? Pluft*, o fantasma? Foi a primeira história que Tia Paixão contou... As primeiras apresentações foram realizadas na sala de leitura, no setor de Acolhimento. Uma sala colorida, com grandes almofadas e *puffs* para as crianças e suas mães se acomodarem enquanto plateia, ilustrada na figura 7:

Figura 7 – Sala de Leitura com *puffs*



Fonte: acervo de pesquisa.

Convidamos todos que estavam ali aguardando os atendimentos. Fazíamos uma acolhida na sala conversando um pouco com a plateia, Tia Paixão se apresentava e então começava a história. Nas primeiras apresentações, algumas crianças corriam logo para entrar, outras nem se atentavam para o convite. Poucas mães entravam, por pensarem que a atividade era apenas para as crianças, mesmo que o convite fosse direcionado a elas também. Compreendemos que a grande maioria da plateia não tinha proximidade com a atividade. Algumas crianças e algumas mães já haviam visto algo parecido na escola ou em algum evento. Para outras crianças e outras mães, ouvir uma história era algo novo. Ao terminar a história, convidávamos as crianças com os acompanhantes para desenhar nas mesinhas do espaço chamado brinquedoteca.

Era novo para todos. Era novo para as crianças e para as mães, era novo para os profissionais que chamavam para os atendimentos, era novo para a instituição, era novo para nós... que também estávamos com um pouquinho de medo... Assim como *Pluft* pensou sobre *Maribel*, nós também pensamos “será que vão nos ver? Será que vão nos ouvir? Será que vão ser nossos amigos?”. Aos pouquinhos, fomos nos apresentando, em cena e pessoalmente.

Particularmente, nos meus primeiros dias, aproveitava-me do meu figurino colorido, do *glitter* nos olhos e me apresentava por onde eu passasse: “oi, bom dia! Eu sou a Tamara do Ateliê, essa é nossa equipe, estamos chegando agora e ainda estamos conhecendo a casa... aqui é grande né... Qual seu nome? De qual setor você é?”. Espero não ter sido invasiva..., mas... foi a forma que encontrei de ir conhecendo, ir sendo conhecida e ganhava sorrisos de volta.

Assim, apresentamo-nos para as crianças e mães, para os profissionais, para a instituição. E aos pouquinhos, eles foram nos vendo, ouvindo-nos e ficaram nossos amigos. Aqui, os nossos amigos da instituição receberão os nomes emprestados de uma série de desenho animado chamada “Ursinhos carinhosos”.

Todos os dias, as assistentes sociais, carinhosamente, apresentavam-nos para cada grupo e explicavam que nós começaríamos a fazer aquele trabalho do Ateliê do IPREDE, que estaríamos ali todos os dias com diversas atividades. As assistentes sociais procuravam participar das atividades quando podiam, elas nos explicaram o funcionamento da instituição, apoiaram-nos no momento do convite para as atividades, até todos os grupos nos conhecerem.

A Tia Sincera, do setor Psicomotricidade, também foi uma grande parceira nesse momento, ela sempre procurava estar nas nossas atividades junto com as crianças com o cuidado de nos ambientar na instituição, de nos apresentar às crianças, de incentivar a participação das crianças e das mães nas nossas propostas. E nós conversávamos muito sobre as atividades, sobre a percepção dela, sobre a recepção das crianças. Assim, encaixamo-nos na

logística dos atendimentos de forma que as atividades do Ateliê fizessem a acolhida das crianças e mães antes dos atendimentos.

Na recepção, ficavam Amigo e a Boa Sorte de um lado, Segredo e a Carinho do outro lado. Um tempo depois, Amigo foi para outro setor, a Boa Sorte foi embora e chegou a Coração para cuidar dos prontuários das crianças. O engraçado é que o Amigo e o Segredo pareciam os guardas do castelo, eles cuidavam da lista de presença das crianças e sempre nos orientavam na chamada. Impressionante como eles conheciam as mil crianças e os acompanhantes pelo nome, sempre sorrindo e disponíveis para ajudar no que fosse preciso.

Segredo é o guardião, chefe das listas de presença de todas as crianças, de todos os dias, de todos os turnos, de todas as chaves, de todas as portas. Ele não fala muito, mas está sempre ali, pronto. Recorri muito a ele durante todo esse tempo e sempre recebi sua ajuda com sorrisos e abraços. Isso demonstra realmente a unidade de trabalho que a instituição tem em sua filosofia, como sua equipe multidisciplinar realmente dialoga com o todo, como cada profissional com seu retalho, costura essa grande colcha e como nos pegaram pela mão para que esse retalho do Ateliê também se costurasse nessa colcha.

O Acolhimento é um setor muito dinâmico. Ali são atendidas em média 50 crianças por turno. As crianças devem chegar no início do turno, as 8h no turno da manhã e as 13h no turno da tarde. As 12h, no refeitório, é servida a sopa para as famílias assistidas, depois dos atendimentos do turno da manhã e antes dos atendimentos do turno da tarde.

Mas as variáveis são constantes no Acolhimento. Se é um dia de chuva, muitos chegam depois do horário, devido aos transportes e às dificuldades inerentes ao fato de sair com crianças em dia de chuva. Também acontecem, eventualmente, intervenções com as crianças dos grupos de estagiários que a instituição recebe dos cursos de Nutrição, Enfermagem, Psicologia, Odontologia, Teatro e Pedagogia.

Às vezes, o setor recebe visitas de doadores ou de reportagens para campanhas, isso também altera seu funcionamento e os atendimentos se adaptam às necessidades do dia. Do Acolhimento, as crianças são encaminhadas para os diversos setores: Peso, Nutrição, Enfermagem, Pediatria, Mediação, Psicomotricidade e agora também para o Ateliê. Porém, cada criança passa pelos setores de que precisa a partir do seu prontuário. Elas não passam por todos os setores ao mesmo tempo em cada dia de consulta. A proposta do Ateliê é promover as atividades para todas as crianças entre 3 e 6 anos de idade. O Acolhimento tem uma logística muito bem elaborada, organizada e o Ateliê agora fazia parte desta colcha de retalhos.

Para nós da equipe Ateliê, foi um período de muitas experiências, muitas experimentações e muitos desafios. Nós estávamos em busca da elaboração de um *modus*

operandi que desenvolvesse atividades promotoras de experiência estética. Entretanto, como Larrosa (2002) aponta, a experiência é algo que nos acontece, que nos toca, que nos forma e transforma. É algo sensível.

Esses eram alguns dos nossos desafios: como poderíamos proporcionar experiências estéticas e sensíveis de qualidade, significativas, a partir da arte, que pede um tempo de fruição, um tempo de elaboração, um tempo contemplativo? Considerando que o nosso público é numeroso, heterogêneo, que não está habituado a essas experiências, em um pequeno espaço de tempo entre quarenta minutos e uma hora e meia, que estão em um espaço de saúde comprometida, no momento em que antecede os outros atendimentos? Você leu esse parágrafo e ficou sem fôlego? Imagina como a gente ficou sem fôlego também... Entretanto, com o nosso “pó de pirlimpimpim”, experimentamos algumas estratégias.

Depois de experimentarmos a primeira história na sala de leitura, deixando livre a participação para quem quisesse entrar, experimentamos contar a segunda história no palquinho do Acolhimento. Era um período de evento, estávamos na Quinzena da Criança, em outubro, quando acontecem atividades diferenciadas, apresentações convidadas para comemoração ao Dia da Criança (Ver Figura 8).

Figura 8 – Palquinho do Acolhimento



Fonte: Acervo da pesquisa.

Por ser um espaço maior e relativamente aberto, a entrada e saída das pessoas era constante, o que comprometia a atenção do público à história que estava sendo contada. As crianças ficaram um pouco dispersas, algumas pessoas conversavam no local ao mesmo tempo que algumas crianças eram chamadas para os atendimentos... ufa...

Diante dessa experiência, compreendemos que precisaríamos cuidar melhor de alguns detalhes, para que houvesse uma melhor fruição da contação de histórias pela plateia. Desta forma, optamos por realizar as apresentações na sala de leitura que se tornaria um lugar mais

intimista, com menor interferência externa, propiciando um melhor contato do espectador com a obra. De início, a sala de leitura ainda tinha interferência dos sons da área externa, mas com a aprovação do edital referido anteriormente, a sala foi reformada, foi instalado ar-condicionado, o piso foi trocado, deixando o ambiente mais acolhedor.

Entretanto, ao compreendermos que o espaço aberto do palquinho não oferecia a estrutura aconchegante que precisávamos para uma fruição adequada, nossa primeira estratégia foi dividir as crianças em grupos menores para as atividades. As crianças são levadas ao IPREDE pela mãe, pela avó ou tia, poucos pais acompanham as crianças, muitas vezes, algumas mães precisavam levar o filho (a) mais velho, ou sobrinho (a) que não era atendido pela instituição, mas acompanhava para ajudar a mãe com os irmãos menores. Não importa quem estivesse acompanhando a criança, nosso convite se estendia para todos.

Desta forma, passamos a convidar as crianças pela lista de presença que cada acompanhante assina logo que chega na instituição. Convidávamos as crianças a partir de 3 anos de idade, juntamente com seus acompanhantes. Apesar de nos orientarmos pela lista de presença para convidar as crianças, sua participação era livre. Quem quisesse, participava. Não era nossa proposta que a atividade fosse imposta. Todos eram convidados.

Nossa organização se dava pela ordem dos atendimentos posteriores ao Ateliê, alguns são individuais, outros são coletivos. Nas primeiras ações, atendíamos em média entre 18 a 25 crianças por turno. Nós dividíamos as crianças em grupos entre 8 e 10 crianças para a atividade. Nossa equipe contava com 5 integrantes que se alternavam nos dias da semana, de forma que tínhamos sempre 3 integrantes por dia. Como coordenadora, eu estava em todos os dias nos dois turnos.

Desta forma, no dia que a atividade era “contação de história + desenho”, convidávamos o primeiro grupo para assistir a história na sala de leitura. Colocamos a plateia em uma nova disposição, trocamos os *puffs* e almofadas por cadeiras, porque os *puffs* viraram elemento de dispersão, as crianças pulavam, deitavam e deixavam de interagir com a história. Isso não significa que as crianças eram impedidas de se expressar, de forma alguma. Porém, as cadeiras permitiam uma posição de mais atenção (Ver Figura 9):

Figura 9 – Sala de Leitura com cadeiras



Fonte: Acervo da Pesquisa.

Dentro da história, eram propostos momentos de interação, de movimentação e também de contemplação. Ao final da história, Tia Paixão iniciava uma mediação, um diálogo com a plateia sobre aspectos da história e ao final, lançava uma pergunta. Na história do *Pluft*, ela perguntava do que *Pluft* tinha medo. *Pluft* tinha medo de gente. Assim, perguntava-se para a plateia “e você: tem medo de quê?”, “vamos desenhar do que temos medo?”.

As crianças com os acompanhantes eram direcionadas para o espaço da atividade de desenho e a equipe continuava a mediação, ouvindo quem quisesse contar sobre o seu desenho, dialogando sobre as impressões que apareciam. Não havia indicações técnicas para o desenho, a ideia era que eles expressassem livremente o que quisessem, da forma que quisessem. Conversaremos mais sobre a atividade de desenho a seguir.

Sendo assim, ao terminar a história, saía o primeiro grupo com uma das monitoras para a Brinquedoteca, onde ficavam cadeiras e mesinhas com papel, lápis de cor, canetinha e giz de cera, dispostos para as crianças e os acompanhantes participarem da atividade de desenho, conforme mostra a figura 10:

Figura 10 – Brinquedoteca



Fonte: Acervo de pesquisa.

Uma monitora ficava de “volante” para conduzir a saída do primeiro grupo para o desenho e a entrada do segundo grupo para assistir a história. Da mesma forma, conduzia a saída do segundo grupo da sala da história para a atividade do desenho. Nesse intervalo, o primeiro grupo já teria sido chamado para os outros atendimentos. O segundo grupo ia para a atividade do desenho e o terceiro grupo entrava para assistir a história. Ao terminar o desenho, o segundo grupo deveria ser chamado para os atendimentos, quando o terceiro grupo saía da sala da história para a atividade do desenho.

Porém, deparamo-nos com um novo desafio. Da mesma forma que identificamos que a fruição da história não acontecia no espaço do palquinho, com a atividade de desenho não foi diferente. Nós propomos uma forma de desenhar espontânea, criadora, reflexiva e de escuta. Mas, para que houvesse uma elaboração tranquila do desenho, com a atenção e concentração necessárias, seria melhor que esta atividade acontecesse em um espaço sem interferências de barulhos ou interrupções daquele momento criativo.

Sendo assim, no momento em que as crianças saíam da sala de leitura e faziam a atividade de desenho na Brinquedoteca, aconteciam muitas interferências de movimentação, pessoas transitando, outras crianças ainda aguardando atendimento. Percebemos que a atividade estava sendo comprometida no que se referia à experiência. Sendo assim, criamos nossa segunda estratégia. Adaptamos um espaço dentro da sala de leitura, dividindo o espaço de cena durante a contação de história e outro espaço com as mesas para a atividade de desenho, conforme pode ser apreciado na figura 11, a seguir:

Figura 11 – Sala de Leitura com espaço para atividade de desenho



Fonte: Acervo da pesquisa.

Por um lado, conseguimos manter o estado de alumbramento e paz de espírito pertinente aos grupos. Por outro lado, nosso tempo de atividade acabava se estendendo, pois o número de crianças estava aumentando durante as atividades. Algumas que não entravam no

início, passaram a participar, as crianças que completavam 3 anos de idade passaram a participar e as crianças que iniciavam tratamento na instituição também. Desta forma, passamos a atender em média de 25 a 35 crianças por turno. Houve dias em que fizemos quatro sessões de história com atividade de desenho por turno, para contemplar todas as crianças.

Em todos os momentos, durante todas as atividades, nossa equipe sempre montava e desmontava os espaços com os materiais das atividades entre um turno e outro. Se fosse contação de história, havia cenários, adereços, às vezes era necessário um retoque de figurino ou maquiagem, entre um grupo e outro, dentro do mesmo turno e de um turno para o outro. Se fosse atividade de desenho ou de pintura, precisávamos organizar os papeis, lápis, canetinhas, tinta, pincéis e a limpeza do espaço entre um grupo e outro, dentro de cada turno e entre os dois turnos.

Todas essas experiências e desafios eram levados para nossas reuniões de avaliação e (re)planejamento com a equipe, as professoras orientadoras e a coordenação do Acolhimento. Mais uma vez, precisamos criar novas estratégias para que nossas atividades não perdessem a qualidade estética, sensível, de escuta e de troca com as crianças e acompanhantes, diante do aumento do público e do tempo que se reduzia.

Ao longo das nossas observações e experimentações, fomos conhecendo cada grupo de crianças de cada turno e de cada dia da semana. Apesar de chamar as crianças pela lista de presença, ainda era desafiador. Algumas crianças e mães respondiam prontamente, outras diziam “vou já” e iam um pouco depois, outras diziam “vou já” e nem apareciam, outras diziam “quero ir não”, e outras desviavam do convite. Ninguém era obrigado a nada. Muito menos a estar em um espaço que tem como proposta a espontaneidade e a alegria.

Aos poucos, explicamos do que se tratava, eles poderiam experienciar. Nas primeiras vezes, ainda entravam e saíam da sala. Daí, começamos a fazer alguns “combinados” de forma lúdica, antes da apresentação, como por exemplo não atender telefone, evitar entrar depois de começar e sair antes de terminar a apresentação, não ficar conversando outros assuntos durante a cena e desta forma, começamos a promover um outro olhar, uma compreensão sobre as atividades, eram novas experiências para todos.

Diante das atividades, algumas mães já chamavam outras que não queriam ir inicialmente, como ouvimos certa vez: “vamo, mulher, é legal, ao menos a gente ri um pouco”, “bora na salinha, lá os meninos ficam quietos, eles gostam”. Aos poucos, as resistências eram quebradas. Estava sendo elaborada uma nova rotina. Os olhares curiosos e os sorrisos tímidos iniciais estavam se ampliando para abraços.

Continuamos a chamar as crianças pela lista, criamos uma música para a nossa chamada e seguimos experimentando. Nossa música dizia assim: “Oi vem, oi vem, oi vem, vem cá, que a história já vai começar. Oi vem, oi vem, oi vem, vem ver, que tem história no Ateliê”. Dependendo da ação, trocamos a palavra “história” por “desenho”, “cinema”, “teatro”, de acordo com a atividade proposta, conforme ilustra a figura 12:

Figura 12 – Fotografia: Chamada com a música com Tio Paulo



Fonte: Acervo da pesquisa.

Neste período, recebemos bolsistas que se “ateliaram” conosco. Eram Paulo Ricardo, Christian (Tio Palito) e Luana Beatriz (Bia) do curso de Teatro, e Mônica, do curso de Psicologia, que já atuava conosco como voluntária e participava do grupo de pesquisa Ateliar. Posteriormente, vieram Renata, Nabar, Guilherme do curso de teatro que permaneceram como voluntários no Ateliê.

A chegada dos bolsistas, estagiários e dos alunos que participavam das disciplinas que aconteciam no IPREDE foi muito importante para todos. Nós contávamos com o apoio deles para organização das atividades, apoio técnico musical, montagens e desmontagens de cenários, mediação com as crianças, além de se configurar um espaço de trocas, de aprendizagens, de experiências e de gratidão para todos.

Nossa terceira estratégia foi criar contações de histórias mais teatralizadas e voltamos a experimentar a apresentação no palquinho, de forma a contemplar todas as crianças em uma única apresentação. Depois, continuamos com o convite do desenho na Brinquedoteca mesmo, por ser o espaço mais amplo que contemplava um número maior de crianças ao mesmo tempo. Nossa equipe se dividia para conseguir dar a melhor atenção a todo o grupo ao mesmo tempo,

porque se dividíssemos as crianças em grupos menores, não daria tempo de contemplar todos os grupos sem interferir no horário dos outros atendimentos.

Tivemos uma grata surpresa ao voltarmos a apresentar no palquinho. Ao perceberem a movimentação de montagem de cenário, antes mesmo do convite com a nossa música para a história, observamos que as crianças, por livre e espontânea vontade, começaram a organizar a plateia. Pegando as cadeiras que ficam nas mesinhas da Brinquedoteca para formar a plateia na frente do palquinho.

As crianças fizeram isso espontaneamente. Um começaram a chamar as outras. Que diferença! Depois de alguns meses com uma rotina de entrar em uma sala para ouvir uma história, ir para as mesinhas para desenhar ou ir para a sala de cinema assistir a um filme, tendo como cuidado fazer alguns combinados antes de cada ação, deparamo-nos com essa cena: as crianças organizam a sua plateia espontaneamente. A figura 13, a seguir, capta um momento de apresentação no palquinho, com a nossa seleta plateia:

Figura 13 - Fotografia da Plateia



Fonte: Acervo da pesquisa.

Em outra apresentação, devido a uma visita que chegou na hora da apresentação, o que gerou uma conversa de algumas pessoas por trás da plateia, nós vimos as crianças virando para trás dizendo “psiu, olha a história!”. Elas queriam ver a história. Elas queriam ouvir a história. Assim, no palquinho e mais teatralizadas, foram apresentadas as três últimas histórias dessa primeira temporada junto com o convite para o desenho. Interagíamos com as crianças durante a história e continuávamos com elas no momento do desenho.

Quando falamos “depois de alguns meses”, referimo-nos ao período em que estamos na instituição. Mas, considerem que cada criança só tem contato com o Ateliê duas vezes por

mês, em um período de uma hora a cada vez. Desta forma, em oito meses, cada criança teve contato com o Ateliê 16 vezes, sem contar com eventuais faltas que podem ter ocorrido. Quantos abraços cabem nesses cálculos? Não temos exatamente como precisar. Há necessidade de precisão? Subjetividade não é um dado “preciso”. Engraçado como as palavras brincam com a gente, não é? Todos esses abraços foram bem “precisos”.

Com esse comportamento das crianças, começamos a perceber os indícios de uma formação estética se apresentando. Uma nova postura se construindo a partir do desejo de uma fruição. As crianças se preparam para contemplar aquela obra.

Nesse sentido, volto a falar da importância da experiência que exemplifiquei aqui com o trabalho voluntário da Tia Maurícia. Curiosamente, as turmas de terças e quintas a tarde eram mais disponíveis às nossas atividades iniciais do que as outras turmas. Os grupos de crianças das terças e quintas no período da tarde que tinham contato anterior com as pinturas em gesso, com as brincadeiras, com as massinhas caseiras e outras atividades que a Tia Maurícia oferecia, haviam passado por algumas experiências. Quando o Ateliê apresenta novas propostas de atividades, percebe nesses grupos uma maior sensibilidade, uma maior receptividade. Nos outros grupos, nós começamos a plantar essas sementinhas.

Nós propomos uma experiência interessante no Ateliê, que aconteceu de uma forma espontânea, não planejada. Durante os primeiros meses de atividades do Ateliê, nós guardávamos os desenhos das crianças, mas devido ao quantitativo isso ficou inviável. Sendo assim, pensamos em devolver os desenhos para elas ao final dessa “primeira temporada”, como uma forma de “despedida”.

Mas, ao longo do ano, algumas crianças iam recebendo alta, desta forma, em um dia em que a assistente social comentou que determinada criança estaria recebendo alta, nós pensamos de que forma poderíamos fazer essa “despedida”, afinal, as crianças frequentavam a instituição por muito tempo, faziam amigos, e em algum momento deixavam de ir.

Pensando nisso coletivamente, chegamos à ideia de fazer um “caderno” com os desenhos das crianças, com um desenho feito pela equipe Ateliê e com recados dos profissionais que atendiam as crianças. Nosso coordenador passou a chamar esse “caderno” de *prontuário estético*.

Assim, quando era definida a alta da criança, juntamente com as assistentes sociais, nós convidávamos os profissionais que atendiam a criança que pudessem estar presentes, e ao final da atividade do Ateliê, nós fazíamos uma fala, mostrando o *prontuário estético*, perguntando se alguém conhecia o artista que tinha feito aqueles desenhos, dando pistas, e falando que estávamos nos despedindo.

Perguntávamos o que a criança mais gostava no IPREDE, perguntávamos se ela ou a mãe queriam falar algo, convidávamos a criança para receber o *prontuário estético* e terminávamos com um abraço coletivo, que era a “marca registrada” do Ateliê, conforme a figura 14 ensaiou capturar:

Figura 14 – Fotografia Dia de Alta no Ateliê



Fonte: Acervo da pesquisa.

Geralmente, saíamos em lágrimas, e as mães sempre falavam com muito carinho do IPREDE. As palavras eram sempre de gratidão. Eu vejo um reconhecimento muito forte por parte das mães em relação ao IPREDE. Elas realmente se sentem acolhidas e em família. Isso é muito gratificante, porque demonstra que “estamos no caminho certo”. Pois, para além da assistência, essas famílias levam aprendizados, sonhos e transformações para suas vidas.

Assim como na história da *Margarida*, que tremia sem saber por que, sentimo-nos assim no início, ainda tremendo um pouquinho como a *Margarida*, mas devagarinho íamos nos conhecendo. Como na história, *Ana Maria* abraçou a *Margarida*, fazendo-a parar de tremer. E o IPREDE nos abraçou tão carinhosamente através das assistentes sociais, da psicomotricista, dos guardas do castelo da recepção, de toda a equipe realmente multidisciplinar, das crianças e mães que estavam nos conhecendo e também nos acolhendo, que assim como a *Margarida* no abraço da *Ana Maria*, nós paramos de tremer. E permanecemos ali, retribuindo aquele abraço todos os dias.

2.3 Quando o desenho abraça a história - O *modus operandi* entre fruir e elaborar

O projeto Ateliê, como já foi citado, tinha como um dos objetivos elaborar um *modus operandi* que promovesse experiências estéticas para as crianças e familiares atendidos pela

instituição, contemplando a fruição artística e a elaboração dessas vivências, de uma forma lúdica e ao mesmo tempo reflexiva.

Neste sentido, o presente trabalho tem como um dos objetivos historicizar e organizar as ações realizadas pelo Ateliê, para que seja uma referência para trabalhos e pesquisas que envolvam arte e formação estética na primeira infância, pois, segundo Gobbi e Pinazza (2014, p. 15):

Embora existam fartas recomendações de especialistas e mesmo de legisladores brasileiros em favor de se conceber uma prática de educação infantil assentada na exploração das múltiplas linguagens artísticas, há ainda muito pouca produção na literatura nacional trazendo as expressões artísticas e sua documentação como eixos fundamentais na educação de crianças pequenas.

Para compartilhar a metodologia desenvolvida pelas duas professoras Carolina Vieira e Luciane Goldberg na condução das atividades do Ateliê, que envolvia a contação de uma história “ateliada” à atividade de desenho, apresentaremos a seguir o formato da atividade.

A partir dessa inspiração de que “o desenho abraça a história” proposta pelas professoras, desde a adaptação da história, escolha e manufatura dos recursos feita por tia Paixão, construção dos adereços, abordagem dos temas, escolhas das músicas, mediação e o momento da escuta com as crianças, toda a equipe colaborava com a construção das atividades, sempre com o acompanhamento das professoras. O trabalho coletivo que fazíamos dava sustentação para as atividades.

Desta forma, quando falamos de fruição, falamos de um contemplar. Quando a criança está assistindo a uma história, está fruindo aquela história, está contemplando. Quando está assistindo a um filme ou lendo um livro, está fruindo, está sendo envolvida por aquela obra, está sendo abraçada, pode ser com um desenho, uma pintura, uma dança ou uma música. O fruir está no lugar de passar por aquela experiência, de estar imerso naquele momento. Como aponta Silva (2014, p.33):

[...] a fruição de uma obra de arte está na ordem da experiência. Fruir é diferente de ver ou, simplesmente, observar. O fruir requer a experiência [...] A opinião do fruidor parte do sujeito que se transforma em contato com a obra artística e atribui sentido a ela através da sua experiência. Contudo, nada garante que um sujeito, ao se deparar com uma obra artística, deflagrará um processo de fruição.

Neste sentido, também tínhamos a preocupação de proporcionar um espaço de fruição plena para os adultos acompanhantes, uma vez que a linguagem lúdica também pode alcançar e encantar o adulto. Não podemos confundir o lúdico com o “bobo”. Muitas pessoas, por não conhecerem, ainda confundem atividades para crianças como “qualquer coisinha”. Como ouvimos muitas vezes em diversos lugares (principalmente escolares): “ah, você é artista?”

Então faz *uma coisinha* com as crianças, faz *uma pecinha*, canta *uma musiquinha*, conta *uma historinha*, veste uma *roupinha colorida*, só pra *distrair* eles”. Vocês não imaginam o quanto essas *frasezinhas* me deixam irritada, igual à Sininho, quando fica vermelha de raiva.

Cada palavra dita, cada cena ensaiada, cada música cantada, cada livro lido, cada peça de figurino idealizada, cada objeto de cenário construído, cada lápis-de-cor, canetinhas, pincéis e tintas compradas são criteriosamente analisados e escolhidos com objetivos, com intenção de despertar sentidos, promover experiências, encantamentos e provocar reflexões, não são *só pra distrair*.

Trabalhos artísticos são belos, encantam, *parecem mágica*, mas não são feitos com *mágica*, não tem varinha para fazer “plim plim” e eles aparecerem prontos. Cada trabalho artístico é cuidadosamente construído e isso requer tempo, espaço adequado e recursos. Neste sentido, mais um diferencial do IPREDE é compreender esses princípios e necessidades e nos apoiarem sempre.

Neste período das atividades, nós construímos momentos ímpares de troca e de aprendizagem para todas as idades. Por esse encantamento, a contação de histórias foi uma das atividades escolhidas para ser apresentada para as crianças atendidas pela instituição, pois, que lindo espaço de experiência surge no contato da criança com a história narrada!

Machado (2015, p. 34) comenta sobre quem conta e quem escuta:

[...] ambas transitam, cada uma por sua própria história dentro do conto. Não se trata de negar ou fugir da dura realidade, do medo ou da impotência. Experimentam a si mesmas em outras possibilidades de existir, além do medo. É nesse caos de começo de milênio que a imaginação criadora pode operar como a possibilidade humana de conceber o desenho de um mundo melhor. Por isso, talvez a arte de contar histórias esteja renascendo por toda parte.

No contexto da atualidade, percebemos que os hábitos da oralidade tão importantes e necessários para nossa vida em sociedade parecem estar se perdendo em meio à pressa cotidiana e ao bombardeio midiático e tecnológico.

Diante de algumas experimentações, as contações de história propostas pelo Ateliê tiveram alguns formatos diferentes ao longo das atividades, como foi apresentado no item anterior deste trabalho. Inicialmente, as histórias eram contadas pela Professora Carolina, depois com a configuração da equipe, Tia Paixão construía e apresentava as contações de histórias, elaboradas de uma forma encantadora, delicada, poética e tão sublime, que as crianças e os adultos que assistiam eram completamente envolvidos, como se abrissem um portal encantado dos contos de fadas durante as narrativas. A cada nova história, novos elementos foram inseridos, como músicas e efeitos sonoros, adereços diversos que representavam

personagens, ambientavam cenários, e ilustravam, quase concretizando, as narrativas das histórias.

As narrativas foram elaboradas a partir de adaptações de livros infantis, com a inserção de alguns elementos teatrais, como representações através de objetos, bonecos e contracena entre narradora e personagem, dos quais alguns personagens foram encenados por mim.

De acordo com Paixão (2017, p. 77), “valorizar o ouvinte da narração de um conto é trazer à tona a experiência de imersão na apreciação estética que essa arte produz naquele que escuta”. De todas as atividades propostas, as contações de histórias, juntamente com a atividade de desenho, foram as que mais provocaram o interesse e a interação das crianças.

A partir da criação deste espaço para o imaginário, percebemos que a disponibilidade das crianças e suas famílias ao ter esses momentos de fruição das contações de histórias se deu em um processo gradativo. Considerando que muitas dessas famílias não têm acesso a espaços culturais e artísticos, devido ao contexto de tantas dificuldades e carências em que vivem, procuramos trazer temas das histórias que perpassassem pelos seus desejos, por suas memórias, e que fossem possíveis inspirações para suas vidas, e que também promovessem um fortalecimento do vínculo dessas crianças com seus familiares a partir daqueles momentos de fruição.

As primeiras apresentações foram feitas em um palquinho situado no setor de Acolhimento, um espaço físico de livre acesso, onde as pessoas da plateia poderiam entrar e sair em qualquer momento, o que provocava a dispersão nas pessoas que estavam assistindo. Esse é um dos aspectos da formação estética a ser observado: o momento de fruição não deve ser uma imposição, mas sim uma conquista.

As crianças não “devem” ficar sentadas e caladas por uma questão de obediência, em estado de passividade. Pelo contrário, a proposta da formação de espectador é de um espectador ativo, interagente com o espetáculo. Para isso, também são utilizados recursos do que chamamos de *mediação teatral* (DESGRANGES, 2010) que consiste em iniciativas que viabilizem o acesso físico ou linguístico antes ou depois do espetáculo, como provocações ou diálogos que ampliem a experiência estética, levando em consideração a subjetividade de cada espectador, e, dessa forma:

[...] a compreensão de como se estabelece a relação do contemplador com a obra de arte, e sobre as possibilidades pedagógicas da experiência artística [...] diversas práticas teatrais que visam a formação de espectadores, enfocando tanto atividades pedagógicas propostas antes ou depois do espetáculo, que objetivam dinamizar a recepção, quanto procedimentos artísticos utilizados na própria constituição do espetáculo teatral visando provocar esteticamente a plateia. (DESGRANGES, 2010, p. 17-18).

Considerando essa proposta de mediação, para explorar outros formatos, algumas contações de histórias foram realizadas na sala de leitura, em um espaço menor, mais intimista, com grupos menores de crianças e seus acompanhantes, em quantas sessões fossem necessárias para contemplar todo o público presente, em média três ou quatro grupos de aproximadamente dez crianças com seus acompanhantes.

Um exemplo de mediação eram os *combinados* feitos antes da apresentação, como o pedido de silenciar os telefones, de permanecer na sala até o final da apresentação, se possível, e, além disso, poderia ser disparado algum diálogo sobre o tema da apresentação, como uma forma de acolhida antes ou depois do espetáculo.

Para a criança ou para o adulto, a história inspira uma construção de sentidos. Porém, uma situação recorrente é perceber que o adulto que acompanha a criança, muitas vezes, conduz o olhar da criança para algo, por exemplo, se na história aparece uma flor, a mãe diz “olha a flor” e isso é uma interferência. A criança poderia estar olhando para outro lugar e isso não seria um problema, pois a criança pode escolher para onde vai sua atenção. A criança vai construir seus próprios sentidos a partir da sua experiência.

Por isso, não devemos interromper a fruição da criança, ficar chamando a atenção dela para o que despertou a nossa atenção, pois propomos que “em contato com a arte da palavra e da escuta, as crianças possam em primeiro lugar aprender a escutar a si mesmas, para poder escutar aos outros e ao mundo” (MACHADO, 2015, p. 20).

É neste sentido de inspirar as crianças e os acompanhantes a “escutar a si mesmos” que a atividade de desenho cumpre um papel de expressão de si, pois, a história funciona como um disparador, como uma inspiração para as crianças desenharem algo relacionado à história, mas em um sentido de elaborar de que forma ela se sentiu tocada pela história, que sensações foram despertadas e de que forma a criança gostaria de se expressar através do desenho.

Assim, essas experiências promovem um espaço onde a criança começa a se reconhecer enquanto sujeito, construindo e percebendo sua identidade, e através das suas criações artísticas “produzem suas subjetividades e singularidades, elementos essenciais para a formação humana e para a constituição de si” (GOLDBERG, 2016, p. 29).

Ao assistir à contação de história, todos os elementos vão permeando sua imaginação e é a partir desses códigos que as crianças imaginam suas próprias florestas, com suas flores e seus bichos, elas podem criar suas próprias histórias a partir da história que estão ouvindo, e ao saírem desse portal encantado da imaginação, quando são convidadas a desenhar, elas elaboram o que essas percepções lhes trazem, apresentam em seus desenhos o que vivenciaram, o que

imaginaram, o que quiseram criar e criam no desenho o seu transbordar de sensações provocadas pela experiência estética. É assim que *o desenho abraça a história*.

O desenho sempre esteve presente desde os primórdios da humanidade, das primeiras civilizações, nos registros dos povos antigos. É uma representação de histórias, de fatos, é o registro de momentos, é uma expressão de si. A atividade de desenho proposta pelo Ateliê convidava as crianças e seus acompanhantes a desenharem de forma espontânea, sem a imitação de modelos, a partir do que os atravessava, considerando sua subjetividade, sua leitura do que foi experienciado. Para Goldberg (2016, p. 226) “Toda criança ‘se conta’ ao desenhar, ao representar, ao simbolizar a si e ao seu ambiente exterior, narrando fatos, histórias e revelando aspectos sociais, culturais, cognitivos e afetivos por meio da linguagem gráfica”.

Por isso, para iniciar a atividade do desenho, fazíamos uma mediação, como por exemplo “aqui todos sabem desenhar, cada um tem uma forma diferente de desenho”, fazíamos alguns combinados, convidando as mães para que também desenhassem e deixassem que as crianças desenhassem como quisessem, pois existia uma tendência forte das mães corrigirem as crianças, ou desenharem por elas e para elas. Desta forma, combatíamos a ideia de não saber desenhar, argumentando que cada um tem sua forma de criar e não fazíamos nenhum tipo de comparação entre os desenhos. O desenho é uma prática, quanto mais se desenha, mais se desenvolve.

Em relação à elaboração e à produção da criança, é um aspecto importante deixar a criança produzir espontaneamente, pintar, desenhar, criar uma história. Ainda temos uma cultura que estimula a cópia, a reprodução, muitas vezes o desenho já vem pronto na folha para a criança pintar dentro. Essa atividade pode ter uma função, mas não deve ser a única proposta, porque a ideia de produção da criança, de elaboração da criança fica tolhida. Ao se acostumar a receber o modelo pronto, a criança não recebe o estímulo de ela mesma fazer o desenho, de criar por si. Daí a importância de estimular a produção espontânea da criança. Ela pode desenhar do seu jeito e deve ser valorizado o que está sendo construído ali, do desenho, da escrita, do jogo. É importante a criança ser a protagonista do processo.

Não tínhamos como intuito ensinar técnicas de desenhos, mas sim proporcionar um espaço de livre criação, de forma espontânea, onde as crianças e as mães pudessem se expressar livremente através dessa experiência. Durante as atividades, as crianças puderam desenhar seus medos, seus desejos, sua felicidade, suas famílias, e na atividade do autorretrato, desenharam a si mesmas, observando-se, percebendo-se, construindo-se e reconstruindo. Mesmo não se tratando de uma atividade com um direcionamento técnico, observamos alguns aspectos do desenvolvimento que a prática do desenho livre promove.

Por isso a importância de enxergar além do que os olhos podem ver. Precisamos estar atentos ao que essas crianças trazem em seus relatos, em suas produções. Não é nosso objetivo diagnosticar perfis nem tratamentos, nem é para isso nossa formação, mas o fato de estarmos sensivelmente atentos nos permite uma troca com essas crianças que fazem toda a diferença no processo de construção de conhecimento, para elas que são assistidas, e para nós educadores que estamos sempre em formação, em construção. Para Stern (1978, p. 36) “é um abuso de confiança da parte dum educador, rebuscar no fundo dos quadros em que a criança escondeu segredos que são sua propriedade íntima”.

Dentro dessa perspectiva, Stern (1974, p. 22) considera que “a arte infantil é formada de dois elementos: há o que vem da criança, do seu eu profundo, e o que vem do exterior, pela observação e pela experiência. É preciso considerar como inicial o que vem da criança”, por isso o ateliê:

Tem por objetivo criar uma disposição e condições nas quais a criança se torna capaz de aperfeiçoar faculdades criadoras de que está provida naturalmente, e desenvolvê-las a um ponto extremo a fim de que lhe permitam exprimir-se totalmente. (STERN, 1978, p. 34).

Diante dos aspectos apresentados em relação à atividade de contação de histórias aliada à atividade de desenho, compartilhamos esse *modus operandi*. As histórias que contamos durante as atividades do Projeto Ateliê foram inspiradas e adaptadas a partir dos livros apresentados no Apêndice A. A seguir, se encontram as adaptações das histórias, na sequência em que foram contadas e a forma como construímos as atividades, “ateliando” a contação da história com a atividade de desenho, a partir de cada tema proposto, com os elementos utilizados.

Na história *Pluft*, contamos sobre um fantasma-menino que tinha medo de gente e morava com sua mãe-fantasma em uma casa que não tinha gente. *Maribel* era uma menina – gente - que tinha medo de fantasma e que tinha sido presa nessa casa que *Pluft* morava, por um pirata que buscava um tesouro. *Pluft* e *Maribel* estavam com medo um do outro, até se conhecerem. Mas, *Pluft* ajudou *Maribel* a se soltar, eles ficaram amigos e juntos desvendaram o mistério do tesouro.

Para contar essa história, nós utilizamos um baú que representava o tesouro roubado e ao mesmo tempo guardava alguns adereços, que à medida que eram mencionados na história, eram retirados do baú. Essa surpresa causa uma expectativa nas crianças sobre o que vai sair do baú. Havia efeitos de sonoplastia no decorrer da narrativa.

Ao final da história, conversamos com a plateia sobre o medo que o *Pluft* tinha de gente e o medo que *Maribel* tinha de fantasma. Perguntamos para a plateia do que eles tinham

medo. As respostas foram as mais diversas. Medo do escuro, medo de monstro, medo de cobra, barata, aranha e outros bichos, medo de ladrão, medo de tiro, medo de morrer, medo de matarem alguém próximo, medo de ficar sozinho.

Depois dessa conversa, perguntamos quem queria desenhar sobre esses medos que foram falados. Nos desenhos de algumas crianças podemos identificar, por narrativas delas, na sequência: o medo do escuro, o medo de cobra e casa mal-assombrada, e o medo de monstros (Ver Figura 15):

Figura 15 – Desenhos de uma menina de 5 anos e dois meninos de 5 anos com o tema “Medo”



Fonte: Acervo da pesquisa.

Nos desenhos das mães, com suas narrativas, aparecem na sequência: o medo do escuro, representado pela folha toda pintada de preto; o medo de cobra e ladrão; o medo da violência do mundo. Nas falas das mães se repete o medo da violência, o medo de perder o(s) filho(s) e o medo de deixar os filhos. Podemos perceber fortemente a inserção dessas famílias e o quanto são afetadas pelo contexto de vulnerabilidade social, de violência e outras necessidades (Ver Figura 16).

Figura 16 – Desenhos de mães com o tema “Medo”



Fonte: Acervo da pesquisa.

Na história *A princesinha medrosa*, a personagem *Princesa* tinha tanto medo do escuro, tanto medo, que ordenou que todas as luzes do palácio ficassem acesas e que o sol

brilhasse dia e noite. Certo dia, ao passear com a comitiva do castelo na floresta, ela se perdeu. Porém, encontrou um garoto perto de uma fonte, dizendo que brincava com as estrelas. Ao perguntá-lo como ele via as estrelas, pois o sol brilhava o tempo todo, ele lhe ensinou que ela poderia fechar os olhos e as estrelas estariam ali, prontas para brincar com ela. Assim ela fez. E desde esse dia, nunca mais teve medo do escuro e o sol voltou a brilhar de dia e descansar de noite.

Em cena, uma boneca representava a princesa, um boneco representava o menino e um móbile de estrelas ficava no cenário. Depois dessa história, conversamos com a plateia sobre o que fazemos quando sentimos medo. Às vezes, o medo nos alerta de algo que pode nos machucar, temos medo do fogo porque ele pode nos queimar. Às vezes, o medo nos protege, entretanto às vezes sentimos medo de coisas porque não as conhecemos.

Quando convidamos a plateia para desenhar para expressarem o que pensavam ou o que lembravam ou que sentiam, eles davam forma a essas sensações. Mais uma vez explico aqui que não temos a intenção nem a competência de fazer análises psicológicas dos desenhos. Mas enfatizo a importância da expressão através do desenho. Por exemplo, não é porque falamos de medo que todos os desenhos vão ter estereótipos de cores escuras. Vimos medos de todas as cores, tamanhos e formas.

Na história *Adivinha o quanto eu te amo*⁹, um papai coelho coloca seu filhote para dormir cantando uma música que dizia assim “coração não é tão simples quanto pensa, nele cabe o que não cabe na dispensa, cabe o meu amor, cabem três vidas inteiras, cabe uma penteadeira, cabe nós dois”¹⁰. E assim, o filhote pergunta se o pai adivinha o quanto ele o ama. O filhote diz que o ama com todo seu tamanho. E o pai responde que também o ama com todo seu tamanho. Assim, eles brincam citando distâncias e as comparando com o tamanho do amor que sentem um pelo outro. “Eu te amo daqui até aquela árvore”, “Eu te amo daqui até a lua”.

Nessa história, o personagem do papai-coelho interage com a narradora. Utilizamos um coelhinho de pelúcia para representar o filhote, um tecido verde para representar a grama e um novelo de lã vermelha para interagir com a plateia.

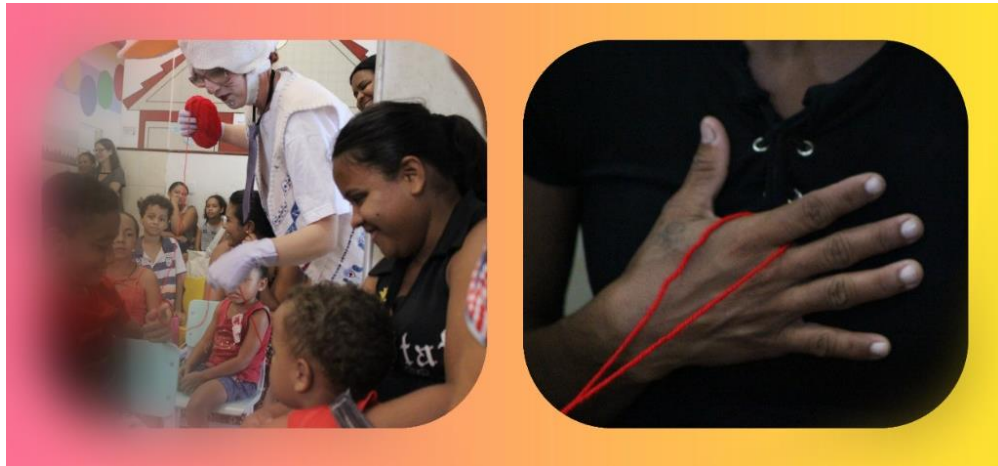
Quando contamos essa história, interagimos com a plateia, com um novelo de lã, deixando a ponta do novelo com uma criança e perguntando para ela quem ela amava e qual era o tamanho do amor ela sentia, e íamos desenrolando o novelo até outra criança, pedindo que ela segurasse naquele ponto, perguntando novamente. Assim, íamos desenrolando o novelo até

⁹ História contada em apresentação única, na programação da “Semana do Natal” (2017).

¹⁰ Trecho da música *Oração*, de uma banda chamada “A banda mais bonita da cidade”.

uma mãe e pedíamos que ela segurasse o novelo naquele ponto, fazendo a mesma pergunta a mãe (Ver figura 17):

Figura 17 – Fotografia da interação com a plateia na história “Adivinha o quanto eu te amo”



Fonte: Acervo da pesquisa.

Como a instituição atende famílias de diversos bairros e até de outros municípios, brincamos com as distâncias que as famílias percorrem até chegar à instituição. De forma que fizemos uma grande teia com a plateia segurando o fio do novelo em vários pontos. Enrolamos o novelo de volta, retornando pelos pontos de onde estavam segurando, “voltando pelo mesmo caminho”. Foi muito lindo e sensível conversar sobre o tamanho desse amor que muitas vezes não é expressado.

Na história *A colcha de retalhos*, *Felipe* visita a casa da sua avó e se depara com vários retalhos de tecidos tirados do baú, porque a vovó está costurando uma colcha de retalhos. Ao mexer nos retalhos para ajudar a vovó, *Felipe* vai reconhecendo os pedaços de pano daquele pijama, daquela blusa, daquelas roupas que vovó tinha costurado para ele, para seu pai, para sua mãe, e assim, eles vão se lembrando das histórias de cada roupa, onde estavam, o que fizeram, conversavam sobre lembranças, sobre lugares, sobre pessoas queridas e sobre saudade.

Nós mesmos confeccionamos uma colcha de retalhos para essa história, utilizamos um pequeno baú para conter os retalhos e alfinetes de segurança para prender os retalhos externos na colcha durante a cena. Tivemos duas versões dessa história, em uma das versões, tia Paixão contava a história sozinha. Na outra versão, inserimos a personagem da *Vovó* (encenada por mim em alguns dias e por tia Juju em outros dias), que interagiu com a narrativa de Tia Paixão.

Essa foi uma das histórias que mais emocionou os adultos que acompanhavam as crianças. Nossa linguagem estava voltada para as crianças, mas essa história foi um forte exemplo de que a forma lúdica também alcança os adultos.

No tema “o que faz você feliz”, contextualizado com a história, surgiram reflexões sobre as próprias histórias de quem estava assistindo. Os desenhos elaborados na atividade foram muito sensíveis, retrataram lembranças, memórias. Os encontros foram permeados de emoções para todos, porque ao provocarmos essas sensações e reações na plateia, em ressonância também nos emocionamos com os seus relatos: “lembrei da casa da minha avó, no interior, tempo bom de brincar mais os primos”; “eu subia na goiabeira pra comer goiaba lá em cima”; “no dia do meu aniversário teve um bolo”; “sabia, filho, que a mamãe ia tomar banho de rio?”.

Assim, nós ouvimos histórias também, perguntamos se as mães contavam essas histórias para os filhos, algumas diziam que sim, outras diziam “mais ou menos”; uma mãe disse: “nunca contei não, mas acho que vou contar, tem tanta coisa boa...”. Nós valorizamos muito esse momento. Quando contamos nossas histórias, reafirmamos nossas identidades, nossas origens. Para as crianças, é importante e elas gostam de ouvir porque também faz parte da história delas. Na Figura 18, vemos uma fotografia da apresentação, um desenho de uma menina de 5 anos e um desenho de uma mãe, elaborados depois de assistirem a história.

Figura 18 - Fotografia da contação da história “Colcha de retalhos”, desenho elaborado por uma menina de 5 anos e desenho de uma mãe



Fonte: Acervo da pesquisa.

Na história *A Margarida friorenta*, *Margarida* era uma florzinha que morava no jardim da casa da menina *Ana Maria*. Certa noite, *Margarida* começou a se tremer, tremer, tremer sem parar. *Ana Maria*, ouvindo o barulho do tremilique de *Margarida*, foi até o jardim e pensando que tremia de medo, trouxe *Margarida* para dentro do quarto.

Entretanto, isso não resolveu o problema e *Margarida* continuava tremendo. *Ana Maria* pensou que era de frio e cobriu *Margarida* com um cobertor. Mas ainda assim, *Margarida* não parava de tremer. *Ana Maria* guardou *Margarida* no armário pensando que o cobertor não esquentava o suficiente. E *Margarida* tremia tanto que saiu do armário por causa do tremelique. *Ana Maria* não sabia mais o que fazer, pegou *Margarida* e lhe deu um abraço.

Para sua surpresa, dentro do abraço Margarida foi parando de tremer, parando, parando até parar totalmente. *Margarida* estava precisando de um abraço.

Os adereços dessa história eram: uma margarida artesanal, um regador de brinquedo, um pandeiro que ficava com a monitora e chocalhos artesanais, feitos de garrafa pet com grãos de milho e um isolamento na tampa da garrafa para não abrir. Na mediação dessa história, nós pedimos que as crianças participassem. Antes de começar, nós mostramos uns chocalhos artesanais e combinamos que quando fosse dita a palavra “tremer”, as crianças usariam os chocalhos para mostrar o barulho que *Margarida* estava fazendo. Fizemos os combinados de deixar o chocalho no chão e pegar apenas quando ouvíssem a palavra “tremer”. Fizemos um ensaio antes e pronto! Começamos a história.

A participação deles foi divertida e harmoniosa. Alguém pode perguntar “eles ficaram mexendo no chocalho fora do momento combinado?”. E a resposta é: raríssimamente, porque eles respeitam os combinados. Daí a importância da mediação, desse momento inicial, de fazer os combinados, de comentar sobre algum elemento da história, de preparar o espectador para a fruição e nesse contexto, considerar também a participação das crianças, em uma fruição participante. O instrumento foi apresentado para eles antes da história. Eles pegaram, mexeram, experimentaram. Foi feito um “ensaio” de como eles iriam utilizar o instrumento, até o momento “oficial” da história.

Quando a criança é envolvida no processo, quando o processo é construído junto com a criança, a interação é plena. Em outras palavras: “funciona”, “dá certo”. Ao final, guardaram os chocalhos na caixa e conversamos sobre como nos sentimos quando damos ou recebemos um abraço. O convite para desenhar se fez com a pergunta “o que faz você feliz?”

Na Figura 19, vocês podem ver a fotografia da apresentação, as crianças interagindo com o chocalho e o desenho de uma menina de 6 anos feito depois da apresentação, mostrando no desenho que o vínculo familiar lhe faz feliz.

Figura 19 - Fotografias da contação de história “A Margarida friorenta” e desenho elaborado por uma menina de 6 anos depois da história



Fonte: Acervo da pesquisa.

A história *A Loja das Palavras Encantadas* foi inspirada no livro *Anita Bocadura*. *Anita* era uma menina que se sentia triste porque não tinha amigos. *Anita*, na escola, quando queria beber água e encontrava alguém no bebedouro dizia assim: “saia, eu estou com sede!”; quando estava no recreio e via alguém no balanço, dizia: “eu quero balançar! Saiam, saiam logo!; *Anita* achava que as outras crianças eram chatas, que não a viam, nem a ouviam.

Um dia, *Anita* estava triste por isso, e estava chorando no pátio do prédio onde morava e sua mãe tentava falar com ela, até que chegou o Sr. *Gentil*, vizinho delas. Perguntou como poderia ajudar e ao ouvir a história de *Anita*, convidou *Anita* e sua mãe para irem até uma loja. Era a loja das Palavras Encantadas e eles foram atendidos por *D. Delicadeza*, que explicou para *Anita* que olhasse as prateleiras e procurasse as palavras que ela não usava, pois seriam as que ela mais precisava.

Disse-lhes também que nessa loja as palavras não eram compradas com dinheiro, eram trocadas por outras palavras: “você escolhe uma palavra e diz *por favor*, então você ganhará outra e assim por diante”. Depois de conseguir as palavras que precisava, *Anita* guardou as palavras encantadas na bolsa e usou a palavra “Obrigada”, que se não fosse usada, quebrava o encanto da loja. E no dia seguinte, na escola, ao ver uma menina no balanço, mexeu na sua bolsa de palavras encantadas e tirou duas: “*Bom dia! Por favor*, posso balançar também? E a menina respondeu que sim com um sorriso e as duas brincaram no balanço.

Para contar essa história, Tia Paixão utilizou como recurso quatro chapéus diferentes para representarem os personagens: *Anita, mãe de Anita, Sr. Gentil e D. Delicadeza*. Uma estante de prateleiras para guardar os potinhos de garrafa pet decorados que continham as palavras encantadas. Um balanço feito com papelão, E.V.A. e fitas de cetim, colocado na parede; e uma bolsa para guardar as palavras encantadas.

Não faz parte da nossa proposta considerar as contações de histórias como “receita”, nem apontamos “isso é certo ou errado”, ou “isso tem que ser feito desta forma”. Partimos de princípios pedagógicos, elaboramos ações formativas a partir de reflexões, procurando compreender o contexto da criança, seus desejos e necessidades.

De uma forma poética e delicada, conversamos sobre as relações que temos, sobre como nos sentimos com o que nos acontece e sobre a nossa comunicação. Depois da história, perguntamos quem gostaria de desenhar “o que você faz com seus amigos”. Na Figura 20, vemos uma foto da apresentação e dois desenhos elaborados por crianças depois da história:

Figura 20 – Fotografia de contação da história “A loja das Palavras Encantadas” e desenhos elaborados por uma menina de 7 anos e por um menino de 7 anos depois da história



Fonte: Acervo da pesquisa.

Já a história *As cartas de Dona Sofia* foi adaptada do livro *A caligrafia de Dona Sofia*. Contamos a história de *Dona Sofia*, uma professora aposentada que morava numa casa lá no alto da colina, com um jardim cheio de flores. *Dona Sofia* gostava tanto de ler e de escrever histórias, contos e poesias, que começou a escrever em todas as paredes da sua casa. Quando não havia mais nenhum cantinho sem letras, palavras e desenhos, *Dona Sofia* resolveu escrever cartas, poesias e desenhos e dar de presente para os seus amigos da cidade.

Chamou o carteiro, *Seu Ananias*, e ele fazia todas as entregas pela cidade. Até que um dia, no meio das cartas, encontrou uma com seu nome e ficou tão feliz, tão feliz, pois ele só entregava as cartas, mas nunca tinha recebido uma. Ele também percebeu que todas as pessoas da cidade estavam muito felizes com as cartas de *Dona Sofia* e começou a contar para as pessoas o quanto ela tinha mudado a cidade. Suas palavras eram como sementes ao vento, que floriam nos corações das pessoas. Com o tempo, os moradores da cidade passaram a também escrever mais cartas, inclusive para *Dona Sofia*, em agradecimento pela alegria que ela causara em todos com suas palavras. Poesias, cartas e desenhos são presentes muito doces.

O cenário da história foi uma casinha de madeira decorada que tinha uma articulação que permitia abrir a casa, com vários bilhetes por toda parte; uma boneca que representava *D. Sofia* e um boneco com bicicleta que representava o carteiro, *Seu Ananias*. Depois da história, perguntamos quem já tinha recebido carta e qual era a sensação de receber uma carta, e algumas respostas foram: “vixi, sei nem o que é isso”; “só chega conta lá em casa, chega carta não”; “ah, eu fazia antigamente”; “só mando mensagem no zap”.

Neste tempo de tecnologia, onde as pessoas escrevem apenas mensagens no telefone, as cartas ficaram esquecidas. Nesse sentido, é válido compartilhar e proporcionar às crianças de hoje uma experiência tão rica e sensível de pensar em alguém e construir uma carta, com palavras ou desenhos e entregar para a pessoa. As crianças e suas mães foram convidadas a escrever ou desenhar cartas para quem quisessem e levaram suas cartas para seus destinos. Entregamos os papéis já dobrados no formato “envelope” (Ver Figura 21):

Figura 21 – Fotografia da contação da história “As cartas de D. Sofia” e Meninas de 5 anos elaborando suas cartas



Fonte: Acervo da pesquisa.

Em dois grupos com aproximadamente 15 crianças cada, um no turno da manhã e outro no turno da tarde, realizamos a ação *Trenzinho do Ateliê* na qual as crianças e mães desenharam ou escreveram cartas destinadas ao IPREDE e aos amigos do IPREDE. Nosso trenzinho fez paradas em cada setor da instituição e as crianças entregaram suas cartas aos funcionários do IPREDE, conforme se vê na figura abaixo:

Figura 22 – Fotografia trenzinho entregando cartas



Fonte: Acervo da pesquisa.

Com essa atividade, percebemos a importância de habitar o lugar em que estamos. Conhecer os espaços, os setores, os funcionários de cada setor. Muitas mães e crianças não têm a dimensão de quantos corações fazem funcionar essa grande casa colorida em tal harmonia. Os funcionários ficaram tão felizes de receber essas cartas das crianças, foi tão bonito de ver os sorrisos e olhares surpresos. As crianças ficaram tão felizes de compartilhar suas cartas, seus desenhos e dar de presente para aqueles amigos daquela casa que a fazem tão feliz.

Na história *Bom dia, todas as cores!*, todos os dias pela manhã o *Camaleão* dizia: “Bom dia, Sol! Bom dia, Flores! Bom dia, todas as Cores!”. Vestia sua cor preferida e saía pela floresta. Mas cada amigo que ele encontrava, dizia para ele mudar de cor. “Mudou de rosa para azul. De azul para alaranjado. De laranja para verde. De verde para encarnado. Mudou de preto pra branco. De branco ficou roxinho. De roxo para amarelo. E até para cor de vinho”. O *Camaleão* ficou cansado de tanto mudar de cor. Mas ficou mais cansado de tentar agradar todo mundo, porque não conseguia dizer não. Ele percebeu que os conselhos são importantes, mas o que ele sente também é importante, por isso escolheu sua cor preferida, e seguiu o seu caminho.

O cenário era bem colorido, colocamos muito verde para ambientar a floresta, figuras ilustravam os outros personagens, o *Camaleão* foi feito de dobradura e plumas coloridas ilustravam sua mudança de cor. A música era tocada ao vivo no violão, acompanhando a narrativa. Depois da história, cada pessoa da plateia foi convidada a desenhar o seu camaleão do jeito que quisesse, com seu tamanho, com sua cor ou suas cores preferidas e dar um nome para seu camaleão. Com essa história, nós conversamos sobre vontades e diferenças a serem respeitadas, desta forma, percebe-se que:

O acontecimento artístico completa-se quando o contemplador elabora sua compreensão da obra. A totalidade do fato artístico, portanto, inclui a criação do contemplador; na relação entre os três elementos – autor, contemplador e obra – reside o evento estético. O fato artístico não está contido completamente no objeto, nem no psiquismo do criador, nem no do receptor, mas na relação desses três aspectos. (DESGRANGES, 2010, p.123).

Na Figura 23, podemos ver uma fotografia da apresentação, uma fotografia de um garoto de seis anos desenhando e o desenho de uma menina de 5 anos depois de ouvir a história

Figura 23- Fotografia da contação da história “Bom dia, todas as cores!”, fotografia de um garoto de seis anos desenhando um camaleão e o desenho do camaleão de uma menina de 5 anos



Fonte: Acervo da pesquisa.

No livro *A máquina de histórias*, *Hélio* era um menino curioso que gostava de coisas diferentes. Um dia, ele encontrou uma máquina, mas não sabia como ligá-la, até que ele mexeu, mexeu e, de repente, a máquina funcionou. A máquina fazia letras, e as letras faziam palavras. *Hélio* pensou que poderia ser uma máquina de histórias, mas ele não sabia muito bem mexer com as palavras. Entre as letras, *Hélio* achou um desenho.

Daí, começou a desenhar sem parar. Mas a máquina teve um problema, parou de funcionar e isso deixou *Hélio* muito triste, ele pensou que não teria mais as histórias. Mas, outro dia, remexendo em coisas guardadas, *Hélio* encontrou uma caixa com outras coisas diferentes, umas tintas, uns pincéis e *Hélio* entendeu que na verdade, quem fazia as histórias não era a máquina. Era ele mesmo. Assim, *Hélio* continuou criando suas próprias histórias e seus próprios desenhos.

Essa história foi contada de um jeito diferente. Nós elaboramos um vídeo com as fotografias de cada página do livro, colocamos alguns efeitos especiais de movimento nas imagens, sonoplastia e exibimos o vídeo na sala de leitura, que tem uma inclinação no teto apropriada para projeção, de forma que as crianças ficam deitadas em *puffs* e almofadas, olhando para o teto. Tia Paixão fazia a “leitura” do livro projetado, acompanhando as imagens do vídeo.

A sensação de ver o livro bem grande, lá no teto e com efeitos encantava as crianças e os adultos. Assim como *Hélio*, nós podemos construir nossas histórias, nossos desenhos, criar nosso reino de fantasias e projetá-los por onde formos. Isso mostra que não precisamos ter limites para criar. As crianças também devem ser livres para construírem suas próprias histórias, assim como *Hélio*.

O convite para o desenho foi “Qual história você vai criar?”. Mas, a partir desta história nós não guardávamos mais os desenhos, porque diante do quantitativo de crianças, demo-nos conta que estava inviável essa organização e armazenamento. Mantivemos a escuta sensível durante a atividade de desenho, mas as crianças passaram a levar seus desenhos para casa. Na Figura 24, fotografias da atividade:

Figura 24 – Fotografia da contação da história “A máquina de histórias” com projeção no teto da sala de leitura



Fonte: Acervo de pesquisa.

A história *O príncipe e a raposa* foi adaptada a partir de recortes do clássico *O Pequeno Príncipe*. Do momento inicial em que o personagem *aviador* conta porque parou de desenhar aos seis anos de idade e reflete porque as pessoas grandes não entendem os desenhos das crianças, passando pelo momento em que o *aviador* conhece o *príncipe*. Por sua vez, o *príncipe* conta sobre sua rosa que ficou no seu planeta, e conta seu diálogo com a *raposa*.

Nessa narrativa, foram inseridos mais elementos teatrais, como um cenário de céu estrelado, adereços que ilustravam o jardim de rosas, o personagem do *Príncipe*, encenado por mim, além de utilizarmos música¹¹ para contracena e um fantoche de raposa manipulado por Tia Paixão, que interagiu com a narrativa também conduzida por ela. A encenação foi apresentada no palquinho, e ao final, convidamos as crianças a desenharem livremente. A pergunta para o desenho foi “o que você quer desenhar hoje?” e as crianças levaram seus desenhos para casa. Continuamos a atividade de desenho, com a escuta sensível de quem quisesse contar sobre o seu desenho, interagindo com as crianças após a história (Ver Figura 25).

¹¹ Utilizamos trechos da música “Cativar é amar”, do Grupo Arte Nascente.

Figura 25 – Fotografia da contação da história *O Príncipe e a Raposa*



Fonte: Acervo da pesquisa.

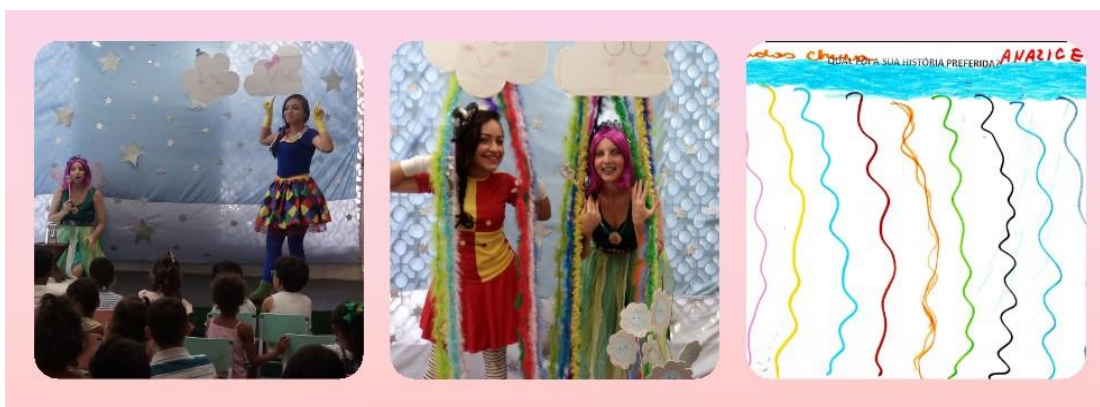
O livro *A fada que tinha ideias* conta várias aventuras da Fada Clara-Luz. E a história *A fada Clara-Luz e a Chuva Colorida*, também foi adaptada a partir de recortes do referido livro. *Clara-Luz* é uma fada travessa que mora com sua mãe e o seu reino é comandado pela *Rainha das Fadas*, que obriga todas as fadas a aprenderem apenas as lições do antigo e tradicional Livro das Fadas e não podem fazer nenhuma mágica que não esteja no livro.

As tradições são muito importantes, mas ideias novas também são, por isso, *Clara-Luz* acredita que “quando alguém inventa alguma coisa, é que o mundo anda” e faz de tudo para poder inventar suas próprias mágicas. Assim, *Clara-Luz* inventa a chuva colorida, que inicialmente, deixa a *Rainha* muito brava. Mas, todos tinham gostado muito e até a *Rainha* começou a entender que novas ideias poderiam fazer bem. Assim, depois de uma assembleia, a *Rainha* convidou *Clara-Luz* para ser sua conselheira-chefe e permitiu que novas mágicas fossem inventadas e escritas no Livro das Fadas.

Com vários elementos teatrais, personagem *Clara-Luz* encenada por mim, cenário de céu, a casa de *Clara-Luz*, personagens de fantoche, alguns efeitos de mágica (acendia uma luz nos dedos da *fada*), inclusive um efeito para “aparecer a chuva colorida”. Vou revelar os segredos para inspirar você que está lendo.

Nós prendemos com fio de *nylon* duas nuvens de E.V.A. com plumas coloridas enroladas com alfinetes e seguras por um plástico, escondidas na parte de trás das nuvens, de forma que a plateia via as nuvens “soltas no ar”, e no momento da mágica, com a música, nós fizemos a *chuva colorida*. Ao final da história, perguntamos à plateia “que mágicas elas gostariam de inventar” e fizemos o convite para quem quisesse desenhar suas mágicas inventadas. No momento do desenho percebemos o quanto o impacto visual da cena é forte. Muitos desenhos retrataram a chuva colorida (Ver Figura 26).

Figura 26 – Fotografia da contação da história *A fada Clara-Luz e a chuva colorida*, seguida de desenho



Fonte: Acervo da pesquisa.

A história *O vestido de sonhos* foi adaptada do livro *A menina e o vestido de sonhos*, que conta sobre uma *Menina* que colecionava os sonhos que foram esquecidos pela sua cidade e os costurava num lindo e mágico vestido. Até o dia em que a *Menina* percebeu que seu vestido precisaria de botões especiais. E a *Menina* sonhou com botões de maçãs. Daí, a *Menina* encontrou em seu vestido um sonho de voar e voou num balão em busca dos seus botões, atravessou as fronteiras da cidade e encontrou um lindo jardim de frutinhas vermelhas.

Lá encontrou um marinheiro que também sonhava muito com maçãs. Ele, compreendendo o sonho da *Menina*, deu para ela um pote de botões de maçãs. Muito feliz, a *Menina* voltou para sua cidade no seu balão e teve uma ideia incrível! Ela tirou do bolso do vestido muitos lápis de cor e canetinhas, e cantando, convidou a plateia a desenhar seus sonhos no vestido, porque assim, o vestido seria um guardador de sonhos. Seria também um lugar de encontro dos desejos, onde se poderia sonhar um sonho só seu, mas também poderia sonhar com o outro.

Nós confeccionamos o vestido com o apoio do IPREDE, em parceria com a professora Sara, do curso de corte e costura, curso este que foi oferecido para as mães, e contamos com a *mãe colaboradora* Talita para a confecção do vestido. Como adereços, utilizamos um guarda-chuva bem colorido que representou um balão e uma árvore de maçãs artesanal que representou o jardim. A música¹², foi tocada ao vivo, com teclado, por Paulo Ricardo, um dos bolsistas do curso de teatro que atuava no projeto.

Foi proposta uma interação com as crianças dentro da própria história, na parte final, pois as crianças passaram a representar os moradores da cidade e dentro das falas da *Menina*,

¹² Foi utilizado trecho da música “Além do arco-íris”, interpretada por Luíza Possi.

com a música e interagindo com a narrativa, receberam as canetinhas e desenharam seus sonhos no vestido (Ver figura 27).

Figura 27 – Fotografia da contação da história *O vestido de sonhos*



Fonte: Acervo da pesquisa.

E foi com esta história que concluímos o período de um ano da “primeira temporada” do projeto Ateliê do IPREDE, e com este formato das atividades nos despedimos temporariamente das crianças e famílias, com lágrimas nos olhos e abraços de saudade. Nós preparamos envelopes com os desenhos que cada criança tinha produzido nas atividades do Ateliê, as quais tínhamos guardado nos meses iniciais e neste dia, entregamos-lhes seus desenhos. Esse também foi um momento sensível e emocionante, delas abrirem os envelopes e reverem seus desenhos, mostrar para as mães, mostrarem umas para as outras, lembrarem do que tinha sido vivenciado. Nessa quinzena, também estava acontecendo a *Exposição Ateliando*, já apresentada no item anterior deste trabalho, que também trouxe esses momentos de memórias e afetos.

Diante dessas experiências, acompanhadas pelas observações e estudos propostos pelo Grupo de Pesquisa Ateliar, fui inspirada a propor esta pesquisa, pois, para os nossos olhos, as transformações estavam acontecendo. Daí, surgiram algumas questões que norteiam esse trabalho. Se as crianças mostram, se as mães falam, se os profissionais recomendam, o que o Ateliê está fazendo nesse espaço? De que forma nós poderíamos identificar e registrar esses acontecimentos? As atividades do Ateliê contribuem para a formação dessas crianças? Quais são essas contribuições?

Para responder a essas questões eu precisaria de palavras. Mas não poderiam ser quaisquer palavras, pois esse trabalho é especial, é meio mágico, meio encantado. Então, eu

precisaria de palavras especiais. Eu precisaria de Palavras Encantadas para responder a essas perguntas. Acho que *Anita* pode me ajudar. Na história de *Anita*, ela conhece a *Loja das Palavras Encantadas*. Você quer ir lá comigo? Vamos lá...

2.4 As Palavras Encantadas, e os elementos da pesquisa

Anita tinha dificuldade em usar as palavras. Não conseguia encaixar a palavra certa no lugar certo. Certo dia, seu vizinho Sr. Gentil, convidou Anita e sua Mãe para conhecer a Loja das Palavras Encantadas. D. Delicadeza, que cuida da loja, explica que lá as palavras não são vendidas nem compradas. Elas são trocadas por outras palavras. (Lali).

O caminho da Loja das Palavras Encantadas parecia tortuoso. Muitas vezes, senti-me caminhando na estrada de tijolos dourados do *Mágico de Oz*, em alguns momentos queria um cérebro como o espantalho, em outros eu queria um coração como homem de lata e em muitos momentos eu queria a coragem que o leão não tinha e eu não tinha os sapatinhos mágicos de rubi que me levariam aonde eu quisesse... e essa é outra história.

Às vezes, eu também tinha vontade de mudar de história no meio do caminho... Mas, precisava continuar na estrada, em busca da *Loja das Palavras Encantadas*. Durante todo o percurso, para executar as ações de pesquisa desse trabalho, em criação, execução, registros, transcrições das atividades e entrevistas, contei com o apoio e suporte dos meus amigos estrelinhas do Grupo de Pesquisa Ateliar, como citei lá no início do trabalho, aqui não sou “eu”, nesta etapa do trabalho somos “nós”, sensivelmente retratados em dia de atividade (Ver figura 28).

Figura 28- Desenho feito por Moana no dia da intervenção do grupo focal - Equipe Ateliar



Fonte: Acervo da pesquisa.

No desenho, podemos ver que a casa vermelha é o IPREDE, e na sequência, Liliane (pedagoga e musicista), Andréa (bolsista do curso de pedagogia, que tem o cabelo azul), Tamara (eu), Leandro (pedagogo), Mônica (ex-bolsista e ex-estagiária do Ateliê, psicóloga e está usando chapéu), e Professora. Luciane. Estávamos usando os aventais do Ateliê nas respectivas cores que *Moana* desenhou.

A primeira pista que tive das *Palavras Encantadas* foi encontrada numa ação do grupo de pesquisa, proposta por tia Paixão, que consistiu em convidar as crianças com as mães que quisessem participar por livre demanda, de uma entrevista semiestruturada, pois, segundo COHN (2005, p.45): “seu caráter dialógico, de interação, terá que ser enfatizado, permitindo ao pesquisador tratar as crianças em condições de igualdade e ouvir delas o que fazem e o que pensam sobre o que fazem, sobre o mundo que as rodeia e sobre ser criança [...] como um sujeito ativo e produtor de sentido”.

Para essa entrevista preliminar, nós convidamos um total de 20 díades (crianças com suas mães)¹³, de dias/turnos diferentes. Essa entrevista (Apêndice B) foi realizada nos dias das últimas apresentações desse período do projeto. Inicialmente, a entrevista focava na ação das contações de histórias, mas nos relatos das crianças e das mães apareceram outras relações com as atividades. Ao final da entrevista, convidamos as crianças e mães a desenharem algo relacionado à história que mais tivessem gostado desse período de um ano. Dessas entrevistas, tivemos relatos significativos, emocionantes e aqui apareceram as primeiras Palavras Encantadas.

Depois dessa experiência, para delimitar o caminho da pesquisa, nós precisamos definir um recorte do nosso público, pois nossa plateia totalizava mais de 600 crianças com seus acompanhantes. Como informei anteriormente, a instituição codifica os grupos por semana G1 ou semana G2, com o dia/turno da semana.

Desta forma, definimos que faríamos a pesquisa, com o grupo G1 da terça-feira da tarde, por ter sido o primeiro grupo a passar pelas ações iniciais do projeto, quando ainda era ação voluntária das professoras e que, portanto, foram as crianças que mais tiveram contato com o Ateliê – esse foi nosso grupo piloto.

Ainda assim, precisamos criar mais um critério de escolha porque contávamos com 27 crianças. Então convidamos dez crianças que tivessem entre 4 e 6 anos de idade, juntamente com suas responsáveis, que participassem das atividades desde as primeiras ações, que não

¹³ Algumas crianças vêm para a instituição com a mãe, ou avó, às vezes tem irmãos que também são acompanhados na instituição e às vezes têm irmãos que não são atendidos, mas vêm como acompanhantes. E todos participam das atividades do Ateliê.

participaram da primeira entrevista. Com este grupo, elaboramos intervenções que serão explicadas a seguir.

A segunda pista que encontrei das *Palavras Encantadas* veio a partir de algumas conversas com alguns profissionais da instituição que começaram a compartilhar, comigo em particular, situações de algumas crianças atendidas, sugerindo que as atividades do Ateliê poderiam ajudar mais diretamente no desenvolvimento ou nas questões que essas crianças demandavam.

É importante ressaltar que nós do Ateliê não tínhamos alcance para acompanhar as crianças individualmente, primeiro porque não era a nossa proposta intervir “terapeuticamente”, pois não recebemos formação acadêmica para tal. Além disso, em razão do curto tempo de atuação e a quantidade de crianças atendidas ao mesmo tempo, não teríamos essa condição. Entretanto, surgiu a observação de alguns dos profissionais de que as nossas atividades estavam reverberando de alguma forma nas crianças, ao longo desse um ano de atividades. Sendo assim, esses relatos seriam outras pistas para nossa investigação.

A presente dissertação situa-se no universo da pesquisa qualitativa em Educação. Os autores Lüdke e André (1986), utilizando-se das elaborações de Bogdan e Biklen (1982), apresentam as seguintes características básicas de uma pesquisa qualitativa:

A pesquisa qualitativa supõe o contato direto e prolongado do pesquisador com o ambiente e a situação que está sendo investigada (...) os dados são ricos em descrições de pessoas, situações, acontecimentos, inclui transcrições de entrevistas, depoimentos, fotografias, desenhos (...) a preocupação com o processo é maior do que com o produto (...) o significado que as pessoas dão às coisas e à sua vida são focos de atenção especial pelo pesquisador, a “perspectiva dos participantes” (...) a análise dos dados tende a seguir um processo indutivo. (LÜDKE; ANDRÉ, 1986, p.11-13).

Sendo assim, enquanto pesquisadora, estive em contato direto com o ambiente, diretamente afetada e “ateliada” com a situação de pesquisa. Apresento depoimentos de mães, de crianças e de profissionais da instituição, além de utilizar fotografias das atividades e desenhos elaborados pelas crianças em ações do grupo de pesquisa. Considero de fundamental importância a perspectiva de todos os participantes deste percurso. Utilizei a estratégia do estudo de caso, que “consiste na observação detalhada de um contexto ou de um indivíduo, de uma única fonte de documentos ou de um acontecimento específico” (MERRIAM *apud* BOGDAN; BIKLEN, 1994, p.89).

O Estudo de Caso permite a compreensão de um fenômeno e a “investigação para se preservar as características holísticas e significativas dos eventos na vida real” (YIN, 2001, p.21), quando se quer lidar com uma intervenção em condições contextuais. Desta forma, o

primeiro ano de atuação do projeto Ateliê foi o fenômeno a ser estudado, no período de setembro de 2017 a agosto de 2018, no contexto dos atendimentos da instituição.

Trata-se, pois, de um estudo de um caso em especial, que só existe naquele local, naquele contexto, com aquelas pessoas e num espaço-tempo único e singular – temos assim o “caso” Ateliê do IPREDE e seu estudo se dá a partir de diferentes fases e instrumentos de pesquisa, capazes de abraçar e refletir sobre esse “fenômeno” em suas distintas e ricas dimensões.

Lüdke e André (1986) trazem a abordagem de Nisbet e Watt (1978) os quais apresentam três fases para se desenvolver um estudo de caso: a fase exploratória, a coleta de dados e a análise e interpretação dos dados. Durante a fase exploratória, foi feita a revisão de literatura que já embasava as ações iniciais do projeto, contando com autores como Larrosa (2002) para dialogar sobre experiência, Duarte Jr. (2002) que traz a educação do sensível e a experiência estética, Goldberg (2016) com o desenho infantil, Machado (2015) com as contações de histórias, entre outros autores que foram abordados anteriormente e serão abordados a seguir.

A pesquisa se compõe de uma primeira parte contando a história do projeto Ateliê do IPREDE, apresentando suas atividades, suas inspirações e seus objetivos. Para isso, utilizamos como procedimentos a análise documental, observação participante, o diário de itinerância (BARBIER, 2002) e registros fotográficos. Fez-se necessária a análise e consulta de documentos importantes como o Projeto de Extensão, o Estatuto do IPREDE e publicações originárias de pesquisas realizadas pelo IPREDE, já apresentados anteriormente neste texto.

Para a segunda fase do estudo de caso, como coleta ou construção dos dados, foram retomadas as observações registradas em diário de itinerância durante o período das atividades analisadas, foram elaboradas intervenções com grupos focais de crianças e de mães e entrevistas com as mães e com os profissionais. De acordo com o diário de itinerância, proposto por Barbier (2002), cujo modelo se aproxima do chamado diário íntimo, por seu caráter confessional e subjetivo, podemos defini-lo como um “bloco de apontamentos no qual cada um anota o que sente, o que pensa, o que medita, o que poetiza, o que retém de uma teoria, de uma conversa, o que constrói para dar sentido à sua vida” (BARBIER, 2002, p. 133).

Sobre a observação participante, de acordo com Lüdke e André (1986, p.26) “a observação possibilita um contato pessoal estreito do pesquisador com o fenômeno pesquisado (...) o observador pode recorrer aos conhecimentos e experiências pessoais como auxiliares no processo de compreensão e interpretação do fenômeno estudado”.

Além disso, foram utilizados registros fotográficos e videográficos realizados em todo o processo, única e exclusivamente para fins da pesquisa, respeitando as questões éticas de pesquisa com crianças e sob autorização dos familiares e da instituição. Para além de um registro documental, as fotografias vêm para “ ‘contar uma história’, capaz de dar conta da realidade (...) contá-la através de imagens, configurando-se segundo códigos interpretativos que a linguagem verbal pode perseguir, mas não totalizar” (SARMENTO, 2014, p.197).

Para Bogdan e Biklen (1994, p. 90), em relação ao estudo de caso, podem ser desenvolvidas novas ações, pois isso “consiste na observação participante e o foco do estudo centra-se numa organização particular”. Para isso, no segundo momento da pesquisa, nós, do Grupo de Pesquisa Ateliar, fizemos intervenções com o grupo-piloto, de dez crianças entre 4 e 6 anos com suas mães, que participavam desde as primeiras atividades do Ateliê. As intervenções com as crianças e suas mães foram realizadas em cinco encontros, sempre nos dias de consulta da criança, referente ao grupo G1 de terça-feira no turno da tarde.

Após as intervenções com as crianças e mães, agendamos individualmente as entrevistas com os profissionais da instituição. Explicamos o intuito da pesquisa de investigar possíveis contribuições das atividades do Ateliê para o desenvolvimento das crianças e pontuamos que eles tinham sido escolhidos por serem profissionais que acompanhavam as crianças diretamente. Com a sensação de borboletas na barriga, vamos contar como aconteceram esses encontros.

2.4.1 Entrevistas com as crianças e mães

Essa foi a primeira experiência que tive com entrevistas. Nós convidamos 20 crianças com suas mães, de seis grupos diferentes de atendimento. Foi elaborado um roteiro de entrevista semiestruturada (Apêndice B) com oito perguntas, “que se desenrola a partir de um esquema básico, porém não aplicado rigidamente, permitindo que o entrevistador faça as necessárias adaptações” (LÜDKE; ANDRÉ, 1986, p.34). Inicialmente, as perguntas estavam focadas na atividade de contação de histórias, queríamos saber quais elementos se destacavam mais, se havia preferência por algum tema a partir dos que foram abordados, como as crianças e mães estavam recebendo as histórias.

Reservamos uma sala, pedimos autorização para fazer registro de áudio, pois a “gravação tem a vantagem de registrar todas as expressões orais, imediatamente, deixando o entrevistador livre para prestar toda a sua atenção ao entrevistado” (LÜDKE; ANDRÉ, 1986, p.34). Entrevistamos cada criança junto com a mãe, e fomos percebendo que no decorrer das

respostas, tanto as crianças quanto as mães trouxeram relatos e lembranças de outras ações que também foram marcantes para elas, além das contações de histórias. Por exemplo, houve relatos de uma criança que lembrou do dia em que viu o mágico, nas primeiras ações, quase um ano antes, relato de uma mãe dizendo que a criança tinha melhorado na escola, que a criança se relacionava melhor com os colegas e família depois que passou a frequentar as atividades do Ateliê, relato de que a criança pedia para desenhar em casa, ou que a mãe tinha aprendido a brincar com o filho por causa da experiência no Ateliê, relato de que a mãe contava história para a criança em casa, como a história que elas ouviram no Ateliê. Ao final da entrevista, a criança e a mãe eram convidadas para desenhar algo sobre a história que mais tivessem gostado.

Também percebemos que entrevistar as crianças junto com suas mães, deixava as crianças mais tímidas, menos espontâneas. Algumas mães interferiam na resposta das crianças. Diante dessa observação, pensamos em propor intervenções em um grupo apenas com as crianças e em outro grupo apenas com as mães. Por outro lado, os relatos das mães em relação às contribuições das atividades do Ateliê foram muito significativos e serão apresentados nos resultados da pesquisa.

2.4.2 Grupos focais

Com o grupo definido, das dez crianças com suas mães que não participaram da primeira entrevista, nós fizemos três encontros, sempre nos dias de consulta da criança. No primeiro dia, convidamos as mães para explicar o procedimento da pesquisa, como seriam os encontros seguintes, apresentamos o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE - Apêndice C) para que elas assinassem e tirassem possíveis dúvidas que surgissem.

No segundo encontro, foi realizada uma atividade com a técnica de grupo focal “como recurso para compreender o processo de construção das percepções, atitudes e representações sociais de grupos humanos” (VEIGA; GONDIM, 2001 *apud* GONDIM, 2003, p. 151). Nós fizemos um Grupo Focal apenas com as mães, e no encontro seguinte, fizemos outro grupo focal apenas com as crianças, cujas atividades serão explicadas a seguir.

Para Gondim (2003, p.152) “nos grupos vivenciais os próprios processos internos ao grupo são o alvo da análise (...) de permitir a comparação de seus achados com os resultados de entrevistas”. Com essa atividade, tivemos o intuito de conhecer a opinião dessas mães em relação às atividades do Ateliê.

Este grupo focal foi composto por oito mães, pois duas faltaram no dia do encontro. As crianças ficaram em atividade com a equipe Ateliê no Acolhimento, enquanto levamos as

mães para uma sala previamente preparada para a intervenção da pesquisa. Optamos por fazer grupos separados, um apenas com as mães e outro apenas com as crianças, porque na primeira entrevista, quando convidamos a criança junto com a mãe, percebemos que a criança perdia a espontaneidade. Como dissemos, algumas vezes a mãe interferia na resposta da criança, induzindo ou “tentando corrigir” o que a criança falava. Por isso, optamos por separar os grupos no momento da intervenção.

Para receber as mães, deixamos as cadeiras dispostas em círculo, pedimos autorização para registro de áudio e propomos a seguinte apresentação: a primeira pessoa está segurando uma flor (a mesma margarida utilizada em uma das histórias), deve dizer seu nome e entregar a flor para alguém do círculo, assim, quem recebe a flor, diz seu nome e escolhe outra pessoa, até todos se apresentarem.

Em seguida, foram dispostas fotografias de algumas das atividades realizadas para que cada mãe escolhesse uma imagem. Depois, cada uma falou porque escolheu aquela imagem, o que a imagem representava para ela e quais sentimentos ou lembranças surgiram a partir daquela imagem (Ver figura 29).

Figura 29 – Fotos de atividades diversas do Ateliê utilizadas na intervenção dos grupos focais



Fonte: Acervo da pesquisa.

Em seguida, foi proposta uma atividade de desenho, na qual elas desenhavam o que o Ateliê representava para elas (Ver figura 30). Ao final, cada uma apresentou seu desenho, com relatos muito sensíveis que serão apresentados nos resultados da pesquisa. Gondim (2003, p.153) afirma que os grupos focais podem “responder a indagações de pesquisa, investigar perguntas de natureza cultural e avaliar opiniões, atitudes, experiências anteriores e perspectivas futuras”. A autora também apresenta a perspectiva de Morgan (1997) em relação aos grupos focais serem associados a outras técnicas como a entrevista individual e a observação participante. Nossa prática dialoga bem com essa ideia, considerando que se “permite igualmente comparar o conteúdo produzido no grupo com o cotidiano dos participantes em seu ambiente natural” (GONDIM, 2003, p. 154).

Figura 30 – Fotografia da atividade de desenho do grupo focal com mães



Fonte: Acervo da pesquisa.

Ao longo das atividades, nosso grupo de pesquisa acompanhou as atividades do Ateliê, se utilizando da observação participante, principalmente, nas primeiras atividades.

De acordo com Lüdke e André (1986, p. 26):

[...] a observação direta permite também que o observador chegue mais perto da ‘perspectiva dos sujeitos’ (...) Na medida em que o observador acompanha *in loco* as experiências diárias dos sujeitos, pode tentar apreender a sua visão de mundo, isto é, o significado que eles atribuem à realidade que os cerca e às suas próprias ações.

No período inicial, quando identificamos que uma parte das mães demonstrava resistência em participar, nós tentamos criar espaços de diálogos com elas, mais do que diálogos, também buscamos criar espaços de escuta. Para Barbier (2002, p.94), “a escuta sensível apoia-se na empatia. O pesquisador deve saber sentir o universo afetivo, imaginário e cognitivo do outro para ‘compreender do interior’ as atitudes e os comportamentos, o sistema de ideias, de valores, de símbolos e de mitos”.

Não podemos deixar de considerar as situações mais diversas e adversas pelas quais essas mães passam em seus cotidianos fora da instituição. E que o IPREDE tantas vezes é aquela porta que leva a um espaço de respiro, um espaço de acolhida, um espaço de bem-estar. Não conhecemos suas dores, não sabemos como ela está naquele dia, não sabemos que experiências ela guarda. Nós estamos ali, com nossos olhos, nossos sorrisos e nosso convite para uma experiência, para quem quiser vir.

No terceiro encontro, foi realizada uma intervenção com um grupo focal composto por nove crianças (uma criança faltou no dia da intervenção), utilizando fotografias de algumas atividades realizadas (as mesmas que foram utilizadas com as mães, conforme a figura 29 anteriormente exibida).

Preparamos a sala previamente para filmar o encontro. Nós colocamos as fotografias na parede, fizemos uma acolhida com música e pedimos que as crianças olhassem para as fotografias. Espontaneamente, elas comentaram sobre as fotos. Depois, pedimos a uma criança de cada vez, que escolhesse uma fotografia e dissesse porque tinham escolhido aquela fotografia, o que lembravam e o que sentiam ao ver aquelas imagens (Ver figura 31).

Figura 31 – Fotografia da atividade do grupo focal com as crianças – Observação das fotos



Fonte: Acervo da Pesquisa.

As crianças se reconheceram nas fotos, reconheceram as pessoas, lembraram das atividades e depois dessa conversa, convidamos as crianças a desenharem sobre o que elas faziam no Ateliê. Depois, nossa equipe se dividiu para ouvir as crianças que quisessem contar sobre seu desenho. Duas das nove crianças não quiseram desenhar no momento da atividade. No trabalho com crianças, precisamos respeitar a espontaneidade delas (Ver figura 32).

Figura 32 - Fotografia da atividade do grupo focal com as crianças – Desenho e escuta sensível



Fonte: Acervo da Pesquisa.

Dessa atividade do grupo focal, foi realizada uma leitura de conteúdo dos desenhos feitos de cada mãe e de cada criança e junto com as narrativas orais compõem uma parte do *corpus* da pesquisa, pois:

[...] o desenho é assim um processo formativo e formador, meio de expressão, comunicação, organização e elaboração das vivências e experiências. [...] precisamos reconhecer sua importância, respeitar os processos de desenvolvimento gráfico e proporcionar espaços de criação e de escuta para que as crianças desenhem e falem sobre seus desenhos. É por meio das narrativas desenhadas e orais que a criança atua e se autoriza enquanto ser ativo e reflexivo. (GOLDBERG, 2016, p.323-324).

Essas intervenções com os Grupos Focais foram muito gratificantes e emocionantes. A escuta no momento do desenho é um espaço de conexão, pois, “a escuta sensível começa por não interpretar para suspender todo julgamento” (BARBIER, 2002, p. 97). Aqui, as palavras ditas pelas crianças e por suas mães são encantadas em afeto, em alegria, em saudade.

Logo depois dessa intervenção, a assistente social nos contou que três das crianças desse grupo receberiam alta da instituição, sendo assim, convidou-nos para que nossa equipe fizesse aquela “despedida” no dia da alta. Nós preparamos um cartão para cada criança, com desenhos feitos por nós, com recados dos profissionais que as atendiam e no final da atividade do Ateliê, fizemos uma breve fala: as crianças ficaram emocionadas, as mães também quiseram falar.

Nas falas das três mães, as palavras que mais se repetiam era “carinho e gratidão”. Uma dessas três crianças, estava no IPREDE desde que nasceu. As outras duas crianças passaram quatro anos na instituição. O IPREDE faz parte da vida delas. Os relatos das mães sobre o quanto aprenderam, sobre o quanto foram apoiadas e orientadas pela instituição são falas muito afetadas, afetivas e afetuosas. Nós, que temos contato com elas a cada quinze dias,

durante um ano, já sentimos muito, imagina como elas sentem... Concluímos nosso encontro com um grande abraço coletivo, entre risos e lágrimas, com gosto de saudade.

2.4.3 Entrevistas com profissionais

A ideia de entrevistar os profissionais surgiu a partir de observações relacionadas a alguns casos de crianças atendidas. O fato de as crianças passarem pela atividade do Ateliê antes dos atendimentos, levou os profissionais a notarem certas diferenças positivas no comportamento das crianças. Em diálogo com os profissionais, nós trocávamos informações sobre algumas crianças, que às vezes, tinham determinado diagnóstico no consultório, mas quando estavam no Ateliê interagiam positivamente conosco.

Por exemplo, um garoto de 5 anos com diagnóstico de autismo, que tinha muita dificuldade de interação, passou a se envolver mais com as atividades, apresentando uma maior concentração e interatividade. Uma menina de 7 anos com padrão de agressividade que ficou mais tranquila, passou a participar e interagir durante as atividades do Ateliê. Um menino de 5 anos que tinha dificuldade de se comunicar e passou a desenhar mais e conversar mais no Ateliê e também no atendimento.

Aliando esses fatos aos relatos das mães e observando alguns desses exemplos que apareceram no decorrer desse ano de ações, resolvemos entrevistar os profissionais para ouvi-los diretamente e investigar como o Ateliê contribuía com essas crianças, a partir da visão deles que atendiam as crianças.

Sendo assim, nós elaboramos um roteiro de entrevista semiestruturada, com dez questões (Apêndice D). Para May (2004, p. 148) “considera-se que esses tipos de entrevistas permitem que as pessoas respondam mais nos seus próprios termos do que as entrevistas padronizadas, mas ainda, forneçam uma estrutura maior de comparabilidade do que nas entrevistas focalizadas”.

Desta forma, agendamos previamente a entrevista de forma individual, com cada profissional, de acordo com seu horário disponível, em sala reservada. Apresentamos o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Apêndice E) para ser lido e assinado. Foi solicitada gravação de áudio. Foram entrevistados dez profissionais entre os setores da pediatria, mediação, serviço social, psicomotricidade e recepção, com o critério de atenderem as crianças diretamente.

Na entrevista semiestruturada, o entrevistador “pode registrar informação qualitativa sobre o tópico em questão. Isso permite que ele tenha mais espaço para *sondar* além das

respostas e, assim, estabelecer um diálogo com o entrevistado” (MAY, 2004, p. 148). Cada entrevista foi muito especial. Muitas delas me deixaram com lágrimas nos olhos. Foi um transbordar de afeto.

Alguns dos profissionais também se mostraram emocionados ao falar, com lágrimas nos olhos, abriram seus corações e lá estavam suas palavras... suas palavras me encantaram... Eu realmente não esperava encontrar palavras tão doces naquelas entrevistas, mas, encontrei! Agora eu posso dizer que encontrei a Loja das Palavras Encantadas, em cada sala, em cada entrevista, em cada profissional!!!!

Para concluir a terceira fase do estudo de caso, depois de compor o *corpus* da pesquisa com as entrevistas com as mães, os relatos e desenhos dos grupos focais das crianças e das mães e as entrevistas com os profissionais, seguimos para a análise dos dados. Ao final das intervenções, assim como *Anita* com a bolsa cheia das palavras encantadas e desenhos encantados, nós do Grupo Ateliar fizemos as transcrições das entrevistas, transcrições dos diálogos dos grupos focais e leituras dos desenhos feitos nos grupos focais.

Para análise e interpretação dos dados, utilizamos a Análise Textual Discursiva (ATD), que é “uma abordagem de análise de dados que transita entre duas formas consagradas de análise na pesquisa qualitativa que são a análise de conteúdo e a análise de discurso” (MORAES; GALIAZZI, 2006, p.118). De acordo com Moraes (2003), a ATD:

[...] pode ser compreendida como um processo auto-organizado de construção de compreensão, em que novos entendimentos emergem de uma sequência recursiva de três componentes: desconstrução dos textos do *corpus*, a unitarização; estabelecimento de relações entre os elementos unitários, a categorização; o captar do novo emergente em que a nova compreensão é comunicada e validada. (MORAES, 2003, p. 192).

Desta forma, os textos transcritos das entrevistas e das intervenções passaram pelos processos de unitarização e categorização para que eu pudesse montar esse quebra-cabeça de palavras encantadas, pois, “a forma como os elementos são discutidos e processados possibilita uma sequência de compreensão textual, permitindo uma nova sinfonia das análises (ARAÚJO; LIMA, 2017, p. 93). Com as crianças, as mães e os profissionais, nós conseguimos colher as Palavras Encantadas... mas... e agora, como vamos organizá-las? De acordo com Araújo e Lima, a respeito da ATD (2017, p.93):

Como metodologia analítica, requer do pesquisador entrega e mergulho na captação das informações e na elaboração categorial. Trata-se de averiguar as partes de um texto, captar sua essência e extrair dela um novo significado que dará sentido à totalidade dos fatos.

O Ateliê parecia colorir e encantar o IPREDE, agora, com a bolsa cheia das Palavras Encantadas, vamos aos resultados da pesquisa. Com tais Palavras, nós construímos eles, fortalecemos vínculos, trocamos experiências e nos cativamos.

3 TU TE TORNAS RESPONSÁVEL POR QUEM CATIVAS: DOS RESULTADOS DA PESQUISA

O título escolhido para essa seção, *Tu te tornas responsável por quem cativas*, justifica-se pelas *palavras encantadas* que foram encontradas como resultados da pesquisa, a partir da análise dos dados. Essa frase clássica, do diálogo entre *o Pequeno Príncipe e a raposa*, representa o elo afetivo entre os amigos, o sentimento de cuidado de um para o outro que se encaixa plenamente no nosso contexto.

Para construir os dados desta pesquisa, com o objetivo de escuta das crianças, das mães e dos profissionais, foram utilizados os seguintes instrumentos: entrevista semiestruturada (Apêndice B), que foi realizada com as crianças e suas mães; grupos focais com as crianças e com as mães; e entrevista semiestruturada (Apêndice D), realizada com os profissionais da instituição. Nas respostas das entrevistas, nós encontramos palavras de muito afeto, que nos deram a sensação de sermos abraçados por elas.

Como *corpus* da pesquisa obtivemos textos e narrativas orais resultantes das entrevistas e narrativas gráficas, desenhos produzidos nos grupos focais. Desta forma, para organizar as palavras e imagens encantadas que surgiram nas entrevistas e nos grupos focais, utilizei como método a Análise Textual Discursiva (ATD) (MORAES, 2003) que consiste em uma divisão dos textos das narrativas em unidades – unitarização, cujas unidades irão se enquadrar em categorias temáticas, que levarão a uma compreensão dos resultados.

Apesar de “geralmente, nos referimos a textos no sentido de produções escritas, o termo deve ser entendido num sentido mais amplo, incluindo imagens e outras expressões linguísticas” (MORAES, 2003, p.194), desta forma a ATD foi utilizada também para leitura dos desenhos produzidos nos grupos focais, pois a transcrição das narrativas foi transformada em texto, para ser unitarizado e categorizado. A abordagem da ATD é explicada por Moraes (2003) de acordo com os seguintes passos:

1. *Desmontagem dos textos*: também denominado de processo de unitarização, [...] fragmentando-os no sentido de atingir unidades constituintes, enunciados referentes aos fenômenos estudados.
2. *Estabelecimento de relações*: processo denominado de categorização, implicando construir relações entre as unidades de base, combinando-as e classificando-as no sentido de compreender como esses elementos unitários podem ser reunidos em forma de conjuntos mais complexos, as categorias.
3. *Captando o novo emergente*: a intensa impregnação nos materiais da análise desencadeada pelos dois estágios anteriores possibilita a emergência de uma nova compreensão renovada no todo. O investimento na comunicação dessa nova compreensão, assim como de sua crítica e validação, constitui o último elemento do ciclo de análise proposto. O metatexto resultante desse processo representa um esforço em explicitar a compreensão que se apresenta como produto de uma nova

combinação dos elementos construídos ao longo dos passos anteriores [...]. 4. *Um processo auto-organizado*: o ciclo de análise descrito, ainda que composto de elementos racionalizados e em certa medida planejados, em seu todo constitui um processo auto-organizado do qual emergem novas compreensões. Os resultados finais, criativos e originais, não podem ser previstos. (MORAES, 2003, p. 192).

Desta forma, dividimos os textos em unidades de análise, também chamadas de unidade de sentido ou de significado que “são sempre definidas em função de um sentido pertinente aos propósitos da pesquisa [...] em função de critérios pragmáticos ou semânticos” (MORAES, 2003, p. 195). A seguir, serão apresentados os resultados da análise realizada a partir dos relatos decorrentes das entrevistas com as crianças e suas mães, a partir das categorias encontradas, logo após, serão apresentados os resultados relacionados aos grupos focais, e concluímos a apresentação dos resultados da pesquisa com os relatos dos profissionais, a partir das categorias que emergiram.

3.1 Das falas dos príncipes e das rosas: o que dizem as crianças e as mães

Com o intuito de sabermos o que as crianças e suas mães pensavam e sentiam em relação às atividades do Ateliê, realizamos uma entrevista preliminar com um grupo de 20 crianças com suas mães de turnos diversos, e dois grupos focais com as crianças e suas mães, que compunham o grupo piloto, sendo um somente com as mães e um com as crianças.

Ao realizarmos a primeira entrevista com as crianças e suas mães, a intenção inicial era colher informações sobre a recepção das histórias, em relação aos temas, aos recursos visuais, ao que mais chamava atenção das crianças e das mães, se as mães também estavam gostando enquanto espectadoras, pois um dos objetivos desde o início era promover atividades para a díade criança-cuidador, de forma que o adulto também se sentisse imerso naquela experiência, para compartilhar esse momento de alumbramento com a criança. Apesar de, inicialmente, as perguntas estarem voltadas à atividade de contação de história, as respostas se ampliaram comentando sobre outras atividades que o Ateliê realizava.

Percebemos que as crianças, no momento da entrevista, ficaram um pouco tímidas para falar, talvez por estarem na presença das mães, o que nos levou, posteriormente, a propor um grupo focal somente com as crianças para evitar qualquer tipo de intervenção ou intimidação diante da presença das mães.

Apesar disso, as falas das mães trouxeram relatos significativos relacionados à aprendizagem, à socialização, à importância de cultivar a imaginação, tanto para as crianças

quanto para os adultos. Esses relatos nos tocaram muito, pois foi muito gratificante ouvir essas palavras encantadas com tanto carinho.

Interessante observar que para as crianças, tudo o que elas vivenciam no Ateliê do IPREDE é significado para eles como “acontece no IPREDE”. Algumas vezes, elas trouxeram nos relatos situações de outros espaços da instituição porque o aspecto lúdico também aparece nos outros atendimentos. Assim, percebemos que muitas não distinguem ou diferenciam essas ações como sendo específicas do Ateliê. As mães já compreendem quais atividades são do Ateliê e quais são de outros setores. Isso ocorre também devido ao espaço do Acolhimento ser muito dinâmico, onde sempre acontecem intervenções de estagiários, de doadores, algumas vezes com figurinos e adereços, no mesmo espaço físico do palco ou da brinquedoteca, quando as crianças ficam aguardando os atendimentos. Elas não diferenciam se é uma atividade do Ateliê ou de outro setor, apesar de identificarem “os tios” do Ateliê e lembrarem quem contou qual história, lembrarem de detalhes como a cor da roupa, se usava chapéu, ou outros detalhes. Entretanto, aqui serão consideradas apenas as ações promovidas pelo Ateliê, identificadas nas entrevistas.

Ao fazer a análise dessas entrevistas com as mães e as crianças, após a desconstrução dos textos em unidades de sentido, encontramos duas categorias principais: 1. Importância das atividades e 2. Aprendizagens. Na categoria “aprendizagens”, nós encontramos aprendizagens relacionadas a contar histórias, à concentração, à escola e aprendizados para as mães.

Nós fizemos essa entrevista ao completarmos um ano de atividades. Alguns relatos surpreendem pela riqueza de detalhes de memória que crianças entre 5 e 7 anos apresentaram. Nas falas a seguir, as crianças terão nomes de personagens, ao lado do nome tem sua idade e as mães terão nomes de flor.

Na categoria *Importância das atividades*, identificamos relatos que se referem também às outras atividades além da contação de história e da atividade de desenho, como espetáculos teatrais apresentados, show de mágica, filmes exibidos no *cineminha* e atividades de pintura. Nós não temos a dimensão do alcance da arte para as crianças, não conseguimos mensurar o quanto elas são tocadas, afetadas. Quando perguntamos para os entrevistados “qual a importância das atividades do Ateliê”, as crianças e as mães deram respostas que se referem à aprendizagem, alegria, imaginação, afeto e importância de sonhar. O que se apresenta a partir dessas Palavras Encantadas é uma gota de um oceano que aparece, tentando concretizar o que é tão subjetivo.

Como atividade importante do Ateliê, o relato de Zequinha, de 6 anos, traz uma apresentação de mágica com o Dr. Mágico¹⁴, na Quinzena da Criança, em outubro de 2017, que aconteceu no início das atividades, quase um ano antes da entrevista. No dia da apresentação, Zequinha foi uma das crianças que subiu no palco com o mágico para ser um dos “assistentes” dele. Desta forma, sua resposta sobre o que lembrava e o que mais tinha gostado foi a mesma: “*Do mágico! A que tinha o mágico no palco. Que o mágico, ele, saia um negócio da boca dele. (...) Do mágico... De todas! (Zequinha,6)*”.

Quando perguntamos se ele tinha aprendido alguma coisa, ele responde: “*A fazer mágica. O que o mágico faz, aí eu faço! (Zequinha,6)*. E no momento do desenho, ele continua: “*Como é o chapéu do mágico?... É assim o chapéu? (Zequinha,6)*”. Em um momento depois da entrevista, a avó de Zequinha fala algo sobre o que ele quer ser quando crescer e a resposta dele foi: “*Eu quero ser mágico (Zequinha, 6)*”.

Desta forma, percebemos que quando a criança é envolvida na atividade, fica muito mais marcante para ela. Ele subiu no palco, foi o assistente do mágico e foi tão marcante, que quase um ano depois, ele lembra e conta com a mesma empolgação, com o brilho nos olhos e diz que quer ser mágico, como explica Larrosa (2002, p.21) “experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca”. Para Zequinha, fazer parte da apresentação com o Mágico foi a experiência mais marcante.

Outros relatos que chamam a atenção, falam sobre o espetáculo teatral convidado *O Mágico entre nós (Cia. Plural de Artes Cênicas)*, uma adaptação do clássico *O mágico de Oz*, que apesar de ter sido apresentado também na mesma Quinzena da Criança, em outubro de 2017, várias crianças lembraram detalhes da apresentação, quase um ano depois. Em especial, o relato de Ana, que conta uma cena da peça: “[...] *a cachorrinha, tinha uma menina, tinha a bruxa do chapéu roxo, mas a bruxa tava triste, a bruxa só queria um abraço pra ela ficar boa. A menina ajudou a bruxa (Ana, 5)*”.

Nessa adaptação, *Dorotéia* (a menina) não “vence” a *Bruxa do Oeste*, ela descobre o segredo escondido que “Onde não há amor, coloque o amor e encontrarás amor, pois o amor tudo pode”, quebrando o feitiço que deixava a bruxa malvada, e assim, a bruxa consegue encontrar outro caminho, através da amizade.

É interessante observar como os aspectos visuais da cena são marcantes para a criança, como o destaque que ela faz em relação à cor do chapéu, por exemplo. Nesses casos da

¹⁴ *Doutor Mágico* é como se apresenta Marcos Queiroz, um médico que também é mágico, parceiro querido e egresso do curso de Teatro (UFC), que foi convidado para trazer seu emocionante *show de mágica* para o IPREDE, no período referente ao dia das crianças.

apresentação de mágica e do espetáculo teatral, os recursos são mais chamativos, tem um cenário maior, mais personagens, mais interação com a plateia, de alguma forma chama mais a atenção visual do público.

Por outro lado, o encanto da contação história tem um nível de proximidade maior, de mais intimidade, de “estar mais pertinho”. Neste sentido, *Orquídea* e *Lavanda* trazem relatos, a partir das contações de história, relacionados ao afeto.

*Ele passou quase um mês falando da [história] do camaleão, do camaleão colorido. Também gostou daquela da vovó que ele disse que era a vovó dele. E gostou também da princesa com medo. Dessas foi as que assim mais marcou pra ele, que ele ficou um bom tempo ainda lembrando e quem ele via ele queria contar e ficava direto naquilo. Eu gostei da vovó também, fui criada pela minha vó, então pra mim foi, eu gostei bastante. Eu desenhei aquela historinha da vovó que tinha vários pedacinhos assim de pano aí ela fez o pijama pro netinho dela, tu lembra?... (Orquídea).
Ele gosta muito daquela.. Da florzinha. Ele gosta de ficar lembrando e fala pro pai dele. A mamãe desenhou aquela flor que tremia, que é para dá amor. (Lavanda).*

Percebemos na fala de *Orquídea* uma identificação em relação à vovó, a fala traz memória, traz afeto, quando *ele disse que era a vovó*, e quando a mãe fala *fui criada pela minha vó*. Quando ela diz que o filho ficou *quase um mês falando* sobre a história, significa que ele foi tocado de alguma forma. Os comentários das mães são sensíveis. Um tema como esse do afeto é levado para casa, percebemos isso quando *Lavanda* fala que a criança conta a história para o pai, se referindo à história da *Margarida*, a florzinha que precisava de um abraço.

Nesse sentido, percebemos que os relatos reforçam o fortalecimento do vínculo entre a criança e a família, quando a criança e a mãe lembram da vovó e quando o menino conta a história para o pai. Ainda sobre as relações, *Açucena*, fala: *Tinha, a da Anita (...) aquela que a meninazinha, ela não gostava de compartilhar os brinquedos com os coleguinhas (Açucena).*

A comunicação saudável ainda é um desafio para a sociedade de uma forma geral. Uma forma gentil de falar com alguém está além de ser “certo ou errado”. Muitas pessoas não sabem ouvir, muitas pessoas não sabem falar, mas Anita encontrou a loja das Palavras Encantadas e descobriu o seu jeito de usá-las.

Neste sentido, a história *O príncipe e a raposa* também aborda esses aspectos sobre como falamos com as pessoas, o que realmente importa nas relações, e assim, *Verbena* comenta que foi importante falar sobre esses temas: *A do pequeno príncipe (...) é tipo o que passou, é sobre a dedicação, sobre a conquista da amizade, né, o afeto... assim, a confiança, a consideração (Verbena).*

Podemos perceber uma leitura muito sensível de *Verbena* sobre a história, até na forma de falar se percebe uma delicadeza, um carinho, como uma brisa tocando o rosto.

Sensivelmente, mães comentam que o “jeito” de contar a história chama a atenção. Apesar de citarmos a importância dos aspectos visuais e o quanto eles chamam a atenção do público, também reconhecemos que para contar uma história, não é necessário um acervo de elementos. Muitas vezes, o encanto está no simples, pois “muitos contadores sentam-se numa cadeira e começam a falar; tendo como recursos suas vozes, gestos e olhar. E a magia se instaura, o mundo se cria imaginariamente em cada ouvinte” (MACHADO, 2015, p. 111). Neste sentido, esse encanto se mostra nos relatos das mães quando elas falam do *jeito* de contar a história:

[...] o jeito que conta né, as roupas. (Azaléia);
[...] é o jeito também que você conta. As roupas eu acho muito bonitas. (Dália);
[...] assim, o teu jeito quando você conta. (Mimosa);
[...] seu jeito de se expressar no palco, chama muita atenção, faz a gente viajar. Assim, a mexer com a imaginação da gente. (Gardênia);
[...] o jeito de vocês lidar com as crianças... tipo, o jeitinho sabe? Eu acho que é o amor de vocês por isso... Eu não sei explicar exatamente onde está, porque é um jeitinho carinhoso, mas não é aquele carinho melado, é um carinho assim bem do jeito que a criança entende, porque criança não gosta muito de aperto né, essas coisas. Aí é um carinho, um amor na hora de contar a história, na hora de lidar com as crianças que elas têm a vontade de participar, como também tem a vontade de ficar quietinho pra escutar tudo até o final. (Orquídea).

Tenho certeza de que quem já assistiu Tia Paixão contar uma história concorda com esses relatos. É de um encanto que aquece o coração, com esse *jeitinho* do qual *Orquídea* fala, que além de ser afetivo, tem uma intenção “determinando escolhas de todos os tipos: preparação, repertório, recursos externos e caminhos a serem seguidos” (MACHADO, 2015, p. 101), caminhos esses que são cuidadosamente escolhidos pela narradora, que têm como efeito essa sensação do público de ser abraçado por suas palavras.

Interessante também é observar nos relatos como as mães relacionam a história com a realidade, com o que elas vivenciam:

[...] é bom né, é importante também. Sempre tem uma história, é sempre uma coisa boa. Aqui como em qualquer outro canto né, em casa. (Açucena).
[...] ajudam muito ela, tanto ela como a gente, né, porque passa o dia trabalhando, e quando vem pra cá... ela conta, ela pergunta, ela é muito curiosa. (Camélia).
[...] é bom sempre tá lendo as histórias, porque tem muito a passar pra gente... Saímos um pouco da realidade e vê um pouco a realidade, um pouco do mundo de hoje em dia. (Íris).
Eu gosto das histórias que você conta porque são muito... parece assim a realidade... dá pra entender a história que tá contando... eu acho bonito... gosto muito. A história não parece uma história, parece uma realidade. Está perfeito. (Acácia).

Enquanto Íris fala sobre *sair da realidade*, ao mesmo tempo compara com o *mundo de hoje em dia*. E quando Acácia conta que *parece a realidade*, isso traz a sensação de que ela fica tão imersa na história, que torna aquela atmosfera “real”, pois provoca “a cada ouvinte um

passaio por sua paisagem interna, enquanto passeia pela paisagem da história na voz do narrador” (MACHADO, 2015, p. 98). Os relatos também demonstram como é importante a interação das mães com as atividades: *[...] é bom, porque incentiva as crianças ao teatro, e as mães para prestar um pouquinho de atenção... porque elas ficam conversando e quando tem apresentação elas ficam mais quietinhas nos cantos. (Íris).*

A fala de *Íris* remete à mudança de comportamento que ocorreu desde o início das atividades, quando as pessoas ainda não compreendiam a atividade que estava acontecendo no palco como uma apresentação, como um espaço de fruição, que pede atenção e respeito, e ao longo das apresentações, as pessoas foram se compreendendo enquanto plateia e passaram a *prestar um pouquinho de atenção*, como conta *Íris*. Como também se compreende a importância da interação das crianças, pelo olhar das mães:

[...] os filmes também, gosto muito dos teatros, adoro quando ele vai nas aulas do teatro, o teatro ele participa também, tudo o meu filho participa, nada ele fica de fora. (Acácia);

[...] as interpretações. A gente entende e eles participam. Como aquele do chocalho (se referindo à interação das crianças na história da Margarida). E a antepenúltima que eles cantaram. (Lavanda, se referindo à história o príncipe e a raposa).

Quando as crianças interagem, constroem junto aquela realidade, isso traz o sentimento de ser capaz, de poder criar, aumentando sua autoestima e seu potencial criador. O que falar sobre a importância da imaginação? Onde encontrar aquele passado esquecido, ou melhor, onde nos encontramos em algum lugar esquecido dentro de nós mesmos? É o que *Verbena* e *Gardênia* contam sobre o que acham importante no Ateliê:

[...] eu acho muito importante, até mesmo pra gente, pra o meio assim que a gente vive, de não sonhar, não pensar muito, mas...viver né, e a criança, assim, porque ela tem imaginação muito além do que a gente imagina. (Verbena).

O seu jeito de se expressar no palco, chama muita atenção, faz a gente viajar. Assim, a mexer com a imaginação da gente, que às vezes, a gente esquece que, eu como adulto né, esquece que já teve aquela imaginação. Remete aos tempos de infância (...) é uma coisa assim que devia ser do adulto para a criança não da criança para o adulto. (Gardênia).

Por que se criou a ilusão de que imaginar, brincar, é “coisa de criança”, num sentido pejorativo, como se fosse algo inferior? Porque os adultos se esquecem que foram crianças?

As crianças criam [...] a representação de mundos e coisas deles, como também sentimentos, emoções, letras e suas formas. Os traços e as configurações que suas composições vão adquirindo mostram suas emoções e abarcam o mundo da imaginação, como numa objetiva que capta aspectos da realidade circundante e o mundo interior, convertendo em matéria visível diferentes formas. (PINAZZA; GOBBI, 2014, p.42).

Quando as mães se sentem tocadas da forma que *Gardênia* relata, certamente isso reverbera na criança, porque se cria uma cumplicidade, que para a criança é fundamental em sua formação. *Gardênia* estimula seus filhos com leitura, com passeios culturais:

Eu gosto de acompanhar. Eu acho que sempre tem assim, a gente, nós adultos, pra gente sempre tem uma mensagem assim subliminar no meio das historinhas né. Eu sempre cresci ouvindo história, lendo. Gosto sempre de levar eles em eventos culturais, gosto muito de livros, lá em casa não falta livro porque eu adoro livro, não sei mais onde eu coloque livro, livro, livro (risos) gostam muito de ler e também de acompanhar. (Gardênia).

E quando os adultos percebem o que as crianças podem fazer com a sua imaginação, como bem relatam *Verbena e Gardênia*, eles inspiram mais as crianças. Quando os adultos se permitem ir além e imaginarem junto com suas crianças, ali se cria um ciclo, ou melhor uma espiral de encontros que se seguem e se seguem e se seguem... para um infinito de possibilidades.

Lana (9) é filha de *Gardênia*, que enfatizou a importância de cultivar a imaginação e pelos relatos de ambas, percebemos mais um indício de fortalecimento de vínculo familiar, como também percebemos o reflexo das atitudes de *Gardênia* na postura e nos relatos de *Lana*, como veremos no relato de *Lana* sobre a importância de sonhar.

Ao longo do trabalho, nós falamos várias vezes sobre sonhos, dos sonhos do início do projeto, da importância de preservar o direito das crianças de sonhar, de inspirar as mães a acreditarem em novos sonhos, por isso, concluindo os relatos da categoria “Importância das atividades”, também é enfatizada a necessidade de sonhar:

É sim! É os sonhos né? Sonhar é muito bom! Eles ainda são muito pequenos né, eles assim, mas já são espertim. São só assim calado. (Vó Sálvia).
[...] eu assim, eu levo mais pro lado, pro nosso lado pessoal assim, a nossa vida né, sonhos que a gente tem, que às vezes por uma situação, a gente não pode realizar, aí a gente vai lembrando, pensando, imaginando, né. (Verbena).
[...] A do Vestido [referência à história do Vestido de Sonhos], por causa que eu não conhecia essa história que fale em nunca pensar em desistir nunca dos meus sonhos. E a música também tocou meu coração, uma hora que ela ficou tão triste que me deu vontade de chorar. (Lana,9).

Nós fizemos a apresentação do *Vestido de Sonhos* com a música tocada ao vivo e tinha gosto de saudade, pois estávamos concluindo um ano de projeto e tia Paixão se despedia temporariamente das atividades. Nesse contexto, *Lana (9)* trouxe o relato apresentado acima, de forma muito doce, quando fala da sua história preferida. Ao final da entrevista de *Lana*, tia Paixão me conta: “Quando terminou a história de hoje a *Lana* me deu um abraço e me disse ‘tia, que você nunca desista dos seus sonhos’”.

Assim, podemos compreender que as Palavras Encantadas ganham forma diante da compreensão e da generosidade de uma menina de 9 anos que, mesmo ficando com saudade, fala para a “tia” não desistir de seus sonhos. É a partir de relatos como esse, que percebemos a importância de garantir para as crianças o seu direito de sonhar, “de viver uma realidade que estimule os sonhos e de usar a matéria-prima dos sonhos para fecundar a realidade. Um mundo de crianças sonhadoras e felizes será a garantia de um mundo de paz” (DALLARI; KORCZAK, 1986, p. 65).

Na categoria *Aprendizagens*, os relatos apresentaram aprendizagens em campos diversos, diante disso, nós encontramos aprendizagens diversas, relacionadas a aprender a contar histórias, à concentração, à escola e aprendizado para as mães. Quando perguntamos se é possível aprender algo com as atividades do Ateliê, *Deb (5)* traz uma fala que remete aos “combinados” que fazemos antes das apresentações: “*Sobre o silêncio e escutando, com os olhos bem abertos (Deb, 5)*”.

Ao mesmo tempo em que falamos, fazemos umas expressões faciais e corporais que acompanham a fala “Na hora da história vamos ficar com os olhos beeeemmm abertos, com os ouvidos beeeemmm atentos e sem conversar, para conseguir ouvir a história, porque vão ter momentos que vocês vão falar na história, mas se eu falo e você fala e você fala e eu falo tudo ao mesmo tempo, nem eu te escuto nem tu me escuta, então a gente vai se escutando, a gente pode combinar assim?”.

Nós procurávamos formas brincantes de fazer esses combinados. Até porque não queríamos um silêncio permanente de uma plateia estática, pelo contrário, durante a apresentação interagíamos muito com a plateia, pois a interação das crianças “é parte integrante das narrativas” (MACHADO, 2015, p. 116). Porém, há uma diferença entre o diálogo que construíamos com a plateia e as conversas paralelas em tom alto que interferiam na história. Interessante *Deb (5)* responder dessa forma quando perguntamos se é possível aprender algo. A seguir, as mães falam do aprendizado:

A gente sempre aprende com a histórias. É bom para ouvir. (Vó Lisiandra).
[...] ah é o aprendizado né, (...) ajuda deixar eles mais relaxados. (Angélica).
[...] porque eles aprendem muitas coisas, fazem perguntas... Diz “mãe tu viu?” e fica perguntando quando vai ter de novo... (Bromélia).
Muito boas. Acho muito educativa. Da para eles aprenderem muitas coisas. (Lavanda).
[...] porque quando falam, tipo assim, né, ensinamentos para gente. (Mimosa).
[...] aprender? Sim. Eu acho que ser criança é uma coisa de vida. A gente tem que aproveitar quando é criança pra quando ser adulto tu se lembrar, e não se esquecer. E pra se lembrar também e dizer assim “ah, eu nunca fui tão feliz na minha vida”, e se lembrar também das coisas que eu fui. Entendeu? Que é pra criança, ela poder melhorar o aprendizado e ser uma criança feliz. Todo mundo sempre tem um pouquinho de medo quando é adulto. (Lana, 9).

A resposta de Lana me traz uma imagem de que o presente, o hoje, pode se tornar a caixinha de lembranças do amanhã. E a relação que ela faz com o sentimento de medo e o aprendizado quando se é adulto, fez-me pensar em todas as coisas que são guardadas em nossas caixinhas e no que fazemos com elas. A mãe de Lana responde: “[...] pois é, a gente é sempre uma eterna criança, querendo ou não, taí, pelo menos, ela não me deixa mentir, que eu sou de bolar no chão, de sentar e tá correndo e brincando, pulando corda, (Gardênia)”.

Quando a mãe se permite compartilhar esse aprendizado com a criança, os aprendizados se ampliam, o vínculo mãe e filho se amplia, a alegria da criança se amplia e o desenvolvimento se amplia, podemos perceber isso nas respostas de Lana. O relato de Acácia, a seguir, traz elementos como o desenvolvimento e o estímulo para as crianças:

[...] eu acho que desenvolve as crianças, estimula... as histórias que vocês contam, eu acho muito importante, eu gosto, tem mãezinha que acha muito simples, besta, ficar sentada escutando isso, eu não, eu acho muito importante. Ele observa as coisas, ele fala, ele aprendeu até a falar coisas que ele não sabe... eu acho importante, não acho besta como muitas mães acham. (Acácia).

Dentro da categoria *Aprendizagens* emergiu uma temática bastante significativa sobre “aprender a contar histórias”. Crianças relatam que contam as histórias em casa e as mães relatam como as crianças contam as histórias:

[...] ei, eu conto da Bela. (Sofia, 5).
[...] aquela do ... que eu contei naquele dia, aquela história, do menino que morava perto do lago, tinha uma menina. Até ela, o pai dela morava num castelo, que ela tinha medo do escuro. Eu gosto, conto para os meus amigos. (Nino, 10).
[...] conto pro meu pai, pro meu avô, pra minha mãe... (Marty, 6).
[...] ele conta as histórias... ele chega gritando: Vô! Vô! Eu aprendi a história! (Glória, 11).
[...] eu acho que é, pro aprendizado dela, deles não é, pra eles aprenderem a contar histórias... (Azaléia).
[...] eles aprendem... como assim... saber sonhar, contar histórias... lembrar! Chega em casa ela fala pra irmã dela, pro pai dela. (Azaléia).
[...] é importante. Quando chega em casa... aí conta... (Lírio).
Ele fala. Mãe, achei tão legal tia falou isso aqui. Aí eu digo: “é tu gostou?”, ele diz “amei”. (Papoula).
[...] muita coisa, eles aprenderam muita coisa, principalmente esse aqui, porque esse menino era ... e agora ele senta, procura um livro, já quer ler. (Zínia).
[...] ela, ela faz igual, Paixão. Ela inventa, ela pega as coisas e inventa histórias, ela aqui em casa. Às vezes quem vê, diz assim: “ta ficando é doida”, mas não é, é coisas da cabeça dela mesmo. (Açucena).
[...] ela aprende muitas coisas né, só coisas boas né. É imaginação mais né, pra própria cabecinha dele [aponta para o filho Gil (4)], ele tá imaginando muitas coisas né, comparado a ela [aponta para a filha Pérola (6)] aqui, ela gosta muito de contar história, ela inventa muita coisa né, imagina né. (Açucena).
[...] ah ele aprende a ser uma pessoa melhor, porque lá onde a gente mora tem briga, muita violência... aí eles vem pra cá aí vê... naquele dia a fada, ela num tava

obedecendo a mãe num foi, aí depois ela viu que era pra obedecer... e começou lá do jeito dela, mas ensinou a mãe também a fazer tudo certo num foi? (Angélica).

No relato de *Angélica*, percebemos o contexto de vulnerabilidade social em que vivem, quando ela fala que *ele aprende a ser uma pessoa melhor, porque lá onde a gente mora tem briga, muita violência... aí ele vem pra cá aí vê*, ou seja, eles conseguem encontrar um momento de “alumbramento e paz de espírito” (MONTAGNER, 2010) e levar esse momento para casa.

Nesse sentido, as crianças ampliam seu repertório de conhecimento e começam a levar para suas vidas o que vivenciaram ali, contando a história que ouviram para seus familiares ao chegarem em casa, para seus colegas na escola, desenhando mais para mostrar o que viveram. A formação estética promove um outro olhar para as situações cotidianas, como propõe Loponti (2017, p. 435):

A ampliação do repertório cultural e de experiências estéticas, mais do que um fim em si mesmo. É de *vida e arte* que se trata aqui; de uma formação capaz de provocar certa *atitude estética* não apenas em relação ao que se pode chamar de “obra de arte”, mas em relação à *vida*.

Outro aspecto de *aprendizagem* que encontramos nos relatos se refere à concentração. Várias mães apontaram que as crianças são muito agitadas e ao longo das atividades foram se concentrando mais. Algumas mães falam que as crianças ficam *quietinhas*, mas já apontamos que não se trata da criança ficar “estática”, pelo contrário, a interação com as crianças é provocada e faz parte da ação. Estar *quietinha*, que as mães apontam, é no sentido de estar envolvida com a história, estar atenta, estar contemplando e interagindo:

Ela fica bem concentrada ali, quietinha, assistindo (Azaléia).

Eu acho muito legal. Além das crianças ficarem bem quietinhas, algumas né. É muito bom. (Dália).

[...] tanto no dia a dia da gente, quanto pra ela... não só uma vez né, porque às vezes a gente acaba esquecendo, devido o tempo, a gente acaba esquecendo de parar pra conta histórias pra eles... em casa eu tenho muito, a gente conta muito, tem o livro da estorinha da vovó, que é muitas histórias... antes eu ia começar a ler, porque eu tenho outro filho, mas ela não deixava, aí ele se chateava porque ele gosta, ele já escuta... e ela não, ela não deixava, se irritava, gritava... depois que ela tá aqui, ela já aprendeu a ouvir, na paz... hoje mesmo ela assistiu à apresentação todinha, quieta, e não levantou, antigamente ela não fazia isso não, ela levantava, corria gritava, e não queria ouvir, ela não parava... eu troquei ela, acho que de 5 escolas num ano... aí o pediatra mandou tirar ela e disse que eu tivesse um pouquinho de paciência... (Camélia).

Assim, pra mim foi ver que o meu filho, ele tem um aconchego com a história, eu tento contar pra ele em casa, só que ele não presta atenção, ele não fica. Aí aqui ele... ele canta, ele fica, sabe, ele paralisa, ele para pra tá ouvindo. Coisa que é muito difícil ele parar. Ele para, ele fica, e ele presta atenção, que depois ele, todo mundo que ele vê ele fica contando. Assim, ele é muito agitado. Vocês até falam para prestar atenção, ficar quieto, no começo ele não respeitava, mas agora ele fica quieto. Ele aprendeu bastante, que ele tinha muita dificuldade em questão de aceitar o contato

*físico com algumas pessoas, aí aqui ele aprendeu por causa do grupo que ficava na leitura, ele aprendeu bastante... (Orquídea).
sim, ela gosta! Tipo, ela tem um pouco de dificuldade de prender a atenção, mas aí nesse caso ela, ela escuta... às vezes em casa, eu começo falar, contar, ela começa, mas qualquer coisa já tira a atenção, aí ela não termina, mas aqui não, aqui ela fica sentadinha e escuta todinha. (Verbena).*

A identificação da criança com o ambiente é de fundamental importância para todos os aspectos de aprendizagem, de modo que, quando trazemos elementos concretos para o espaço físico da atividade, estamos proporcionando um espaço apto para identificação e exploração de novas cores, novas texturas, novos significados e novos significantes.

Neste sentido, as mães apontam que essas aprendizagens se refletem também no âmbito escolar, na socialização, na interação com outras crianças, no aspecto cognitivo, como mostram os relatos a seguir:

*[...] hoje ela já escuta mais, ela já conversa na escola, ela tá se dando bem...tanto na escola como em casa ela participa muito, tem amizade, que antes ela não brincava com ninguém... hoje ela já brinca né, se diverte com os brinquedos... (Camélia).
Ai pra mim foi perfeito porque ele tem dificuldade no desenvolvimento por conta que ele tem autismo né, o nível dele é baixo, mas dificulta ele em algumas coisas. E eu percebi que nas contações ele aprendeu a gravar as coisas, ele conseguiu gravar que ele, tem história que marca ele, então ele fica com aquilo, e ele vai trabalhando aquilo isso ajuda, como ele quer contar pras outras pessoas, ajuda ele na socialização (...) outras pessoas. Na escola a professora reclamava muito que ele não parava, ele mordida na hora que todo dia tem a hora da historinha, dizia que ele mordida, que não ficava quieto, ele rasgava os livros, depois que ele começou a escutar aqui, na escola (...) ele faz é aplaudir. E quando não tem, eu até falei pra tia Tamara uma vez, ele fica “Poxa mãe, cadê? Por que que não teve hoje?” Quando não é assim: “Mãe eu não vi aquela mulher hoje.” Então pra mim foi muito bom assim no desenvolvimento dele. Pra mim foi perfeito. O acompanhamento que teve ajudou tanto pra mim, é entender o jeito que ele gosta que conte né, como eu vi aqui (...) e em casa, quanto pra ele no desenvolvimento dele com as outras pessoas. (Orquídea).
[...] o desenvolvimento da leitura, na linguagem. leitura, o desenvolvimento mesmo. A interpretação, porque a leitura não é só ler um livro, se você não souber interpretar, você, mesmo que nada. (Papoula).
Porque é bom pro desenvolvimento dela, aprendizagem. Graças a deus que ela num saiu daqui não, mas graças a deus que através daqui, até no colégio ela tá desempenhando as coisas, assim o aprendizado dela, tá muito elevado, ela já sabe ler. É, contribui muito. (Gerânio).*

Dessa forma, pensar experiências a partir da arte que propõem uma formação estética para a criança é inspirar mudanças nos âmbitos social, psicológico, emocional, cognitivo, como vimos no relato de *Orquídea* que seu filho quer contar a história para as outras pessoas, sua mudança de comportamento em relação aos colegas, quando o filho dela pergunta pela história, ou como vimos no relato de *Papoula* e *Gerânio* a relação das crianças com a leitura e a interpretação.

A partir desses aspectos, percebe-se que a vivência em arte como experiência estética cria um espaço de construção de conhecimento, criação de narrativa, criação da sua própria história. Como aponta Duarte Júnior:

[...] a atividade artística da criança apresenta o sentido de organização de suas experiências. Desenhando, pintando, esculpindo, jogando papéis dramáticos, etc., a criança relaciona os aspectos de suas experiências que ela vê como importantes, articulando-os e integrando-os num todo significativo. Assim, ela busca um sentido geral para a sua existência, percebendo o seu 'eu' como um todo integrado e relacionado a seu ambiente. (DUARTE JÚNIOR, 2002. p. 112).

Para concluir os relatos da categoria *Aprendizagem*, as mães contam o que elas aprenderam. Por um lado, talvez algumas mães se identifiquem com as respostas de *Vó Coral* e *Verbena*, que me fizeram refletir sobre de que forma percebemos ou em que lugar nos colocamos em relação ao aprendizado, o quanto nos disponibilizamos a aprender:

Eu não aprendo nada não, mas ele aprende né?! Tem a cabeça boa pra aprender. (Vó Coral).

[...] eu gosto de todas, mas assim (...), a moral da história, deixar sempre um exemplo, que eu acho que fica, mas dá sempre um exemplo assim, nem tanto pras crianças, mas às vezes até mesmo para os pais (...) passar a mensagem, porque a criança, ela consegue, mas os pais muitas vezes não querem, não aceita muito, acha que aquilo é bobagem e tudo... mas que é de muita importância né? (Verbena).

Quando *Verbena* aponta porque a criança, ela consegue, mas os pais muitas vezes não querem, percebemos neste relato a ideia da mãe de que a criança se coloca mais disponível para aprender do que o adulto. Por que os adultos se colocam tanto como detentores da razão?

Nós somos seres em construção o tempo todo. Só precisamos *ficar com os olhos bem abertos e com os ouvidos bem atentos* para enxergar as experiências pelas quais passamos, pois, “o sujeito da experiência seria algo como um território de passagem, algo como uma superfície sensível que aquilo que acontece afeta de algum modo, produz alguns afetos, inscreve algumas marcas, deixa alguns vestígios, alguns efeitos” (LARROSA, 2010, p.24).

Por outro lado, algumas mães falaram que elas também aprenderam com as atividades, em relação a criar espaços em casa para desenho, a como brincar com os filhos em casa, a contar histórias para os filhos e aprendem a sonhar:

[...] em casa tem o cantinho da mesinha pra eles pintarem, desenharem... isso aí já melhorou muita coisa. (Zínia).

Porque assim, eu contava história pra ele só que quando ele não parava, aí eu dizia “então não quero saber, então não conto mais, vá pra lá, sai de perto, não quero contar mais não”, aí eu percebi que na escola ele ficava de um lado pro outro e não parava e já depois do meio pra cá, com o jeito de vocês lidar com as crianças e a forma de contar, elas já ficam todas quietas, meu filho é uma dessas crianças. Aí eu aprendi assim, a fazer em casa desse mesmo jeito, é sem ser (...) mas tipo, o jeitinho sabe? Pra mim eu aprendi a lidar com ele. (Orquídea).

[...] que a gente não deve parar de sonhar, e lutar pelos nossos sonhos, de, de, não se desiludir né, com certas pessoas, com a vida... há sempre uma esperança né? (Verbena).

As pinturas, as pinturas foi bem legal porque eu comecei a ter mais paciência com ele, porque ele fazia só os rabiscos né? Ai eu dizia “Filho, tem que aprender a desenhar direito, tá muito feio”. Ai quando eu passei a pintar junto com ele aqui, mesmo quando ele fazia só aqueles rabiscos vocês ficavam “Ai como tá lindo”. Ai eu percebi que toda vida que ele vinha ele ficava “Mãe tem o desenho? Mãe vamos pintar?” em casa ele não tinha isso. Ai eu comecei a fazer com ele a mesma coisa e ele hoje em dia já está desenhando mesmo, assim tá fazendo desenhos. Coisa que antes ele não fazia, ele começou aqui a ter esse desejo mesmo de desenhar. (Orquídea).

Verbena fala de esperança, trazendo a *capacidade de sonhar* como um aprendizado. E Orquídea conta como mudou de atitude em relação ao filho, fala da importância da atividade do desenho, da evolução dos desenhos do filho. Uma das formas que temos de concretizar nossos sonhos é com a atividade de desenho, por ser aquele momento ímpar de criar, de colocar no papel o que se sente, o que se pensa, o que se quer, o que se sonha. Daí a importância da atividade do desenho como expressão e construção de si. Nos relatos a seguir, a atividade de desenho, como também a atividade de pintura, são enfatizadas como as preferidas:

Eu pinto. Dou trabalho. Corro e brinco. (Bruce, 7).

Pinturas. (Darla, 9).

Pintar as mãos. (Deb, 5).

Desenhos. (Verbena).

[...] tudo, pintura né, depois da história sempre desenhar o que elas estavam contando né? (Zínia).

[...] em casa tem o cantinho da mesinha pra eles pintarem, desenharem... isso aí já melhorou muita coisa, esse menino era muito desobediente! (Zínia).

Ah, teve aquelas pinturas. Aquele dia do espelho, pois depois da história a gente teve que ir no espelho e desenhar nós mesmos. (Lavanda).

Teve aquele a dos quadros. (Bruce,7).

Aquela dos vários quadros que tinha de desenhar o que mais parecia com você. (Lírio).

Dentre as atividades de desenho, a atividade de autorretrato, lembrada como “a dos quadros”, “a do espelho”, foi um espaço de experiência na quinzena seguinte à contação de história *Bom dia, todas as cores*, que falava do camaleão que mudava de cor porque os amigos pediam. Orientada pela professora Luciane Goldberg, a atividade do autorretrato se deu da seguinte forma:

Ao trabalharmos a temática *quem sou eu*, foi proposta a atividade do *Autorretrato*, dividida em três momentos: primeiramente, as crianças foram convidadas a observar e perceber as diferenças de autorretratos de artistas como Vincent Van Gogh, Frida Kahlo, Tarsila do Amaral entre outros, com técnicas de desenho e pintura bem diferentes entre si, alguns mais realistas, outros mais abstratos, com traços e formas distintos. No segundo momento, as crianças foram convidadas a se olharem em espelhos e observarem suas características de cabelo, rosto e traços, entre cores, formas, tamanhos. E no terceiro momento, as crianças foram convidadas a se

desenhar, a criarem o seu autorretrato, com as formas e cores que elas quisessem. (GOLDBERG; PEREIRA JR.; LARRIPA, 2020, p. 221).

Desta forma, traçamos o diálogo sobre as nossas diferenças, sobre *quem sou eu* e como eu me vejo. Os desenhos e as pinturas fazem parte daquele momento de parar o tempo, que na maioria das vezes, as crianças adoram e querem sempre fazer mais um. Um momento que muitas mães gostam de ter, de estar ali imersas naquele colorido, colocando no papel o que gostariam de expressar, de contar, de sentir, pois “desenhar é uma atividade viva, intensa e mobilizadora de diversos potenciais e habilidades mentais, motoras, cognitivas e afetivas que ultrapassam as margens do papel” (GOLDBERG, 2016, p. 29).

Neste sentido, concluímos que as atividades do Ateliê, pelo olhar das crianças, trazem experiências de alegria, de imaginação, de espaços de expressão e de inspirações para sonhar. Pelo olhar das mães, as atividades fortalecem os vínculos familiares, trazem aprendizagens no âmbito pessoal, emocional, cognitivo e social, refletem no contexto escolar, inspiram a imaginação, a criatividade, e também inspiram a sonhar. A seguir, veremos mais resultados da pesquisa a partir dos Grupos Focais.

3.2 Adivinha o quanto eu te amo: resultados dos grupos focais

A segunda intervenção que fizemos foi o grupo focal com as mães, e o grupo focal com as crianças que pertencem ao grupo-piloto, e não foram participantes da primeira entrevista apresentada. Nos dois grupos focais, com as mães e com as crianças, a intervenção foi iniciada por uma acolhida, depois, foi proposta uma atividade onde os participantes escolhiam fotografias (ver figura 29) para falarem do Ateliê. Em seguida, foi realizada uma atividade de desenho sobre o que o Ateliê representava para eles.

Os resultados serão apresentados a partir dos relatos sobre a escolha das fotografias e com a leitura dos desenhos realizados. Identificamos que, apesar dos grupos focais terem sido realizados exatamente um ano depois da primeira entrevista e os grupos de crianças e mães terem sido diferentes, as respostas se apresentaram parecidas, nas quais emergiram temas relacionados à importância das atividades e fortalecimento do vínculo criança-família-instituição:

Eu escolhi essa foto porque meu filho adora pintar, na escola, toda vida ele traz um desenho pra mim e outro pro pai dele, aí também quando ele vem pra cá, ele adora brincar com as crianças, com as tias. (Dulcis).

Figura 33 – Fotografia escolhida por *Dulcis*



Fonte: Acervo da Pesquisa.

Eu gosto dela... contando a história... ela saiu? a Paixão? ela tava com o vestido bem grandão, as crianças desenhando (...) quando vocês começam a cantar. (Hortênciã).

Figura 34 – Fotografia escolhida por *Hortênciã*



Fonte: Acervo da Pesquisa.

A minha figura é a Paixão, eu acho que é uma parte muito boa pras crianças, tem umas crianças que são estressadas dentro de casa, às vezes elas vem pra cá, muitas pessoas acham que a gente vem pra cá e não tem nada pra fazer, mas tem tanta coisa pra fazer e essa é uma parte que eles adoram mais, essa parte que é tipo uma recreação, né, eles pintam, eles interagem, a parte da história que eles ficam bem quietinho, ouvindo a história, eu acho a Paixão muito legal, a parte da contação de história, eu gosto muito e eu queria que nunca tirasse essa parte desse tipo de trabalho, que é muito importante pra

eles (...) coisas boas, né, eu gosto de ver as atividades, a contação de história. (Rosa)

Figura 35 - Fotografia escolhida por *Rosa*



Fonte: Acervo da Pesquisa.

Essa foto¹⁵? Era quando ela era mais pequeninha, ela vem sempre ali, né, quer ver, ela já vai fazer oito anos... eu gosto de vir pra receber, pra ela brincar, pintar, essas coisas aqui que ela pinta... ela gosta dela, essa é a professora né? Ela não dá trabalho, é uma menina séria, obediente. Todo mundo gosta dela, as professora tudim (...) ela gosta de tudo, de pintar, de brincar com as crianças, de tudo (Magnólia).

¹⁵ Essas fotos mostravam diretamente o rosto das crianças, optei por não colocar para preservar a identidade das crianças.

Essa foto¹⁶ mostra a criança sendo feliz, brincando, se divertindo, fazendo o que elas gostam, né, que é bagunçar, brincar, pular... o meu filho quando ele chega aqui, ele acha é bom, quando eu digo “a gente vai pro Iprede” é “oba!! a gente vai ver as tias, brincar, ver o palhaço... foi só uma vez, ele viu essa peça, ele nunca mais esqueceu, teve aquele dia da tartaruga né, depois teve um bocado de coisa, ele gostou bastante, as músicas, né. Em casa ele não brinca muito. Mas é por isso que ele gosta mesmo de vir pra cá. (Violeta).

Podemos identificar nos relatos acima a relevância das atividades em relação à prática das crianças no desenho, na pintura, da fala de *Dulcis*, quando aponta que *toda vida ele traz um desenho pra mim e outro pro pai dele*. Os relatos de *Rosa* e *Hortência* enfatizam a contação de histórias e reforçam a importância das atividades, e quando *Rosa* diz *eu queria que nunca tirasse essa parte desse tipo de trabalho, que é muito importante pra eles*, identificamos que é necessário “pensar a experiência estética não tanto ou não só pela ótica do prazer e da distração, ou do entretenimento, mas como fonte de descobertas existenciais, de aprendizado” (PERISSÉ, 2009, p. 36).

Nas falas de *Magnólia* e *Violeta* estão bem presentes a importância do brincar, de se divertir e do desejo dos seus filhos de irem para o IPREDE, que denota o fortalecimento do vínculo criança-família-instituição. Identificamos, nos relatos a seguir, que houve mudança no comportamento das crianças:

Porque tem mais animação quando tá todo mundo junto, fica mais animado, mais alegre (...) a tia falou que a minha menina tava “abençoada”, né, uma bênção na escola, a tia tava falando sério comigo, né... Era todo dia uma reclamação (...) todo dia, pois se eu te disser que essa menina entrou até num projeto do abc. (Hortência). [...] agora que ela quis ficar maluvida¹⁷ né, mas quando ela vai pra lá brincar mais os outros né, aí, ela se aquieta (risos) mas aí como ela já tá assim grandinha, né ela fica brincando mais os outros né... (Magnólia).
Muda sim, eles se lembram tudim, quando chega em casa, diz “pai, pai, hoje teve essa historinha, pai, deixa eu te contar”. Teve uma vez que teve um desfile, não foi? Aí conta tudo, “papai, eu pintei, eu pintei meu rosto, a tia fez isso...”. toda vez que eu venho pra cá ela conta tudim, a história pro pai dela. (Rosa).

Na fala de *Magnólia*, percebemos que há uma mudança de comportamento da criança, quando ela conta *agora que ela quis ficar maluvida né, mas quando ela vai pra lá brincar mais os outros né, aí, ela se aquieta (risos)*, ou quando *Hortência* aponta que depois de várias dificuldades, *a menina entrou até num projeto do abc*, e *Rosa* fala do que a criança leva para casa, que *ela conta tudim, a história pro pai dela*. Mudanças como essas também foram citadas na primeira entrevista com as mães. A seguir, identificamos também como resultados, o fortalecimento dos vínculos entre a criança, a família e a instituição:

¹⁶ *Idem.*

¹⁷ “Maluvida” é uma expressão comum no Ceará, que significa “teimosa” ou “que não dá ouvidos”.

É pra falar sobre vir pra cá? eu adoro! Se eu pudesse adiantava o dia de vir. Se dependesse de mim, eu nunca saía daqui, eu fico doida pelo dia de vir que é pra eu vir pra cá, que quando tá custando eu já fico reclamando, que ainda é na terça-feira... (risos) é porque eu gosto daqui, por causa também do bazar que eu vou comprar coisa (risos) meu destino é ir logo lá pra dentro do bazar, (risos) aí se dependesse de mim, eu não queria sair, mas só que não depende né, não é eu que digo, se dependesse de mim, eu não queria sair daqui tão cedo, eu queria ficar aqui, eu gosto muito daqui... e quando eu sair daqui, eu ainda venho é comprar coisa aqui (risos) venho, venho só pra passear (risos). (Magnólia).

Ela acha é bom quando vem pra cá, ela pinta, ela pinta muito bem, ela desenha, os que eu levo daqui né, tem uns bichim de gesso que elas pintam, né, eu levo né, porque aí no dia que nós sair daqui, né aí eu mostro a ela as lembrança daqui do IPREDE. Armaria, não quero sair tão cedo (risos), eu amo vir pra cá quando eu chegar em casa hoje, eu já tô pensando na outra terça-feira. (Magnólia).

Uma vez que a assistente social falou que já tava perto de dar alta dela né, ela começou a chorar, pedindo pra mim falar com ela pra ela não sair agora né, pra ficar mais um tempinho (Magnólia).

Apesar da instituição ser o espaço de “cuidar da saúde por algo estar em desequilíbrio”, e “receber alta” significa que o “equilíbrio da saúde foi restabelecido”, o relato de *Magnólia* ao falar “*se dependesse de mim, eu não queria sair daqui tão cedo, eu queria ficar aqui, eu gosto muito daqui... e quando eu sair daqui (...) venho só pra passear*”, demonstra o quanto o IPREDE cuida muito além da saúde do corpo físico.

Sua fala é tão afetiva, que se reflete até no cuidado de guardar o que a filha pinta, “*porque aí no dia que nós sair daqui, né, aí eu mostro a ela as lembrança daqui do IPREDE*”. E quando ela conta que a filha “*começou a chorar, pedindo pra mim falar com ela pra ela não sair agora*”, mostra que um vínculo como esse é muito forte, porque se constroem elos, por isso existe tanta gratidão nas falas das mães em relação à instituição, porque são corações cuidando de corações. Neste sentido, os relatos de *Rosa* e *Violeta* são direcionados ao Ateliê:

[...] ano passado eu gostei muito, mas sei que foi bem pouquinho, só tava aquele, só o rapaz, tu não tava aqui ano passado, né? nós sentimos falta, viu... (risos) de vocês... por que deu uma hora, deu duas horas e cadê aquele povo? Hoje não tem não???

(risos). (Rosa).
A gente vê que eles fazem as coisas, mas é com o coração. (Violeta).

Devido ao aguardo das aprovações entre um edital e outro, que fomentaram a contratação das equipes do Ateliê para conduzir as atividades diariamente na instituição, tivemos um intervalo de alguns meses, com as ações acontecendo apenas em alguns turnos por semana, pois estavam sendo realizadas apenas pelos alunos bolsistas do programa de extensão (UFC) que, respeitando sua carga horária, contemplavam apenas alguns turnos, dos 20 grupos atendidos.

Os grupos focais foram realizados em agosto de 2019, por isso o relato de *Rosa* diz “*foi bem pouquinho e tu não tava aqui ano passado, né?*”, se referindo ao segundo semestre de

2018. Quando ela continua, dizendo “*nós sentimos falta, viu... (risos) de vocês...*”, nós não mensuramos o alcance das sementinhas que plantamos com as atividades, e é tão real e tão puro, que se retrata na fala de *Violeta*: “*a gente vê que eles fazem as coisas, mas é com o coração*”. Essas Palavras Encantadas abraçam nossos corações.

No segundo momento da intervenção, convidamos as mães a desenharem o que representasse o Ateliê. De uma forma geral, a atividade de desenhar não recebe a importância devida, apesar do seu imenso potencial de construção de conhecimento que pode proporcionar. É muito comum a maioria das pessoas dizer que não sabe desenhar, principalmente quando adultos, daí percebemos que o “não saber” se deve ao fato do abandono à prática do desenho em detrimento de outras atividades consideradas como mais importantes. Apesar de sempre falarmos *cada pessoa desenha do seu jeito, não tem desenho feio*, algumas mães ainda resistiam um pouco a mostrar ou falar sobre seu desenho. Desta forma, apresentaremos apenas alguns dos desenhos elaborados no grupo focal.

Dos oito desenhos produzidos, faremos a leitura de cinco, com a narrativa de cada mãe contando o que desenhou. Não se trata de uma análise dos desenhos de forma psicológica, nem há comparações técnicas, fizemos uma escuta sensível que “não julga, não mede, não compara” (BARBIER, 2002, p. 94), observando o conteúdo dos desenhos.

No primeiro desenho (Ver figura 36), *Dulcis* fez referência ao espaço, citando as atividades de pintar e de escutar a história.

Aqui as crianças pintando, escutando a história.
(*Dulcis*).

Figura 36 – Desenho de *Dulcis*



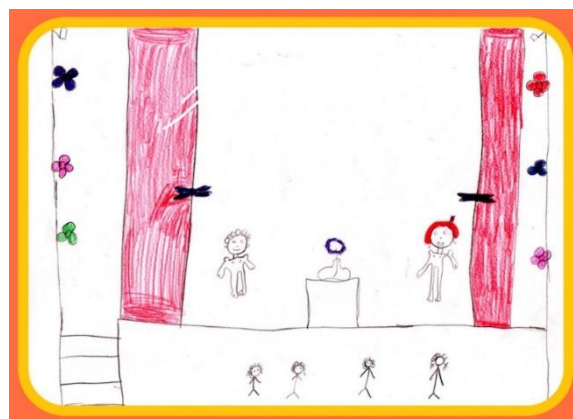
Fonte: *Dulcis*, acervo da pesquisa.

Quatro, dos oito desenhos, retrataram o palco com narrativas específicas de determinadas histórias. Isso significa que 50% dos desenhos apresentaram o conteúdo das contações de histórias como mais marcantes. A seguir, *Lótus* retratou uma segunda versão da

história *O Príncipe e a Raposa*, apresentada em 2019, mais teatralizada, com dois personagens em contracena, eu (*Príncipe*) e Christian (*Raposa*). *Lótus* trouxe uma riqueza de detalhes no desenho e em sua narrativa, sobre os personagens, a plateia, elementos do cenário e do palco (Ver Figura 37).

Meu desenho é... foi o dia dessa peça, do Príncipe, essa aqui é do cabelo vermelho, aqui os meninos embaixo sentados, só que aqui é as cortinas, as rosas do lado, a escada de subir, né, as crianças assistindo, aqui uma poesia (...) aqui é o [Christian, o bolsista] que tava fazendo a peça com a senhora. (Lótus).

Figura 37 – Desenho “Peça do Príncipe”, *Lótus*



Fonte: *Lótus*, acervo da pesquisa.

Violeta retratou uma cena que remete à história *A fada Clara-Luz*, com as cores das roupas e cabelos dos personagens, o cenário, até os detalhes dos quadradinhos da parede ao fundo do palco e a plateia na parte inferior (Ver figura 38).

Figura 38 - Desenho de *Violeta*

Era ela, a Paixão, foi até a primeira vez que o meu filho viu, que ele assistiu a primeira vez... vocês fizeram até em cima do palco, eu lembro da cortina vermelha. (Violeta).



Fonte: *Violeta*, acervo da pesquisa.

Melissa retratou uma cena do espetáculo teatral *Faz é pena!*, em sua primeira versão, em novembro de 2018, com os alunos bolsistas do curso de Teatro (Christian, Paulo Ricardo e Luana Beatriz), que foi composto a partir de narrativas (auto)biográficas dos atores, construídas em vivências conduzidas por Mônica Dantas, que nesse período também era bolsista do curso

de psicologia. Todo o processo de construção e direção do espetáculo foi orientado pela Profa. Carolina Vieira, no projeto atualmente denominado Cena PI, que se refere à pesquisa cênica para a *Primeira Infância (PI)*. O desenho mostra a árvore da história, os três personagens (o jumento, a menina e o gato) e as crianças na plateia (Ver figura 39):

Ah foi bem legal essa história, o gato, o jumento e a boneca. (Melissa).



Fonte: *Melissa*, acervo da pesquisa.

Concluindo a leitura dos desenhos das mães, temos o desenho de *Rosa*, que chamou a atenção porque retratou dois momentos do Ateliê, ambos no palco, mas de períodos diferentes (Ver figura 40):

Aqui é as crianças sentadas, aqui é a Paixão contando a história duma senhora, que tinha uma casa, uma velhinha, ela tava contando essa história, que ficava alegre e feliz nesse dia.

Aí nessa aqui foi aquele rapaz, aquele magrinho e tem aquele outro grande... pois é.. aí ele disse assim: “quem quer ouvir história?”.. aí os menino tudo sentado fica dizendo “Eu, eu”.(Rosa).



Fonte: *Rosa*, acervo da pesquisa.

Rosa dividiu o desenho em duas partes. Na parte superior do desenho, ela retratou a história *As cartas de D. Sofia*, com detalhes, cuja apresentação foi realizada por tia Paixão (a qual aparece no desenho) na “primeira temporada” do Ateliê, em março de 2018. Em seguida, mostrou a casa de *D. Sofia* com um coração, representando o afeto, que era um tema da história, e escreveu no desenho as palavras *alegre e feliz*, perto das crianças da plateia. Na parte inferior do desenho, *Rosa* retratou outra cena, já de um período mais recente, da “segunda temporada”

do Ateliê, em 2019, que contava com os ex-alunos bolsistas, Christian e Paulo Ricardo, que nesse período já estavam formados¹⁸ e compunham a equipe Ateliê efetivamente.

O fato de *Rosa* ter destacado detalhadamente no desenho um primeiro momento do Ateliê que aconteceu há mais de um ano, e em seu relato ter falado que sentiu nossa falta com a suspensão das atividades, que “*queria que nunca tirasse essa parte desse tipo de trabalho*”, e no desenho retratar o momento atual do Ateliê, denota que o *retalho Ateliê* está bem costurado na *colcha de retalhos IPREDE*, pois a mãe constrói uma “linha do tempo” das atividades com afeto.

Identificamos também, a partir dos desenhos das mães, uma apropriação do espaço físico do *teatro*, em relação à ocupação do espaço, à memória que ele traz, à organização dos detalhes como o palco, as cortinas, as cadeiras dispostas na plateia, a disposição dos personagens em cena e os combinados. A forma como as mães retrataram tudo isso nos desenhos e nos relatos também são resultado de uma formação de plateia, pois, “assim se contribui para formar espectadores que estejam aptos a decifrar os signos propostos, a elaborar um percurso próprio no ato de leitura da encenação, pondo em jogo sua subjetividade, seu ponto de vista, partindo de suas experiências (DESGRANGES, 2010, p.30). Finalizamos a intervenção pedindo a cada participante que dissesse uma palavra que representasse esse encontro, como veremos a seguir:

Legal. (Lótus).

Eu vou dizer que eu gostei, né (risos), que eu gosto de desenhar. (Magnólia).

Foi legal. (Melissa).

Cumplicidade. (Hortência).

A minha é... eu achei ... união, uma unidade só, eu gostei muito. (Rosa).

Pra mim é amor, a gente se lembrou de cada coisa que a gente passou, e foi feliz, é isso. (Violeta).

Uma palavra? (risos) amor também, todo mundo desenhando aqui tudo junto. (Dulcis).

Neste sentido, constatamos como resultados que o contato com a arte, seja em fruição das histórias ou em produção de desenhos, proporciona uma ampliação da sensibilidade, estimula uma compreensão dos sentidos, fortalece os vínculos, promove experiências e a formação estética contribui não apenas para a vidas das crianças, mas também para os adultos

¹⁸ Christian e Paulo Ricardo elaboraram seus Trabalhos de Conclusão de Curso com as seguintes pesquisas realizadas no Projeto Ateliê: **O “canto do galo”: influências sonoras no processo de criação cênica.** (2018) Autor: Christian de Oliveira Cesário; **A direção teatral sempre em exercício: quem é que carrega? Reflexões sobre o trajeto e o aprendizado teatral.** (2018). Autor: Paulo Ricardo Cavalcante Silva.

que as acompanham, pois estamos continuamente em processo de construção e formação, desde que estejamos disponíveis a essas experiências, como aponta Duarte Jr. (2002, p. 16):

O sentir é anterior ao pensar, e compreende aspectos perceptivos e aspectos emocionais. Por isso pode-se afirmar que, antes de ser razão, o homem é emoção. [...] Uma ponte que nos leva a conhecer e a expressar os sentimentos é, então, a arte e a forma de nossa consciência apreendê-los é através da experiência estética.

A valorização do vínculo mãe e filho a que a instituição se propõe, que perpassa todos os atendimentos, é um diferencial que salta aos olhos. Quando as mães passam pelas mesmas experiências com os filhos, a recepção delas em relação ao que o filho conta ou compartilha se torna diferente, fica mais atenciosa, e isso além de fortalecer o vínculo entre eles, deixa a criança mais segura para construir seus pensamentos e seus sentidos. A seguir, serão apresentados os resultados a partir do grupo focal com as crianças e a leitura de seus desenhos.

A intervenção com o grupo focal das crianças contou com nove crianças do grupo-piloto (porque uma faltou no dia). Iniciou-se com uma acolhida com música, em seguida, as crianças olharam as fotos (Ver figura 29) que estavam dispostas na parede. Comparando as intervenções, na primeira entrevista, estávamos completando um ano de atividades e as crianças trouxeram memórias das atividades iniciais, o que nos surpreendeu pelo intervalo de tempo.

No período em que o grupo focal foi realizado, estávamos completando dois anos de atividades, mas com um intervalo de seis meses sem atuação permanente com este grupo, e com uma mudança no formato atual das atividades. Diante desse contexto, os comentários das crianças sobre as fotografias estavam mais relacionados a identificar ou reconhecer as atividades do que trazerem memórias.

Tia, eu vi eu também na foto¹⁹. Oh tia [aponta para Tamara], é você aqui! Eu também, naquela²⁰ história ali, ó. (Ruby, 6)

Figura 41 – Fotografia apontada por Ruby (1)



Fonte: Acervo da pesquisa.

¹⁹ Essas fotos mostravam diretamente o rosto das crianças, optei por não colocar para preservar a identidade das crianças.

²⁰ *Idem.*

Tia, eu tenho uma foto dessas, era do palhaço (Nemo, 5). Eu lembro desse dia [aponta a foto do Dr. Mágico]. (Peter, 8)

Figura 42 – Fotografia escolhida por Nemo e Peter



Fonte: Acervo da pesquisa.

Tia, essa aí parece aquela né? [mostra uma foto da Bia]. (Ruby, 6).

Figura 43 – Fotografia apontada por Ruby (2)



Fonte: Acervo da pesquisa.

Essa? [foi até uma foto da Paixão da história Palavras Encantadas] parece não, que essa não tava de vestido. O nome dela é Paixão. (Sininho,6).

Figura 44 – Fotografia apontada por Sininho (1)



Fonte: Acervo da pesquisa.

A gente desenhou. (Alice, 6)

Figura 45 – Fotografia apontada por Alice



Fonte: Acervo da pesquisa.

É um chocalho [apontando pra foto das crianças com chocalho na história da Margarida] vi...aí eu fiz assim com ele [mexe a mão, como e segurasse o chocalho] era uma garrafa com um monte de milho dentro (...) eu já fiz um chocalho uma vez, eu enchi de pedra. (Sininho, 6).

Figura 46 – Fotografia apontada por Sininho (2)



Fonte: Acervo da pesquisa.

[apontando várias fotos] contando história, pintando de tinta, desenhando, mexendo chocalho, e naquela ali tão brincando de trenzinho. (Sininho, 6).

Figura 47 – Fotografias apontadas por Sininho em sequência



Fonte: Acervo da pesquisa.

Nos relatos, *Nemo (5)* conta que tinha “*uma foto dessa*” e chama o Dr. Mágico de *palhaço*. *Nemo* tem apenas 5 anos e ainda está construindo sentidos, mas diante dessa fala, preciso apontar que, de uma forma geral, a carência de uma formação estética na sociedade é tão grande, que a maioria das pessoas, erroneamente, ao ver qualquer “artista” que esteja com “figurino”, se for homem denomina de “palhaço” e se for mulher denomina de “Emília” ou de “Princesa”, pela incapacidade de identificar um personagem.

As crianças, na maioria das vezes “corrigem” os pais, que sempre apontam “Olha, a Emília”, e a criança diz, “não é a Emília, mãe, é a Alice, olha, ela tem o Coelho”, e situações como essas são muito comuns. Concordando com nosso amigo *Pequeno Príncipe*, as pessoas grandes não entendem nada direito e é cansativo para as crianças ficar o tempo todo explicando (SAINT-EXUPÉRY, 2015), por isso a importância de promover uma formação estética para todas as pessoas de qualquer idade, pois “formar espectadores consiste também em estimular os indivíduos (de todas as idades) a ocupar o seu lugar não somente no teatro, mas no mundo” (DESGRANGES, 2010, p.37).

Ainda sobre a escolha da fotografia do Dr. Mágico, *Peter (6)* também estava no dia da apresentação, que foi uma das primeiras atividades em outubro de 2017, e fala “*Eu lembro desse dia*”. Assim como *Zequinha (6)*, da primeira entrevista, *Peter (6)* também foi um dos assistentes do Dr. Mágico. *Ruby (6)* identifica mais as pessoas do que as atividades. *Alice (6)* aponta a fotografia que representa a atividade de desenho, e *Alice* sempre gostou muito de desenhar, ela desenhava em média uns três desenhos por dia.

As falas de *Sininho (6)* se destacam em alguns aspectos. *Sininho* lembra do nome da Tia Paixão, apesar de estar há 1 ano sem vê-la. *Sininho* aponta a fotografia que mostra o *chocalho* artesanal, utilizado na história da *Margarida*, lembra “*ai eu fiz assim com ele [mexe a mão, como e segurasse o chocalho]*”, explica como é feito, que “*era uma garrafa com um monte de milho dentro*”, e conclui dizendo “*eu já fiz um chocalho uma vez, eu enchi de pedra*”. *Sininho* conclui sua fala, apontando as diversas atividades que fazia no Ateliê.

Identificamos uma riqueza de detalhes nas suas falas e consideramos que *Sininho* é filha de *Rosa*, percebemos uma semelhança na desenvoltura de ambas para se comunicarem, e mais uma vez, observamos o reflexo das atitudes da mãe nas atitudes da filha (como foi apontado na primeira entrevista na relação entre *Gardênia e Lana*), com a diferença que no grupo focal, *Rosa* e *Sininho* estavam separadas, o que denota o vínculo entre elas a importância do estímulo da mãe para com a criança.

No segundo momento da intervenção, convidamos as crianças para desenharem sobre o que elas faziam no Ateliê. Em sua maioria, as crianças não têm esse espaço livre de expressão de si, da sua percepção, da sua compreensão. Durante a atividade, a escuta sensível também fez parte da experiência, para as crianças que quisessem contar o seu desenho e compartilhar esse momento com os integrantes da equipe. Muitas vezes, a narrativa da criança sobre o desenho demonstra o que aparentemente não se percebe. De forma geral, culturalmente, o desenho não é valorizado em seu potencial de significados.

Das sete crianças que desenharam, cinco desenharam o IPREDE como uma casa colorida, com flores, árvores e corações. *Moana (8)* desenhou nossa equipe do Grupo Ateliar, *Peter (8)* fez o desenho relacionado a uma das fotografias de contação de história e *Nemo (5)* desenhou a sua família.

O IPREDE, uma árvore, uma flor, corações, nuvens e sol. Eu gosto de brincar com o chocalho e ouvir histórias no IPREDE. (Sininho, 6).

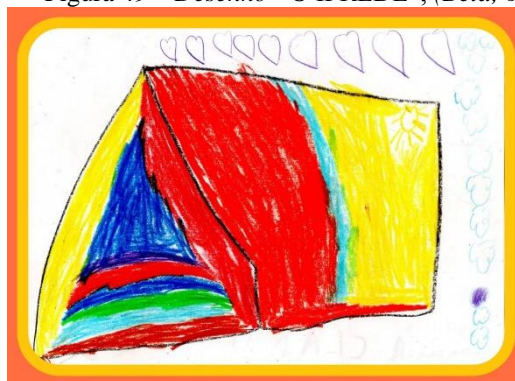
Figura 48 - Desenho “O IPREDE”, (Sininho, 6)



Fonte: Sininho, acervo da pesquisa.

Oh tio, oh tio...[Bela faz interferência na fala de Alice] eu tenho duas borboletas lá em casa. Tô pintando... a casa (...) menos essa aqui, é laranja. (Bela,6).

Figura 49 – Desenho “O IPREDE”, (Bela, 6)



Fonte: Bela (6), acervo da pesquisa.

Aqui é o IPREDE, aqui é minha casa, eu, meu irmão, e minha mãe tá lá dentro, as borboletas e as flores. (Ruby, 6).

Figura 50 - Desenho de Ruby (6)



Fonte: Ruby (6), acervo da pesquisa.

Sininho (6) desenhou um céu com um sol, uma casa colorida no gramado, uma árvore, uma flor e corações. *Ruby (6)* fez um desenho rico em cores, tudo muito colorido. Desenhou o IPREDE com paredes de várias cores, sua casa bem colorida e as duas casas bem próximas,

muitas flores coloridas, corações coloridos, borboletas coloridas, ela entre as duas casas, o irmão na porta da casa dela e conta “*minha mãe tá lá dentro*”, o que remete à presença da família.

Fez um sol e nuvens no céu. Pelas várias cores, flores e corações, é um desenho que remete a alegria e afeto. *Bela (6)* desenhou uma casa bem colorida, cada parede com várias cores, a casa é grande, ocupa a folha inteira. Tem corações e nuvens ao redor. Houve interferência de falas da *Bela*, quando *Alice (6)* contava o seu desenho.

O desenho é um espaço de elaboração e de comunicação da criança. Ela expressa através do desenho o que ela tem a necessidade de comunicar, havendo ou não uma narrativa oral que acompanhe o desenho. O relato e o desenho de *Alice* retratam que um ladrão tentou entrar na casa dela, apesar de termos convidado a desenhar *o que você faz aqui no Ateliê*.

Isso aqui é o IPREDE e isso aqui é minha casa, aqui são as borboletas. Elas tão lá fora. (...) é do coração que fica na parede. (Alice, 6).

Eu desenhei a minha casa e um ladrão quis entrar na minha casa, mas eu tranquei a porta. Eu estava na janela, é o meu quarto e o banheiro. Aqui é o IPREDE e as borboletas. (Alice).

Figura 51 - Desenho o IPREDE e o ladrão na casa de Alice



Fonte: *Alice (6)*, acervo da pesquisa.

Alice (6) desenhou o IPREDE e sua casa ao lado. A instituição tem três borboletas, na casa dela tem uma borboleta. Ela conta que perto da sua casa tem um ladrão e ela está na janela do quarto. Imagem forte, pois apesar de termos pedido para ela desenhar o que faz no IPREDE, ela trouxe a necessidade de falar sobre o ladrão que tentou entrar na sua casa, por isso precisamos de olhos mais sensíveis, ouvidos mais sensíveis, abraços mais sensíveis, prontos para acolhê-los com suas narrativas, com seus desenhos, com seus abraços. É primordial que “sejam oferecidas ferramentas semióticas (contos, desenhos, brinquedos) através das quais a criança possa se expressar, pensar sobre si mesma e/ou sobre o mundo, poder constituir uma forma de (re) situá-la frente a sua história” (DE CONTI, 2012, p. 152).

O desenho de *Alice (6)* também mostra a grama no chão, o céu azul e uma nuvem branca, “vazada”, para mostrar o branco do papel como a cor da nuvem. Interessante ela ter

feito o preenchimento do céu e ter deixado o espaço em branco no formato das nuvens. A seguir, os desenhos de *Moana* (8) que demonstram muito afeto em relação à nossa equipe Ateliê.

Aqui é o coração, aqui é a nuvem, aqui é o IPREDE, aqui é a flor, aqui é a tia... aqui é um coração no vestido da tia. (Moana, 8).

Figura 52 – Desenho Tia Tamtam e o IPREDE, *Moana* (8)



Fonte: *Moana* (8), acervo da pesquisa.

Essa é ela [aponta para Liliane], essa é a de cabelo azul, essa é a tia [aponta para Tamara], esse é você [falando com Leandro], e a de chapéu, só falta a que tá com o brinco aqui [aponta pro nariz, se refere à profa. Luciane, que usa um piercing]. (Moana).

Figura 53 – Desenho “Tios”, *Moana* (8)



Fonte: *Moana* (8), acervo da pesquisa.

O desenho da Figura 52 foi um dos presentes que recebi, meu retrato pelos olhos de *Moana* (8), perto de uma casa que é o IPREDE, nas cores vermelho com amarelo, três corações coloridos um dentro do outro, ao lado da casa, uma flor nas cores vermelho com amarelo, e ao lado da flor, a tia Tamtam, com cabelos vermelhos, olhos azuis, um vestido amarelo e um coração vermelho no vestido, ao lado, uma árvore com frutas vermelhas, lá no canto superior, tem um sol amarelo com olhos vermelhos. Me chama a atenção o uso das cores vermelho e amarelo em vários elementos, porque são as cores que representam o IPREDE. No desenho eu estou sorrindo, tenho um coração no vestido e estou de braços abertos, pronta para um abraço, assim, me identifico muito com essa imagem, pois estar no IPREDE, me traz muito amor.

No segundo desenho de *Moana* (8), na Figura 53, o IPREDE em vermelho, acima do IPREDE está escrito *amor tias* dentro um coração com a equipe no gramado, perto de uma flor do tamanho das pessoas, com corações acima, escrita a frase “*você são muito lindas todas beijos*”. *Moana* (8) desenhou características específicas da nossa equipe, dos aventais nas cores

respectivas que usávamos: Andrea que tem o cabelo azul e Mônica, que estava de chapéu. Isso demonstra o vínculo que a criança tem com a nossa equipe e com a instituição. *Moana* é filha de *Magnólia*, identificamos em ambas esse carinho pelo IPREDE. Ela é uma das crianças que tem mais tempo na instituição, tendo ali chegado recém-nascida. Hoje, está com oito anos e vai receber alta no próximo mês. O que significa que para ela, o IPREDE faz parte da sua vida completamente. Esse desenho demonstra um forte vínculo de carinho e afeto com a nossa equipe, e apesar do tempo de intervalo sem nossas atividades, ela nos percebe e nos recebe amorosamente.

Peter (8) desenhou a menina contando a história *O vestido de sonhos* e as crianças ao redor do vestido. As crianças em preto e o vestido rosa

Eu desenhei essa foto “aqui” [aponta para a foto que tem a Bia no vestido de sonhos e as crianças desenhando]. Desenhei a tia, o vestido e as crianças desenhando no vestido. Eu estava nesse dia, não lembro muito da história, mas lembro que eu fiz vários desenhos no vestido e foi o que eu mais gostei nesse dia. (Peter)

Figura 54 – Desenho “O vestido de sonhos”, *Peter (8)*



Fonte: *Peter (8)*, acervo da pesquisa.

É eu, minha mãe, meu pai, a Teté, minha mãe tava dirigindo (...) um barco, no mar. (Nemo.)

Figura 55 – Desenho “O barco”, *Nemo (5)*



Fonte: *Nemo (5)*, acervo da pesquisa.

Nessa figura, *Nemo (5)* desenhou um barco bem grande no mar. Ele está com o pai, a mãe, a irmã e disse que a mãe dele está dirigindo o barco. Chama-me a atenção, essa fala de que a mãe está dirigindo, pois ao longo de um ano, sua mãe vinha ao IPREDE trazê-lo para os atendimentos, entrou no projeto “Mãe Colaboradora”, depois participou do projeto “Vai Maria”

(já explicados na seção 2 deste trabalho) e foi contratada efetivamente, passando a trabalhar na recepção da instituição, sendo uma das profissionais entrevistadas.

Não tenho pretensão nem competência para fazer uma leitura psicológica do desenho, mas de alguma forma, tenho a impressão de que ele parece retratar o progresso da sua mãe ao dizer que ela é quem dirige o barco. Considerando o contexto de vulnerabilidade social em que se encontram essas crianças e suas famílias, e compreendendo as mais diversas situações de dificuldade pelas quais elas passam, reforça-se a relevância de um espaço como esse promovido pela instituição, como um momento lúdico, de leveza e encantamento, pois “as histórias e suas tramas narrativas mobilizam as crianças enquanto ferramentas simbólicas ao lidarem com elementos de medo, amor, ódio, abandono, etc” (DE CONTI, 2012, p. 164).

Neste sentido, identificamos como resultados da pesquisa, a partir das intervenções dos grupos focais, com os relatos e os desenhos das mães e das crianças, como aspecto mais enfatizado o fortalecimento do vínculo criança-mãe-instituição, que se apresentou nos dois grupos fortemente, a evidência de uma formação estética em construção, presente no grupo das mães, e no grupo das crianças, pelos relatos de *Sininho*, o reconhecimento da instituição como um espaço acolhedor, de alegria, leveza, cores e flores, como um espaço de segurança, como vimos no desenho de *Alice*, que apesar de ter passado por uma situação de medo, com o ladrão tentando entrar em sua casa, ela retrata no mesmo desenho, o IPREDE colorido e com borboletas, ao lado da sua casa, pois “a criança pode criar cenários, tecer tramas e falar sobre si através dos personagens e das situações dos contos, articulando-os com as suas vivências cotidianas. (DE CONTI, 2012, p. 161). Desta forma, para concluir os resultados da pesquisa, vamos entender porque o *Ateliê é a chuva colorida*, a partir dos relatos dos profissionais do IPREDE.

3.3 O Ateliê é a Chuva Colorida – o que dizem os profissionais da instituição

A *Chuva Colorida* foi uma das mágicas inventada pela fada Clara-Luz, que não estava escrita no Livro das Fadas, mas no dia que *choveu colorido* todos os moradores do reino ficaram encantados com aquela chuva de todas as cores. Era a chuva mais linda que eles já tinham visto (ALMEIDA, 2007). Esse foi o título escolhido para apresentar os resultados da pesquisa, a partir das falas dos profissionais entrevistados, porque suas *Palavras Encantadas* falaram de muitas cores, de ideias novas, de transformações e deixaram muitas pessoas felizes.

Como eu já contei aqui, ao longo do trabalho do Ateliê, nesse período de um ano em que estive à frente como coordenadora, recebi com frequência observações e relatos muito ricos

em conversas informais com vários profissionais da instituição, e para mim, essa era a pista de que valeria a pena ouvi-los com atenção. Confesso que seus relatos são tão, mas tão potentes que eu queria que cada palavra pudesse constar aqui nesse trabalho! Dava vontade de colar tudo tudo, porque tudo é importante. Mas, como passar um elefante pelo buraco de uma agulha? Ainda não aprendi. Apresento aqui um recorte, o que pude pinçar das pérolas e cristais que brilharam mais e que assim completam essa leitura do Ateliê de IPREDE.

Para a entrevista, foi elaborado um roteiro semiestruturado com dez perguntas, e os profissionais foram escolhidos pelo critério de atenderem às crianças diretamente e acompanharem o trabalho do Ateliê mais de perto, seja através de suas observações ou dos olhares das crianças e das mães. Os profissionais se revelaram grandes mensageiros do que mudou e tocou crianças e mães. Pelos seus olhos, corações e palavras ganhamos ainda mais vida e entendimento da amplitude do trabalho do Ateliê e sim, tudo ficou mais encantado e mágico!

Desta forma, foram entrevistados dez profissionais, entre eles, uma pediatra, duas assistentes sociais, quatro profissionais do setor Mediação²¹ (psicólogas, fisioterapeutas e fonoaudióloga), uma psicomotricista e dois recepcionistas, que receberam nomes de personagens da série de desenho animado *Ursinhos Carinhosos* para situá-los na pesquisa: Harmonia, Feliz, Nobre, Carinhosa, Animada, Divertida, Sonhadora, Sincera, Amigo e Coração. Antes de iniciar com a leitura e análise das narrativas, vou então apresentá-los brevemente, para depois partilhar todas as cores!

Harmonia é a pediatra da instituição, e atua ali há 5 anos, no ambulatório de Puericultura responsável pelo acompanhamento do crescimento e desenvolvimento das crianças, preferencialmente dos bebês, até dois anos. Mas se houver necessidade de alguma intervenção, se a criança estiver doente, é possível encaixar o atendimento.

Entrevistamos duas assistentes sociais: *Feliz*, que trabalha há 11 anos e *Nobre* que trabalha na instituição há 26 anos! São elas que fazem o primeiro contato com as famílias, acolhendo, dialogando, orientando, reconhecendo as fragilidades e as potencialidades. São o primeiro abraço da instituição.

Carinhosa é fonoaudióloga e está há 7 anos no IPREDE no setor de Mediação, onde atua com mais outros profissionais, numa equipe multidisciplinar. Dessa equipe, entrevistamos, além da *Carinhosa*, duas fisioterapeutas: *Animada* que trabalha há 8 anos no IPREDE e

²¹ O setor da Mediação é apresentado no item 2.1. deste trabalho.

Divertida que trabalha há 12 anos na instituição e *Sonhadora*, psicóloga, a mais nova na instituição, trabalhando há 11 meses no setor.

A Mediação é um setor cujo principal objetivo é o fortalecimento do vínculo da família com a criança. Em suas falas, ao se apresentarem, vemos o quão é importante o trabalho desenvolvido por elas, pois ajudam as famílias a terem um outro olhar em relação à criança, não só sobre necessidades básicas, mas também em relação à importância da ludicidade, do brincar e esse olhar diferenciado promove mudanças na relação entre a criança e o cuidador, extremamente importante para o desenvolvimento da criança.

Sincera, psicóloga, com 13 anos de IPREDE, desenvolve atividades em Psicomotricidade com as crianças acima de 4 anos de idade. Segundo ela descreve, este setor trabalha o corpo e a sala da Psicomotricidade é “*uma espécie de espaço onde eles vão expressar o desejo deles*”. Através do brincar livre e de sua sensível observação ela vai detectando as necessidades das crianças e promovendo o desenvolvimento da corporeidade.

Amigo fazia parte do setor da Recepção do ambulatório, o que ele chama de “o coração do IPREDE”, pois é lá onde se formam dos grupos de atendimento, distribuem os prontuários, recolhem a assinatura das mães. Ele tem 10 anos de IPREDE.

E por fim, *Coração* é uma mãe que era atendida pelo IPREDE, pois seu filho, quando ainda bebê, estava desnutrido. De mãe atendida, *Coração* começou com o curso de costura do projeto Vai Maria, passou a participar do projeto Mães Colaboradoras e quando o contrato com o projeto acabou, ela foi chamada para trabalhar na recepção, mesmo setor que o *Amigo* atuava (*Coração* é mãe de *Nemo* (5) que participou do grupo focal das crianças).

Agora que todos estão apresentados, vamos à análise! Como resultado do processo derivado da Análise Textual Discursiva, tendo como foco os objetivos desta pesquisa, emergiram as seguintes categorias: 1. Bom dia, todas as cores!, 2. Desenvolvimento da criança, 3. Fortalecimento do vínculo, 4. O Ateliê choveu colorido no IPREDE.

Na primeira categoria, *Bom dia, todas as cores!*, os profissionais falam do pilar estético do IPREDE e identificamos como resultados da pesquisa que as contribuições da arte e da formação estética alcançaram as crianças, as mães e também os profissionais. Na segunda categoria, *Desenvolvimento da criança*, foram identificadas contribuições das atividades do Ateliê para o desenvolvimento da criança em vários âmbitos, sendo enfatizado que a instituição compreende a criança como um ser integral, no contexto de vulnerabilidade social, primando pelo fortalecimento do vínculo e apoiado no pilar estético.

Na terceira categoria, *Fortalecimento do Vínculo*, identificamos como resultados da pesquisa uma teia afetiva “ateliando” criança-família-profissionais-instituição, que mostrou

como o Ateliê contribuiu para *fortalecer os vínculos*. Na última categoria, *O Ateliê choveu colorido*, os profissionais destacaram as contribuições do Ateliê em diversos âmbitos, diretamente para o seu trabalho e também pessoalmente, indo além das expectativas da pesquisa, que inicialmente investigava as contribuições apenas para as crianças. A seguir apresento e analiso os resultados de cada categoria.

3.3.1 Categoria Bom dia, todas as Cores!

A categoria *Bom dia, todas as cores!* tem esse título por fazer referência à história do Camaleão (ROCHA, 2013) que acordava dando *bom dia para todas as cores* e nos inspirou a trabalhar o tema *quem sou eu* com as crianças. Os relatos demonstram como os profissionais veem o Projeto Ateliê, abordam que o IPREDE tem o pilar estético como uma de suas bases e apresenta como resultados da pesquisa, a formação estética que o Ateliê proporcionou, não apenas para as crianças, mas também para as mães e para os profissionais da instituição, extrapolando as expectativas iniciais, que estavam voltadas às contribuições da arte e da formação estética apenas para as crianças.

A partir de suas falas é possível ver como eles identificam o “casamento perfeito” entre os princípios da instituição e o trabalho desempenhado pelo Ateliê e como expressam com empolgação e encantamento a chegada deste, identificando contribuições muito significativas. Quando perguntamos aos profissionais sobre “o que é o Ateliê do IPREDE” eles nos dizem:

Ah... eu penso com muita alegria desse Projeto, eu peguei o IPREDE sem o Ateliê e com o Ateliê, então tem... vocês já estão com três anos... Eu acho que foi uma oportunidade de a gente concretamente mostrar pras famílias como é esse estímulo desse vínculo, esse estímulo sensorial, essa importância de ver as crianças terem contato com arte e com a estimulação através da arte. (Harmonia).

Harmonia deixa claro em sua fala que havia um IPREDE antes e depois do Ateliê, e que a chegada do projeto concretizou a importância da arte de maneira expressiva, atuando nesse lugar formativo e formador da criança, capaz de colaborar para o desenvolvimento da criança. *Sincera e Sonhadora* complementam essas percepções, e destacam que isso deriva da forma como o Ateliê trabalha que, ao invés de promover apenas a recreação, toma a arte e a experiência estética de forma séria e comprometida, elas nos dizem:

É um projeto maravilhoso que colabora com o desenvolvimento infantil, por meio da educação, da experiência estética e da importância da arte. Ajuda a criança a organizar seus pensamentos e ideias e fazer suas descobertas. Vejo que vocês se preocupam com cada atividade, tendo planejamento e compromisso. (Sincera).

É um projeto que ajuda muito no desenvolvimento das crianças, tem uma participação delas, elas assistindo, porque como eu vejo, a forma como vocês atuam, vocês colocam elas dentro dos contos, então elas estão participando, as famílias também, tem mães que às vezes, dependendo do horário da Mediação, elas vão perguntar, porque querem assistir à peça junto com o filho. (Sonhadora).

É interessante observar que a prática do Ateliê, seu *modus operandi*, é facilmente identificado por todos os grupos, sejam crianças, mães ou profissionais – suas falas expressam que eles sabem, mesmo sem participar das atividades diretamente, que tipo de atividade o Ateliê promove e sua importância:

Ah eu acho ótimo! Eu sou suspeita a falar porque eu sou super encantada, e eu olho pra vocês e já fico motivada, já mexe comigo [...] Contação de histórias, desenho, pintura! Teatro... e as oficinas! (Animada).

Existe a parte de vocês que trabalha com desenhos [...] a música, convidam para desenho, peças teatrais, contação de história. Eu acho lindo quem faz encenação. (Divertida).

É mais uma das atividades que faz com que as crianças entrem no mundo da fantasia, do teatro, com acesso às linguagens artísticas, cinematográfica e musicalidade. E depois representam em seus desenhos, sendo uma forma de desenvolver as aptidões e criatividade das crianças. (Sincera).

A música, o teatro, os desenhos, a contação de história, e o enfeite da sala, ficou mais bonito lá! Ficou bem mais bonito lá, mais enfeitada. Conheço tudo deles. Tem a parte do teatro, também, pra criança que nunca viu teatro é muito bom a parte de teatro. Eu pelo menos, vim conhecer o teatro alguns dias que eu trabalhei aqui, que eu morava no interior, aí quando vim pra cá foi que eu vim conhecer o teatro. Eu amo o Ateliê [...] (Coração).

Às vezes que eu estive presente nas apresentações do ateliê, junto com as pessoas do Ateliê, eu fui impactado né, são muito lindas, muito rico o que o Ateliê passa tanto para as crianças quanto para nós profissionais da casa [...] Contação de história, cineminha, uma coisa que eu acho muito linda é quando os profissionais do ateliê vão chamar as crianças né, aquela música, aquele instrumental que anima quem tá ao redor [...] (Amigo).

As narrativas dos profissionais nos dizem que esse trabalho gera impactos muito significativos, transformando as pessoas pelo caminho do sensível, emocionando e promovendo o vínculo através do afeto, através do “abraço”:

É um projeto muito lindo né, eu vejo muito talento de pessoas incríveis, sem dúvidas, todos, todos que vejo que participam do projeto, todos mesmo, são pessoas extremamente receptivos são pessoas que nos abraçam, que abraçam a casa, e a causa né também, então assim eu acho um projeto incrível mesmo, de impacto que teve aqui no IPREDE. É até difícil de conseguir descrever, porque a palavra que eu dou é impactante, porque assim, sempre, como eu falei, sempre a todos que eu conheço aqui dentro, foi um projeto que veio né, foi um divisor de águas nem mesmo para o Ambulatório né, para o IPREDE em si, é algo muito lindo, algo que emociona, que mexe com a gente, essencial, como eu disse, veio mesmo para uma mudança, porque o Ambulatório é o coração do IPREDE e a gente ter esse ponto fixo que é o Ateliê né, fortalece mais ainda. Com certeza qualquer um que entre ali dentro do Ateliê consegue esquecer de tudo né, esquecer de problemas. Eu vejo como um projeto que trouxe uma mudança mesmo radical, tanto para as crianças quanto para as mães [...] que a gente vê que hoje as mães quando chegam e tem esse acolhimento do Ateliê, elas se sentem mais ainda a vontade, mais em casa ainda, e isso é muito bom, acho isso muito importante [...] as crianças então, quando chegam elas já querem, história, cinema, Ateliê. (Amigo).

O Ateliê acabou por abraçar todo mundo! Trazendo aquele sentimento gostoso que a experiência estética pode promover: deixar-se levar pelo prazer, pelo alumbramento, pela suspensão temporária dos problemas que ficam lá fora. *Carinhosa* nos fala desse prazer, falamos desse acolhimento, *Coração* se sente chamada a desenhar, dançar e participar de tudo e *Amigo* nos fala da importância de sonhar:

O Ateliê, ele deixou esse primeiro momento da chegada, do Peso [setor da Nutrição], ele deixou que a criança sinta prazer em vir ao IPREDE [...] as mães já vão se identificando... eu vejo muitas mães: “olha ali a tia fulana.” Elas criam muito essa expectativa, lá na Mediação também tem mães que criam essa expectativa, da hora que vão participar. E com o Ateliê também eu percebo isso [...] aí eu sinto que as mães também sentem mais vontade de chegar e participar desse momento [...] (Carinhosa). Eu acho assim, maravilhoso o projeto tanto pras crianças, quanto pra gente que participa daquilo ali, porque eu gosto de participar de tudo, você vê, né, quando tava tendo, pra poder desenhar com eles. Esses dias, tava tocando uma música lá do nada eu: “ó a música” fui dançar a música [...] só pra isso, pra participar lá. Acho muito bom. (Coração).

Eu vejo assim, que o projeto ateliê não atinge só criança, atinge as mães [...] eu penso que ele é muito importante [...] aqui dentro do IPREDE, porque eu já vivi vários momentos [...] nesses anos todos e eu podia dizer assim, que sempre na minha vida tem sido um aprendizado, né, e o Ateliê também é isso [...] ele leva a sonhar, né, e sonhar é bom sempre [...] Porque agora eu vejo de uma forma estruturada, tem professor que acompanha, é diferente, é completamente diferente e tem uma ação sistematizada [...] eu vejo como uma questão de oportunizar as nossas crianças, nossas famílias pra essa questão da contação de história, pra questão da música [...] hoje eu vejo as crianças participarem, irem, né? [...], aí quando vai tocando aquela flauta, sabe, eu tenho vontade de tá ali, porque assim, é uma coisa tão... sabe, assim, é muito bom, né. (Nobre).

A cada narrativa, vemos com mais clareza que o Ateliê veio fazer parte do que os profissionais explicam como o *pilar estético* da instituição e foi unânime a justificativa de que o IPREDE buscou um projeto como o Ateliê, porque a instituição compreende a criança em seu desenvolvimento nos diversos aspectos, principalmente em relação à necessidade de uma formação estética, pois “a arte é formativa, porque dá formas a sentimentos e ideias” (PERISSÉ, 2009, p. 52).

Neste sentido, os resultados da pesquisa mostram que a formação estética, a partir das experiências proporcionadas, não alcançou apenas as crianças, mas também as mães e os profissionais da instituição. Esse foi o “casamento perfeito”, segundo os profissionais – pois o Ateliê veio preencher essa lacuna, o que podemos ver nas falas a seguir:

Eu acho fantástico vocês chegarem num ambiente e os meninos todos irem atrás de vocês, vocês já tem o espaço de vocês aqui, vocês já são... vocês nasceram do IPREDE sem saber, que vocês já tinham nascido daqui, eu sempre falava isso pro prof. Sullivan, quando vocês estavam com pouco tempo aqui, eu falava: “professor era alguém do IPREDE que tava lá, que criou esse Projeto e veio especialmente pra gente, porque é totalmente a nossa cara?!”... é totalmente a cara do IPREDE e é muito, muito gratificante! Hoje, às vezes a gente demora um pouquinho mais a

começar os atendimentos porque as crianças estão lá na contação de histórias, a gente vai esperar, não tem problema nenhum. Então a gente espera terminar o bloco do Ateliê pra gente começar os atendimentos das crianças que já estão lá, então eu amo! Eu gosto demais! Me infiltro lá de vez em quando [...] O Prof. Sullivan diz que a gente não trata criança só com remédio, nem só com nutricionista e nem só com psicólogo, a gente tem que sentar no chão e colocar pra brincar na Mediação, a gente tem que botar a cara lá no teatro, tem o cinema, porque pode ser o único lugar na vida que ela tenha um cinema, então eu acho que o casamento foi perfeito, mas o prof. Sullivan foi a liga que juntou esses dois mundos! [...] Então eu acho que precisa de cor, e aí quando você fala de cor, você fala de arte, de expressão artística nas suas mais variadas formas, na música que eles gostam muito também, quando vê um instrumentozinho tocando, eles já vão atrás. Então eu acho que teve esse casamento perfeito por isso [...] sempre é colocado, principalmente hoje, que foi o caso, que a gente começou a chamar antes de acabar a contação, e a gente tá esperando terminar a contação pra começar o atendimento, aí as crianças chegam contando, e as mães comentam também, que estavam lá e prestou atenção... elogiando. (Harmonia).

Vem desde as diretrizes, da nossa Instituição, por exemplo, o Dr. Sullivan, que é o presidente, ele preza muito pela questão da cultura, da estética, dos princípios da Instituição, a questão de acolher bem, também, essas famílias [...] essa preocupação veio a partir de trazer essa arte e essa cultura, e a partir disso tem outras consequências! [...] vocês fazem atividades de pintura, lá na frente, também tem contos, na salinha de leitura [...] fazem atividades onde vocês trazem vários instrumentos, e colocam no meio do acolhimento, brincadeiras também [...] fazem brincadeiras numa rodinha com as crianças, fazem umas brincadeiras que tem regras, que isso ajuda muito a elas! E tem também a questão das peças teatrais que são realizadas, que dentro dessas peças tem as canções, e também teve aquela semana que vocês fizeram, foi duas semanas não foi? [...] Isso, Teatro de Primeira! Que foi super organizado [...] eu acho super legal também é o Bom dia! E o Boa Tarde! Que vocês ficam batendo um negocinho e dizendo: “bom dia!” e de tarde também, traz animação e as crianças já ficam de longe “bom dia!” correndo, cantando e falando bom dia, porque estimula isso também! (Sonhadora).

O Bom dia!, que eu achava ótimo. E que passe na Instituição inteira, ah meu Deus que coisa gostosa quando passa aquele bom dia, que a gente levanta e canta e dança junto também... e realmente você sente aquela presença do “Bom Dia!”, não é aquela coisa formal, é aquela coisa de verdade, de sentir, de viver, não só de falar [...] As crianças elas são mais... é... elas ficam mais ali no ambiente, explorando tudo que a Instituição tem pra oferecer de maneira mais tranquila [...] É de fundamental importância porque sensibiliza aos pais, proporciona às crianças um momento de tranquilidade. Um momento de ludicidade, um momento em que elas podem vivenciar a infância de verdade, entrar no simbólico, entrar na fantasia, na imaginação, onde elas se permitem ser crianças, e onde os pais também começam a ter um outro olhar, uma outra sensibilidade em relação a essa infância, então eu acho que é um ganho pra todos nós. [...] Também sensibiliza os profissionais, que veem o movimento do Ateliê... então todo mundo ganha! [...]tem sido muito positivas as experiências...eu sinto mais isso... às vezes a gente vai chamar e a mãe tá lá, entendeu, e tá lá vivenciando aquele momento, e a gente fica ali um pouquinho, aguardando pra que ela tenha esse tempo... aí eu vejo como é bom...Então ela tá numa contação de história... tá ali no momento, vai começar e ela tá ali, atenta, ela quer ver, ela quer viver isso [...] Então eu acho que foi de fundamental importância aqui pro IPREDE, porque os pais também são atingidos, com o que o Ateliê promove, é uma coisa pra criança, mas que o pai e a mãe, todos participam e todos ficam comovidos e sensibilizados da importância de vivenciar esse momento lúdico. (Animada).

O “casamento perfeito” acabou por trazer benefícios para todos. Os relatos de *Amigo* e *Nobre* nos dizem que as atividades do Ateliê são capazes de promover o alumbramento e a paz de espírito diante dos contextos difíceis pelos quais as famílias atendidas pela instituição

passam, pois, o sorriso e a alegria são nossos termômetros. O Ateliê trouxe acalanto, fôlego e até calma, um “respiro”, podemos dizer:

[...] e eu particularmente, eu me sinto muito realizado quando eu vejo outras pessoas sendo realizadas, então quando eu vi as mães, as crianças sentindo-se bem aquilo me fazia bem, aquele sorriso das crianças, a alegria das mães e tal [...] algumas mães às vezes elas tinham um pouco de dificuldade de ir para os atendimentos, mas não por elas não quererem mesmo ir, não uma vontade própria mas, como eu disse, às vezes vinham com a cabeça cheia de coisa, cheia de problemas e elas acabavam que não tendo saco para ir e no início como elas não conheciam ainda, não sabiam ainda o que era o projeto Ateliê, algumas diziam “não, não quero ir”, quando passou o tempo e elas foram vendo realmente o que era o Ateliê, elas já chegavam perguntando “hoje vai ter historinha, hoje vai ter Ateliê?” [...] quando eu tava na recepção, com a chegada do Ateliê, eu acho que trouxe um fôlego maior, acho que pela parte emocional também para gente, porque assim como profissionais, nós também temos nossos problemas, nossas dificuldades às vezes. (Amigo) .

O Ateliê num é só pras famílias não [...] as mães, elas ali no ambiente melhorou [...] eu acho que quando entrou o ateliê com a música, teve uma calma [...] Inclusive quando tem atividade do Ateliê, tá tendo um teatrinho, [...] a gente não mexe, entendeu? Porque elas têm que priorizar aquilo ali, não é porque eu tô priorizando não. Às vezes eu preciso até daquela mãe vir mais aqui, mas ali é um momento importante pra ela [...] E aí é um momento rico [...] E eu acho interessante é quando tem que chamar e elas estão lá olhando pra vocês, elas tão bebendo aquilo ali, entendeu? [...] É incrível como de um tempo pra cá a questão da expressão dessas mães, sabe, assim, o falar, né, porque mexe com tudo, né, com a questão de você se posicionar, refletir [...] E eu preciso demais, eu gosto de ver as minhas mães felizes, né, eu gosto de ver as crianças correndo pra lá, quando elas falam assim... querem ir, chega os olhos tão brilhando vendo a história, vendo o teatro, sabe, tão ali sentadinho, fazendo, batendo alguma coisa. Acho aquilo tão legal, né. Então isso pra mim é importante. (Nobre).

As mudanças de comportamento das mães e das crianças, enquanto estão envolvidas nas atividades do Ateliê, são percebidas e destacadas pelos profissionais como um processo, um trabalho lento que requer cuidado e persistência, porém, extremamente válido e importante. A possibilidade de terem contato com essas vivências são oportunidades de transformação, ainda que pequenas, e portanto, devem ser estimuladas continuamente, abrindo portas para novos entendimentos. Podemos ver nas falas a seguir a percepção que os profissionais têm da importância do alumbramento, de ser um espaço de encanto e de encontro.

Quando eu chego lá no Acolhimento que eu vejo aquela mãe pintando com a criança, fazendo um desenho... às vezes ela não quer nem interagir com o menino, ela quer só pintar... mas a partir do momento que ela experimenta, que ela vivencia... ela vai “opa... por isso que quando ele senta pra pintar e eu chamo pra tomar banho ou pra fazer alguma coisa, ele não quer... porque ele ficou concentrado”... Aí ela já tem outro pensamento... e é um trabalho de formiguinha... Nem todos os adultos são impactados rapidamente... Tem uns que a gente leva tempos e tempos... outros não conseguem... mas isso aí faz parte... O importante é que no geral alguma coisa sempre fica... e a gente tá sempre se motivando quando a gente vê essas mudanças, essas reações... às vezes é uma “besteirinha”, mas é aquela “besteirinha” que para aquela família, era o ponto “x”. Era o mínimo, mas para eles era o máximo... é algo que a partir dali vai vir outra. (Animada).

Eu acho então que trouxe pra realidade, da orientação que a gente dá, da contação de história, da criação do desenho, da cor, é... eu gosto também da história de

trabalhar com o que elas têm, né, então nem sempre elas têm um brinquedo caro, brincar com o que eles têm. Então às vezes a gente diz: “brinca com ele de jogo da memória”. Aí a mãe diz: “jogo da memória?”. Eu digo: “sim, chama ele pra desenhar, faz os pares, corta e vira o papel pra baixo e pronto! Não precisa comprar o jogo né! Então aqui muitas vezes a gente faz isso também, vocês fazem, do Ateliê, de ter materiais mais acessíveis, aí junta o Ateliê com a disponibilidade que às vezes a gente tem no Bazar, de ter alguns desses itens, então de ter um livro, um lápis de cor [...] ontem mesmo uma mãe me falou que comprou aqui uns lápis de cor, daqueles bem grossos, porque a neném dela tem um ano e oito meses e já adora canetas, escreve, e aí a mãe disse que queria comprar esse lápis mas ela foi numa livraria e era quinze reais uma caixa e aqui ela encontrou uma caixa por cinco reais, aí ela comprou logo duas. Então, aí junta a estimulação com o bazar que muitas vezes oferece ela levar pra casa a sementinha que foi plantada, então eu acho fantástico! [...] principalmente em relação ao desenho, que eu acabei de falar... então às vezes... “ah, que ele fez tal coisa que eu nunca tinha visto ele fazer!”, ou então a mãe dizer: “nossa nunca pensei que eu desenhando junto dele pudesse ser uma brincadeira!” então essa questão de trabalhar com o que ela tem, de novo! Com a contação de história, porque tem muita mãe que a gente pergunta: “você conta história pro seu filho?”, aí a mãe pergunta: “que história é que eu vou contar pra ele? Ele tem dois meses!” e aí por outro lado, outra já responde: “eu conto a história dele pra ele.” Então assim, “eu conto a história de como eu conheci o pai dele, e que a gente se gostava muito!, e queria ter um bebezinho, e era o bebezinho da mamãe...” [...] isso são relatos de mães nossas, esse relato foi semana passada que a mãe me falou. (Harmonia).

Desde o nosso *Bom dia* embalado na música que traz a alegria para a instituição, passando por novos olhares das crianças, das mães e dos profissionais, aos relatos das mães nos atendimentos que mostram o que elas levam para casa, as falas denotam que “a verdadeira experiência estética é aquela capaz de levar à construção de sentidos e significados, para a vida cotidiana, proporcionando a construção de conhecimento e aprendizagem significativa” (GOLDBERG, 2020). Neste sentido, serão apresentados a seguir os relatos acerca das contribuições das atividades do Ateliê para o desenvolvimento da criança.

3.3.2 Categoria Desenvolvimento da criança

Na categoria *Desenvolvimento da criança*, os relatos explicaram a forma como a instituição compreende a criança e a família, como se dá o *desenvolvimento da criança* no contexto de vulnerabilidade social, como eles procuram promover o *fortalecimento do vínculo* e as contribuições da arte e a formação estética para o *desenvolvimento da criança*.

Os profissionais explicam o contexto de vulnerabilidade social das famílias e as implicações disso, colocam a instituição como promotora dos direitos da criança e da mulher (aspectos que já foram abordados e contextualizados na seção 2 deste trabalho), apontam diversos aspectos do desenvolvimento da criança e da promoção de vínculos familiares a partir do olhar específico do seu atendimento, e, nesse sentido, identificamos a harmonia e a unidade que os setores e os profissionais têm entre si, dialogando como instrumentos musicais em uma

orquestra, com o objetivo comum de cuidar da criança e do cuidador com o máximo respeito e de forma integrada. Destarte, aqui serão apresentados os relatos que relacionam estes temas com o Ateliê:

No momento em que eu botei o pé aqui, eu senti uma energia diferente, em cada esquina da casa, a gente cruzava com as pessoas, elas davam “bom dia!” o IPREDE é bem isso, aqui a criança sai criança, ela não precisa ser o ajudante da mamãe, ela não precisa ser o irmão mais velho que tá cuidando do mais novo enquanto a mãe faz a comida; ela não precisa ser o neto que não tirou a nota que a vó queria, na prova! Aqui a gente deixa eles livres, então é um espaço grande, elas correm aqui pelo meio, fazem amizades, se relacionam com todos os profissionais, batem na porta, dá bom dia! Solta um beijo. Então eu acho que o Ateliê, ele vai também nesse conceito... De que se a gente não tivesse a cor, se aqui não fosse colorido, se fosse tudo branco ia parecer um hospital, mas a gente não é um hospital. Aqui a gente não vê criança doente, a gente vê criança. (Harmonia).

Acho que o nosso público é carente em vários aspectos, não só econômicos, mais também social e, principalmente, afetivo. As pessoas reclamavam que ficavam muito ociosas, então isso dá oportunidade até de perceber como as crianças lidam nesse momento, para eles mesmo é difícil esse espaço de lazer onde eles moram. Eles não têm essa oportunidade de brincar, de pintar, de correr, de ouvir história. Então para ele é muito novo também, até os pais mesmo não tiveram essa cultura, de escutar história, de música, de arte, então realmente é tudo novo para eles, para a maioria [...] Então, se eles têm um modelo de violência, drogadição tudo dentro de casa é o risco que eles vão guardar. É isso que eles vão ter como referência, porque às vezes elas falam uma coisa mais vivenciam outra. (Feliz).

As crianças com sete anos, dez anos não sabem ler não sabem escrever e dificilmente você vê uma criança que saiba ler [...] Faz com que a crianças entrem no mundo da fantasia, entram na percepção que elas não tem do que propiciar para o futuro, até uma escolha de uma profissão, de identidade mesmo delas, elas vivem no mundo alegre, no momento, que não existe na vida real delas [...] Dar mesmo mais vivacidade a essas crianças, mais alegria. Diminuir o sofrimento mesmo, tanto cultural, como da miséria [...] O ateliê incentiva, as artes de vocês são tão boas, que faz com que eles vão em busca de aprender. É um incentivo ao aprendizado. (Divertida).

Os temas *desenvolvimento, vulnerabilidade social e vínculo* se costuram nos relatos dos profissionais em todos os âmbitos relacionados à instituição, às particularidades dos atendimentos dos setores e são associados ao desenvolvimento da criança, por serem temáticas basilares do trabalho do IPREDE, inclusive relacionados ao Ateliê. Assim como as mães entrevistadas, os profissionais identificam diversas contribuições das atividades do Ateliê, em relação às mudanças no desenvolvimento da criança, nos âmbitos cognitivo, social, afetivo, intelectual e estético, explicados a seguir:

[...] visivelmente a gente percebe as crianças mudando por conta do Ateliê, e se expressando, e entendendo que elas têm de ser crianças, por que muitas vezes eu peço pra você ver?... porque a menina não tem vida, porque é uma criança que não parece criança. Aí eu digo: “não, vai lá, vai ser criança, vai escutar histórias! Vai pintar a cara! Vai sujar a roupa que não tem problema.” Então sim, eu vejo demais! Demais, total! Não tem mais jeito de vocês irem embora daqui! [...] Quem é que bate na tua porta...(risos) pedindo pra tu acompanhar a criança... “Tamara, tu já tá chamando essa menininha pra tua história? Porque eu acho que ela precisa ir pra tua história...

então assim, eu peço né... ela não tem a idade ainda, mas põe ela lá na sala porque eu acho que vai ser legal. (Harmonia).

A mudança delas... porque tem crianças que já estão aqui há bastante tempo, desde o meu tempo de estágio, eu percebo que elas se tornam mais criativas, mais ativas, elas têm uma variedade maior de palavras e de canções também; [...] enquanto elas estão aguardando um atendimento, elas estão participando então é muito importante, eu acho importante pro desenvolvimento cognitivo e social. (Sonhadora).

A importância desse desenvolvimento na primeira infância, eles estão se desenvolvendo. Então a gente tem esse olhar rico, que essas atividades vão trazer algo de novo para elas em relação a socialização, a comunicação, a adaptação, a criatividade, questão da concentração, aprender a dividir [...] Permite também trabalhar as alterações de comportamento, a questão da agressividade, da timidez, da ansiedade, das emoções. (Feliz).

E a questão da contação de histórias, desenvolve a criatividade, então quando você vê um filme, a criança não precisa pensar como é o lobo mau, ela já tá vendo o lobo mau lá, e quando você conta, que ele tem muitos dentes, que ele tem um olho muito grande, que ele tem uma boca muito grande, ela tá imaginando não é? E isso é um exercício cerebral, não é? Então a gente tem que cultivar isso, que a fase da criança é uma fase criativa e imaginativa... às vezes, alguns adultos perdem essa fase imaginativa, criativa... Dr. Álvaro é que sempre fala, às vezes Dr. João Amaral... eles falam “quando é que a gente deixa de ser criança? Quando a gente deixa esse lado criativo, imaginativo dela”; o ideal é que a gente não deixasse nunca. Pra possibilitar criações, então o ideal é que a gente cultive isso [...] Então ao mesmo tempo a gente se surpreende, ou a gente vê que a sementinha que a gente tá plantando já está germinando, tem mãe que acha que a criança menor que cinco anos não presta atenção de jeito nenhum nas histórias, ou que ele não vai ter paciência, e aqui a gente vê que eles têm paciência. Que eles gostam muito, eles ficam lá paradinhos, quietinhos e são os que dão menos trabalho, são as crianças, principalmente os menorzinhos, assim, às vezes que eu já tive oportunidade de ir lá vê as crianças, é muito interessante de ver que às vezes as mães se distraem muito mais que as crianças. (Harmonia).

Quando elas vão pro atendimento geralmente elas já passaram pelo Ateliê, e aí às vezes elas vem com o rostinho pintado, elas vem com fantoche, então elas vem mais leve, elas vem mais felizes, eu noto muito isso, que elas simplesmente não vem como qualquer outra coisa, eu sinto mais essa alegria, elas têm mais a falar, elas querem contar o que é que aconteceu, então a gente acaba ficando sabendo se teve história né, a gente acaba ficando sabendo que criaram um fantoche. Eu sinto isso [...] as crianças, assim, elas se tornam parte dessa atividade, elas não apenas assistem como espectadoras, eu acho que elas se sentem fazendo parte daquilo. Daqueles personagens, daquela história. É o que eu percebo. (Carinhosa).

A pediatra, seguindo a *Recomendação da Sociedade Brasileira de Pediatria* no rol dos *hábitos saudáveis*, indica “*livros, contações de histórias, cantar pra criança*”. Também aponta a influência negativa dos aparelhos e dispositivos eletrônicos para as crianças pequenas e explica uma possível relação com o *Transtorno do Espectro Autista*. Este relato, ao explicar brevemente o contexto do autismo, remete à fala de *Orquídea*, uma das mães do grupo da primeira entrevista, quando contou sobre as mudanças de seu filho, apresentadas no item 3.1. deste trabalho. Além de indicar o não uso dos eletrônicos, a pediatra aponta a influência do virtual nos recursos da vida social e nos aspectos sensoriais da criança:

[...] também a questão alimentar, de como ter uma alimentação mais saudável, de como imprimir hábitos saudáveis, então, lazer, atividade física e esporte, o hábito da leitura, a gente também incentiva, que também é uma recomendação da Sociedade Brasileira de Pediatria, incentivar a leitura e contato com livros desde os primeiros meses, então a gente orienta livros, contações de histórias, cantar pra criança, e evitar

estímulos danosos que hoje são os eletrônicos e as telas em excesso. [...] um transtorno, que se chama Transtorno do Espectro Autista, ela afeta muito a socialização da criança, e a parte sensorial da criança, então tem algumas que são extremamente sensíveis, tanto do ponto de vista auditivo, do toque, tem crianças que não gostam de ser tocadas. E tem crianças que já tem uma tolerância muito grande, então elas gostam de muito barulho, elas gritam muito alto, pra se fazer expressar, e aí elas gostam, às vezes gostam tanto de toque, que se tornam agressivas no toque. não se sabe a causa, o eletrônico está sendo apontado como um grande fator de risco para desenvolvimento de autismo, quando a gente fala precoce, é nos primeiros dois anos de vida. (Harmonia).

[...] e a questão sensorial, é... a criança nos primeiros dois anos de vida ela tem um desenvolvimento, o desenvolvimento dela tá em pleno ápice, o bebê nasce sem saber fazer nada, além de chorar e mamar, e ao final de dois anos ele anda, corre e fala pequenas frases, então isso é o desenvolvimento de 80% de nossa massa cerebral, ocorre até os três anos, então se o bebê que está nesse momento, é uma fase que a gente chama de fase sensorial do desenvolvimento, ela não deve ser só visual, então o bebê deve ver as cores, deve tocar nas superfícies, deve entender o barulho que elas fazem, devem ter ação e reação, então se ele empurrar, ele vai derrubar; então se ele sempre empurrar, ele vai constatar que sempre derruba; então é por isso que a criança joga o brinquedo no chão, você pega, ela derruba de novo, então ela está entendendo que uma reação gera outra reação. Então se a criança não tem esse contato com o brinquedo, se ela não aprende a encaixar, a empilhar, ela pode não desenvolver esses sentidos, e desenvolver estritamente o visual e o auditivo, e aí ter uma hipersensibilidade ou uma falta de sensibilidade. (Harmonia).

Alguns profissionais identificam as contribuições das atividades do Ateliê para o desenvolvimento das crianças atendidas, em relação ao comportamento, ao ambiente, exemplificam os casos das crianças e as transformações percebidas:

A gente tem até uma criança especial [...] que a mãe sempre tinha resistência de participar, por ele ter autismo, mas que quando conseguiu fazer com que ele participasse, aí a mãe não quis mais saber de não participar. (Carinhosa).

Às vezes eu tô lá na frente e escuto assim: “vai ter contação de história”, eu vejo a criança indo, entendeu? E no início elas eram: “vai, vai fulano”, hoje ela já sabe o que tem, né e eu vejo diferença em comportamento. Por exemplo, tinha umas crianças nossas aqui, duas irmãzinhas, no primeiro dia que elas chegaram foi difícil... Com o decorrer, essa menina tava completamente diferente, entendeu? Essa menina entra aqui, ela brinca, mas ela entende o espaço dela, eu não preciso dizer absolutamente nada, sabe? Eu acho que trabalha também essa questão da ansiedade, a questão do interior [...] e isso eu acho importante. Mas no caso das meninas, era a questão da falta do limite. E elas estão diferentes. E eu acho importante assim, é a questão de oportunizar, sabe, essas mães, é a questão de falar. (Nobre).

É um menininho, aquele menino que estava na minha porta agora, ele tinha acabado de sair da intervenção de vocês, ele tava todo pintadinho né, com rosto pintado e ele chegou lá na sala e falou assim: “eu quero um desenho”. E a gente deu o desenho e ele disse: “agora eu quero lápis”, aí ele começou a chorar porque a gente não tinha os lápis coloridos, então assim, entrou na criança, já foi uma modificação [...] E aquele menino veio pra cá porque tem uma queixa comportamental, de que ele é “mal comportado, de que ele é uma criança hiperativa, de que ele é uma criança desobediente!” [...] Então dá um desenho, um lápis e uma caneta na mão dele pra tu ver! Então pela sua expressão, você vê o quanto a criança muda no Ateliê do IPREDE, então é uma criança que precisa de atenção, e às vezes nem todo mundo tá disponível pra dar atenção em casa [...], mas o que é o comportamental? É comportamental do ambiente, se o ambiente tem um comportamento positivo, ele é uma criança superpositiva, não é? Se o ambiente não é totalmente positivo, ele vai protestar! Porque ele é inteligente! Então se eu tô conversando com a cuidadora dele e ele tá lá desenhando, ela diz assim: “aí ele não come nada do que a senhora manda.” Aí ele fala: “eu não como mesmo!” e ele tá lá ligado. Então, ele é aquela criança que se eu

fizer a consulta com ele, ele responde tudo e eu posso confiar em tudo que ele falou, que ele sabe falar muito bem, ele tem um vocabulário muito bom! Ele tem um recurso razoavelmente bom também, é um filho de uma realidade menos extrema. É uma família com uma realidade um pouco mais classe média, então ele teve um pouco mais de recursos, de estímulos! Mas agora acho que estão querendo já que ele seja adulto, com 5 anos, (risos) e aí a gente tá trabalhando nisso. (Harmonia).

Carinhosa conta sobre um menino de 5 anos, o qual muitas vezes, queria entrar na sala do Ateliê, mas a mãe, inicialmente, evitava entrar porque dizia que tinha medo que ele “atrapalhasse, porque ele não para quieto”. A entrada de todos era espontânea, entretanto, quando alguém escolhia não entrar, nós respeitávamos, e procurávamos conversar para compreender o porquê dessa escolha. Nossa fala era mais ou menos assim: “tudo bem..., mas, por que não? ... quem sabe da próxima vez” ... “quer experimentar hoje, hoje nossa atividade vai ser assim...”. Para nós, sempre foi primordial o espaço de escuta, para compreendermos aquela realidade e também para que pudéssemos melhorar no que fosse necessário. Estávamos ali para uma relação de troca e sempre aprendíamos muito.

Diante disso, depois de muitos convites e muitas recusas, em um dia de atividade de pintura, já no último grupo com poucas crianças na sala, a mãe decidiu entrar com o menino. Ele gostou tanto que pintou três folhas. A mãe também pintou e nós tivemos uma ótima conversa, ela me contou um pouco sobre ele, e a partir daquele dia, aceitou todos os convites seguintes. Ele gostava das histórias, às vezes entrava no espaço de cena, mas isso virava interação dentro da própria história e fazendo isso, a criança não “atrapalha”, ela está conhecendo um novo espaço e se apropriando dele. Um dos nossos desafios, enquanto educadores, contadores de história, artistas e como pessoas, é descobrir formas de estabelecer comunicação seja verbal, não verbal, sensorial, afetiva ou estética, é conseguir olhar nos olhos e ouvir com o coração.

A fala de *Harmonia* sobre o menino, de que ele é “malcomportado, de que ele é uma criança hiperativa, de que é uma criança desobediente” me deixou tão surpresa, que isso transpareceu, ao ponto da pediatra falar “Então pela sua expressão...”, pois, enquanto ele estava no Ateliê, era uma das crianças que estava mais atenta, que interagia mais, que ouvia mais, que participava mais.

Certo dia, estávamos para começar a atividade e ele veio até mim e disse: “tia, já vai começar? Eu posso ir lá no outro lado pra chamar meus amigos? Eu posso?”. Ele estava com uma flauta, que era dele, e foi sozinho para o lado do berçário do Acolhimento (fui andando atrás dele para entender o que ia fazer), e enquanto ia tocando a flauta, chamava as pessoas que estavam lá, dizendo: “gente, vai começar a história!”.

Diante disso, ouvir que “*tem uma queixa comportamental*” sobre ele é difícil de acreditar! Por isso é tão importante o acompanhamento da família junto com a criança. Nesse sentido, também identificamos nas falas dos profissionais, a necessidade de estimular os pais também para que eles compreendam a criança e encontrem formas saudáveis de se comunicar com ela:

[...] a gente sabe que muitas crianças não têm muita estimulação disso porque seus pais não foram estimulados a isso. (Harmonia).

Porque tem algumas crianças que, como elas não são muito estimuladas em casa, pelos pais, que não tem uma variedade tão grande de contar histórias, de cantar ou de conversar, quando tem esse tipo de atendimento aqui no IPREDE, faz com que eles desenvolvam nisso, vai tendo uma variedade maior de palavras, então eu acho que isso ajuda muito. (Sonhadora).

E quando a gente junta a criança e o adulto... a gente consegue vivenciar outra coisa... porque a gente tá resgatando também aquele adulto, que de repente não teve essa chance... ele não vivenciou essa infância, ele vivenciou de uma forma traumática, então a gente consegue quebrar esse ciclo, e recomeçar, e reestruturar essa díade. então é isso que me faz... que me motiva e que deixa feliz quando eu vejo esses movimentos. (Animada).

O relato de *Coração* traz aspectos de uma “linha do tempo” na formação estética dela e do filho:

Meu menino num sabia se ria ou se se assustava, aí com o tempo ele foi se acostumando. Hoje em dia ele ama o teatro [...] aí já vai, já sabe que vai pro Ateliê, já sabe que vai brincar, já sabe que vai ver teatro, contar historinha, ele já sabe que vai desenhar, sabe, já sabe que.. ele já sabe o que vai fazer [...] Meu filho! Ixi! Ele tá mais esperto! Ele tudo ele quer brincar! Ele esses dias pintou as paredes com as mãos, viu. Ele disse: “Mamãe olha! eu fiz isso lá hoje no IPREDE”. Aí quando eu cheguei em casa tava meu guarda roupa todo marcado assim, ó, com a mãozinha, mas não briguei, eu não briguei com ele. Eu achei legal e depois fomos limpar juntos, entendeu, eu fiz ele limpar. Mexeu muito com a imaginação dele. Ele brinca de amarelinha que vocês desenham no chão a amarelinha, ele não sabia nem o que era amarelinha, que a gente não tem tempo de brincar com ele, né, aí ele foi pular amarelinha bem certinho. Nem eu sabia que ele sabia pular amarelinha [...] Antigamente ele só queria saber de videogame, celular, e hoje em dia não, hoje em dia, ele gosta de desenhar, gosta de pintar... inventa que tem... ontem a gente brincou de “Mulher-Invisível”, ontem eu fiquei invisível do nada. Eu me via, mas ele não me via. Eu gosto muito, viu. (Coração).

Desde a fala “*meu menino num sabia se ria ou se se assustava*”, passando pelas histórias, desenhos, pinturas, brincar de amarelinha, são grandes passos para ambos. Em um dia de atividade de pintura, o filho dela soltou o pincel, passou o dedo na tinta e disse: “*mãe, vou pintar seu rosto*” e ela disse: “*tá, mas tenha cuidado com o olho*” e o deixou pintar.

Além da sua fala tão doce, que demonstra um vínculo forte de confiança, de harmonia, de brincar junto, identificamos que *Coração* entra no jogo do filho quando vê pintados o guarda-

roupa e as paredes e diz “*eu achei legal e depois fomos limpar juntos*”, até brincar de “*mulher-invisível*”. Nessa relação, eu identifico um pensamento matrístico, onde:

a criança cresce em aceitação de si mesma ao aceitar a sua própria corporeidade e a corporeidade do outro [...] para que uma criança cresça em consciência social e aceitação do outro, deve crescer na consciência da própria corporeidade e na auto-aceitação. (MATURANA; VERDEN-ZÖLLER, 2004, p. 138).

Essas crianças citadas são apenas alguns dos muitos exemplos que tivemos no universo de quase 1000 crianças atendidas. Identificamos que a ideia de fortalecimento do vínculo criança-mãe-instituição permeia a maioria das falas. Vejamos alguns relatos mais direcionados em relação ao vínculo promovido pelas ações do Projeto Ateliê.

3.3.3 *Categoria Fortalecimento do Vínculo*

Um dos aspectos mais fortes da instituição é promover o *fortalecimento dos vínculos familiares*, por compreenderem que para mudar a realidade da criança, é necessário que a família seja compreendida em seu contexto, para que tenha um acompanhamento de acordo com sua necessidade e que a família venha a ter uma compreensão de como cuidar da criança de forma integral.

Neste sentido, nos sentimos completamente “*ateliados*”, ou seja, integrados, pois identificamos como resultados da pesquisa, que o Ateliê não apenas contribuiu para fortalecer os vínculos entre a criança, a família, os profissionais e a instituição de uma forma multidirecionada, de uma forma multidimensional, como também ficou imbricado nesta teia de afetos. O Ateliê se configurou um espaço “que valorize exatamente a ligação do indivíduo com sua realidade mais imediata, realidade (cultural) na qual ele aprende a sentir e a se expressar” (DUARTE JR., 2001, p. 23), pois no mundo de anestésias em que vivemos, precisamos estimular cada vez mais e compreender o nosso “sentir”, como podemos ver a seguir:

[o Ateliê está na instituição] para cada vez mais incentivar o fortalecimento dos vínculos afetivos e sociais das crianças e familiares atendidos na instituição (...)há a grande responsabilidade que nós temos, como profissionais de orientar nessa primeira infância, essas crianças. Que é o período em que as crianças estão se desenvolvendo, aprendendo a lidar com o outro, a dividir. Não só crescendo, mas na forma de se relacionar com outras pessoas também. que é aquele momento em que eles estão armazenando tudo o que eles vivenciam. (Feliz).

Às vezes tem contação de histórias, sei que às vezes tem teatro, aí eu sei que entra às vezes o desenho, com essas crianças e com as mães, o que é muito bom! Porque eu acho que já entra um pouquinho no que a gente quer, que é fortalecer esse vínculo. (Carinhosa).

“ah será que vocês vão chamar agora, dá tempo de assistir a pecinha? Meu filho pode ir depois da pecinha, ou antes da pecinha” e às vezes eu vejo isso, eles juntos, a família, a mãe e a criança cantando uma música de uma peça, então eu acho que isso

é muito além de um comentário; mas a gente vê que tá acontecendo aquela construção, porque se você vê a mãe e o filho cantando uma música juntos, de uma peça que aconteceu, a gente vê que eles tornaram aquilo que aconteceu na peça uma coisa dos dois, então isso é muito além de um comentário dela. Mas mostra como está acontecendo [...] como a partir daqui ela pode até fortalecer mais o vínculo com o filho, porque eles têm o que conversar, sobre as histórias, às vezes eu vejo, eles cantando as musiquinhas de alguns contos juntos. (Sonhadora).

O que eu mais gosto é que... a gente tem que atingir a criança? Tem... mas quando é só a criança a gente não consegue mudar muita coisa... quando a gente consegue envolver os pais, a gente consegue mudar a realidade daquela criança... então... eu trabalho muito com isso... a questão de você conquistar o adulto por trás da criança. Sempre quando eu tô atendendo, às vezes o adulto é ríspido, bate, grita..., mas eu procuro acolher, porque quando a gente consegue tocar nele, opa! Sabe aquela cascata de dominó? Tudo vem né?! [...] então, eu sou fã [do Ateliê] ... porque quando a gente traz as crianças pra dentro de uma sala, só as crianças, o adulto tá lá fora com o mesmo pensamento de todos os dias. Aí a gente mobiliza a criança, a criança fica aqui cheia de energia, cheia de coisa gostosa, boa, pra vivenciar, aí quando ele chega lá fora, o que ele vai encontrar? aquele adulto de sempre... Então vai causar uma frustração, então a criança fica reprimida [...] A atenção dos pais com as crianças também tem se modificado, a gente vê mães que estão sentadas com o filho, ao invés de ter aquela conversa paralela, elas estão participando da atividade com os filhos, então a mudança é total, nas crianças, nos pais, na Instituição como um todo. E positiva! [...] A importância de estar junto, de brincar de conversar, de manter um diálogo, e de trocar carinho, amor, de fortalecer o vínculo mesmo. (Animada).

Eu acho que essa questão de estimular, de trabalhar com a criatividade, com o universo lúdico da criança, reforça a estimulação do vínculo, que a gente faz em todos os lugares, na mediação, na psicologia, na enfermagem, na medicina, a gente sempre fala, você tem de pegar, tem que cuidar, tem que contar, tem que conversar com ele, então como a criança vai com a mãe, ela tá com a criança, então elas estão vivenciando outra experiência, está sendo trabalhado o vínculo ali, porque ela está no colo da mãe, aí ela olha pra mãe; a mãe olha pra ela, ou então ela se esconde na mãe porque está com medo, aí a mãe vai dizer: “não, calma, é só uma história.” Isso é o trabalho, então eu visualizo assim a contribuição, para botar a primeira infância sonhada! [...] Trago minha filha pra participar do Ateliê. Então a minha filha adora vir também, ela pede às vezes pra faltar aula pra vir pra cá. Aí eu digo: “não, isso não pode! Nas férias você vai”. (Harmonia).

Ele vai contribuir em muitos aspectos né, na questão da construção, da família dentro da Instituição, como ajuda na questão da espera da família por um atendimento, o Ateliê ele vai, ele ajuda na construção do vínculo da família entre si, como também o vínculo da família com a própria Instituição, entende? Então é, o Ateliê vai contribuir em muitos aspectos, principalmente na questão social dessas famílias, então é uma coisa que o IPREDE quer fazer, e é o que o Ateliê tá ajudando nessa construção, de fazer com que essa família, ela se empodere mais, então quanto mais conhecimento, mais variedade de palavras, ou de contos, ou de histórias, isso tá contribuindo com a família, que contribui para a Instituição, e contribui com os atendimentos, como um todo. (Sonhadora).

A interação das mães com as crianças durante as atividades do Ateliê foi uma grande conquista. Desde o início, tínhamos essa preocupação de elaborar as atividades direcionadas para as crianças e para as mães de uma forma “ateliada”, entrelaçada. E os relatos que contam os momentos observados por *Feliz* e *Carinhosa* juntamente com o exemplo de *Sonhadora* dizendo que “*mãe e filho cantando uma música juntos [...] tornaram aquilo que aconteceu na peça uma coisa dos dois*”, reafirma isso. Outro aspecto de fundamental importância se encontra no relato de *Animada*, em sensibilizar o adulto para que ele se comunique melhor com a criança.

3.3.4 Categoria O Ateliê Choveu Colorido

Na categoria *O Ateliê choveu colorido*, os profissionais destacam contribuições diretas para seu trabalho, os quais perpassam, mais uma vez, por fortalecer os vínculos, por facilitar uma comunicação com as mães, e observar as crianças no Ateliê também oferece significados para os atendimentos, como podemos ver nas falas a seguir:

[...] então enquanto essa família tá assistindo uma peça, tá participando de uma brincadeira juntos, ali forma uma lembrança boa, então dentro da mediação a gente trabalha isso. Se uma mãe e uma criança gostaram de uma música, de uma pecinha, os dois cantam juntos, aquilo é muito bom para a construção do vínculo! Então é uma coisa, um momento bom que o Ateliê proporcionou que fez com que eles tivessem essa lembrança que fortalece o vínculo deles. Então é muito importante, principalmente pro meu trabalho. (Sonhadora).

Acho muito legal! Tem muita coisa que está dentro da Psicomotricidade, principalmente trabalhar o corpo, a gente, todas as vezes que a gente representa é com o corpo, a fala, o cognitivo... lembrar da fala, então acho que isso aí tem muito a ver com a Psicomotricidade também [...] Sempre que posso, eu estou lá assistindo as atividades do Ateliê, observo que as crianças que são atendidas comigo, o comportamento, se elas aceitam participar ou representar o que é proposto, dependendo do que eu observo, aí eu vou trabalhar dentro da sala com elas, incentivá-las também a fazer lá na frente, quando eu estou lá perto, que às vezes elas não querem ir, aí eu vou e incentivo também as crianças a participarem; a contribuição do Ateliê para o meu trabalho é que nas atividades propostas a criança está utilizando seu corpo e mente. (Sincera).

Então eu acho que o IPREDE foi muito, assim, como é que eu posso dizer... muito sábio, em promover a atenção do Ateliê pra cá, porque as crianças e os pais, quando a gente recebe no nosso atendimento, específico, eles já estão mais sensíveis, né, então é bem mais fácil a gente atender, a gente promover qualquer outra atividade, porque eles já tem esse preparo no acolhimento com o Ateliê. (Animada).

Oportuniza o acesso a arte, a cultura que para eles que às vezes não tem na comunidade onde eles moram, não tem acesso ao lazer e também a questão da interação com o outro, a gente tem esse espaço de escuta e esse espaço é muito importante porque a gente vai ouvir o que o outro tem a dizer, nem sempre você tem a resposta para tudo[...] mas o serviço social é um espaço de escuta, de perceber o que elas trazem, qual demanda que elas chegam aqui na instituição [...] nos tornando mais habilidosos para perceber como se dá essa relação da mãe com a criança naquele momento em que eles estão lá participando. (Feliz).

Então assim, quando a gente tem, nem que seja um pedacinho de tempo pra participar, eu acho bem legal e gostaria de ter mais, porque eu acho muito bom! Muito bom mesmo, eu acho se a gente só observasse esse momento, do Ateliê, eu acho que já seria, como eu falei, seria muito rico até pro nosso trabalho na Mediação. Nós temos uma forma de trabalhar esse vínculo na Mediação e vocês acabam trabalhando de outra forma, mas também de maneira lúdica, então eu acho que já é o início desse nosso trabalho; a gente se completa, eu acho! (Carinhosa).

Quando os profissionais relatam fatos marcantes que aconteceram com eles no Ateliê, nós identificamos o quanto a formação estética é importante no sentido de formação humana, de formação de vida para qualquer pessoa, de qualquer idade, de qualquer contexto. O quanto aspectos *estéticos* podem tocar, transformar e fazer refletir. O quanto somos carentes de

experiências estéticas, e o quanto elas são necessárias, pois de acordo com Larrosa (2002, p. 24-25):

O sujeito da experiência é um sujeito “ex-posto”. Do ponto de vista da experiência, o importante não é nem a posição (nossa maneira de pormos), nem a “o-posição” (nossa maneira de opormos), nem a “imposição” (nossa maneira de impormos), nem a “proposição” (nossa maneira de propormos), mas a “exposição”, nossa maneira de “ex-pormos”, com tudo o que isso tem de vulnerabilidade e de risco.

Os profissionais receberam os nomes de *Ursinhos Carinhosos*, porque sempre os percebi muito acolhedores, não apenas com as crianças e com as mães, mas comigo e com toda a equipe Ateliê. Assim como os ursinhos, eles são doces, dispostos a ajudar, uns mais calados, outros mais falantes, uns mais sorridentes, outros mais tímidos, mas todos, sempre, sempre prontos a abraçar, com aquela luz saindo deles, aquela luz que aquece, protege e transforma qualquer *coração gelado*. A seguir, os relatos sobre os fatos mais marcantes que eles trouxeram sobre a atuação do Ateliê:

A que eu mais me lembro assim, foi a peça de natal da Frozen, que já tem um ano e meio, vai fazer dois anos agora, acho que foi no primeiro ano de vocês aqui... E eu vi as crianças muito entusiasmadas, a minha filha participou também, tava nessa peça, então eu assisti a peça toda! Eu vi as crianças empolgadas e fantasiando... foi muito bonito! Assim, o momento mais feliz que eu lembro, foi dessa peça, que eu gostei muito. (Harmonia).

São várias! Ah, se eu for enumerar aqui, são várias! As histórias, que às vezes a gente lembra a infância da gente; a gente é adulta e tudo, mas a gente lembra ainda da infância da gente, através das contações de histórias, é... uma atividade que o... circense, o Tônico! Ele fez lá no curso de extensão, aí eu fui participar, andei de perna de pau... me desceu lá num negócio lá, foi ótimo! No exercício do medo... Isso, foi ótimo! E aqui na minha sala também, com tecidos, amarrados... a atividade com os tecidos [se referindo à oficina de circo para as crianças] também foi muito bacana! E tem várias, a Paixão que fica aqui, e acho que ninguém esquece da Paixão, da Tamara... todo mundo lembra delas, e o Paulo agora, que tá na frente agora, ele e a Fernanda, que são pessoas excelentes, e o restante da turma. E eu acho muito legal a atividade que vocês fazem. (Sincera).

Naquela semana que teve ... Das contações, das pecinhas que aconteceram lá na UNEVE...o Teatro de Primeira, eu fui assistir muitas peças, só não deu pra assistir todas! E eu sempre levava as crianças pra assistir e depois que a gente assistia, a gente ia com as crianças pros atendimentos, então assim, é... muitas daquelas peças me marcaram pela questão do conteúdo, da forma como é a construção, mas teve uma peça que me marcou muito que foi “O galinheiro de Bragança” que é a história de várias galinhas brancas, e chega uma galinha preta e elas ficam todas com preconceito com aquela galinha que era diferente. Então quando eu tava assistindo aquela peça, fiquei assim... nossa como é forte?! E vê toda aquela construção e que no final as galinhas brancas têm um aprendizado sobre a galinha preta, que ela só era diferente na cor, mas que ela era uma galinha boa, que contribuía, que ajudava. E no final teve toda uma lição daquele preconceito que elas se uniram e se perdoaram, pra mim foi forte! Aí eu fico pensando assim, como também não é forte pras crianças, porque assim, essas crianças, elas passam por muitas coisas, violência, às vezes briga dos pais, às vezes não conseguem compreender tanto. E vê diferenças, com certeza! E pra uma criança assistir uma história, é muito bom pra ajudar nas questões dela entender a diferença, e ver que no final as coisas podem dar certo, independente da dificuldade. No final, se você souber muito bem como lidar com a situação, você pode ser resiliente. Então dentro daquela história, pensei numa resiliência, eu fiquei muito sensibilizada com a história. Fiquei impressionada, e no final até comentei lá na

mediação com os estagiários e com a fisioterapeuta. Eu falei assim: “nossa! Gente é muito forte, eu fiquei emocionada com a história mesmo”. E até mesmo quando a galinha tava sofrendo, as dificuldades que ela passou. Eu falei assim: “gente quase que eu choro” Eu vi até que o Chris participou junto, ele atuou, e que ele ajudou também pra escrever o conto, foi um trabalho para ser aprovado, de TCC..., mas que é um trabalho lindo! (Sonhadora).

Sim, uma apresentação no Canal PI, onde a gente fez um rodízio, onde cada setor apresentava um pouquinho do seu setor, e a apresentação do Ateliê foi muito emocionante! E não foi impactante só pra mim, e pros colegas também, então eu fiquei dias e dias vivenciando aquela historinha que foi contada, e, sabe, e curtindo aquela emoção. Aí fiquei morrendo de vontade de fazer uma festa pras minhas filhas e levar essa mesma historinha, porque foi algo muito positivo, falava da amizade, então eu fiquei extremamente emocionada! [...] Aí eu lembro, é amizade mesmo, sabe, é algo assim que me marcou muito a questão da amizade, o cuidado, o olhar com o outro. Achei muito lindo e eu queria muito que as pessoas próximas a mim, vivenciassem, ouvissem essa história. Eu achei muito forte! (Animada).

Teve o curso né, o Simpósio aqui, que me fez refletir muita coisa que a gente acaba esquecendo né, a gente vai crescendo, a gente vai passando os anos e a gente vai esquecendo da melhor parte da nossa vida, que é aquele nosso ser criança né, e eu acho que o Ateliê resgata isso na gente, então acho que traz uma mudança muito grande pra gente, é muito lindo [...] no Simpósio, tive aquele momento de reflexão né, eu lembro que aquela atividade que tivemos de desenhar né, e eu parei pra pensar um pouco em como foi dito lá pelo palestrante, às vezes a gente acha que não sabe desenhar mas na verdade é porque a gente não desenvolveu aquilo né, e também porque naquele momento eu consegui ir lá na minha infância, pelo desenho que foi pedido né, era livre mas pelo que estava sendo comentado no momento, ao ser infância, com certeza o que me lembrou foi minha infância, então foi um momento marcante, até hoje trago no meu coração aquele momento e até hoje eu tenho o desenho. (Amigo).

Ah, eu conheço o teatro, né? Assim: já tive oportunidade de assistir, né, e conheço a contação de história, com a contação de história que eu chamo, é que tem a participação, né, que você, por exemplo, na hora do barulho, aí você vai fazer barulho, né, eu achei aquilo muito legal porque interage com todo mundo. Todo mundo participa da história. De um jeito ou de outro, eu faço parte. E a questão, também da música, né, que eu vi há pouco tempo ali [...] O teatro eu achei muito bom, foi fascinante, assim, o teatro, ele, tem clima diferente, eu gosto de tudo. Mas o teatro, ele mexe com contação de história, mexe com música, mexe com corpo, com a dança, com tudo, sabe, então eu acho assim que o teatro, pra mim, eu vejo como se fosse assim, o ápice. Aquele momento eu vi foi fascinante, tá ali no meio junto com as minhas mães e as minhas crianças, ali foi muito bom. E o jeito de como as mães estavam, sabe, assim, queriam, todos no final dançando, né, foi muito legal. E esse foi um dia que eu acho mais marcante. (Nobre).

Considerando os relatos apresentados, identificamos mais contribuições da arte e da formação estética que emergiram para os profissionais, pois ao compartilharem conosco momentos marcantes para eles, percebemos que houve uma construção de experiências, como aponta Larrosa (2002, p. 25):

Por isso é incapaz de experiência aquele que se põe, ou se opõe ou se impõe, ou se propõe, mas não se “ex-põe”. É incapaz de experiência aquele a quem nada lhe passa, a quem nada lhe acontece, a quem nada lhe sucede, a quem nada o toca, nada lhe chega, nada o afeta, a quem nada o ameaça, a quem nada ocorre.

Desta forma, à medida em que os profissionais foram sujeitos das experiências, foram afetados sensivelmente, e no lugar de quem atende as crianças, eles também podem ser

propositores de experiências para suas crianças atendidas, porque vivenciaram novas experiências, foram tocados por elas e terão mais empatia com as crianças, quando estas compartilharem momentos ou relatos com tais profissionais. A seguir, mais contribuições do Ateliê para o IPREDE:

Aquela parte que eu achei positiva, quando a gente atrelava a alta com o Ateliê, na questão do desenho. Eu acredito que deu uma guinada, a mais né, tanto na questão do vínculo com a criança e a mãe como com os pacientes né, as crianças as mães, e o IPREDE em si né [...] porque as mães sempre comentam né, “poxa, tava faltando isso”, veem uma completude, o IPREDE em si já é uma mãe que abraça, mas o Ateliê veio e trouxe algo que faltava pra completar isso, que é esse acolhimento, esse abraço e as mães eu vejo sempre comentando que gostam muito [...] hoje a gente não conseguia mais ver o IPREDE sem o Ateliê... é como se o Ateliê estivesse aqui a mais tempo [...] Como o IPREDE é muito receptivo, o Ateliê é muito receptivo, então isso formou né, é como se o ateliê tivesse esse vínculo com o IPREDE há muito tempo, é como se tivesse sempre sido daqui, a gente tem dificuldade de imaginar o IPREDE sem o Ateliê. Entre a hora que participavam dessa chegada e a hora que realmente iniciava os demais atendimentos, o Ateliê veio pra acolher esse momento. E tornar assim, útil, realmente esse momento, dessa chegada dessa criança, eu acho que formou um excelente casamento do estético, do diferente, de proporcionar algo diferente pra essas crianças, com esse momento onde elas só esperavam pra se pesar, só esperavam pra tomar o leite. (Carinhosa).

É muito gratificante conviver com vocês todos os dias, não só nesse aspecto profissional, pela intervenção que vocês fazem com as crianças, mas como pessoas mesmo, é [...] E vocês também passam essa energia positiva assim, de tudo a ver! então os meninos são sempre muito receptivos, a gente conversa sobre os pacientes, eu também já tive várias conversas com você, não é? Então é muito bom contar com vocês, as nossas crianças ganham demais e a gente também ganha. Porque a puericultura não é só a pediatra e a enfermeira que fazem esse trabalho, então o Ateliê faz puericultura, a psicologia faz puericultura, a nutrição faz puericultura, todo mundo aqui faz, porque o nosso objetivo aqui é ver a criança crescer e ser um ser humano capaz, com seus direitos, e com sua criatividade, com sua cor e principalmente saudáveis, então vocês também fazem isso... não é a gente no centro, é a gente mais uma das bolinhas que circunda, a criança é que está no centro [...] Eu queria te agradecer pela oportunidade, porque tem coisas que precisam ser ditas e a gente não fala... É muito bom ver vocês aqui, como eu falei, não tem mais volta, não tem mais jeito de vocês irem embora daqui (risos). É legal ver que vocês compartilham os sentimentos que eu tenho pelas crianças... quando eu estava aqui contando a historinha que seu olho encheu d'água, então eu tenho esse sentimento também...eu brinco aqui com as mães que tem menino que durmo e acordo pensando na criança, eu levo isso pra casa... eu sei que às vezes isso me faz mal, mas não tem como... E quando a gente é apaixonado pelo que a gente faz, isso naturalmente acontece. E assim como eu falo dos filhos, a gente também cultiva nossos pacientes, nossas crianças para serem melhores do que a gente, é o que a gente quer, que a sociedade da próxima geração seja melhor do que a nossa... não que a nossa não preste... mas que seja melhor.... Então, obrigada... eu tenho um carinho muito grande por você, pela sua pessoa, pelo grupo do Ateliê, também, demais. (Harmonia).

Desta forma, identificamos como resultados da pesquisa, através das falas das crianças e das mães depois de um ano de atividades, dos relatos e desenhos dos grupos focais depois de dois anos de atividades e através das falas dos profissionais da instituição, que o *Ateliê foi a chuva colorida* que coloriu o IPREDE com contações de histórias, atividades de desenho e outras experiências estéticas, promoveu uma formação estética para todos os envolvidos,

contribuiu com o desenvolvimento das crianças nos âmbitos afetivo, cognitivo, intelectual, social e estético e promoveu o fortalecimento dos vínculos entre a criança, a família, os profissionais e a instituição.

E como na história de Clara-Luz, a *chuva colorida* deixou a todos muito felizes, até a Rainha concordou com Clara-Luz que quando alguém inventa alguma coisa é que o mundo anda. E assim, a Rainha deixou que Clara-Luz escrevesse novas mágicas inventadas no Livro das Fadas, com a ajuda de sua mãe e sua professora de Horizontologia, e ainda aprendeu com Clara-Luz sobre os vários horizontes e não ensinava mais só falando, ela ensinava indo aos horizontes (ALMEIDA, 2007).

Por isso, escolhi esse título para ilustrar os resultados da pesquisa identificados a partir das entrevistas com os profissionais do IPREDE, para que esse trabalho seja também *uma mágica inventada, com um modus operandi que fez o mundo andar*, e que seja escrita no *Livro das Fadas Acadêmicas*, para inspirar mais pessoas a inventarem suas próprias mágicas, para fazerem moradores de outros reinos também felizes.

4 SONHOS DESENHADOS NO VESTIDO – CONSIDERAÇÕES FINAIS

Desde o início do trabalho, falamos em sonhos. Sonhos que levaram a iniciar o Projeto Ateliê, sonhos de que ele ganhasse corpo, forma e cor. Sonhos de tantas crianças e famílias que foram desenhados durante a contação de histórias, no *Vestido de Sonhos*, nas primeiras apresentações com a Tia Paixão, depois em outras versões, com a Bia, o Paulo, a Renata e a Fernanda, foi confeccionado um vestido bem maior, para caberem mais e mais sonhos, não apenas das crianças, mas das famílias, dos profissionais, de toda a família IPREDE.

Alguns sonhos, às vezes trazem medos, outros sonhos trazem abraços, alguns sonhos se contam, outros se desenharam, alguns sonhos se escrevem com palavras encantadas, alguns são grandes aventuras, como essa pesquisa, com sustos, com surpresas, com mudanças, com perdas de fôlego, com descidas em cascatas onde se pensa que vai morrer. Em outros sonhos, encontramos amigos pelo caminho, amigos que estão conosco na aventura, amigos que reencontramos no percurso, amigos novos que conhecemos, amigos que trazem saudade por terem estado em uma parte do percurso e terem seguido outros caminhos.

Em alguns sonhos encontramos abraços, sorrisos, olhares, despedidas, surpresas, em outros sonhos encontramos reconhecimentos, respeito, alegria e gratidão, muita gratidão. Alguns sonhos são em preto e branco e outros sonhos são muito coloridos. E todos esses sonhos foram desenhados neste *Vestido*, nessa pesquisa.

Quando o Projeto Ateliê foi idealizado não tínhamos a dimensão do alcance que ele teria. Começamos ali, com as professoras Carolina e Luciane experimentando um formato de atividades, criando um *modus operandi*, contando histórias, desenhando, e foi criada uma equipe para dar continuidade às atividades com mais experimentações.

Criamos o Grupo de Pesquisa Ateliar, publicamos artigos, as ideias foram surgindo e crescendo, a equipe foi crescendo, fizemos a Exposição *Ateliando no IPREDE*, criamos os Cursos de Extensão, os Simpósios, foram ministradas disciplinas, foi criada a Mostra Teatro de Primeira, criamos mais espaços de trocas, pesquisas e mais experimentações. As ideias vinham de todos os reinos encantados, surgiram novos projetos, novas pesquisas, novas formações e temos a sensação que se passaram trinta anos em apenas três.

Dos sonhos entrelaçados, o contato com as crianças e com as famílias, ali, todos os dias, conhecendo-as, experimentando com elas, descobrindo formas de construir sentidos.

Diante do contexto de vida das famílias, de carência e precariedade, em situação de intensa vulnerabilidade social, que lidam com todas as dificuldades acarretadas por esse quadro, diante das anestésias do mundo atual, onde fomos condicionados a isolar nossa sensibilidade, a

separar o corpo da mente, a razão da emoção, e a arte da vida, em meio a definições do belo padronizadas por apelos distorcidos de consumo midiático e a valorização de modelos prontos a serem reproduzidos por produções em série que distorcem a essência do belo e a essência da arte em suas potências e pluralidades, nós buscamos, a partir das experiências propostas, ampliar o repertório de experiências estéticas no cotidiano dessas crianças.

Assim, ao criarmos os personagens, ao construirmos a narrativa da história, ao pensarmos em cada detalhe, das músicas, dos sons, das cores e formas do cenário, ao convidarmos para desenhar, do seu jeito, da sua forma, do seu gosto, construímos um portal encantado para a imaginação de quem nos assistia e de quem desenhava, os convidamos a esse passeio mágico, permeado por sensações que abrem os horizontes, que ampliam as percepções e que dão margem às invenções que surgirem, porque naquele espaço mágico quem constrói é quem assiste e quem desenha, é quem respira junto com a cena e com a criação, e essa construção vem permeada de sentimentos, de conhecimentos que alimentam sonhos, os quais, por sua vez, alimentam atitudes, e as atitudes alimentam vidas.

Concluimos com este trabalho que os resultados da pesquisa ultrapassaram as expectativas iniciais de identificar as contribuições da arte e da formação estética para as crianças, pois identificamos através dos relatos das crianças, das mães e dos profissionais que se iniciou um processo de formação estética que se ampliou para as famílias e para os profissionais, quando o conhecimento foi se construindo de forma analítica e crítica, porém extremamente sensível.

Foram encontradas contribuições em aspectos importantes do desenvolvimento, onde a criança se forma sensível, cultural, social, intelectual, afetiva e esteticamente. Identificamos um fortalecimento dos vínculos entre todos os envolvidos: as crianças, as famílias, os profissionais e a instituição, de uma forma tão intensa e “ateliada” que não cabe nas palavras, de tanto afeto que transbordou dos relatos, com tantas palavras de amor, carinho, gratidão que não se medem em um espaço de conclusão de um protocolo de trabalho. Fizemos chover colorido com nossas invenções para fazer as pessoas mais felizes.

Da mesma forma que eu iniciei este trabalho falando que eu acredito em missão e que acredito em propósito, faço essas conclusões reafirmando isso e compartilhando o relato de uma mãe, depois de um dia de atividade de pintura em rosto, onde ela não deixou que sua filha pintasse o rosto, o que gerou discussão entre elas, mas no encontro seguinte, a mãe me procurou e me disse:

[..]naquele dia, quando eu cheguei em casa e fui orar, Deus tocou no meu coração e Deus falou pra mim que eu tava errada. Que eu devia ter deixado minha filha se pintar e não devia ter brigado com a minha filha. Por que você é uma moça de Deus e Deus disse pra mim que o seu trabalho é um trabalho de Deus e que todos vocês cuidam dos filhos da gente por que vocês são de Deus. Por isso, me desculpe. Eu pedi perdão a Deus por eu não ter entendido naquele dia que seu trabalho é trabalho de Deus. Acredite, minha filha, estou falando de todo o meu coração.

Muito emocionada com essa fala, não consegui segurar as lágrimas e fui imediatamente compartilhar com a equipe, no sentido de compartilhar uma grande bênção. As palavras dessa mãe foram mais do que um abraço, me senti realmente abençoada naquele momento e com a certeza de estar cumprindo uma missão, a cada dia, com aquelas crianças e famílias, na casa colorida que é o IPREDE, com os seres encantados que lá habitam e constroem portais de luz, esperança e transformações para todos que por ali passam.

Concordando com Larrosa (2002, p. 24), nós conseguimos criar espaços de “parar para pensar, parar para olhar, parar para escutar, pensar mais devagar, olhar mais devagar, e escutar mais devagar; parar para sentir [...] cultivar a arte do encontro”, construímos espaços de novos sonhos.

Neste sentido, nas últimas considerações, quero deixar reticências, pois este foi apenas um recorte da “primeira temporada” do Projeto Ateliê, depois de chuvas coloridas depois de alguns sonhos desenhados no vestido. Quando o primeiro vestido já estava repleto de sonhos, fizemos um vestido bem maior, e faremos quantos vestidos forem necessários para realizar e inspirar muito mais sonhos. Com um grande sentimento de gratidão e alegria, desejo que as palavras encantadas dessa história possam inspirar muitas pessoas a sentir, a olhar nos olhos, a ouvir com o coração, a poetizar, a escrever e contar histórias, a desenhar e pintar como quiserem, principalmente a serem felizes, todos os dias.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Fernanda L. **A margarida friorenta**. Ilustrações Lila Figueiredo. São Paulo: Ática, 2008.

ALMEIDA, Fernanda L. **A fada que tinha ideias**. Ilustrações Edu. 28. ed. São Paulo: Ática, 2007.

ARAÚJO, A.B.F.; BRASIL R.M.C. Acolhimento como estratégia de promoção do desenvolvimento infantil no IPREDE. **Extensão em Ação**, Fortaleza, v. 2, n.11, p. 7-15, jul./out. 2016. Edição especial. Disponível em: <http://www.periodicos.ufc.br/extensaoemacao/article/view/11826>. Acesso em: 25 abr. 2017.

ARAÚJO, A.O.; LIMA, G.O. A análise textual discursiva e a compreensão cênica na pesquisa em educação. *In*: OLINDA, E.M.B.; GOLDBERG, L.G. (org.). **Pesquisa (auto)biográfica em educação: afetos e (trans)formações**. Fortaleza: EdUECE, 2017. p. 89-110.

BARBIER, R. **A pesquisa-ação**. Trad. Lucie Didio. Brasília, DF: Editora Plano, 2002. (Série Pesquisa em Educação, v. 3).

BARCELOS, Gustavo. **Mitologias arquetípicas: figurações divinas e configurações humanas**. Petrópolis: Vozes, 2019.

BOGDAN, Robert C.; BIKLEN, Dari Knopp. **Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos**. Portugal: Porto Editora, 1994.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, DF: MEC, 2018. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf. Acesso em: 18 nov. 2020.

BRASIL. **Estatuto da criança e do adolescente**. Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990. Brasília, DF: Presidência da República, 1990. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l8069.htm. Acesso em: 20 mar. 2018

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Núcleo Técnico da Política Nacional de Humanização. **Acolhimento nas práticas de produção de saúde**. 2. ed. Brasília, DF: Editora Ministério da Saúde, 2010. 44 p. (Série B. Textos Básicos de Saúde).

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil**. Brasília, DF: MEC, 2010. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/diretrizescurriculares_2012.pdf. Acesso em: 20 maio 2020.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Diretrizes curriculares nacionais para a educação infantil**. Brasília, DF: MEC, 2010.

BUARQUE, Chico. **Chapeuzinho amarelo**. Ilustrações: Ziraldo. 17. ed. Rio de Janeiro: Local: José Olympio, 2006.

BUENO, Mariângela. **Anita Bocadura**. São Paulo: Callis. 2010.

CÂNDIDO, Antônio. **Vários escritos**. Rio de Janeiro: Duas cidades, 2004.

COHN, C. **Antropologia da criança**. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

DALLARI, Dalmo de Abreu; KORCZAK, Janusz. **O direito da criança ao respeito**. Tradução: Yan Michalski. São Paulo: Summus, 1986.

DE CONTI, Luciane. A construção de espaços lúdicos e a composição narrativa na infância. *In*: EGGERT, Edla; FISCHER, Beatriz Daudt (org.). **Gênero, geração, infância, juventude e família**. Natal: EDUFRN, 2012. p. 147-169. (Coleção pesquisa (auto)biográfica: temas transversais).

DESGRANGES, Flávio. **A pedagogia do espectador**. São Paulo: Hucitec, 2010.

DEWEY, J. **Arte como experiência**. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

DUARTE JÚNIOR, J. F. **Fundamentos estéticos da educação**. 7. ed. Campinas: Papirus, 2002.

DUARTE JÚNIOR, J. F. **O sentido dos sentidos: a educação dos sentidos**. Curitiba: Criar, 2001.

GANDINI, L. *et al.* (org.). **O papel do ateliê na educação infantil: a inspiração de Reggio Emília**. Tradução: Ronaldo Cataldo Costa. Porto Alegre: Penso, 2012. 224 p.

GOBBI, M.A.; PINAZZA, M. A. Linguagens infantis: convite à leitura. *In*: GOBBI, M. A.; PINAZZA, M. A. (org.). **Infância e suas linguagens**. São Paulo: Cortez, 2014. p.11-19.

GOHN, M. G. Educação não-formal, educador(a) social e projetos sociais de inclusão social. **Meta: avaliação**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, p. 28-43, jan./abr. 2009.

GOHN, M. G. Educação não-formal nas instituições sociais. **Revista Pedagógica**, Chapecó, v.18, n.3, p. 9, set./dez. 2016

GOLDBERG, L. G. **Autobiografismo: desenho infantil e biografização com crianças em situação de acolhimento institucional**. Orientação: Profa. Dra. Ercília Maria Braga de Olinda. 2016. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2016.

GOLDBERG, L. G. **Projeto de pesquisa Ateliê do IPREDE: experiência estética na primeira infância: Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC) PIBIC 2018/2019: Edital N° 2/2018**. Fortaleza, PIBIC, 2018. (Arte e Educação – FACED).

GOLDBERG, L. G.; PEREIRA JR., L.S.; LARRIPA, T.Q.B. “Sonho que se sonha junto é realidade”: o ateliê do IPREDE e suas contribuições nos campos da arte e da educação. *In*: NEGREIROS, F.; CHAVES, F.M.; ANDRADE, F.A. (org.). **Multiplicidade pedagógica**. Curitiba: CRV, 2020. p. 215-226.

GOLDBERG, L. G.; PEREIRA JR., L.S.; NOGUEIRA, H. A. O programa “Ateliê do Iprede” como espaço de formação em arte-educação para pedagogos. *In*: MORAES, A. C., CASTRO, F.M.F.M.; RODRIGUES, C.S.D. (org.). **Arte, docência e práticas educativas: experiências e contextos**. Fortaleza: Editora da UECE, 2020. *E-book*. Disponível em: <http://www.uece.br/eduece/dmdocuments/Arte,%20doc%C3%Aancia%20e%20pr%C3%A1ticas%20educativas%20experi%C3%Aancias%20e%20contextos.pdf>. Acesso em: 27 set. 2020.

GONDIM, S. M. G. Grupos focais com técnica de investigação qualitativa: desafios metodológicos. **Paidéia**, Salvador, 2003, v. 12, n. 24, p. 149-161. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-863X2002000300004. Acesso em: 20 ago. 2019.

IPREDE. **Quem somos**. Fortaleza: IPREDE, 2020. Disponível em: <https://www.iprede.org.br/sobre/>. Acesso em: 28 maio 2020.

IPREDE. **10ª Alteração ao Estatuto Social do IPREDE - Instituto da Primeira Infância**. Fortaleza: IPREDE, 2017.

LARRIPA, T. Q. B.; OLINDA, E. M. B. Ateliê do Iprede: formação estética, direitos e afetos. *In*: MORAES, A. C.; CASTRO, F.M.F.M.; RODRIGUES, C.S.D. (org.). **Arte, docência e práticas educativas: experiências e contextos**. Fortaleza: Editora da UECE, 2020. *E-book*. Disponível em: <http://www.uece.br/eduece/dmdocuments/Arte,%20doc%C3%Aancia%20e%20pr%C3%A1ticas%20educativas%20experi%C3%Aancias%20e%20contextos.pdf>. Acesso em: 27 set. 2020.

LARROSA, Jorge. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. Tradução João Wanderlei Geraldi. **Revista Brasileira Educação**, Rio de Janeiro, n. 19, p. 20-28, jan./abr. 2002. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/rbedu/n19/n19a02.pdf>. Acesso em: 10 mar. 2018.

LEAL, Bernardina. Leitura da infância na poesia de Manoel de Barros. *In*: KOAN, W. (org.). **Lugares da infância: filosofia**. Rio de Janeiro: DP&A, 2004. p. 19-30.

LÜDKE, M.; ANDRÉ, M. E. D. A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.

MACHADO, Maria Clara. **Pluft, o fantasma**. Ilustrações: Graça Lima. 12. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira. 2009.

MACHADO, Regina. **A arte da palavra e da escuta**. São Paulo: Reviravolta, 2015.

MATURANA, H. R.; VERDEN-ZÖLLER, G. **Amar e brincar**: fundamentos esquecidos do humano do patriarcado à democracia. Tradução de Humberto Marioti e Lia Diskin. São Paulo: Palas Athena, 2004.

MAY, Tim. **Pesquisa social**: questões, métodos e processos. Tradução: Carlos Alberto Silveira Neto. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2004.

MCBRATNEY, Sam. **Adivinha o quanto eu te amo**. Tradução: Fernando Nuno. Ilustrações: Anita Jeram. São Paulo: Editora Martins Fontes. 2011.

MCLAUGHLIN, Tom. **A máquina de histórias**. Trad. Eduardo Brandão. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2014.

MENESCAL, J. V.; MACHADO, M. M. T.; MOTA, F. S. B.; LEITE, Á. J. M. Iprede: acolhendo e enriquecendo vínculos entre mãe e filho. **Extensão em Ação**, Fortaleza, 2016. Disponível em: <http://www.periodicos.ufc.br/extensaoemacao/article/view/11831>. Acesso em: 25 abr. 2017.

MENESCAL, J. V. **Experiências adversas na infância de mães e a correlação com o vínculo materno de crianças assistidas numa instituição de primeira infância**. 2018. 77 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Saúde da Mulher e da Criança) – Faculdade de Medicina, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2018. Disponível em: <http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/48420>. Acesso em: 23 ago. 2019).

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. Petrópolis: Vozes, 1996.

MONTAGNER, Hubert. O carinho que ensina (entrevista). **Revista Época**, Rio de Janeiro, 2010. Disponível em: <http://revistaepoca.globo.com/Revista/Epoca/0,,EMI159694-15228,00-O+CARINHO+QUE+ENSINA.html>. Acesso em: 25 mar. 2018).

MORAES, Odilon. **A princesinha medrosa**. São Paulo: Editora Companhia das Letrinhas, 2002.

MORAES, Roque; GALIAZZI, Maria do Carmo. Análise textual discursiva. **Ciência & Educação**, Porto Alegre, v. 12, n. 1, p. 117-128, 2006.

MORAES, Roque. Uma tempestade de luz. **Ciência & Educação**, Porto Alegre, v. 9, n. 2, p. 191- 211, 2003.

NEVES, André. **A caligrafia de Dona Sofia**. São Paulo: Paulinas, 2011.

PAIXÃO, Erinelda C. A recepção das narrativas orais: uma experiência estética no contexto educacional. In: RIBEIRO, A. P. M.; SOARES, C. F.; COELHO, T. M. B. C. (org.). **Costurando histórias**: conceitos, cartas e contos. Fortaleza: EdUECE, 2017. p. 75-88.

PINAZZA, M.A.; GOBBI, M.A. Infâncias e suas linguagens: formação de professores, imaginação e fantasia. *In*: GOBBI, M. A.; PINAZZA, M. A. (org.). **Infância e suas linguagens**. São Paulo: Cortez, 2014. p. 21-44.

PINHEIRO, Ângela. **Criança e adolescente no Brasil**: porque o abismo entre a lei e a realidade. Fortaleza: UFC, 2006.

RAMPAZO, Alexandre. **A menina e o vestido de sonhos**. São Paulo: Editora Larousse Júnior. 2009.

SAINT-EXUPÉRY, Antoine de. **O pequeno príncipe**: com aquarelas do autor. São Paulo: Editora Escala, 2015.

SARMENTO, M. J. **Metodologias visuais em Ciências Sociais e da Educação**. *In*: TORRES, L.; PALHARES, J.-A. (org.). Metodologias de investigação em Educação e Ciências Sociais. Braga: Húmus, 2014. p. 197-218. (Col. Ciências sociais da educação).

SILVA, C. V. **Projeto de extensão Ateliê do IPREDE**: educação e experiência estética no terceiro setor. Pró-Reitoria de Extensão/UFC. Código CP.2017.PJ.337 via Instituto de Cultura e Arte (ICA), da Universidade Federal do Ceará (UFC). Fortaleza: UFC: IPREDE, 2017.

SILVA, C.V. **Teatro e currículo em contracena**: sentidos para a proposta pedagógica do curso de teatro-licenciatura/ica/ufc. Orientação: Profa. Dra. Silvia Elizabeth Miranda de Moraes. 2014. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2014. Disponível em: http://www.repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/8727/1/2014_tese_cvsilva.pdf. Acesso em: 30 mar. 2018.

SILVA, C.V.; GOLDBERG, L.G.; PINTO, P.A.H.S.; LARRIPA, T.Q.B. **Ateliê do IPREDE: experiência e educação estética no terceiro setor. Extensão em Ação**, Fortaleza, 2019. Disponível em: <http://periodicos.ufc.br/extensaoemacao/article/view/33543#:~:text=Este%20relato%20de%20experi%C3%Aancia%20tem,educa%C3%A7%C3%A3o%20est%C3%A9tica%20no%20terceiro%20setor>. Acesso em: 20 ago. 2019.

SILVA, Conceil C.; SILVA, Nye R. **A colcha de retalhos**. Ilustrações: Semírames Paterno. São Paulo. Editora do Brasil, 1995. (Viagens do coração).

SMOLKA, Ana Luiza. Apresentação e comentários. *In*: VYGOTSKY, L.S. **Imaginação e criação na infância**: ensaio psicológico: livro para professores. Apresentação e comentários Ana Luiza Smolka; Tradução Zoia prestes. São Paulo: Ática, 2009. p. 14-40.

STERN, Arno. **Uma nova compreensão do desenho infantil**. Lisboa: Livros Horizonte, 1974.

STERN, Arno. **Iniciação à educação criadora**. Lisboa: Socicultur, 1978.

VYGOTSKY, L.S. **Imaginação e criação na infância**: ensaio psicológico: livro para professores. Apresentação e comentários Ana Luiza Smolka; Tradução Zoia prestes. São Paulo: Ática, 2009.

VYGOTSKY, L.S. **Psicologia pedagógica**. Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

YIN, Robert K. **Estudos de caso**: planejamentos e métodos. Tradução: Daniel Grassi. 2. ed. Porto Alegre: Bookman. 2001.

APÊNDICE A – OS LIVROS DAS HISTÓRIAS



Pluft, o fantasminha

Uma adaptação de uma dramaturgia infantil da premiada Maria Clara Machado. Contamos a história de Pluft, um fantasminha que tinha muito medo de gente, e de tudo que se relacionava às pessoas. Contudo, certo dia ele conhece a menina Maribel. E com ela, Pluft descobre o valor de uma verdadeira amizade.

Chapeuzinho Amarelo

A obra de Chico Buarque, conta a história da Chapeuzinho amarelo, uma menina que tinha medo de tudo, até de um tal lobo que nem existia. Certo dia ela resolve encarar os seus medos e transformá-los em companheiros em suas brincadeiras.

A princesinha medrosa

A obra de Odilon Moraes, aborda a história de uma princesinha que, embora rica e poderosa, vive com medo de tudo, e por isso infeliz. Mas um dia ela encontra uma porção e amigas estrelinhas e tudo pode mudar...

A colcha de retalhos

A obra de Conceil C. da Silva e Nye Ribeiro, aborda o tema família e memórias. Pois através dos retalhos de pano de sua avó, Felipe passeia por lembranças familiares. E descobre o que é a saudade. Uma história singela e profundamente encantadora.

Adivinha o quanto eu te amo

Adivinha o quanto te amo é uma obra de Sam MacBratney. Uma narrativa singela baseada em um delicioso diálogo entre o coelho pai e seu filhote. É quando um coelhinho se esforça para mostrar o tamanho do amor que ele tem pelo pai. O Coelho Pai entra na brincadeira, mas ambos percebem que não é fácil medir o amor.

A margarida friorenta

Uma história linda de Fernanda Lopes de Almeida, que trata do valor da amizade, dos abraços, do cuidado dedicado a quem se ama. Tudo acontece em um jardim. Aonde, de repente, uma margarida, por algum motivo, começou a tremer. Todos queriam ajudar, inclusive sua melhor amiga: a menina Ana Maria. Qual será a razão de tanto tremeliques? Será frio? Medo? Ou de quê?

Anita Bocadura

O livro Anita Bocadura, de Mariangela Bueno, conta a história de Anita Bocadura, uma menina que não tem amigos e não sabe o porquê. Mas com a ajuda de alguém muito especial ela consegue resolver esse problema. O espetáculo traz à tona o efeito positivo do uso de algumas palavras encantadas, tais como: obrigada, com licença, por favor, etc. Vale muito a pena conferir!

A caligrafia de Dona Sofia

O livro de André Neves, conta a história de Dona Sofia, uma professora aposentada que ama flores, palavras, livros... e poesia. Inicialmente ela registra nas paredes de sua casa seus poemas preferidos, para tê-los sempre à vista. Até que um dia seu lar fica pequeno demais pra tanta beleza e ela resolve espalhar poesia pelo mundo. Uma delicada apresentação narrativa, recheada com lindos pequenos poemas.

Bom dia, todas as cores!

A obra da escritora Ruth Rocha, e de um modo divertido, traz à tona a importância de preservar sua própria personalidade, bem como o respeito à diversidade de preferências. Narra a história de um feliz camaleão que mudou sua cor para rosa, por achar a mais bela de todas, e foi passear. Durante o passeio, o camaleão concordava e mudava sua cor, mas acabou ficando muito cansado. Ele percebeu que, na verdade, é impossível agradar a todos durante todo o tempo. No dia seguinte, só usou rosa.

A máquina de histórias

A obra *A Máquina de histórias*, de Tom McLaughlin, conta sobre um menino chamado Hélio, que encontrou uma máquina. Mas, ela não faz “bip” nem “plim”; não tem botão de “liga/desliga”; nem acende nenhuma luz. A tal da máquina só escreve letras - e Hélio ainda está aprendendo a juntá-las. Mas o que poderia ser uma decepção, se transforma em uma grande descoberta, pois Hélio percebe que as letras podem virar imagens e as imagens, histórias - de reis e rainhas, fantasmas e vampiros, fadas e duendes... Hélio tinha achado uma verdadeira máquina de contar histórias!

O pequeno príncipe

Um clássico de Antoine de Saint-Exupéry, conta a história de um avião que cai em uma pane no deserto, encontra um príncipezinho que veio de outro planeta, que lhe conta suas aventuras com uma rosa, um rei, uma raposa, outros habitantes de outros planetas e os dois conversam sobre solidão, amizade, sobre o que realmente importa e sobre o sentido da vida.

A fada que tinha ideias

A obra “A fada que tinha ideias” de Fernanda Lopes de Almeida, conta sobre as aventuras de Clara Luz, uma fadinha que quer fazer o mundo andar por suas próprias ideias. Para ela, quando ninguém inventa nada, o mundo fica parado. Uma história linda, divertida e inspiradora!!

A menina e o vestido de sonhos

A obra de Alexandre Rampazo conta a história de uma menina que colecionava sonhos esquecidos pela cidade e os costurava em um vestido. Mas esse lindo vestido precisava de botões de amora e a menina precisou ultrapassar os limites da cidade para encontrar seus botões, embarcando em uma grande aventura

APÊNDICE B – ROTEIRO DE ENTREVISTA COM AS MÃES

1. Com que frequência você assiste essas contações de histórias? Pouco, às vezes ou muito?
2. De quais histórias ou atividades você lembra mais?
3. Teve alguma história ou atividades que mexeram mais com você? Que te tocaram mais?
4. Do que mais você gosta nesse estilo de contação de histórias aqui do IPREDE?
5. Você acha que assistir essas histórias é importante para você? Por quê?
6. Na sua opinião, é importante ter a contação de histórias aqui no IPREDE?
7. É possível aprender alguma coisa com essas atividades? O quê?
8. Teve algo que você não gostou? No que o Ateliê poderia melhorar?

APÊNDICE C – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE) PARA AS MÃES

Você está sendo convidado (a), a participar, assim como a (s) criança (s) que acompanha no Instituto da Primeira Infância (IPREDE), como voluntárias, da pesquisa intitulada ATELIÊ DO IPREDE: EXPERIÊNCIA ESTÉTICA NA PRIMEIRA INFÂNCIA. Este estudo tem por objetivo pesquisar a contribuição do “Ateliê do IPREDE” para a primeira infância no Setor de Acolhimento do Instituto da Primeira Infância (IPREDE), localizado no município de Fortaleza - CE.

Você foi selecionada por participar das atividades do Ateliê do IPREDE com a (s) criança (a) atendida pela instituição, também participante do Ateliê do IPREDE e por ser responsável legal pela (s) criança (s) que você acompanha. Sua participação, assim como a da (s) criança (s) não é obrigatória. A qualquer momento, poderão desistir de participar e retirarem seu consentimento. A recusa, desistência ou retirada de consentimento não acarretará prejuízo, assim como a pesquisa não é remunerada e não implica em gastos para os participantes

Se o(a) senhor(a) consentir, na entrevista será utilizado gravador para melhor compreensão dos dados coletados. Informamos que garantimos o sigilo quanto às informações prestadas. Os dados obtidos por meio desta pesquisa serão confidenciais e não serão divulgados em nível individual, visando assegurar o sigilo da participação obedecendo ao que está previsto nas Leis que resguardam os direitos das crianças e adolescentes (Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA, Lei N.º 8.069/ 1990). As pesquisadoras responsáveis se comprometem a tornar públicos somente nos meios acadêmicos e científicos os resultados obtidos de forma consolidada sem qualquer identificação de indivíduos participantes.

Riscos: os procedimentos de construção de dados desta pesquisa não são invasivos. Caso ocorra qualquer desconforto emocional durante a realização da pesquisa, esta será interrompida e você será encaminhado (a) para serviço de saúde adequado no próprio IPREDE.

Benefícios: compreender qual a contribuição e a importância do Ateliê do IPREDE na vida das crianças e de seus familiares, no seu desenvolvimento afetivo e cognitivo na sociedade (casa, família, comunidade), no fortalecimento dos vínculos. Compreender este cenário contribuirá para continuidade e aperfeiçoamento dos serviços artísticos e estéticos oferecidos na instituição por meio das atividades desenvolvidas no Ateliê do IPREDE.

Em caso de dúvidas, favor contatar a pesquisadora Luciane Germano Goldberg por meio do telefone (85)997664082 ou a pesquisadora Tamara Queiroz Bezerra Larripa por meio

do telefone (85)99640.5281. Ou no Comitê de Ética e Pesquisa da Academia Cearense de Odontologia, Rua Sabino Monte 3580, telefone 3272-7776.

Responsável pela pesquisa

Nome: Luciane Germano Goldberg

Instituição: Universidade Federal do Ceará

Endereço: Rua Waldery Uchoa, 1 Bairro: Benfica - CEP: 60.020-110 Fortaleza - Ceará

Telefones para contato: 3366-7675 Telefone da pesquisadora: (85) 997664082

Nome: Tamara Queiroz Bezerra Larripa

Instituição: Universidade Federal do Ceará

Endereço: Rua Botelho Magalhães, 1130. Bairro: Cidade dos Funcionários - CEP: 60.822-485.

Fortaleza - Ceará

Telefone da pesquisadora: (85) 996405281

ATENÇÃO: Para informar ocorrências irregulares ou danosas durante a sua participação no estudo, dirija-se ao: Comitê de Ética em Pesquisa da Academia Cearense de Odontologia Rua Sabino Monte 3580, São João de Tauape – CEP.: 60120-230 - Telefone 3272-7776

DECLARAÇÃO DO PARTICIPANTE OU RESPONSÁVEL PELO PARTICIPANTE

Tendo compreendido perfeitamente tudo o que me foi informado sobre a minha participação, e da (s) criança (s) pela (s) qual (quais) sou responsável legal junto ao IPREDE, no mencionado estudo e, estando consciente dos meus direitos, das minhas responsabilidades, dos riscos e dos benefícios que minha participação implica, concordo em nome de _____

_____ participar e para isso DOU O MEU CONSENTIMENTO SEM QUE PARA ISSO EU, NEM A CRIANÇA DA QUAL SOU RESPONSÁVEL, TENHAMOS SIDO FORÇADOS (AS) OU OBRIGADO (AS).

Fortaleza,

Assinatura do(a) voluntário(a) ou digital	Nome e assinatura do(s) responsável(eis) pelo estudo	Nome e assinatura do(s) responsável(eis) pelo estudo
--	---	---

Nome dos (as) participantes:

Telefone:

Endereço do(a) participante-voluntário(a):

Domicílio (rua, praça, conjunto):

Bloco:

Nº:

Complemento:

Bairro:

CEP:

Cidade:

Ponto de Referência:

APÊNDICE D – ROTEIRO DE ENTREVISTA COM PROFISSIONAIS**GRUPO DE PESQUISA
ENTREVISTA A SER REALIZADA COM PROFISSIONAIS DO IPREDE**

NOME: _____

SETOR/DESCRIÇÃO/DATA DE INÍCIO: _____

1. O que você pensa sobre o projeto Ateliê do IPREDE?
2. Por que o IPREDE teve a preocupação de trazer o projeto Ateliê para a instituição?
3. Você observou alguma mudança nas crianças desde que o Ateliê iniciou? Quais?
4. Você conhece as atividades promovidas pelo Ateliê?
5. Você já teve vontade de participar de alguma atividade do Ateliê? Por quê?
6. Você já ouviu comentários das mães sobre as atividades do Ateliê? Quais?
7. Qual a contribuição do Ateliê para o seu trabalho?
8. Qual a contribuição do Ateliê para o trabalho do IPREDE?
9. Você tem alguma sugestão sobre atividades que o Ateliê poderia desenvolver?
10. Houve algum fato marcante para você em alguma atividade do Ateliê?

APÊNDICE E – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE) PARA OS PROFISSIONAIS

Você está sendo convidado (a), a participar, como voluntário (a), da pesquisa intitulada ATELIÊ DO IPREDE: EXPERIÊNCIA ESTÉTICA NA PRIMEIRA INFÂNCIA. Este estudo tem por objetivo pesquisar a contribuição do “Ateliê do IPREDE” para a primeira infância no Setor de Acolhimento do Instituto da Primeira Infância (IPREDE), localizado no município de Fortaleza - CE.

Você foi selecionado (a) por ser profissional da instituição e por atender diretamente as crianças e seus acompanhantes que participam das atividades do Ateliê do IPREDE e são assistidas pela instituição. Sua participação não é obrigatória. A qualquer momento, poderá desistir de participar e retirar seu consentimento. A recusa, desistência ou retirada de consentimento não acarretará prejuízo, assim como a pesquisa não é remunerada e não implica em gastos para os participantes

Se o(a) senhor(a) consentir, na entrevista será utilizado gravador para melhor compreensão dos dados coletados. Informamos que garantimos o sigilo quanto às informações prestadas. Os dados obtidos por meio desta pesquisa serão confidenciais e não serão divulgados em nível individual, visando assegurar o sigilo da participação. As pesquisadoras responsáveis se comprometem a tornar públicos somente nos meios acadêmicos e científicos os resultados obtidos de forma consolidada sem qualquer identificação de indivíduos participantes.

Riscos: os procedimentos de construção de dados desta pesquisa não são invasivos. Caso ocorra qualquer desconforto emocional durante a realização da pesquisa, esta será interrompida e você será encaminhado (a) para serviço de saúde adequado no próprio IPREDE.

Benefícios: compreender qual a contribuição e a importância do Ateliê do IPREDE na vida das crianças e de seus familiares, no seu desenvolvimento afetivo e cognitivo na sociedade (casa, família, comunidade), no fortalecimento dos vínculos. Compreender este cenário contribuirá para continuidade e aperfeiçoamento dos serviços artísticos e estéticos oferecidos na instituição por meio das atividades desenvolvidas no Ateliê do IPREDE.

Em caso de dúvidas, favor contatar a pesquisadora Luciane Germano Goldberg por meio do telefone (85)99766.4082 ou a pesquisadora Tamara Queiroz Bezerra Larripa por meio do telefone (85)99640.5281. Ou no Comitê de Ética e Pesquisa da Academia Cearense de Odontologia, Rua Sabino Monte 3580, telefone 3272-7776.

Responsáveis pela pesquisa
 Nome: Luciane Germano Goldberg
 Instituição: Universidade Federal do Ceará
 Endereço: Rua Waldery Uchoa, 1 Bairro: Benfica - CEP: 60.020-110 Fortaleza - Ceará
 Telefones para contato: 3366-7675 Telefone da pesquisadora: (85) 997664082

Nome: Tamara Queiroz Bezerra Larripa
 Instituição: Universidade Federal do Ceará
 Endereço: Rua Botelho Magalhães, 1130. Bairro: Cidade dos Funcionários - CEP: 60.822-485.
 Fortaleza - Ceará
 Telefone da pesquisadora: (85) 996405281

ATENÇÃO: Para informar ocorrências irregulares ou danosas durante a sua participação no estudo, dirija-se ao: Comitê de Ética em Pesquisa da Academia Cearense de Odontologia
 Rua Sabino Monte 3580, São João de Tauape – CEP.: 60120-230 - Telefone 3272-7776

DECLARAÇÃO DO PARTICIPANTE

Tendo compreendido perfeitamente tudo o que me foi informado sobre a minha participação no mencionado estudo e, estando consciente dos meus direitos, das minhas responsabilidades, dos riscos e dos benefícios que minha participação implica, concordo em participar e para isso DOU O MEU CONSENTIMENTO SEM QUE PARA ISSO EU TENHA SIDO FORÇADO (A) OU OBRIGADO (A).

Fortaleza,

Assinatura do(a) voluntário(a) ou digital	Nome e assinatura do(s) responsável(eis) pelo estudo	Nome e assinatura do(s) responsável(eis) pelo estudo
<p>Nome do (a) participantes:</p> <p>Telefone:</p> <p>Endereço do(a) participante-voluntário(a):</p> <p>Domicílio (rua, praça, conjunto):</p> <p>Bloco: Nº: Complemento:</p> <p>Bairro: CEP: Cidade:</p> <p>Ponto de Referência:</p>		

ANEXO – PROJETO DE EXTENSÃO



Universidade Federal do Ceará
Pró-reitoria de Extensão

FORMULÁRIO DE CADASTRO DA AÇÃO DE EXTENSÃO

Novo: <input checked="" type="checkbox"/>	CÓDIGO
Continuidade: <input type="checkbox"/>	_____
Uso exclusivo PREX	

Título: Ateliê do Iprede: educação e experiência estética no terceiro setor.

Informe o título completo da Ação de Extensão.

BLOCO I – IDENTIFICAÇÃO DA AÇÃO DE EXTENSÃO

1. Modalidade da Ação de Extensão

Modalidade da Ação de Extensão: [b]

Informe a letra correspondente à modalidade (*opção única*). Observe a conceituação do Plano Nacional de Extensão transcrita abaixo e escolha a que mais se encaixe à ação de extensão proposta.

a. Programa: Conjunto de atividades integradas, de médio e longo prazo, orientadas a um objetivo comum, articulando projetos e outras atividades de extensão, cujas diretrizes e escopo de interação com a sociedade, integrem-se às linhas de ensino e pesquisa desenvolvidas na UFC, nos termos de seus projetos político-pedagógico e de desenvolvimento institucional. Duas características são essenciais: 1) as atividades integradas de extensão devem envolver unidades orgânicas distintas (Departamentos, Centros, Faculdades, Institutos, Cursos e outros); e 2) o prazo de execução do programa deve ter a duração mínima de dois anos.

b. Projeto: Atividade de caráter educativo, social, cultural, científico, tecnológico ou de inovação tecnológica, com objetivo específico e prazo determinado, vinculada ou não a um Programa. Se um projeto se caracteriza por uma relação contratual de prestação de serviços, deverá ser registrada como "Prestação de serviços". Entretanto, se essa prestação é parte de um conjunto de ações processuais contínuas, a ação deve ser registrada como projeto. Cursos não devem ser registrados como projetos, embora sua elaboração envolva a existência de projeto operacional.

c. Curso*: Conjunto articulado de atividades pedagógicas, de caráter teórico e/ou prático, nas modalidades presencial ou a distância, seja para a formação continuada, aperfeiçoamento ou disseminação de conhecimento, planejada, organizada e avaliada de modo sistemático, com carga horária mínima de 8 (oito) horas. As prestações de serviços oferecidas sob a forma de curso devem ser registradas somente como "Curso".

d. Evento*: Atividade de curta duração, sem caráter continuado, que implica a apresentação do conhecimento ou produto cultural, científico, tecnológico ou de inovação tecnológica desenvolvido, conservado ou reconhecido pela Universidade: i. Congresso - evento de âmbito regional, nacional ou internacional, que reúne participantes de uma comunidade científica ou profissional. Abrange um conjunto de atividades como: mesas-redondas, palestras, sessões técnicas, sessões dirigidas, conferências, oficinas, comunicações, workshops e minicursos; ii. Seminário - evento científico com campos de conhecimento especializados. Incluem-se nessa classificação: encontro, simpósio, jornada, colóquio, fórum e reunião; iii. Ciclo de Debates - encontros sequenciais que visam à discussão de um tema específico; iv. Exposição - exibição pública de obras de arte, produtos, serviços, etc.; v. Espetáculo - apresentação artística de eventos cênicos e musicais de caráter público; vi. Evento Esportivo - campeonato, torneio, olimpíada, apresentação esportiva; vii. Festival - série de atividades/eventos ou espetáculos artísticos, culturais ou esportivos, realizados concomitantemente; viii. Outros eventos acadêmicos - ação pontual de mobilização que visa a um objetivo definido.

e. Prestação de Serviço: refere-se ao estudo e solução de problemas dos meios profissional ou social e ao desenvolvimento de novas abordagens pedagógicas e de pesquisa, bem como à transferência de conhecimentos e tecnologia à sociedade. São classificados nos seguintes grupos: i. Serviço eventual - consultoria, assessoria e curadoria; ii. Assistência à saúde humana - consultas ambulatoriais, consultas de emergência, internações clínicas, exames laboratoriais, outros exames complementares, cirurgias e outros atendimentos; iii. Assistência à saúde animal - consultas ambulatoriais, internações clínicas e cirurgias; iv. Laudos - laudos técnicos, revisão, tradução e exame de proficiência; v. Assistência jurídica e judicial - consultoria e orientação judicial à população de baixa renda e organizações não governamentais; defensoria pública de pessoas de baixa renda; atividades judiciais em convênio com o poder público; vi. Atendimento ao público em espaços de cultura, desportos, ciência e tecnologia - museus, espaços culturais e desportivos, espaços de ciência e tecnologia e cines-clubes. Quando a prestação de serviço for oferecida como curso ou projeto de extensão, deve ser registrada como tal (curso ou projeto).

* Curso ou Evento » deverá ser obrigatoriamente preenchido também o Anexo I e solicita-se o cadastramento com ANTECEDÊNCIA mínima de 60 dias, visando os prazos para a confecção dos certificados.

Seja sustentável - imprima frente e verso!

UFC-PREX-FORMULÁRIO DE CADASTRO DA AÇÃO DE EXTENSÃO
PÁG. 1



Universidade Federal do Ceará
Pró-reitoria de Extensão

2. Vínculo da Ação de Extensão

Informe se a Ação de Extensão possui vínculo com algum Programa de Extensão:

Qual? Código:

3. Área do Conhecimento, Área Temática e Linha de Extensão – Todas as ações de extensão devem ser classificadas segundo uma área do conhecimento (tomando-se por base as definidas pelo Conselho Nacional de Pesquisa - CNPq), uma área temática e uma linha de extensão. Quando relacionadas a mais de uma área temática e de uma linha de extensão, propõe-se que sejam classificadas em uma área temática principal e secundária e em uma linha de extensão principal e secundária. Mesmo que não se encontre no conjunto das áreas temáticas uma correspondência absoluta entre o objeto da ação e o conteúdo descrito nas áreas, a mais aproximada, tematicamente, deverá ser escolhida.

3.1. Área do Conhecimento	
3.1.1. Ciências Exatas e da Terra	[]
3.1.2. Ciências Biológicas	[]
3.1.3. Engenharias	[]
3.1.4. Ciências da Saúde	[]
3.1.5. Ciências Agrárias	[]
3.1.6. Ciências Sociais Aplicadas	[]
3.1.7. Ciências Humanas	[]
3.1.8. Linguística, Letras e Artes	[x]
3.1.9. Outros	[]

3.2. Área Temática Principal (Selecione apenas uma opção)		3.3. Área Temática Secundária	
3.2.1. Comunicação	[]	3.3.1. Comunicação	[]
3.2.2. Cultura	[x]	3.3.2. Cultura	[]
3.2.3. Direitos Humanos e Justiça	[]	3.3.3. Direitos Humanos e Justiça	[]
3.2.4. Educação	[]	3.3.4. Educação	[X]
3.2.5. Meio Ambiente	[]	3.3.5. Meio Ambiente	[]
3.2.6. Saúde	[]	3.3.6. Saúde	[]
3.2.7. Tecnologia e Produção	[]	3.3.7. Tecnologia e Produção	[]
3.2.8. Trabalho	[]	3.3.8. Trabalho	[]

3.4. Linha de Extensão Principal (Consultar anexo I da Resolução nº 04/CEPE/2014)	3.5. Linha de Extensão Secundária
Artes Integradas	Metodologias e estratégias de ensino/aprendizagem

4. Setor de Origem (Departamento e/ou Unidade Acadêmica/Outras Unidades)

4.1. Departamento/Outros Setores: Curso de Teatro-licenciatura 4.2. Fone: 3366 9223
4.3. Unidade Acadêmica/Unidade Administrativa/Outras Unidades: Instituto de Cultura e Arte
4.4. Fone: 3366 9223

5. Data de Início e Data de Término da Ação de Extensão

5.1. Início: Maio de 2017 5.2. Término: Dezembro de 2018 5.3. Prorrogável: Não [] Sim [X]

Seja sustentável - imprima frente e verso!

UFC-PREX-FORMULÁRIO DE CADASTRO DA AÇÃO DE EXTENSÃO
PÁG. 2



**Universidade Federal do Ceará
Pró-reitoria de Extensão**

6. Município(s) onde será desenvolvida a Ação de Extensão:

Fortaleza-CE

7. Identificação do(s) local(is) de Realização da Ação de Extensão

7.1. Instituição: IPREDE – Instituto da Primeira Infância

7.2. Endereço: Rua Professor Carlos Lobo, 15 - Cidade dos Funcionários, Fortaleza-CE - Brasil

Identifique o(s) local(is) de realização da ação de extensão.

8. Identificação de Parceria Externa

8.1. Nome da Instituição

IPREDE – Instituto da Primeira Infância

8.2. Tipo de Instituição

Pública Privada ONG

8.3. Forma de Inserção

GD DA IE FI OF

Informe a razão social por extenso no campo "nome da instituição". Marque somente uma opção para o tipo de instituição e para a forma de Inserção especifique se: GD = gera demanda; DA = participa na definição de ações; IE = fornece instalações e/ou equipamentos; FI = participa do financiamento; e OF= outras formas.

9. Público Alvo

9.1. Caracterização (Tipo/Descrição do público alvo):

Famílias (crianças na primeira infância e suas mães) que vivem em situação de vulnerabilidade social e pobreza.

9.2. Número previsto de pessoas que serão beneficiadas pela ação de extensão: [1.200]

BLOCO II – IDENTIFICAÇÃO DO COORDENADOR(A) DA AÇÃO DE EXTENSÃO

10. Dados do(a) Coordenador(a) da Ação de Extensão

10.1. Nome: Carolina Vieira Silva

10.2. CPF: 300974598-28

10.3. RG: 34949461-7

10.4. N° SIAPE: 153171-3

10.5. Endereço: Rua Visconde de Barbacena, 580, casa 51

10.6. Bairro: Cidade dos Funcionários

10.7. Cidade: Fortaleza

10.8. UF: CE

10.9. CEP: 60822-488

10.10. Telefone: (85) 3214 0787

10.11. Fax:

10.12. Celular: (85) 99646 9681

10.13. E-mail: carolvieira.teatro@hotmail.com

10.14. Regime de trabalho: (X) 40h - Dedicção Exclusiva () 40h () 20h

10.15. Carga horária SEMANAL* reservada pelo(a) Coordenador(a) NESTA AÇÃO: 08 horas

*Carga horária do(a) Coordenador(a) da Ação: as horas dedicadas à graduação, pesquisa e extensão não podem ultrapassar a carga horária total do regime de trabalho na UFC.



BLOCO III – DETALHAMENTO DA AÇÃO DE EXTENSÃO

11. Apresentação – Explícite a proposta da ação de extensão, como se articulam, a sua integração com os planos de trabalho da(s) Unidade(s) envolvida(s), destacando sua relevância na perspectiva acadêmica e social, o público que se destina e o resultado esperado. Em caso de proposta de continuidade explicitar o estágio em que se encontra o programa/projeto e as ações já executadas.

Este projeto de extensão tem como objetivo principal colaborar com o Iprede – Instituto da Primeira Infância – através da elaboração de um *modus operandi* que privilegie a experiência estética e singular (DEWEY, 2010) no campo pedagógico (LARROSA, 2014) na primeira infância, tendo como local de atuação o ambiente de acolhimento desta instituição.

Para tanto, propomos a criação de uma equipe multidisciplinar oriunda das licenciaturas em Teatro, Pedagogia, Música e Dança da Universidade Federal do Ceará para trabalhar de modo integrado com os profissionais do Iprede. Nossa metodologia de trabalho, ainda, contará com duas ações principais: 1- análise crítica da realidade gerada pelo desenvolvimento de propostas artístico-pedagógicas, engendradas por professores envolvidos neste projeto de extensão, a serem desenvolvidas no Iprede; 2- reuniões ordinárias para discussão e sistematização de ações futuras.

Destacamos a relevância do projeto na perspectiva acadêmica, pois intentamos estratégias de aproximação das referidas licenciaturas com o terceiro setor. Logo, sugerimos a criação de disciplinas, estágios não curriculares e atividades complementares, bem como a aproximação com outros grupos de estudo, pesquisa e extensão gerando fluxos e integração de saberes. Deste modo, acreditamos na sua colaboração para a formação integral dos licenciandos em artes e pedagogia, uma vez que será oferecido a eles a oportunidade de experimentar a observação e a regência de ações artístico-pedagógicas no terceiro setor. Logo, eles poderão realizar uma análise crítica da realidade; fortalecer sua capacidade de voluntariado compartilhando seus saberes; e se perceber colaboradores para minimizar o quadro gerado pelas injustiças sociais no nosso país.

O Iprede é um centro de referência sobre a primeira infância; local onde se “[...] desenvolve programas, projetos e serviços em articulação com os diversos setores da sociedade, com fins públicos, foco na nutrição e desenvolvimento na primeira infância [...]”. (Iprede.org) Uma vez que a arte colabora para que as pessoas possam elaborar conhecimentos sensíveis e inteligíveis de forma complementar, a educação e a experiência estética tornam-se fundamentais nos processos de autoconhecimento das famílias, na sua interação sensível com o mundo e, também, fomenta vivências geradoras de sentidos e experiência estética.

Assim como o Iprede já é um espaço de geração e disseminação de conhecimentos técnico-científicos, acreditamos que o Ateliê do Iprede possa vir a se tornar um celeiro de inovação em ensino, pesquisas e extensão nas pedagogias das artes. Logo, poderemos desenvolver ações junto à comunidade acadêmica e outros setores da sociedade incentivando e colaborando com a melhoria da pesquisa em arte-educação através do acolhimento de ações, obtenção e tratamento dados que possam incentivar este campo do saber.

Um ateliê é por excelência um espaço de artesanaria. Local de experimentação, manipulação e produção das mais diversas linguagens artísticas. Podemos considerá-lo como um local propício para a experiência na medida estética; isto porque “[...] a arte é a mais efetiva forma de comunicação que existe. Por esta razão a presença de fatores comuns ou gerais na experiência consciente é *efeito* de arte.” (DEWEY, 2010, 491). Acreditamos, portanto, que a proposta deste Ateliê oferecerá oportunidades de expressão e comunicação mediadas pelas linguagens artísticas e didaticamente orientadas pela proposta triangular de Ana Mae Barbosa (2005), a qual está pautada no fazer, no fruir e no contextualizar

O espaço de acolhimento do Iprede já conta com ambientes elaborados para receber as crianças e suas mães – sala de leitura, cineminha, pequeno palco, espaço para desenho, pintura e brincadeiras com jogos didáticos, e um parquinho. Assim, as ações que serão direcionadas para a educação e a experiência estética partem, inicialmente, de realizar propostas de ocupação destes espaços com atividades direcionadas para as mães e as crianças em atendimento na instituição. Logo, pretendemos oferecer uma ação continuada e formativa porque atualmente a instituição conta tão somente com: ações pontuais, uma equipe de mães colaboradoras e voluntários.

As propostas do Ateliê também visam criar fluxos entre os produtos artísticos gerados na UFC e o Iprede. Pretendemos levar espetáculos cênicos e musicais para se apresentarem nos espaços do Iprede, bem como agenciar a ida de grupos a espaços culturais da cidade, sustentados por ações de mediação. Deste modo, trabalharemos em prol da democratização de nossos bens culturais ao mesmo tempo em que incentivaremos as famílias quanto a sua condição de espectadores e frequentadores de espaços culturais



Universidade Federal do Ceará Pró-reitoria de Extensão

como teatros, cinemas, museus, os quais muitas vezes oferecerem atividades gratuitas que são desconhecidas de grande parte da população.

Esperamos, portanto, como resultado deste projeto de extensão a elaboração de um *modus operandi* para o Ateliê do Iprede, bem como algumas ações na direção de implementá-lo, quais sejam: a elaboração de uma proposta artístico-pedagógica para Ateliê do Iprede; a sua aprovação pela instituições interessadas (UFC e Iprede); a elaboração da equipe de coordenação do projeto; a viabilização de bolsas para o engajamento dos discentes; seleção e formação de bolsistas.

12. Justificativa e Contextualização – Fundamentar teoricamente a pertinência da proposta como resposta a um problema ou necessidade identificada, destacando a relevância do problema/situação que necessite de uma ação extensionista. O texto deve ser objetivo e sucinto, baseado em dados, pesquisas, diagnósticos e indicadores sobre a questão.

O Instituto da Primeira infância (Iprede) possui mais de trinta anos de experiências com o terceiro setor e seus desafios concentram-se em atuar na diade mãe/filho, através de uma visão holística que se concentra em quatro pilares: assistencial, científico (estudo e pesquisa), estético e sustentabilidade; e três programas: Programa de Acolhimento e Atenção Psicossocial à Família, Programa de Desenvolvimento na Primeira Infância e Programa de Atenção à Mulher.

Nesta organização, o Ateliê do Iprede pretende fortalecer o pilar estético e, para tanto, implementar suas ações junto ao Setor de Acolhimento que pertence ao Programa de Acolhimento de Atenção Psicossocial à Família. Este setor conta com uma equipe multiprofissional formada por assistentes sociais, psicólogos e enfermeiros e tem como objetivo realizar a primeira a aproximação da família com a instituição para orientá-las quanto aos serviços prestados. Deste modo, funciona como uma unidade coesa e pautada metodologicamente que possui como propósito, também, perceber o sujeito em todas as suas dimensões e, por isso, oferecer a eles a oportunidade do alubrimento e da paz de espírito (MONTAGNER, 1993). Neste sentido, acreditamos poder colaborar com estes propósitos através da experiência e da educação estética e, portanto, contando com a ampliação de seu corpo de profissionais, integrando a ele artistas e pedagogos.

Uma vez que o Setor de Acolhimento do Iprede foi criado para "proporcionar às crianças e suas mães/cuidadores espaços temáticos de experiências estéticas e paz de espírito" (ARAÚJO, BRASIL, 2016, p. 7), o Ateliê do Iprede mostra-se uma ação extensionista necessária e relevante que atuará em um campo atuação com problema e situação identificados. Logo, apresenta o terceiro setor como um espaço no qual fomentam as políticas públicas e projetos sociais voltados à sujeitos em condição de vulnerabilidade social.

Quanto a pertinência da proposta no campo da formação de professores, podemos identificar que o terceiro setor constitui-se como *locus* para o exercício da prática educativa em experiência e educação estética e necessita, portanto, da presença do docente trabalhando de forma transdisciplinar com a arte, a pesquisa e a docência. O trabalho no terceiro setor possibilita a ampliação da responsabilidade social dos envolvidos para além da dimensão da educação escolar. Acreditamos que o currículo de formação de professores deve se ocupar com a construção de cidadania e, portanto, com a reflexão e a ação em questões sociais emergentes.

A experiência e a educação estética são pontos de preocupação dos currículos dos cursos de licenciatura em artes e pedagogia da Universidade Federal do Ceará, a saber: o educador deverá desenvolver instrumentos intelectuais e técnicos, de um lado, e uma sensibilidade ético-estética, de outro, como prioritários, tendo em vista sua formação básica. (FACED, 2006, p.4) Logo, encontramos no Ateliê do Iprede uma oportunidade para fomentar nossas práticas curriculares oferecendo um espaço de atuação para os licenciandos que desejarem investir na construção de conhecimentos voltados para a primeira infância. Uma vez que acreditamos nas práticas inter e transdisciplinares para atender as complexidades formativas dos tempos hodiernos, o Ateliê do Iprede pretender ser celeiro para experimentações artístico-pedagógicas que integram diversos campos do saber e, por isso, exigem formação de equipes multidisciplinares.

Por fim, destacamos a importância do fomento de pesquisas em direção aos problemas da experiência e da educação estética na primeira infância, tendo em vista os debates emergentes sobre a necessidade de um desenvolvimento saudável em todas as dimensões humanas como condição basilar para o desenvolvimento do ser humano.



Universidade Federal do Ceará Pró-reitoria de Extensão

13. Objetivos – Face a justificativa e contextualização apresentada, detalhar os objetivos que se espera obter com a realização da ação de extensão. No caso de programa, relacionar os objetivos que orientam as ações dos projetos que integram o programa e que indicam os resultados a serem alcançados. Deve estar em consonância com os objetivos gerais de cada projeto.

13.1. Geral

- Colaborar com o Iprede – Instituto da Primeira Infância – através da elaboração de um *modus operandi* que privilegie a experiência estética e singular no campo pedagógico na primeira infância, tendo como local de atuação o ambiente de acolhimento desta instituição.

13.2. Específicos

1- Fomentar ações de ensino, pesquisa e extensão direcionadas às questões concernentes à educação e experiência estética na primeira infância;

2- Propiciar a uma significativa camada da sociedade, que vive em condição de estresse permanente e vulnerabilidade social, acesso às linguagens artísticas;

3- Cooperar com a formação dos licenciandos e dos alunos da pós-graduação, bem como com a formação continuada de professores em artes e pedagogia;

14. Metas

1- Fomentar ações de ensino, pesquisa e extensão direcionadas às questões concernentes à educação e experiência estética na primeira infância. (Objetivo específico 01)

- Criar um grupo multidisciplinar (equipe de trabalho) com professores das licenciaturas em artes e pedagogia;
- Fazer a visita guiada de apresentação da instituição a estes professores e demais interessados;
- Organizar um cronograma de reuniões ordinárias com a equipe de trabalho;
- Realizar reuniões permanentes com a equipe dirigente do Iprede;
- Esboçar uma proposta artístico-pedagógica para o Ateliê do Iprede, apresentá-la e discutí-la com a equipe do Iprede visando ajustes e reformulações.
- Criar e registrar junto a Pró-Reitoria de Extensão da UFC um projeto ou programa de extensão que vise colocar em ação o Ateliê do Iprede.

2- Propiciar uma significativa camada da sociedade, que vive em condição de estresse permanente e vulnerabilidade social, acesso às linguagens artísticas. (Objetivo específico 02)

- Promover ações na sala de leitura toda semana pelo turno da tarde;
- Aproximar os alunos da disciplina Ludicidade e Educação Musical com o Iprede;
- Realizar, no mínimo, três intervenções artísticas no Iprede;
- Realizar, no mínimo, três ações artístico-pedagógicas no Iprede;

3- Cooperar com a formação dos licenciandos e dos alunos da pós-graduação, bem como com a formação continuada de professores em artes e pedagogia. (Objetivo específico 03)

- Criar disciplina(s) sobre arte e educação na primeira infância a ser ofertada para os alunos das licenciaturas em artes e pedagogia;
- Articular ações entre o Iprede e outros projetos de pesquisa e extensão já existentes na UFC;
- Realizar um encontro acadêmico para abordar e divulgar as ações geradas por este projeto para os estudantes e outros interessados;



Universidade Federal do Ceará Pró-reitoria de Extensão

15. Metodologia / Atividade – Expor a fundamentação teórico-metodológica da ação de extensão – linha pedagógica adotada, referencial técnico que o sustenta, estratégias a serem adotadas e sua operacionalização. Detalhar como as diferentes etapas serão implementadas e qual a inter-relação entre as mesmas. No caso de programa, incluir a síntese dos projetos que integram as ações, verificando a ligação direta com a comunidade.

Este projeto de extensão compreende três ações interrelacionadas e que podem ocorrer simultaneamente, são elas: incursões artístico-pedagógicas no Iprede para análise crítica da realidade; reuniões ordinárias para elaboração das propostas artístico-pedagógicas do Ateliê do Iprede; e a elaboração de modos de aproximação das referidas licenciaturas com este campo de atuação.

Acreditamos, pois, que diante das múltiplas preferências estéticas e teóricas da equipe imbuída neste trabalho, as propostas artístico-pedagógicas poderão estar atravessadas pelas temáticas de alumbramento e de paz de espírito trazidas pelo setor de acolhimento da instituição, as quais são inspiradas pelo psiquiatra e psicanalista francês Hubert Montagner. Para ele, o bebê pode ser preparado desde a mais tenra idade para se relacionar com o mundo. Logo, duas competências seriam consideradas primordiais, quais sejam: fixar o olhar; e o ímpeto pela interação. O lugar desta equipe de trabalho estaria, portanto, em se perguntar sobre os modos de operar com a educação e a experiência estética, os quais possam favorecer, também, a elaboração de tais competências?

Alumbrar significa iluminar, inspirar, ou seja, como quando alguém fica exposto a uma luz muito forte. Neste sentido, acreditamos que arte pode se ocupar de fomentar espaços de alumbramento, os quais sendo importantes para a formação de todo indivíduo tronam-se, ainda, essenciais para facilitar a diminuição do estresse enfrentados pela população que vive em extrema pobreza. Ainda segundo o autor, o ambiente de aprendizado deve favorecer que a criança alcance um estado de paz de espírito (batimentos cardíacos e pressão arterial reduzida, bem como coração regulado) através do qual ela se torna mais disposta a aprender. O Iprede na proposta de “novo acolhimento” sintetiza na palavra alumbramento a melhor tradução do seu desejo de proporcionar aos usuários (crianças e seus familiares) vivências de momentos singulares; impregnados de algo maravilhoso que, de repente toca e encanta. (ARAÚJO, BRASIL, 2016, p. 7)

Podemos aproximar a estas questões os estudos sobre experiência trazidos pelo filósofo e educador Larrosa Bondia quando da sua percepção de que a experiência pertence aos fundamentos da vida e, assim, “há algo no que fazemos e no que nos acontece, tanto nas artes como na educação, que não sabemos muito bem o que é, mas que é algo sobre o que temos vontade de falar. E de continuar falando, algo que temos vontade de pensar e continuar pensando, e algo que temos vontade de cantar, e de continuar cantando, porque justamente isso é que faz com que a educação seja educação, com a arte seja arte e, certamente, com que a vida esteja viva, ou seja, aberta a sua própria natureza.” (LARROSA, 2010, P.13)

Portanto, as incursões artístico-pedagógicas perpassam todas as linguagens artísticas e contam com ações das seguintes naturezas: contação de histórias, apresentação de espetáculos cênicos e musicais para crianças e suas mães, experimentação com jogos musicais, dramáticos e de psicomotricidade, mediação dos filmes exibidos no cineminha, entre outros.

Sabemos, pois, que as abordagens artístico-pedagógicas, ainda, são bastante desafiadoras. “Tenho a clara convicção de que não existe apenas um caminho para o desenvolvimento do trabalho com teatro na escola e, além disso, a firme opinião de que, entre os caminhos possíveis, nenhum pode ser considerado absoluta e descontextualizadamente, melhor ou superior aos outros.” (JAPIASSU, 2001, p. 22) Ratificamos com esta citação a certeza de que as proposições partirão das mais variadas vertentes artísticas e pedagógicas. Intentamos, portanto, que elas caminhem em direção aos propósitos da instituição que as acolhe e contribua com os objetivos por ela já estabelecidos, podendo ser geradora de novos horizontes.

Ainda neste sentido, sabemos também que “há várias maneiras de dançar, de assistir dança, de participar de eventos de dança e, assim, de presentificar os trabalhos artísticos em nossos cotidianos. [...] o amante da arte abre espaços para que o trabalho artístico se mostre, tenta encontrar nele suas qualidades, atributos, contextos e significações. O amante não desiste nunca [...]” (MARQUES, 2010, p.21) Logo, este trabalho coloca-se aberto as plurais manifestações artísticas e seus modos de operação e, também, estimula seus integrantes com o desafio de insistir na ampliação amorosa do alcance da arte, restituindo o direito de tantos sujeitos a saber, fazer e fruir arte.

A arte precisa ser tratada como conhecimento e, com isso, ser incorporado ao trabalho do professor não mais de modo intuitivo. Segundo a arte-educadora Ana Mae Barbosa, a falta de preparação de pessoal para ensinar artes é um problema crucial, nos levando a confundir improvisação com criatividade. Observamos que “a falta de formação faz com que esses professores atuem movidos pela concepção de Arte e do seu ensino, construída ao longo de suas histórias pessoais. E como, historicamente, a maioria dos professores foi privada do acesso ao repertório cultural da Arte, tanto na vivência de sua expressividade em atos artísticos quanto na possibilidade de refletir sobre seus conteúdos na escola, isso gerou uma falta de



Universidade Federal do Ceará Pró-reitoria de Extensão

consciência sobre os sentidos que esses conteúdos e vivências artísticas podem assumir na escola.” (PONTES, 2011, p. 22).

Devida a complexidade que alcançaram os currículos das licenciaturas em artes e pedagogia, dentre outros motivos, pela gama de conhecimentos constituídos que não são mais suportados tempestivamente pelas propostas pedagógicas para formação de professores, acreditamos que encorajar a criação de equipes multidisciplinares possa ser uma estratégia frutífera para a abordagem da arte na educação infantil. Neste sentido, a proposta do Ateliê do Iprede torna-se um espaço de aproximação entre professores e docentes em formação que pode gerar, através do diálogo, proposições e articulações que tenham interesse em refletir sobre a arte na primeira infância. Sendo assim, justificam-se as estratégias de aproximação destas licenciaturas com o Iprede, bem como o fomento de pesquisas neste campo do saber.

16. Relação Ensino – Pesquisa – Extensão

Este projeto é também um esforço para ratificar a indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão. Uma vez que esta relação prevê revisões nos modos de ensino e aprendizagem, intentamos que a equipe envolvida neste projeto opere articulando estas esferas e não abandonando uma de suas partes. Para tanto, como pode ser visto ao longo do projeto, pretendemos ações que articulem este eixo da Universidade como: fomento de pesquisas, criação de disciplinas, aproximação com as licenciaturas e outros.

Acreditamos que a articulação de atividades e disciplinas da graduação com a extensão, bem como o conjunto de ações engendradas pelas pesquisas de pós-graduação é imprescindível para revisão de nossas propostas curriculares, bem como para o desenvolvimento de saberes docentes.

Logo, é com essa compreensão que reafirmamos o compromisso deste projeto com a tridimensionalidade da produção universitária. Trabalharemos em direção de fomentar as relações entre o conhecimento artístico-científico e as demandas sociais. Neste sentido, conscientes das particularidades de cada um dos três eixos acadêmicos, entendemos o princípio da indissociabilidade como norteador de nossas propostas.

17. Indicadores de Resultados

Os indicadores de resultados podem ser configurados segundo a lista abaixo e pretende mensurar de modo quantitativo e qualitativo as ações previstas. Nossos resultados esperados para verificação são:

- Criação da equipe de trabalho – 01 equipe composta por 8 professores;
- Realização de visita guiada à instituição – 01 visita;
- Realização de reuniões ordinárias com a equipe – 06 reuniões;
- Elaboração da proposta artístico-pedagógica do Ateliê do Iprede – 01 proposta;
- Preparação de programa/projeto de extensão que possa acolher as ações pretendida no Ateliê – 1 programa/projeto;
- Efetivação de ações na sala de leitura: contação de história – 1 ação semanal;
- Execução de intervenções artísticas – 3 intervenções;
- Concretização de outras ações artístico-pedagógicas – 03 ações;
- Criação de disciplinas – 01 disciplina;
- Aproximação outros projetos já existentes com o Iprede – 01 ação;
- Realização de encontro acadêmico – 1 encontro;

Do mesmo modo, qualitativamente faremos análise dos relatórios dos professores envolvidos na ação e do Iprede e, a partir deles, estabeleceremos categorias de análises.

18. Resumo da Ação de Extensão

(Contendo os principais objetivos e os resultados alcançados e/ou esperados, em 10 a 15 linhas).:

Esta ação de extensão pretende colaborar com o Iprede – Instituto da Primeira Infância – através da elaboração de um *modus operandi* que privilegie a experiência estética e singular no campo pedagógico na primeira infância, tendo como local de atuação o ambiente de acolhimento desta instituição. Neste sentido, esperamos também: fomentar ações de ensino, pesquisa e extensão direcionadas às questões concernentes à educação e experiência estética na primeira infância; propiciar para uma significativa camada da sociedade, que vive em condição de estresse permanente e vulnerabilidade social, acesso às linguagens artísticas; bem como cooperar com a formação dos licenciandos, bem como com alunos da pós-graduação e formação continuada de professores em artes e pedagogia. Intentamos como principais ações: incursões artístico-

Seja sustentável - imprima frente e verso!

UFC-PREX-FORMULÁRIO DE CADASTRO DA AÇÃO DE EXTENSÃO
PÁG. 8



Universidade Federal do Ceará Pró-reitoria de Extensão

pedagógicas no Iprede para análise crítica da realidade; reuniões ordinárias para elaboração das propostas artístico-pedagógicas do Ateliê do Iprede; e a elaboração de modos de aproximação das referidas licenciaturas com este campo de atuação. Esperamos, portanto, como resultado a elaboração de um *modus operandi* para criar o Ateliê do Iprede, bem como algumas ações na direção de implementá-lo, quais sejam: a elaboração de uma proposta artístico-pedagógica para Ateliê do Iprede; a sua aprovação pela instituições interessadas (UFC e Iprede); a elaboração da equipe de coordenação do projeto; a viabilização de bolsas para o engajamento dos discentes; seleção e formação de bolsistas.

19. Referências Bibliográficas

- ARAÚJO A.B.F., BRASIL R.M.C. Acolhimento como estratégia de promoção do desenvolvimento infantil no Iprede. Extensão em ação, 2016. Disponível em <http://www.revistaprex.ufc.br/index.php/EXTA/article/download/317/162>. Acesso em 25 de abril de 2017.
- BARBOSA, Ana Mae. **A imagem no ensino da arte: anos oitenta e novos tempos**. 6. Ed. São Paulo: Perspectiva, 2005.
- _____. **Arte-educação no Brasil**. Estudos Avançados. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ea/v3n7/v3n7a10.pdf> Acesso em 25 de abril de 2017.
- _____. **Arte, educação e cultura**. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/mre000079.pdf> Acesso em 25 de abril de 2017.
- DEWEY, John. **Arte como experiência**. São Paulo: Martins Fontes, 2010.
- JAPIASSU, Ricardo. **Metodologia do Ensino do Teatro**. Campinas: papiros, 2001.
- LARROSA, Jorge Bondia. **Tremores: escritos sobre experiência**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2014.
- MARQUES, Isabel. **Linguagem da Dança: arte e ensino**. São Paulo: Digitexto, 2010.
- MONTAGNER, Hubert. **O carinho que ensina** (entrevista). Revista Época, 2010. Disponível em: <http://revistaepoca.globo.com/Revista/Epoca/0,,ERT159694-15228-159694-3934,00.html>. Acesso em 25 de abril de 2016.
- PONTES, Gilvânia Maurício Dias de. **A presença da Arte na Educação Infantil: olhares e intenções**. Natal: UFRN, 2011 (Dissertação de Mestrado)



Universidade Federal do Ceará
Pró-reitoria de Extensão

BLOCO IV – EQUIPE DE TRABALHO

20. Equipe de trabalho

Nome	CPF	Função						Especifique	Instituição			h/s
		D	AB	AV	TA	O	UFC		Outra IES	Outras		
Bernadete de Souza Porto	30248981315	[X]	[]	[]	[]	[]		[X]	[]			
Carolina Vieira Silva	300974598-28	[X]	[]	[]	[]	[]		[X]	[]			
Inês Cristina de Melo Mamede	193.162.673-15	[X]	[]	[]	[]	[]		[X]	[]			
Maria Consiglia Raphaela Carozzo Latorre	045422538-56	[X]	[]	[]	[]	[]		[X]	[]			
Luciane Germano Goldberg	903.833.030-87	[X]	[]	[]	[]	[]		[X]	[]			
Pedro A. Henriques S. Pinto	023863457-42	[X]	[]	[]	[]	[]		[X]	[]			
Potiguar Fernandes Fontenele	169.367.603-68	[X]	[]	[]	[]	[]		[X]	[]			
Rosa Ana Fernandes de Lima	668.499.423-87	[X]	[]	[]	[]	[]		[X]	[]			
Rui Rodrigues Aguiar	206.424.582-00	[X]	[]	[]	[]	[]		[X]	[]			

D = Docente; AB = Aluno Bolsista; AV= Aluno Voluntário; TA = Técnico-Administrativo; O= Outras funções. Informe na coluna "Especifique" qual a função não prevista das colunas anteriores

Informe a origem do integrante da equipe de trabalho: Se externo à UFC, informe se outra Instituição de Ensino Superior (IES) ou Outras = Outras Instituições; H/S = horas semanais dedicadas à Ação de Extensão.

21. Cronograma de Atividades

Atividade	Mês																			
	01	02	03	04	05	06	07	08	09	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20
Criar equipe de trabalho	x																			
Fazer visita guiada ao Iprede	x			x																
Realizar reuniões ordinárias da equipe	x	x		x	x	x	x	x		x	x	x	x	x		x	x	x	x	x
Realizar reuniões com o Iprede	x			x				x						x						x
Elaborar a proposta do Ateliê do Iprede										x	x	x	x	x		x	x	x	x	x
Construir uma ação de extensão																x	x	x	x	x
Efetivar ações na sala de leitura	x	x		x	x	x	x	x		x	x	x	x	x		x	x	x	x	x
Efetuar intervenções artísticas	x	x		x	x	x	x	x		x	x	x	x	x		x	x	x	x	x
Concretizar ações artístico-pedagógicas	x	x		x	x	x	x	x		x	x	x	x	x		x	x	x	x	x
Criar de disciplina(s)				x	x	x	x	x												
Articular com outros projetos existentes				x	x	x	x	x												
Realizar encontro acadêmico								x												x

Seja sustentável - imprima frente e verso!

UFC-PREX-FORMULÁRIO DE CADASTRO DA AÇÃO DE EXTENSÃO
PÁG. 10



Universidade Federal do Ceará
Pró-reitoria de Extensão

Bloco VI – Orçamento

DESCRIÇÃO DAS DESPESAS	TEMPO/ QUANTIDADE	VALOR UNITÁRIO (Reais)	VALOR TOTAL (Reais)
1. EQUIPE DE TRABALHO (número de horas dedicadas ao projeto)		Valor da Hora Bruto/160	Tempo do projeto (20 meses)
Bernadete de Souza Porto	4h/mensais	100,59	8047,42
Carolina Vieira Silva	24h/mensais	70,68	33926,40
Inês Cristina de Melo Mamede	8h/mensais	109,75	(8 meses)* 7024,00
Maria Consiglia Raphaela Carozzo Latorre	12h/mensais	69,28	16627,20
Luciane Germano Goldberg	10h/mensais	69,28	13856,00
Pedro A. Henriques S. Pinto	16h/mensais	69,28	22169,60
Potiguar Fernandes Fontenele	4h/mensais	34,65	2772,00
Rosa Ana Fernandes de Lima	8h/mensais	41,17	6586,66
Rui Rodrigues Aguiar	4h/mensais	48,26	3860,80
* A profa. Inês Cristina de Melo Mamede trabalhará neste projeto por 8 meses, posto que após este período tem previsão para iniciar sua aposentadoria. Neste sentido, seu total de horas foi multiplicado por 8 e não por 20 como os demais participantes.			
2. ESTRUTURA FÍSICA (aluguel/hora) (utilização de laboratórios, salas, ambientes especiais e outros)			
3. MATERIAL DE CONSUMO (material gráfico, recursos didáticos, material de divulgação e outros)			
4. MATERIAL PERMANENTE (máquinas/equipamentos, ferramentas, utensílios e outros)			
5. OUTRAS DESPESAS			
CUSTO TOTAL			114.870,08



**Universidade Federal do Ceará
Pró-reitoria de Extensão**

RECEITAS

ORIGEM DOS RECURSOS	QUANT	VALOR UNITÁRIO (Reais)	VALOR TOTAL (Reais)
1. Captação/Taxas			
2. Captação/Instituições patrocinadoras			
3. Contrapartida da UFC	90 horas/mensais	612,94	114.870,08* (vide * no campo Despesas)
TOTAL			

- Obs: i. A Unidade de Origem da Ação de Extensão deverá abrir processo no Sistema SIPAC (acessar [esse link](#) no navegador Mozilla) para abrigar esse formulário de cadastro, devidamente preenchido, impresso e assinado pelo(a) Coordenador(a) da ação.
- ii. Em se tratando das unidades acadêmicas, esse processo deverá tramitar nas instâncias competentes (vide assinaturas abaixo) e ser enviado à respectiva Coordenadoria da PREX. Solicita-se evitar o *Ad Referendum*.
- iii. Em se tratando das unidades de caráter administrativo/executivo (pró-reitorias e suas coordenadorias e órgãos complementares), essa ação deverá ser submetida à chefia maior da unidade, e então encaminhada à respectiva Coordenadoria da PREX.
- iv. Antes de encaminhar o processo, o(a) Coordenador(a) Extensionista deverá checar as assinaturas no âmbito de sua(s) instância(s) superior(es), antes de dar entrada na Pró-reitoria de Extensão-PREX.
- v. A versão digital preenchida dessa ação deve ser encaminhada para o e-mail institucional da respectiva Coordenadoria de Campus/PREX:

Pró-reitoria de Extensão ♦ Endereço: Av. da Universidade, 2932 Fortaleza/CE - 60.020-181	
Coordenadoria de Extensão do Campus do Benfica Fone: (85) 3366.7353 / 3366.7354 Email: prexbenfica@ufc.br	Coordenadoria de Extensão do Campus do Porangabuçu Fone: (85) 3366.7458 / 3366.7457 Email: prexpor@ufc.br
Coordenadoria de Extensão do Campus do Pici Fone: (85) 3366.7461 / 3366.7460 Email: prexpici@ufc.br	Coordenadoria de Articulação Inter Campi Fone: (85) 3366.7453 / 3366.7462 Email: prexinterior@ufc.br

Fortaleza, 09/05/2017

Assinatura do(a) Coordenador(a) da Ação de Extensão

Seja sustentável - imprima frente e verso!

UFC-PREX-FORMULÁRIO DE CADASTRO DA AÇÃO DE EXTENSÃO
PÁG. 12



Universidade Federal do Ceará
Pró-reitoria de Extensão

PARA UNIDADES ACADÊMICAS

Parecer do Departamento:

Aprovado [] Reprovado [] ▶ ▶ Em reunião do Departamento em:/...../.....

Assinatura e carimbo do(a) Chefe de Departamento

Parecer do Conselho da Unidade Acadêmica:

Aprovado [] Reprovado [] ▶ ▶ Em reunião do Conselho em:/...../.....

Assinatura e carimbo do(a) Diretor(a) da Unidade Acadêmica

PARA UNIDADES ADMINISTRATIVAS / PRÓ-REITORIAS / ÓRGÃOS SUPLEMENTARES

Aprovado [] Reprovado [] ▶ ▶ Em:/...../.....

Assinatura e carimbo da Chefia Principal da Unidade

PRÓ-REITORIA DE EXTENSÃO

Parecer da Coordenadoria Responsável na Pró-Reitoria de Extensão:

Aprovado [] Reprovado [] ▶ ▶ Em:/...../.....

Assinatura e carimbo do(a) Coordenador(a) de Extensão/PREX responsável

Parecer do Pró-Reitor:

Aprovado [] Reprovado [] ▶ ▶ Em:/...../.....

Assinatura e carimbo do(a) Pró-Reitor(a) de Extensão



**Universidade Federal do Ceará
Pró-reitoria de Extensão**

ANEXO I

ESPECÍFICO PARA CURSOS E EVENTOS

PREENCHIMENTO OBRIGATÓRIO PARA CADASTRAMENTO DE CURSOS E EVENTOS.

1. Caracterização do Curso/Evento

1.1. Só utilizar para Curso		1.2. Só utilizar para Evento	
1.1.1. Iniciação		1.2.1. Congresso	
1.1.2. Atualização		1.2.2. Exposição	
1.1.3. Aperfeiçoamento		1.2.3. Seminário	
1.1.4. Treinamento e Qualificação Profissional		1.2.4. Jornada	
		1.2.5. Olimpíada	

2. Sub-Characterização do Curso

2.1. Presencial []	2.2. Semi-presencial []	2.3. Curso à distância []
---------------------	--------------------------	----------------------------

3. Área(s) de Conhecimento Envolvida(s) (no caso de haver mais de uma área, classificar em principal(P) e secundária(S))

3.1. Ciências Exatas e da Terra []	3.2. Ciências Biológicas []
3.3. Engenharia/Tecnologia []	3.4. Ciências da Saúde []
3.5. Ciências Agrárias []	3.6. Ciências Sociais []
3.7. Ciências Humanas []	3.8. Linguística, Letras e Artes []

4. Carga Horária Total do Curso/Evento

[] h/aula Teóricas	[] h/aula Práticas
---------------------	---------------------

5. Número de Vagas Oferecidas

Vagas []

6. Avaliação

6.1. Frequência []	6.2. Participação []
6.3. Questionário de Avaliação []	6.4. Testes Subjetivos []
6.5. Trabalhos Escritos []	6.6. Testes Objetivos []

Seja sustentável - imprima frente e verso!

UFC-PREX-FORMULÁRIO DE CADASTRO DA AÇÃO DE EXTENSÃO
PÁG. 14



Universidade Federal do Ceará
Pró-reitoria de Extensão

7. Ementa/Conteúdo Programático do Curso/ Programação do Evento

--